



# REVISTA DE INFANTERIA

FUNDADA

9500

POR

**Alexandre José Sarsfield**

Tenente-coronel de infantaria

**David Augusto Rodrigues**

Capitão de infantaria

**Alfredo de Leão Pimentel**

Tenente de infantaria

---

9.º VOLUME

---

LISBOA

Typ. da Cooperativa Militar

1906

L'infanterie est l'arme dont l'action tactique est la plus étendue.

*Von Miller.*

L'infanterie est la base des armées modernes, comme elle l'a été chez les Grecs et les Romains.

*Giustiniani.*

On ne peut imaginer une victoire quelconque sans la coopération d'une infanterie instruite, solide, valeureuse et habile.

*Von Schlichting.*

# INDICE

---

## **Adriano Beça, major de infantaria**

A evolução da tactica de infantaria 33, 70, 97, 142, 166, 193, 225, 257, 302 .....	353
---------------------------------------------------------------------------------------	-----

## **Alfredo de Leão Pimentel, tenente de infantaria**

A instrucção das tropas ultramarinas.....	23
Marchas de guerra no ultramar .....	231

## **Antonio Cabreira**

Pangermanismo e alliança militar dos povos lati- nos .....	57, 122, 206, 238, 269
---------------------------------------------------------------	------------------------

## **Capitão Bugalho**

Metralhadoras.....	263, 289, 335, 366
--------------------	--------------------

## **David Rodrigues, capitão de infantaria**

Questões coloniaes.....	297
Tiro nacional.....	330

## **Eurico de Sampaio Saturio Pires, alferes de infantaria**

Um outro Yalú. ....	111
---------------------	-----

**Fernando A. Borges Junior**, *tenente de infantaria*

O official educador..... 10

**F. A.**

Os europeus no ultramar ... .. 108

**F. S.**

Organisação militar colonial ..... 136

**Gonçalo Pereira Pimenta de Castro**, *capitão de infantaria*

Duas palavras sobre a futura campanha contra os  
Cuanhamas e Quamatuis ..... 41  
Marchas de guerra em Angola ..... 185

**J. S.**

Questões de organização militar..... 80, 129

**J. V.**

Armamento para officiaes ..... 140

**L. G.**

O que pensamos a proposito da futura campanha dos  
Cuanhamas ..... 27

**M.**

Machina de pontaria..... 177  
Os conselhos administrativos dos regimentos ..... 190

**Mello e Athayde**, *tenente de infantaria*

Marchas e corridas..... 322

**X.**

Analyse critica das leis compensadoras ..... 15  
A questão dos soldados..... 295

**X. Y.**

Problemas tacticos . . . . .	51, 87, 116, 151, 180,	200
------------------------------	------------------------	-----

**Da Redacção**

A nova bala da infantaria . . . . .		1
Concurso litterario . . . . .		20
A arma de infantaria — As suas pretensões . . . . .	49,	114
Os quadros da infantaria . . . . .		65
Ensinamentos tacticos da guerra russo-japoneza . . . . .		75
Capitão David Augusto Rodrigues . . . . .		161
Soldos . . . . .	163, 212,	274
Novo armamento da infantaria franceza . . . . .		216
Uniforme de campanha . . . . .		219
Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras, de 1 de setembro de 1904, do exercito allemão . . . . .	243, 312,	377
A espingarda Mauser-Vergueiro . . . . .		246
Uniformes de campanha . . . . .		248
Os sargentos . . . . .	279,	316
Ao sr. ministro da guerra . . . . .		283
Lições da guerra . . . . .		308
As propostas do sr. ministro da guerra . . . . .		330
Direcção geral dos serviços de infantaria . . . . .		346
Tiro civil em Inglaterra . . . . .		360
A conservação das novas espingardas . . . . .		373
Musicas militares . . . . .		374
Experiencias da metralhadora Maxim portugueza . . . . .		379

**Bibliographia**

Breve refutação ao livro do sr. Bazilio Telles «Do ultimatum de 31 de janeiro» na parte relativa á revolta militar . . . . .		93
Relatorio geral da Inspeção do serviço de engenharia no campo entrincheirado de Lisboa . . . . .		94
Raças cavallares da Peninsula e marcas a ferro . . . . .		125
Manuel pratique des tirs collectifs . . . . .		250

Novo Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular .....	284
Guia pratico dos commandantes dos destacamentos e diligencias .....	284
Regulamento de tiro para a infantaria allemã.....	380
Os fogos da cavallaria e a infantaria montada.....	381

### Secção do estrangeiro

Allemanha 31, 64, 126, 158, 192, 221, 255, 285, 352,	381
Austria .....	31, 224
Belgica.....	159
Bulgaria..... 63, 96, 224,	286
China..... 64,	253
Estados-Unidos .....	159, 255, 287, 350
França..... 64, 96, 126, 254,	286
Hespanha..... 32, 192, 223,	383
Inglaterra..... 95, 222, 253, 287, 350,	383
Italia .....	95, 159, 191, 223, 320
Japão .....	32, 223, 256, 287, 319, 348
Montenegro .....	32
Noruega .....	256
Roumania .....	256, 383
Russia..... 159, 252, 287, 319,	349
Sião..... 252,	383
Suecia .....	287
Suissa .....	95, 224
Venezuela.....	95



## COLLABORADORES INSCRIPTOS

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

*Generaes*:—Conselheiro J. E. de Moraes Sarmiento, J. J. da Silva Monteiro, J. V. Sande e Lemos.—*Coroneis*:—J. N. Raposo Botelho, A. M. de Sousa Barros, A. J. de Sousa Machado, F. Rodrigues da Silva, J. C. G. de Magalhães, A. da Silva Dias, S. R. Arthur, A. A. de Barros.—*Tenentes coroneis*:—A. C. N. de Carvalho, A. J. Vergueiro, C. A. Marques Leitão e F. F. de Castro e Solla.—*Majores*:—C. da Fontoura Madureira Guedes, J. C. Ferreira Gil, B. Rodrigues Pereira, J. A. Borges Cabral, Francisco Lopes, J. A. Simas Machado, A. dos Santos Fonseca e J. V. de Sousa Albuquerque.—*Capitães*:—J. Pedroso de Lima, A. Strecht de Vasconcellos, Alberto Salgado, M. X. Trindade Roquette, H. Baptista da Silva, A. C. Ribeiro de Carvalho, J. do Nascimento Pinheiro, L. H. Pacheco Simões, A. Dias da Silva Junior, A. C. de Menezes Pinto, F. da Silva Villar, J. Lopes de Oliveira, Antonio Barbosa Junior, Eduardo Pimenta, V. José Bugalho, A. J. Santa Clara Junior, F. da Cunha Macedo, L. Corrêa de Sousa, Candido Gomes, J. Vicente de Freitas, G. P. Pimenta de Castro, João de Almeida.—*Tenentes*:—A. José Malheiro, A. Gomes de Sousa Junior, A. Infante Fernandes, A. A. Guedes Vaz, J. Bernardo Ferreira, J. A. Corrêa dos Santos, A. de Leão Pimentel, C. Gomes da Silva, G. do C. Ribeiro Villas, J. Pestana Vasconcellos, A. Peixoto e Cunha, F. Augusto Borges Junior.—*Alferes*:—E. S. de Saturio Pires, A. Leite de Magalhães, A. Telles d'Azevedo e Francisco J. da Silva.

### Collaboradores premiados

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Adriano A. Madureira Beça, *major d'infanteria*; e Luiz de Mello e Athayde, *tenente d'infanteria*.

### Collaboradores artisticos

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

A. E. d'Azevedo e Silva, *capitão de infanteria*; J. M. de Oliveira Guimarães, *tenente de infanteria*; A. Augusto Marques, *tenente de infanteria*.

---

### Administrador

Francisco Faustino, *tenente do secretariado militar*



# REVISTA DE INFANTERIA

## A nova bala da infantaria

Quasi todos os paizes estão actualmente armados com espingardas de pequenos calibres.

As vantagens dos pequenos calibres, sob o ponto de vista balístico, são tão conhecidas que não vale a pena insistir sobre o assumpto.

A França e a Allemanha, armadas com calibres medios, querendo melhorar os seus armamentos pondo-os a par, se não pudessem supplantar os mais avançados, só tinham dois caminhos a seguir—ou substituir os seus armamentos por outros de pequeno calibre, ou conseguir uma munição que trouxesse ás suas espingardas as vantagens dos pequenos calibres.

A primeira solução só era realisavel á custa de um colossal despendio, porque a substituição de milhões de espingardas só se pode fazer em troca de muitos milhões de francos ou de marcos.

A segunda seria muito trabalhosa, demorada e até talvez irrealisavel, quem saberia? mas em todo o caso incomparavelmente mais economica.

Annos se passaram em aturados estudos acompanhados de experiencias, tanto mais difficeis de realizar quanto o objecto era de natureza absolutamente secreto.

A competencia e a tenacidade venceram todas as difficuldades que se antepunham á soluçãõ de tão formidavel problema, que foi resolvido por forma a exceder a expectativa. Não só se conseguiu uma muniçãõ que fez subir as qualidades balisticas das espingardas de calibre medio ao nivel das de pequeno calibre mas que as excedeu até.

A nova muniçãõ, augmentando consideravelmente o poder da infantaria, resolve o problema até agora considerado insolavel:—o emprego de uma alça unica para as distancias normaes do combate da infantaria.

A enorme rasança da trajectoria que se obtem com a nova muniçãõ, resolvendo aquelle *desideratum* da infantaria, difficulta, porém, consideravelmente os fogos inclinados e mergulhantes por espingardas, que, infelizmente, ainda teem adeptos, apesar de que vão em debandada, tendendo a desaparecerem mais rapidamente do que se poderia suppôr.

Inutil nos parece entrar em considerações ácerca dos fogos indirectos e mergulhantes da infantaria.

A nossa arma tem o seu raio de acçãõ restricto, e se o ultrapassar gasta as suas munições em pura perda, como bem eloquentemente o demonstram as precentagens uteis do tiro em taes condições.

Deixe a infantaria á artilharia esse papel, que ella consideravelmente melhor o pode desempenhar em virtude do grande peso dos seus projecteis e fracas velocidades iniciaes. A infantaria está exclusivamente reservado o *tiro directo*.

Esta opiniãõ não é de agora, já a temos ha muitos annos, mas que o não fosse, a adopçãõ da nova muniçãõ no exercito allemão nol'a faria surgir.

Sabe-se que *La France Militaire* de 2 de dezembro ultimo declara que a França tem uma nova muniçãõ cuja differença é caracterisada pela forma da bala, pela diminuiçãõ do seu peso e augmento da carga.

*La France Militaire* não se explana em considerações a proposito d'esta muniçãõ, mas quebra o segredo e a reserva em que a França se tem mantido até agora,

e avança a proposição de que tem consideraveis vantagens sobre a anterior.

A Allemanha, que conservou o segredo do seu estudo e trabalho durante annos, acaba tambem de os desvendar por completo.

Em 2 de novembro o Imperador Guilherme II approvou o novo regulamento de tiro para a infantaria que foi feito em harmonia com as qualidades balisticas da nova bala.

Este regulamento está já em execução na Allemanha.

Vejamos porém o que vem a ser a nova munição allemã.

Pela simples analyse da tabella que mais adiante submettemos á consideração dos nossos camaradas, tabella feita pelo coronel allemão Hartmann, se reconhece a enorme superioridade da bala S, sobre o modelo de 1888.

No quadro em separado se veem as penetrações em diversos meios tanto de uma como de outra bala.

Está portanto bem demonstrado que a bala S suplantou completamente, atirando para as cousas velhas, a sua irmã *cylindro—ogival*.

Convem fazer aqui um pouco de historia.

A commissão de infantaria encarregada de escolher o typo da melhor espingarda para o nosso exercito tendo os seus trabalhos quasi ultimados em Berlim, soube que havia em estudos uma bala que se dizia superior á bala ogival.

A commissão teve occasião de fazer umas pequenas experiencias mas que foram o bastante para a impressionar vivamente, notando uma assignalada superioridade da nova munição com a bala em ponta sobre a munição antiga.

Deu d'este facto conhecimento ao Ministerio da Guerra que mandou proceder a experiencias mais completas com a nova munição.

Assim se fez estudando a commissão comparadamente a antiga e nova munição, partindo da egualdade de pressões em ambas.

As balas ponteagudas que a commissão estudou tinham os numeros 305 e 315, que aparentemente não teem differença.

No entretanto a bala 315, conseguindo uma trajetoria um pouco mais tensa do que a bala 305, é commtudo inferior a esta nas suas propriedades geraes.

Pelos proprios numeros das balas se vê quão demorado foi o estudo feito na Allemanha, todo experimental, devendo-se fabricar muitas centenas de balas de muitas formas differentes.

E assim é que depois da bala 305 se construíram 11 formas mais, para afinal se voltar á bala 305 que era a que na pratica melhor se comportara.

A commissão estudou comparativamente as duas balas n.º 218 (ogival) e 305 (ponteaguda), ambas com a pressão de 3400 atmospheras.

Para não fatigarmos a attenção do leitor com a minuciosidade de mappas, apenas lhe apresentaremos alguns dados balisticos que mostrarão á evidencia a superioridade da bala ponteaguda sobre a bala ogival.

A rasança da trajectory da bala 305 é muito superior á da 218.

Para aquella temos que a primeira zona batida, ou zona perigosa, é superior a 700 metros, e para esta é de 600 metros, considerando a altura do alvo de 1<sup>m</sup>,6c.

A justeza é com a bala 305 sempre superior á da bala ogival, pelo menos até ás distancias medias em que se deve contar com a efficacia do fogo de infantaria (1:200 metros).

As perdas de velocidade crescem mais rapidamente com a bala 218 do que com a bala 305, apesar do maior peso d'aquella (10 grammas contra 9,07) o que se deve attribuir principalmente a fórma da bala ponteaguda que offerece menor superficie á resistencia do ar.

A energia á bocca é superior com a bala 305, e ás outras distancias mantem-se, como se vê do quadro de penetrações que publicamos abaixo e em que se compararam as duas balas.

## Quadro de penetração em varios meios, comparadas as balas 218 e 305

Distancias metros	Aço nickel de 6mm,1 esp.		Aço nickel de 5mm,08		Aço nickel de 4mm,12		Aço nickel de 3mm,15		Madeira de pinho		Terra		Ferro de 9mm,0		Ferro de 12mm	
	218	305	218	305	218	305	218	305	218	305	218	305	218	305	218	305
20	-	-	-	-	-	-	-	-	1,24	1,56	-	-	-	-	-	-
75	Atrav.	Atr.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
100	N. atr.	Atr.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
125	-	Atr.	Atrav.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
150	-	Atr.	N. atr.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
175	-	-	-	Atr.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
200	-	-	-	Atr.	-	-	-	-	1,0	1,30	-	-	-	-	-	-
225	-	-	-	Atr.	Atrav.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	Atr.
250	-	-	-	Atr.	N. atr.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
275	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
300	-	-	-	-	-	Atr.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
350	-	-	-	-	-	Atr.	-	-	-	-	-	-	-	Atr.	-	-
400	-	-	-	-	-	Atr.	-	-	0,78	0,92	-	-	-	8mm	-	-
450	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5mm	-	-
475	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2mm	Atr.	-
500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
600	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,30	0,30	-	-	-	-
650	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
700	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
800	-	-	-	-	-	-	-	-	0,60	0,65	> 15	< 30	-	-	1mm	8mm
															1mm	6mm

Em reforço do que deixamos escripto acima vamos transcrever a opinião do coronel allemão von E. Hartmann com relação á bala ponteaguda.

E preferimos fazer a tradução do jornal allemão *Kriegstechnisch Zeitschrift* para lhe não tirarmos o sabor proprio do modo de pensar do coronel Hartmann.

Não podia a commissão de infantaria obter maior triumpho do que este, expresso não só no artigo que vamos traduzir, mas principalmente na adopção official da bala ponteaguda pelo exercito allemão, tal e qual a commissão propoz que se fizesse no nosso exercito.

### A nova bala da infantaria allemã S

No armamento da infantaria do exercito allemão effectuou-se um progresso de extraordinaria importancia com a adopção de uma nova munição.

A nova bala tem a denominação S por causa da forma em ponta (Spitz) e é adoptada em logar da cylindro-ogival. A forma alongada da ponta favorece a diminuição da resistencia do ar que effectivamente cresce consideravelmente com o augmento da velocidade inicial.

O problema de manter a direcção de uma bala cuja parte directriz é consideravelmente diminuída por virtude da forma em ponta, resolveu-se reforçando essa parte sem que por isso a pressão dos gazes precisasse soffrer uma subida apreciavel.

Com o fim de augmentar fortemente a velocidade inicial ali geirou-se consideravelmente o peso da bala (10% contra 14,7 que tem o<sup>m</sup>/88).

Parece que propositadamente houve necessidade de sacrificar o principio até agora reconhecido de nma grande densidade de secção transversal na construcção das balas, para se adoptar uma bala que ás distancias decisivas do combate possua uma extraordinaria rasança, conseguindo-se ao mesmo tempo um aligeiramento da munição, o que não é insignificante.

A nova munição compensa por isso uma arma de pequeno calibre que adoptada ella traria os seguintes inconvenientes:— elevadas despesas, bem como duvidas sobre a boa conservação dos canos e sobre o seu poder mortífero.

Na tabella junta vão alguns dados balísticos para se ajuizar da nova munição em confronto com a munição <sup>m</sup>/88.

Em virtude d'este extraordinario progresso no dominio da construcção das balas fica consideravelmente limitada, no fundo, a questão de uma ulterior redução de calibre da espingarda de infantaria; a força da bala S é perfeitamente sufficiente.

Da mesma maneira que a bala <sup>m</sup>/88 a bala S póde ser empre-

gada nas metralhadoras, o que foi tomado em consideração nas novas instruções de tiro para a infantaria, em via de distribuição.

Se se considerar simplesmente a vantagem da nova bala quanto ao extraordinario augmento de velocidade (V 25) vê-se que ella apresenta em relação ao antigo projectil um augmento de 240 metros.

Este augmento arrasta consigo naturalmente uma elevação nas pressões, obviando-se a isto por meio do emprego de uma carga de polvora apropriada.

A elevada velocidade inicial traz tambem consigo uma trajectoria tão tensa que ás distancias até 600 metros e para alvos de 1<sup>m</sup>.70 de altura são totaes as zonas perigosas, enquanto que isto só tinha lugar até 500 metros com a bala antiga, a qual a 600 metros tinha sómente uma zona perigosa de 110 metros.

Naturalmente ha tambem um augmento das zonas perigosas para os alvos mais pequenos e a dispersão das balas soffre tambem uma diminuição.

Não deve deixar de notar-se que na nova bala se considera como desvantagem ella não conservar as suas favoraveis qualidades balísticas ás maiores distancias. Isto é uma consequência da natureza das cousas, pois comprehende-se perfeitamente que com uma bala mais leve e mais curta do que a outra, os angulos de queda cresçam muito rapidamente á medida que as distancias augmentam.

Mas note-se, comtudo, que a 2:000 metros esses angulos serão ainda menores do que os da bala <sup>m</sup>/88.

Compare-se aquella desvantagem com a vantagem obtida com o aligeiramento da bala, e a possibilidade de augmentar as munições que o soldado transporta, ou, conservando o mesmo numero de cartuchos, diminuir o peso á carga do soldado e dos carros de munições e vêr-se-ha quanto é pouco importante a objecção que por ventura pudesse ser feita sob o ponto de vista puramente balístico.

Os tiros a distancias superiores a 1:500 metros, na maioria dos casos, não podem ser considerados senão tiros de acaso, e por isso é indifferente que um alvo de cabeça se ache a 100 metros mais distante ou mais perto, quer isso seja apreciado pelo atirador quer pelo tellemetro. Em todo o caso, para além de 1:500 metros não se consegue nenhuma superioridade pelo fogo. Quando essa superioridade seja preciso obter-se é necessario que o atirador se approxime do inimigo, e quando chegar á distancia de 1:200 metros consegue com a nova bala rasar uma superficie dupla da que rasava com a bala antiga, e a 500 metros essa rasança é tripla.

A infantaria do exercito allemão conseguiu com a bala S uma tal superioridade no combate que até hoje não foi attingida nem mesmo com as espingardas de pequenos calibres.



## S

## Penetrações

## Madeira

A 400 <sup>m</sup> .....	0,80
A 800 <sup>m</sup> .....	0,35
A 1:800 <sup>m</sup> .....	0,10

Ferro 7<sup>mm</sup>,0

Até 300 <sup>m</sup> .....	Atravessa
----------------------------	-----------

Aço 9<sup>mm</sup>,5

A 100 <sup>m</sup> .....	Funda moosa
--------------------------	-------------

## Areia e terra

Maxima ....	0,90 (?)
-------------	----------

\* \* \*

Compreende-se bem a reserva que a nossa *Revista* conservou sempre sobre este assumpto, que era considerado secreto em todos os exercitos.

Os proprios estudos que a commissão de infantaria fez em Berlim, tiveram o character de confidenciaes.

Mas, desde que a Allemãha rompeu o segredo, desde que a França sahiu tambem para fóra das suas reservas, tratando o assumpto da bala ponteaguada até nas suas publicações illustradas, não ha razão para continuarmos a guardar reservas de um estudo que é hoje do dominio da sciencia.

Estamos habilitados a tratar este assumpto com maior desenvolvimento, quando isso fôr necessario, porque, emfim, é a nossa enxada, temos obrigação moral e professional de o conhecermos bem.

Por agora limitamo nos a pedir aos poderes constituidos que mandem sem demora adoptar a bala ponteaguada na munição destinada á espingarda Mauser-Vergueiro, porque sem isso desaparece a vantagem do pequeno calibre, que passa para um plano secundario em face das vantagens que as balas *D* e *S* trouxeram aos calibres medios.

E, posto que seja já tardia essa adopção, que ha um anno devia ter sido determinada, quanto mais tarde fôr mais dinheiro custará ao paiz.



## O official educador

A recepção ultimamente feita aos recrutas no regimento de infantaria n.º 16, de guarnição na capital, foi uma iniciativa de todo o ponto louvavel que muito para desejar é se generalise pelos corpos do nosso exercito, como muito bem alvitado foi já nas paginas d'esta *Revista*.

Pretendendo-se, porem, fazer desaparecer do nosso recruta o tradicional desamor com que encara a vida militar e, sobretudo, ainda predispor a população civil d'onde o mesmo recruta sahiu e para onde voltará de novo, para o serviço militar a que se mostra tão rebelde, fugindo-lhe por todos os meios possiveis, não será, de certo, com uma festa isolada como aquella foi — muito sympathica embora — que se conseguirá obtel-o, e os seus apparentes resultados tornar-se-hão mesmo improficuos e illusorios se, ao lado d'aquella feliz tentativa, nós deixarmos subsistir elementos que annullam depressa esses effeitos e obstam á realisação d'aquella *desideratum*. Accusa-se a população de falta de cultura civica todas as vezes que ella manifesta a sua conhecida repulsão pelo serviço militar eximindo-se a prestar o tributo de sangue que constitue em dever sagrado para todo o cidadão.

Nós mesmo o temos feito já e é nossa humilde opinião que, emquanto um tal mal subsistir, mais ou menos aleijadas andarão sempre as nossas instituições militares, pois sabido é que o exercito, dada a sua feição actual e moderna, deve achar-se intimamente identificado com a nação, sendo a expressão mais elevada das suas aspirações, e não pesar sobre ella como uma instituição odiosa a que se foge com horror e se encara como um vexame.

Passa isto por um aphorismo vulgar e todos o comprehendem, decerto; mas os esforços empregados em debelar o mal são nullos, antes se perdem as energias em locubrações phantasmagoricas que assentam tão bem sobre um exercito vasado em taes moldes, como este assenta sobre o organismo da nação. Dado, porem, que os sentimentos civicos no nosso paiz se achassem elevados, em todas as suas camadas, á conveniente e desejavel cultura, parece-nos que bem fina deveria ser a sua tempera para que acolhesse com deci-

dida sympathia o serviço militar tal qual elle se acha presentemente organizado entre nós.

Convencemo-nos de que será sempre difficilimo obter do desprotegido da fortuna, unico exemplar do cidadão portuguez que vem ás fileiras, uma affeição pelo exercito que elle verá constituir só para elle uma pesada excepção, por melhor que elle possa comprehender que o beneficio da remissão tem sómente por origem exigencias financeiras.

Obtida, por qualquer forma, aquella desejada cultura civica do cidadão em que elle proprio procure sem constrangimento, prestar o seu tributo de sangue á Patria, de duvidar é ainda que o seu sentimento patriotico se submetta de bom grado ás manifestas deficiencias de material e diremos mesmo de pessoal, existente nos nossos regimentos, onde se deve formar o verdadeiro cidadão soldado.

Mas se para debellar o grande mal da incultura civica, oriundo da crise porque vae passando a educação na familia e na escola, em todos os seus ramos (primario, secundario e superior) seriam necessarios longos esforços de reconstituição nacional, nós cremos que do proprio regimento pode sahir uma obra benefica n'esse sentido, iniciando n'elle a *educação militar*, factor mais importante hoje em dia, talvez, para o valor das tropas, do que a instrucção d'estas.

A *educação militar* entre nós pode dizer-se completamente descurada pelas deficiencias de todos conhecidas do nosso organismo militar, entre as quaes avultam a redução excessiva do tempo de serviço aggravada com o fraco valor dos quadros pela sua actual constituição organica.

Se os ensinamentos das guerras recentes estão pondo, no estrangeiro, a questão da *educação militar* do soldado na tela da discussão, em o nosso paiz, mais do que em qualquer outro, uma tal questão se impõe dada a *qualidade* dos nossos contingentes, oriundos de uma população inculta e indifferente ou desconhecedora das necessidades do seu organismo de defeza.

A nossa missão educadora não terá, talvez, que corrigir assomos exaltados de indisciplina social, nem que amaciar espiritos embuidos de doutrinas deleterias e anti-patrioticas; mas, dadas as condições de intelligencia individual, abnegação e desprendimento, caracterisando um alto valor *moral* do combatente, em certo modo isolado, que estão exigindo os actuaes processos da guerra, não será trabalho menos arduo e espinhoso esse de desbravar as intelligencias rudes e incultas que nos chegam ás mãos e fazer d'ellas um soldado aproveitavel, um combatente de valia insuflado d'um espirito de sacrificio e dedicacão patriotica de que se acha desprovido na sua chegada ás fileiras e que d'ellas sahe, presentemente, em identicas circumstancias.

A nossa missão no actual momento é sobremodo ardua pois que deve tender a inculcar no cidadão, na sua chegada ás fileiras, aquelle sentimento de civismo com que a sociedade, d'onde provem, o não preparou, e *educal-o* depois para a guerra conforme a orien-

tação que hoje se exige e que bem diferente é dos velhos moldes do exercito antigo «que pelo systema de uma disciplina brutal e o «seu automatico mecanismo de fileiras cerradas só obtinha dos homens uma obliteração intellectual.»

Ao papel *educador* do official se pede hoje uma tão vasta e difficil obra e é passando pelas suas mãos, em successivas gerações, que se conta dispôr de soldados para a guerra segundo os requisitos que esta hoje exige, não de pesadas molles de automatoms mas de homens intelligentes, dotados de toda a lucidez de consciencia, perfeitamente maleaveis e manejavaeis.

Que elementos teremos á nossa disposição para tal se conseguir?

Não nos compete avalial-o aqui. Procuremos habilitar-nos do melhor modo para isso, contentando-nos de examinarmos o que vae pela casa alheia, d'onde tanta vez copiamos servilmente, e colhamos d'ahi os ensinamentos devidos:

\* \* \*

Debate-se presentemente em França a questão importantissima do *official educador* destinado a crear na escola do regimento um novo soldado tal como o exigem hoje as difficuldades maiores do combate, creadas pelos progressos do armamento.

Em favor de qualquer das duas escolas, Langlois ou Négrier, a guerra Sul Africana o que mostrou á evidencia foi a necessidade de, no futuro, o soldado combatente possuir um *moral* excellentemente temperado, maior espirito de abnegação e sacrificio, e intelligencia lucida para bem proceder na forçada dispersão a que o ataque conduzirá.

Da recente guerra russo-japoneza se, pela sua proximidade outras conclusões se não tem podido tirar, é já bem patente e frisante o quanto o valor *moral* das tropas é factor importante da victoria.

Uma nova feição parece dever tomar a constituição das tropas.

Ao automatismo antigo, ás formas compactas de seres que não pensam, substitue-se a iniciativa e dispersão dos homens.

D'ahi novos processos de disciplina e uma nova orientação a dar á instrucção.

A redução de tempo de serviço impondo-se por varias razões, obriga tambem a desprezar por inutil, toda a instrucção que não tenha por objectivo unico a guerra, devendo libertar-se das velhas prescripções automaticas e submeter-se unicamente «á logica dos movimentos uteis.»

D'ahi uma melhor preparação a dar aos quadros: para o official uma nova missão *educadora*, para o commando uma nova orientação.

«O official que se faz estimar pelos seus homens, diz um *chronista* francez, que se liberta dos velhos moldes militares, que tem mais cuidado em exercitar a iniciativa e a energia dos seus su-

«bordinados do que em cortejar homens em paradas e imitar os chefes em seus caprichos, só esse official me anima.»

A imprensa periodica franceza, justamente alarmada com o perigo recente de uma guerra com a Allemanha, tem feito um largo inquerito ao estado e condições dos seus meios de defeza, apreciando a *qualidade* das suas forças e o valor d'estas em presença dos novos methodos de combate e a nova orientação a dar á instrucção das tropas.

De um tal inquerito em que tem figurado nomes actorisados como os de Camille Pelétan e Lanessan, ex-ministros da marinha, e ainda jornalistas da força de Pierre Baudin avulta como urgente inadivél a necessidade de introduzir a *educação militar* no exercito francez, «minado ainda pela rotina, pelos caprichos bestialisadores «e pelo scepticismo.»

«Depois de 1870, diz Pierre Baudin, nós modificámos tudo excepto esta coisa capital — a *educação do official.*»

«De sorte que todas as provas a que o exercito está submettido quer pelos acontecimentos politicos, quer pelas grandes manobras, quer pela vida de guarnição, servem sobretudo para nos advertirem de que o commando se não acha de accordo nem com a vida geral da sociedade moderna, nem com os methodos de trabalho actuaes, nem com os modernos processos de combate, nem com os ensinamentos das ultimas guerras, nem ainda com os regulamentos em vigor.»

Se aqui se fere a nota pessimista não será isso motivo para seguirmos com attenção o que vae pelo exercito de uma grande nação que nós acompanhamos, em geral, muito de perto?

A questão de que se trata é importante e a ella se estão dedicando especies attensões. As brochuras sobre a *educação militar* succedem-se em grande numero e é bem lembrada ainda a celebridade que teve a circular do ex-ministro da guerra mr. Bertraux sobre novos processos de disciplina em vista das novas necessidades e caracter da guerra.

Por sua parte os recentes regulamentos francezes representam já um consideravel adiantamento de que nós vamos, nos parece, algo affastado

A preparação para a guerra é o *unico* fim da instrucção das tropas, diz o regulamento de manobras da infantaria.

O regulamento de 1904 diz-nos, por sua parte: que a redução do tempo de serviço militar e o papel sempre crescente, dos elementos da reserva impõe, mais do que nunca a simplificação dos methodos d'instrucção que deve procurar obter-se pelos meios seguintes:

1.º — Supressão absoluta de todos os movimentos que não tenham applicação na guerra.

2.º — Affirmação da disciplina levada, segundo a vontade do chefe, á execução de alguns movimentos e não pela multiplicidade e complicação dos exercicios.

3.º — Desenvolvimento da *reflexão* e do *espírito de decisão* tanto na manobra, pela mais larga iniciativa concedida aos execu-

tantes, como na instrução, pela liberdade concedida ao chefe responsável na escolha dos meios a empregar para attingir o fim desejado.

Para isto pedem-se novos processos de instrução, e sobretudo, o desenvolvimento da *educação militar*, levada ao mais perfeito grau.

Differindo o combate de hoje sensivelmente do combate de hontem, não é licito contar já com a obediencia passiva, mecanica, mas sim com o espirito de interpretação, a intelligencia activa do combatente, não embrutecendo os homens com recitações que não comprehendem, alinhamentos cem vezes recommçados, immobildade impossivel debaixo da chuva, etc.

«Preparaes os homens para a guerra, isto é, sabei vós memos o que será a guerra, não um jogo de bravura onde tereis que «conduzir doces rebanhos, mas uma obra collossal em que todos «os recursos da civilisação servirão para multiplicar até ao infinito a potencia do instinto de destruição em que a astucia intelligente, a ligeireza, a audacia de cada um no seu logar e no seu papel, desde o soldado ao general, devem concorrer para um fim unico — a victoria; em que as grandes virtudes d'um individuo «devem ser exaltadas até ao heroismo em que o individualismo ligado pela disciplina formará a solidariedade que conduzirá á «victoria.»

O espirito de rotina, o automatismo antigo oppõe-se ainda consideravelmente no exercito francez, segundo o mesmo chronista, a esse largo uso da iniciativa, aos novos processos de disciplina e educação militar.

Sobre todos os assumptos chovem as instruções particulares. Vem do corpo d'exercito, da divisão, da brigada, do regimento, impedindo a reflexão e a iniciativa entre os subordinados de todas as gradações para que estes não deem *maus exemplos de responsabilidade*.

Todos estes papeis que tem a pretensão de concordarem uns com os outros não são, a mais das vezes, senão contradicções e o official pergunta, a cada movimento de pés e a cada gesto que tem a fazer, que instruções deverá applicar

Serão as da divisão, as da brigada a não serem as do coronel?

«O exercito assim é a forma legal do mais louco dispendio de homens e de dinheiro que é possivel organizar-se. Contradiz toda a «evolução do espirito moderno, justamente quando devia ser a sua «expressão mais concreta e mais completa.»

Livre-nos Deus de querermos transplantar para nossa casa estas considerações sobre um exercito que nós imitamos de perto e que apesar dos seus defeitos permite dizer para a Allemanha que as coisas se não passariam hoje como em 1870.

O dr. Pangloss é tido entre nós como conceituado mestre conselheiral e não seremos nós quem virá dizer que as coisas não caminham «pelo melhor, no melhor dos mundos possiveis.»

FERNANDO A. BORGES JUNIOR.

Tenente inf. 11



## Analyse critica das leis compensadoras

A base de todas leis de promoções tem sido entre nós a antiguidade. Desde que esta norma se estabelece, implicitamente fica comprehendido que todos teem os mesmos direitos e que, portanto, todos egualmente podem aspirar aos mais altos cargos da hierarchia militar.

Como, porem, as promoções nos outros postos, até coronel, teem sido feitas dentro dos quadros das proprias armas, tem succedido por vezes que em algumas haja retardamentos tão longos que façam com que aquella aspiração seja cerceada a muitos officiaes. E se isto póde succeder dentro d'algumas armas, o contrario se póde dar em outras, como de facto tem succedido. Estas fluctuações, que podem ser naturaes ou forçadas, veem fatalmente neutralizar o principio benefico da promoção por antiguidade pois que veem tirar para uns a garantia de poderem aspirar ao generalato, visto este quadro ser preenchido pelos officiaes que primeiramente attingirem o posto de coronel. Aquelles que, ou pela sorte ou em virtude de protecções, podessem provocar fluctuações dentro da sua arma ou serviço que mais rapidamente lhe trouxesse a posse dos galões de coronel, ficavam com mais garantias de ascender primeiramente ao generalato dos que os seus camaradas das outras armas que não tinham sido tão bafejados por fluctuações equivalentes. Isto é, apesar da promoção por antiguidade dar a todos os mesmos direitos, o que entre nós só é verdadeiro dentro do proprio quadro e

não em relação ás outras armas, as circumstancias fortuitas ou forçadas que se podessem succeder faziam com que esse principio não fosse na pratica verdadeiro, pois que quem primeiro chegava a coronel é quem primeiro lançava sobre os hombros as dragõas de general.

Este facto dava origem a uma serie de desigualdades a que era necessario attender pois que o principio na pratica estava longe da verdade Para remediar este mal recorreu-se então ás *vagas fluctuantes*, á base 17 e á *dos quintos*, que passaremos a analysar.

A theoria das *vagas fluctuantes* é a seguinte: — todas as armas e o serviço do estado maior teem um numero fixo de generaes, dispondo alem d'isso de mais um certo numero de logares que podem ser preenchidos pelo coronel que na escala geral do seu posto seja o mais antigo.

A primeira parte d'esta theoria deixa de pé os inconvenientes que já apontámos, pois que os officiaes de qualquer arma que contem com fluctuações, chegarão mais rapidamente a coroneis do que os seus camaradas das outras armas, e portanto usufruirão mais rapidamente das regalias que igualmente deviam ser repartidas por todos, o que quer dizer que o principio da antiguidade, que a todos dá os mesmos direitos, não é garantido na pratica.

A segunda parte d'essa theoria tem então inconvenientes muito maiores, porque havendo um certo numero de logares que podem ser preenchidos indistinctamente pelo coronel de qualquer arma, contanto que seja o mais antigo na escala do seu posto, dá origem ás mesmas causas de desigualdade, pois que pode succeder muito bem que esse coronel não esteja de facto atrasado porque podia ter sido levado a esse posto pelas mesmas fluctuações, que podem ser naturaes ou forçadas. Quer dizer, quem primeiramente chegar a coronel fica ainda com mais garantias de ascender ao generalato, porque alem de contar com as vagas privativas da sua arma ou serviço, tem ainda as vagas fluctuantes de que pode dispôr, e pelas quaes, empurrado pela sorte ou protecção que tenha disfructado na sua carreira mi-

litar, mais facilmente pôde abrir caminho para entrar no generalato.

Alem d'isso o preenchimento dos logares fluctuantes exactamente por aquelles que tiveram uma carreira accelerada vae aggravar não só essa mesma causa de desigualdades, mas tambem prejudicar os officiaes que tenham tido uma carreira mais demorada e longa, visto aquelles irem occupar logares no quadro do generalato que lhes podiam pertencer. Isto é, os felizes que chegaram primeiro a coronel, se a sorte n'este posto lhe fôr adversa, por não poder contar com as quadros do generalato que são privativos da sua arma, tem ainda o recurso das vagas fluctuantes. Quem, pois, tiver a boa sorte ou a rara fortuna de caminhar até coronel mais depressa do que os seus camaradas das outras armas, fica com a dupla certeza de que os continuará preterindo sempre, porque se no generalato não poder abrir caminho por entre o quadro privativo da sua arma podel'o-ha abrir pelas vagas fluctuantes, que de facto lhe ficam pertencendo em virtude da antiguidade do posto de coronel.

Agora precisamos analysar o complemento da theoria mechanica d'esta lei. Para aquelles que primeiramente foram promovidos a coronel pderem ter a garantia de que os que ficaram para traz não collocarão aos hombros as dragonas de general primeiro do que elles, é necessario crear as vagas fluctuantes simplesmente destinadas e preenchidas pelos mais antigos no posto de coronel, mas para que essas vagas existam, e agora é que vamos entrar no complemento, é necessario estabelecrr um *maximo* e um *minimo* de generaes para cada uma das armas, o que equivale a dizer que para dar logar a uns no quadro do generalato é necessario tiral'o a outros, visto o quadro geral ser fixo. Ora como esses logares que podem ser dados a mais a uma determinada arma são occupados exactamente pelos que primeiramente foram promovidos a coroneis, e como esses podem estar adeantados em relação aos seus camaradas das outras armas, facilmente se vê que esta circumstancia ou esta fluctuação vem ainda aggravar

mais as fluctuações que por ventura se possam ter dado até coronel, o que quer dizer, pois, que os mesmos direitos que dá a promoção por antiguidade ficam bem mal feridos com a existencia das vagas fluctuantes, por que estas servem só para proteger os que primeiro foram promovidos a coroneis e não os atrasados em relação aos outros postos e armas.

Se a promoção até coronel fosse proporcional ou a par em todas as armas poder-se-hia comprehender a existencia das vagas fluctuantes, porque era uma compensação dada aos que n'este posto fossem mais antigos, mas sendo tudo fluctuante e perfeitamente desharmonico até coronel não se comprehende que haja mais uma fluctuação legal, d'este posto para general, que venha ainda em auxilio dos mais fluctuados que se tenham dado nos outros postos. Não ha, pois, principio algum que venha justificar uma tal medida, porque o proprio principio da antiguidade, que a todos dá os mesmos direitos, é completamente desmentido, pois que apenas se applica entre os officiaes da mesma arma ou serviço e não entre todas, como é de justiça. A lei das *vagas fluctuantes*, não é, portanto, uma lei compensadora, porque em lugar de compensar vem ainda a aggravar as differenças de promoção que por ventura possam existir nas differentes armas até coronel.

Veamos agora se a theoria da base 17, é mais respeitadora dos direitos que por lei a todos são dados igualmente. A theoria d'esta base repousa no seguinte principio:—preencher as vagas fluctuantes, não pelos coroneis mais antigos n'este posto, mas por aquelles que sejam mais antigos na matricula das escolas polytechnicas e do exercito.

Pela simples enumeração se vê que os inconvenientes apontados atraz são um pouco attenuados, pois que as vagas fluctuantes em lugar de serem dadas aos mais bafejados pela sorte ou fortuna, que lhe anticipou a promoção a coronel, passam a ser dadas exactamente aos menos bafejados, aos menos fluctuados na sua carreira até coronel, visto a antiguidade para o caso appli-

cada começar-se a contar desde o data da matricula nas escolas.

Em virtude d'este principio se o coronel mais moderno se tivesse matriculado em qualquer d'aquellas escolas ha mais tempo do que o mais antigo, seria aquelle que primeiramente iria preencher qualquer vaga fluctuante que occorresse. E d'esta forma, apesar de ter tido até coronel uma promoção mais retardada, teria depois na promoção ao generalato uma certa compensação.

Vê-se pois que o principio é mais justo do que a simples promoção dos coroneis mais antigos pelas vagas ditas fluctuantes, porque passariam a ser dadas, não aos mais adeantados, mas aos mais atrasados. Apesar, porem, da justiça que o principio possa envolver, a applicação pratica é que deixa muito a desejar.

Como ás vagas fluctuantes são apenas 7, a applicação do principio é tão limitada que não se lhe chega a conhecer os beneficos effeitos. E' sem duvida essa disposição benefica para o individuo que é attingido, mas não passa d'elle e a arma que lhe pertencer não lhe chegará a sentir os seus effeitos. Mas se por acaso os chegar a sentir, e aqui apparece uma causa que faz com que o principio justo se torne injusto, pode muito bem succeder vir beneficiar officiaes que estejam adeantados, porque, tomando um exemplo em qualquer arma, pode o coronel a quem pertencer a vaga fluctuante estar atrasado em relação aos outros coroneis, mas o tenente coronel, o major e o capitão que são promovidos pela vaga que aquelle deixou, podem estar adeantados em relação aos seus camaradas das outras armas.

Todas as leis de promoções devem ter em vista que não ha armas adeantadas nem atrasadas, pois que o que apenas existe são officiaes adeantados e atrasados. E em face d'isto, que é absolutamente verdadeiro, a base 17 tem o grande inconveniente de poder beneficiar o atrasado e accelarar ao mesmo tempo a promoção de individuos que já estejam adeantados, de sorte que se por um lado pode ser justo por outro pode vir aggravar ainda mais uma injustiça que por ventura já exista.

Podemos, por consequencia, concluir que se a base 17 nivella a promoção dos coroneis a generaes, pode vir a desnivellar a promoção dos outros postos, o que não é justo nem racional, sendo, portanto uma lei tão condemnavel como a simples promoção pelas vagas fluctuantes.

Quanto á forma como é feita a contagem do tempo de serviço para effeitos da equiparação, diremos que não assentando em bases verdadeiramente militares não pode ser olhada com sympathia. Isso, porem, está já bem esclarecido e não vale a pena insistir mais.

(Continúa).

X.



## Concurso litterario

Hoje podemos, com muita satisfação nossa, publicar o resultado do concurso litterario que a *Revista de Infanteria* abriu o anno passado. Do Ex.<sup>mo</sup> Jury recebemos o seguinte officio :

Ex.<sup>mos</sup> srs. redactores da *Revista de Infanteria*

Os abaixo assignados teem a honra de remetter a V. Ex.<sup>as</sup> as memorias relativas ao concurso litterario de que trata a *Revista de Infanteria* no seu n.<sup>o</sup> 11, correspondente ao mez de novembro de 1904, enviando conjunctamente o parecer que sobre ellas foram convidados a formular.

E, porque a respeito d'este ultimo facto, outros, como arbitros, tinham melhor direito de serem inculcados, dupla obrigação corre aos signatarios de agradecerem a immerecida confiança n'elles depositada; aproveitando, por outro lado, a conjunctura para consignarem a boa impressão que lhes causou tanto a tentativa dos certamens iniciados pela *Revista de Infanteria*, como a maneira porque os auctores das memorias se apresentaram airosamente em campo.

E' provavel que a par d'estes primeiros justadores outros muitos haja que tenham querido occultar-se e por mal entendido pejo; pois certo é que a sua revelação seria para todos os membros da classe penhor da confiança, que carece ser dia a dia reforçada pelo conhecimento que cada um d'elles tenha do valor pessoal de todos os outros.

Confiando que este novo anhelos sirva d'incitamento para que maior numero de campeões queira terçar as armas em novo torneio, assignamo-nos com muita consideração

De V. Ex.<sup>as</sup>

Cam.<sup>das</sup> M.<sup>to</sup> V.<sup>res</sup> affect.<sup>sos</sup>

a) *José Nicolau Raposo Botelho*

Coronel

a) *Pedro Celestino da Costa*

Coronel

a) *Alfredo Augusto de Barros*

Coronel

---

Os abaixo assignados, reunidos em conferencia para apreciarem os trabalhos litterarios a que allude a *Revista de Infanteria*, n'um programma incerto na mesma Revista, sob o n.º 11 do mez de novembro de 1904, depois de terem examinado os cinco autographos que lhes foram presentes, em que se attendeu tanto ao valor e bem deduzido dos argumentos em prol de cada these, como a respeito de cada uma d'estas, ao maior ou me-

nor grau d'extensão e comprehensão, accordaram no seguinte

### Parecer

- 1.<sup>o</sup> — Que entendem dever classificar em 1.<sup>o</sup> logar a memoria sobre o n.<sup>o</sup> 4:747 e em 2.<sup>o</sup> logar a memoria sob o n.<sup>o</sup> 241:178;
- 2.<sup>o</sup> — Que vista a impossibilidade de distribuir qualquer recompensa ás tres restantes memorias, se dispensam de as classificar por ordem de merito, sem detrimento da apreciação gratulatoria que lhes é extensiva;
- 3.<sup>o</sup> — Que áparte uns pequenos senões que não prejudicam o valor de cada uma d'aquellas duas memorias, ellas representam labor aturado, leitura reflectida de bons escriptos, copia de noções cuidadosamente ordenadas, faculdades regidas pelo estudo e finalmente, nobre empenho dos auctores em se habilitarem para a boa comprehensão das suas funcções de chefes, pelo que merecem ser olhadas como exemplo louvavel, que os signatarios d'este parecer gostosamente apontam á consideração de todos os camaradas.

a) *José Nicolau Raposo Botelho*

Coronel

a) *Pedro Celestino da Costa*

Coronel

a) *Alfredo Augusto de Barros*

Coronel

Abertos os envelopes que continham as indicações dos auctores das memorias, reconheceu-se que o auctor da memoria sob o n.<sup>o</sup> 4:747 e intitulada *Evolução da tactica da infantaria* era o ex.<sup>mo</sup> sr. major Adriano Accacio de Madureira Beça, que por isso lhe pertenceu o 1.<sup>o</sup> premio, de 505000 réis, e que o auctor da memoria sob o n.<sup>o</sup> 241:178 e intitulada *Combate da infantaria contra a cavallaria* era o ex.<sup>mo</sup> sr. tenente Luiz de Mello e Athayde, pertencendo-lhe o 2.<sup>o</sup> premio, diploma d'honra.

Por este mesmo facto estes nossos prezados camaradas, que a *Revista de Infantaria* muito felicita, passarão a figurar nas capas da *Revista* com a designação de *collaboradores premiados*.

No proximo numero começaremos a publicar a memoria—*Evolução da tactica da infantaria*, seguindo-se depois a memoria *Combate da infantaria contra a cavallaria*. As outras memorias serão entregues aos seus auctores, que as poderão requisitar pelos seus numeros.

A *Revista de Infantaria* agradece ao ex.<sup>mo</sup> Jury a boa vontade, muita solicitude, notavel competencia e perfeita imparcialidade com que se desempenhou da tarefa que iniciou, o que constitue para nós um titulo de honra que muito nos desvaneece.



## A INSTRUÇÃO DAS TROPAS ULTRAMARINAS

Temos frizado por vezes n'esta Revista o grande cuidado que devem merecer a instrucção militar e o ensino regular da lingua portugueza ás tropas indigenas.

A melhor materia prima para constituir as unidades provem do sertão, em que se encontram os individuos mais aguerridos, sobrios e resistentes, mais sujeitos á disciplina, menos eivados de vicios e dotados até, em certas regiões, d'um pronunciado espirito militar. O recrutamento feito a cordel na escumalha dos centros europeos é simplesmente detestavel, por motivos obvios. Mas o negro do sertão não falla o portuguez, nem se pensa ensinar-lh'o methodicamente. Aprende elle de pressa o dialecto gentilico da localidade, mas durante alguns annos limita-se, quando muito, a pronunciar uma ou outra palavra portugueza, aliás muito estropeada, e o official precisa de ter sempre junto de si um interprete

para transmitir-lhes, mesmo em formatura, quaesquer determinações, e este mal é aggravado sobre-maneira quando as praças são de varia origem. Indispensavel é muitas vezes recorrer á mimica para nos fazermos entender de tal gente.

Por outro lado a nossa ordenança insiste na necessidade de adestrar os homens na execução rapida de todos os movimentos a um simples signal ou breve mandamento do chefe, o que apenas se consegue com repetidos exercicios chamados de *flexibilidade*. Se tal pratica é essencial na instrucção de combate, como a mesma ordenança prescreve, tratando-se de tropas europeas, comprehende-se bem e pelas razões atraz expostas quanto mais importante não será na preparação de tropas negras. Cremos mesmo, e por observação propria, que tal pratica é absolutamente necessaria na instrucção de combate do soldado negro. Ensaíamos o methodo com praças da 7.<sup>a</sup> companhia de guerra de Moçambique, constituida por *angolas, macúas* e negros da Zambezia, poucos d'elles sabendo algumas palavras de portuguez. O pelotão constituido marchava de frente, de costado, em fila indiana, agachado, rastejando, unido, disperso, avançava, retrocedia, fazia fogo, avivava-o, cessava-o, armava bayoneta, desarmava, ajoelhava, deitava-se, levantava-se, reunia, dispunha-se em circulo, formava unido junto de mim com a frente para qualquer lado, carregava, estacava e alinhava promptamente para fazer algumas descargas, etc., tudo isto apenas chamando-lhe a attenção com o apito e fazendo-lhe os signaes respectivos que eram os mais intuitivos e apropriados. Apenas nos serviamos da voz para commandar as descargas. Não precisámos de muitas sessões para conseguir isto.

Que trabalho e tempo não seria preciso para que tal gente, uns pouco, outros nada sabendo portuguez, pudesse interpretar todos esses commandamentos feitos á voz? Dir-se-ha que nós obtinhamos estes resultados n'um campo d'exercicios, mas que taes, homens perdendo a serenidade, a attencção, a firmeza n'um lance arriscado, ou não obedeceria, aos signaes ou os confundiriam

desordenando-se e escapando-se da mão do chefe. Mas este inconveniente evitava-se um tanto com a pratica assidua de taes exercicios; de resto os signaes podiam acompanhar os mandamentos á voz facilitando ao negro a comprehensão d'estes, tornando-os mais suggestivos. Eis os signaes adoptados:—1—*Attencção*; 2—*avancar*; 3—*retirar*; 4—*marchar para a direita (esquerda)*; 5—*mudar de frente, de direcção ou inclinar á esquerda*; 6—*alto*; 7—*á direita, esquerda, lados estender*; 8—*á direita, esquerda ou centro unir*; 9—*cessar fogo*; 10—*reunião*; todos estes signaes executados conforme percebeu a ordenança.

11—*Marchar de costado (a 2 ou 4) ou em fila indiana (a um) em qualquer direcção*.—Indicar o movimento e a direcção com os signaes 2, 3 ou 4 e unir um (para marchar a um) ou os dois (a dois) cotovellos ao corpo e conservando as mãos erguidas e fechadas apenas com o dedo indicador estendido ou repetindo este movimento com ambos os braços (a quatro).

12—*Marchar agachado*.—Indicar a direcção com o signal respectivo e inclinar o tronco para a frente, com os braços estendidos e baixando as mãos até á altura a que os homens se devem encobrir.

13—*Marchar rastejando*.—Effectuar repetidos movimentos de circunducção do braço direito da retaguarda para a frente, como quem move uma manivela, sendo vagoroso o movimento no fogo lento e rapido no fogo vivo, e iniciar a direcção apontando o objectivo com o braço estendido.

14—*Armar bayoneta*.—Tirar o barrete com a mão esquerda, erguendo-o ao ar e enfiar a mão direita pela copa, conservando-o assim.

15—*Desarmar bayoneta*.—Tirar o barrete com a mão esquerda e enfiar a direita na copa, de cima para baixo, á altura do ventre.

16—*Ajoelhar*.—Descrever sectores verticaes com os braços estendidos.

17—*Deitar*.—O mesmo signal, levando as mãos até ao solo.

18—*Formar circulo*.—Estender os braços obli-

quamente para o solo e descrever repetidos e amplos sectores horisontaes da frente para a retaguarda.

19 — *Formar em linha com a frente para qualquer lado* (estando as praças dispersas, em columna, em linha ou com outra frente). — Voltar a frente para o lado em que estão, estendendo os braços obliquamente para o colo e depois cruval-os e afastal-os em movimentos amplos e repetidos, descrevendo assim uma recta paralela á frente desejada. Estando as praças dispersas, effectuava previamente o signal de *reunião*,

20 — *Carregar*. — Pôr a mão com os punhos cerrados na posição regulamentar de cruzar bayoneta e fazer o signal de avançar. Desejando sustar a carga e perseguir o adversario com algumas descargas, fazendo signal de *alto*, devendo as praças alinhar-se espontanea e rapidamente, sendo depois as descargas commandadas á voz.

Todos os signaes pausados e bem distinctos. Uma palmada com as mãos abertas termina a serie de signaes de cada commandamento, devendo os homens durante elles, fitar attentamente o chefe.

Convem exercitar especialmente os homens em tomar qualquer formação defensiva, quer indo em marcha, quer encontrando-se em qualquer dispositivo, quer ainda estando dispersos e desordenados.

Procurar-se-ha obter uma rapida obediencia aos signaes, evitando-se toda a confusão, e trabalhando em terrenos variados.

Estes exercicios seriam principalmente uteis tratando-se d'uma pequena columna que, pelas condicções do terreno ou pela natureza da sua missão, perca mais ou menos da sua cohesão e rigidez. Acompanhados das vozes respectivas, os signaes tornarão mais comprehensíveis e suggestivos certos mandamentos.

Finalmente em ataques de surpresa, embuscadas, etc., em que seja de rigor o maximo silencio, tornar-se-ha indispensavel a adopção d'um pequeno codigo de signaes, como esse que ahi deixamos esboçado.

ALFREDO DE LEÃO PIMENTEL  
Tenente d'Infanteria.



## O que pensamos a proposito da futura campanha dos Cuanhamas

Nunca estivemos em Africa; essa circumstancia, porém não será motivo ou razão para que sobre assumptos africanos, que se prendam com as provaveis e futuras operações militares a realizar no sul d'Angola, deixemos de apresentar á subida consideração dos leitores da *Revista d'Infanteria*, o que a respeito d'esse particular pensamos, resultado do estudo que temos feito das campanhas que se tem ferido no continente negro e ainda dos regulamentos que ao presente estão em vigôr no nosso exercito.

O problema que temos em vista e que servirá porventura para dar alguma orientação, afim de se bater com provavel exito os cuanhamas, poderá dividir-se em duas partes : *Marcha até Humbe ; Campanha propriamente dita.*

Vamos á primeira parte:— *Marcha até ao Humbe.*— A região pela qual se tem de executar esta marcha itineraria, é particularmente difficil debaixo de todos os pontos de vista.

Falta quasi completa d'agua, pois que apenas entre a Chella e os Gambos alguma ha em relativa abundancia ; falta de carreiras em bom estado, e carencia de todos os recursos locais que são precisos a qualquer força em marcha. O territorio é arenoso, cortado de obstaculos e muito premeavel, absorve toda a agua e torna a marcha muito difficil tanto á infantaria e cavallaria como ás viaturas.

Temos, pois, para resolver esta parte do problema de optar por um dos dois meios seguintes : marchar a expedição, apercebida de tudo : viveres, material, munições, pessoal e animal que lhe seja necessario para a marcha e para toda a campanha, ou crear recursos locais que facilitem a marcha e o abastecimento da expedição durante a campanha, sendo necessario, o seu refôrço e ainda a evacuação dos feridos e doentes. A experiencia demonstrou bem categoricamente que o primeiro processo não era bom. Segundo os praticos da região, seria necessario, empregando este methodo, para entrar em campanha com 500 homens validos partir da costa com 1:500.

Imaginemos a enorme quantidade de carregadores, vehiculos e gado que seria necessario para levar da costa ao Humbe, d'uma

só vez, os viveres, munições e material precisos para a execução d'esta marcha enorme, mais de 500 kilometros, e para toda a campanha alem do Cunene.

Imaginemos os numerosos accidentes que se devem dar durante a marcha, devido ao mau estado dos caminhos, á falta de solidez dos vehiculos e ao clima, tudo concorrendo para tornar a marcha irregular e morosa.

Imaginemos este comboio immenso, arrastando-se sôb um sol ardente, cujo pessoal sequioso e faminto, chegando ao bivaque ter que cosinhar, fazer abrigos, forragear e acarretar agua e veremos as doenças phisicas e moraes a que tal methodo dará origem e o estado lastimoso de disciplina em que essa força entrará em campanha.

Por mais providencia que se empregue, sempre faltarão viveres, munições e material, porque se estragou e perdeu pelo caminho, porque por engano foram munições differentes, porque se partiram vehiculos e ficaram pelo caminho e porque, finalmente, se terá de empregar vehiculos e homens no transporte dos doentes.

Em vista das difficuldades que temos enumerado, esta especie de evasão Merovingia, dará em resultado o levar ao Humbe homens e animaes estropiados e famintos e material estragado, que só difficilmente e com muita protecção de Deus, conseguirão queimar alguma palhota e retirar incolumes.

Em face d'estas difficuldades, que, segundo todas as probabilidades, dariam uma despeza não compensada pelos resultados, resta-nos a discutir o segundo methodo.

Como creara o longo do trajecto a percorrer recursos materiaes, que facilitem marcha tão difficil?

O regulamento fornece o meio e a experiencia das campanhas d'Africa anteriores, tanto nacionaes como estrangeiras, fornece exemplos que nos podem aproveitar.

Geralmente tem-se procurado utilizar como ligação com a base d'operações a via fluvial, como na nossa campanha contra os Vátuas ou na campanha dos francezes no Dahomey. No caso d'esta faltar empregam-se para o mesmo fim uma linha de postos d'étape, como na campanha de Madagascar e ainda foram empregadas a via fluvial e a linha d'étapes, como nas duas campanhas primeiro citadas.

Ha, porém, uma differença entre estas campanhas e a de que tratamos: n'ellas a base d'operações era o litoral e os referidos postos eram ao mesmo tempo postos d'étape e de apoio, com guarnição e armamento adequado ao seu fim, emquanto que no nosso caso os postos a estabelecer são puramente d'étape, não necessitando guarnição, pois estão n'uma região amiga, e servem para ligar a base d'operações principal, n'este caso a costa, com a secundaria, que deve ser organizada na margem direita do Cunene ou mais longe, sendo possivel.

Trata-se, pois, aproveitando as lições da experiencia, de ligar Mossamedes ao Humbe por uma linha de postos d'étape, que forneçam ás columnas em marcha os recursos indispensaveis. A dis-

tancia entre estes postos deve ser tal, que toda a energia dispendida durante cada uma das etapas, seja recuperada pelo descanso em cada posto; logo, é funcção do estado dos caminhos e dos obstaculos que se tenham a vencer e por consequencia o numero de postos é assumpto que só é possível resolver sôbre o terreno. Determinado o numero e situação dos differentes postos, serão encarregadas as auctoridades locais de construir barracões de capim, com a lotação necessaria para armazens e cazernas e de comprar e ahi armazenarem os viveres, que os auxiliares e carregadores negros devem consumir durante a sua permanencia em cada posto.

Nas localidades, em que ha falta de capim proprio para os animaes, deverão as ditas auctoridades providenciar afim de terem armazenada a quantidade necessaria para supprir esta falta.

Da costa serão enviados pessoal e material para montar em parte dos ditos barracões, telhados de zinco para captarem a agua das chuvas que será recolhida em depositos de ferro zincado de capacidade tal, que possam abastecer durante alguns dias o pessoal e animal da expedição, estando tudo concluido antes da estação das chuvas. As carreiteiras que ligam os postos serão arranjadas o melhor possível, tambem pelos cuidados das auctoridades locais, e os armazens do litoral expedirão successivamente para cada posto os viveres necessarios para os brancos da columna consumirem em cada etapa, e para a fortaleza do Humbe os viveres, material e munições para toda a campanha.

A columna expedicionaria desembarcará e conduzindo apenas o que lhe fôr de absoluta necessidade durante a marcha, executarâ esta em condições magnificas e fazendo-se preceder da sua secção de quartéis terá no fim de cada etapa viveres, agua, alojamento e forragens.

Estes postos podem funcionar como postos de correspondencia, empregando estafetas indigenas. Resta-nos organizar uma base d'operações no Cunene capaz de apoiar as columnas tanto na offensiva como na defensiva. Unicamente com o auxilio d'uma base d'operações devidamente organizada podemos manobrar de modo a equilibrar a vantagem que o inimigo tem sobre nós de nos poder preparar embuscadas e de poder rapidamente concentrar-se sobre qualquer ponto do seu territorio.

De que provem esta grande mobilidade? Da falta absoluta de impedimenta. Procuremos, pois, obviar a todos estes inconvenientes.

A unica maneira, que julgamos possível para o conseguir, é diminuir nos limites do possível a impedimenta e desnortear o inimigo relativamente ao objectivo da columna ou columnas. O unico meio de diminuir a impedimenta das columnas é compôr estas por tropas muito moveis e fazer com que operem debaixo da protecção de pontos fortificados, que lhe forneçam apoio em caso de necessidade e as abasteçam de viveres e munições, e o meio de desnortear o inimigo é operar duas ou mais columnas, que combinando os seus movimentos os façam concentrar n'um ponto differente do

objectivo, que se propõe attingir ou então preparar cada phase da campanha por meio de demonstrações.

Do que expozemos, se deduz a utilidade de organizar uma base d'operações nas margens do Cunene ou mais longe ainda se fór possível. Esta base d'operações será composta d'uma linha de postos fortificados e ligados por carreteiras, pela telegraphia optica e por estafetas e contendo armazens que possam abastecer de viveres e munições as columnas.

O numero, posição e importancia d'estes postos dependem do terreno e do fim especial de cada um e por consequencia só no terreno é que se pôde resolver este assumpto.

Temos a columna concentrada ao abrigo da sua base d'operações, resta-nos entrar em campanha.

\*  
\*   \*  
\*

Podemos operar com uma columna, como na campanha dos Namarraes, ou como duas, como na campanha dos Vatuas.

No caso de ser empregada uma columna o seu objectivo será necessariamente a residencia do regulo Cuanhama, e, para impedir o inimigo de se concentrar n'esta direcção, poder-se-ha fazer demonstrações n'uma outra direcção, por exemplo, sobre a residencia do regulo Cuamata.

O inimigo concentra-se n'esta direcção e a columna expedicionaria marchará sobre o seu objectivo com todas as probabilidades de não encontrar embuscadas.

No caso de se empregarem duas columnas combinarão estas a sua marcha de maneira a desnortear o inimigo e a auxiliarem-se mutuamente. Supponhamos que o objectivo a attingir é Cahura, residencia do regulo Cuanhama, a columna destinada a executar essa operação estará concentrada no posto da nossa linha d'operações mais proximo do objectivo a attingir.

Seja esse posto Comba, aldêa na margem direita do Cunene a montante e a 80 kilometros da fortaleza do Humbe. A outra columna estará concentrada, por exemplo, na fortaleza do Humbe, outro posto da nossa linha d'operações.

A columna do Humbe iniciará a sua marcha sobre Iquera, residencia do regulo Cuamata, que dista do Cunene 60 kilometros e apenas se verificar a concentração do inimigo sobre esta direcção ou antes o seu inicio, a columna de Comba marchará sobre Canura, que dista 80 kilometros do Cunene.

O espirito offensivo de que está animado o inimigo, proveniente do nosso desastre, auctorisa-nos a julgar que este methodo dará resultado.

Combinando as operações das columnas com razias feitas pelos auxiliares, a quem a presença das forças estabelecidas na base d'operações dará a força moral necessaria, a multiplicidade d'estes movimentos desnorteará o inimigo, que, querendo parar todos os ataques, não será em força para parar nenhum.

L. G.



## Secção do estrangeiro

**Allemanha**— Como se sabe ha muito tempo que se fazem experiencias no exercito russo para se conhecer qual a importancia pratica das cosinhas rolantes de campanha.

Estas experiencias prenderam a attenção do exercito allemão que no anno findo mandou proceder a experiencias, não de uma cosinha rolante, mas de um cofre rolante que transporta os alimentos quentes durante as marchas.

Este cofre é forrado por uma substancia má conductora do calor e recebe dentro as cantinas da companhia aonde se acabaram de coser os alimentos, estando portanto o rancho quente. O rancho conserva-se quente dentro d'estes cofres durante um dia.

Foi uma companhia do regimento d'infanteria 74 allemão que fez as primeiras experiencias e que deram optimo resultado, porquanto, ao passo que as restantes companhias do regimento careciam de algumas horas depois de terem chegado ao acantonamento para cosinharem o seu rancho, a companhia que tinha o cofre rolante encontrava logo o seu repasto preparado.

O governo allemão tenciona continuar estas experiencias em grande escala.

**Austria**— Um inventor, chamado Athanasi Janopal, submetteu ao exame do governo austriaco uma couraça contra as balas da infanteria.

O primeiro modelo d'este notavel invento foi experimentado nos estabelecimentos de tiro de Vienna d'Austria, em 1903.

Ha poucos dias fizeram-se novas experiencias n'esses mesmos estabelecimentos com um novo modelo, notavelmente modificado.

Ao passo que o primeiro modelo pesava 4<sup>k</sup>,700 para que uma bala o não perfurasse á distancia de 2 metros, o novo modelo apenas pesa 2<sup>k</sup>,500. Mergulhado na agua, perde 70 p. c. do seu peso e augmenta 25 p. c. da sua resistencia.

Submettida esta couraça á acção do fogo da infanteria, não soffre a menor modificação. Os pontos batidos não deixam perceber o menor vestigio. A camisa dos projectis fica achatada e o chumbo pulverisa-se. Fazendo-se muitos tiros sobre o mesmo

ponto verificou-se que esta maravilhosa couraça continua a conservar a sua força de resistencia ainda n'esse mesmo ponto.

Não ha a menor duvida que este notavel invento, cujo segredo ninguem ainda o revelou, está destinado a ter uma larga applicação na guerra, porque servirá como parapeto transportavel para a infantaria, como escudo para os serventes da artilheria e como blindagem para os carros de munições.

Como tudo se repete n'este mundo !

Voltaremos em breve ás cotas de malha da idade media.

**Montenegro** — O exercito montenegrino tambem fez as suas manobras d'outomno.

E' um facto bem caracteristico, todas as nações da Europa, grandes e pequenas, fazem os seus exercicios d'outomno, só nós os fazemos por intermitencia, consoante está ou não nos conselhos da corôa o sr. general Pimentel Pinto.

E' um facto curioso e que merece registro muito especial.

As manobras do exercito montenegrino foram de dupla acção, contando cada partido 7:000 homens, pouco mais ou menos.

A impressão produzida nos officiaes estrangeiros que assistiram ás manobras foi excellente pela precisão com que as tropas manobraram.

**Japão** — Um certo numero de navios de guerra russos, que foram mettidos a pique em Porto Arthur, acabam de ser postos a nado pelos japonezes, esperando-se que em breve estarão em condições de fazer serviço.

Os couraçados «Retvisan» passa a denominar-se «*Hizen*»; o «Peresviet», «*Sagami*»; e o «Poltawa», «*Togo*».

Os cruzadores «Baian», «*Haso*»; o «Pallada», «*Tsougarou*»; e o «Variag», «*Saja*».

**Hespanha** — Em todos os centros politicos e militares produziu grande impressão o energico discurso que o ministro da guerra do paiz visinho pronunciou quando recebeu os cumprimentos de todos os generaes e officiaes residentes em Madrid.

O general Luque fez sentir aos officiaes presentes que o seu principal cuidado foi estudar todas as questões relativas ao exercito, que elle era chamado a dirigir n'este momento, como ministro da guerra.

Usando uma linguagem severa e um tom de voz bem significativo, recommendou a todos um inflexivel respeito pela disciplina e pelas leis e regulamentos militares.

Insistiu de um modo bem frisante que não toleraria reuniões, nem grandes nem pequenas, ou manifestações de qualquer especie relativas a assumptos militares, sobre os quaes só elle, ministro, tinha o direito de fallar em nome do exercito.



# REVISTA DE INFANTERIA

## A evolução da tactica de infantaria<sup>(1)</sup>

Este trabalho comprehende as seguintes partes :

- I — Considerações geraes ;
- II — Influencia dos factores moraes no resultado dos combates ;
- III — Ideias que teem presidido á elaboração dos regulamentos tacticos modernos ;
- IV — Vulnerabilidade das formações da infantaria ;
- V — Meios de acção da infantaria ;
- VI — O combate moderno :
  - a) Orgãos de contacto, de reconhecimento e de introduccão do combate ;
  - b) Leis geraes da evolução tactica ;
  - c) Acção da infantaria ; determinação racional dos seus dispositivos de combate ;
  - d) Acção das diversas armas ;  
O combate das grandes unidades ;  
Ideia geral da batalha.

(1) A esta memoria foi conferido o 1.º premio no concurso litterario aberto pela *Revista de Infantaria*.

## I

**Considerações geraes**

As leis da evolução social, assignaladas em cada longa *étape* da historia da humanidade por um notavel progresso nas variadas manifestações das sciencias, das artes e da industria, vão tendo o seu natural reflexo no aperfeiçoamento das instituições militares do velho e do novo mundos, imprimindo uma feição caracteristica aos exercitos hodiernos e um cunho especial aos processos da guerra contemporanea.

Sendo a guerra um acto da vida social hade necessariamente ressentir-se, na sua forma visivel, das modificações, que esta vae soffrendo de continuo.

A grande acceitação que tiveram na Europa culta os salutaes principios que fazem incidir sobre todo o individuo válido a obrigação do serviço militar, determinou a elevação dos effectivos mobilisados a proporções collossaes, nunca vistas; o cidadão tornou-se soldado, e as nações tornaram-se exercitos, realisando-se em grande parte o ideal tão superiormente delineado por Von der Goltz no seu admiravel livro *La Nation Armée*.

A importancia numerica das mobilisações modernas, o consequente acrescimo do material empregado e dos serviços accessorios indispensaveis para provêr de prompto a todas as necessidades do pessoal e a todas as exigencias da guerra, a ligação e a harmonia que precisam existir nos diversos serviços, a direcção intelligente e a perfeita concordancia, que devem presidir a todos os movimentos dos exercitos actuaes, patenteiam bem claramente as subidas difficuldades hoje inherentes ao exercicio, não só dos altos como dos pequenos commandos.

As massas consideraveis que as guerras modernas põem em presença exigem o alargamento dos campos de batalha a proporções extraordinarias, nunca attingidas nas mais porfiadas luctas das épochas anteriores.

A manobra de Saint Privat, que exigiu aos allemães em 1870 um desenvolvimento de frente de ataque superior a doze kilometros, o que já então pareceu exaggerado, fica

a uma consideravel distancia dos movimentos envolventes realisadas na actual guerra do Extremo Oriente pelos exercitos Japonezes, que, nas jornadas de Liáo-Yang e do Cha-Ho adoptaram frentes de ataque superiores a sessenta kilometros com profundidades correlativas.

Conjugando o emprego de tão excessivas frentes de combate com a adopção das novas polvoras chimicas de extraordinaria força expansiva, trazendo como consequencias immediatas a grande tensão de trajetorias e a consideravel ampliação da profundidade das zonas perigosas e batidas, é intuitivo que a direcção superior das operações no campo de batalha se torna cada vez mais difficil, precisando recorrer-se ao emprego do aerostato militar, como esclarecedor supremo, do telegrapho e ainda do telephone, que tão relevantes serviços tem prestado durante os combates aos commandos japonezes.

A aerostação militar, na sua infancia ainda, está destinada a exercer um papel sobremaneira importante nas guerras futuras; servindo já como elemento valioso para auxiliar alguns reconhecimentos entre praças sitiadas ou bloqueadas e o resto do paiz, maior importancia attingirá quando chegar a resolver-se o difficil problema da direcção dos balões, que levará algumas vezes a transferir para o ar o campo de combate, onde se dirimam pleitos de certa ponderação para o resultado d'uma campanha.

Do complicado jogo de tão variados elementos de guerra deriva a necessidade impreterivel d'um trabalho persistente durante a paz, como preventivo de sérias eventualidades politico — militares, porque a época d'uma aprendizagem na guerra vae já passada.

Compenetradas d'esta verdade, todas as nações civilizadas, a par do aperfeiçoamento progressivo do seu material de guerra, procuram elevar o nivel intellectual e o valor moral dos seus quadros, de forma a offerecerem uma sólida garantia de força intelligente, quando uma crise violenta ameace alterar a paz e ponha em perigo os mais sagrados direitos e interesses dos estados.

Depois do grande impulso reformador de todos os exercitos europeus no periodo aureo da epopeia napoleonica, a guerra de 1870 foi o ponto de partida da revivis-

ciencia militar, que n'estes ultimos tempos tem preocupado as attentões dos dirigentes politicos e dos estados maiores dos exercitos mais bem constituídos na actualidade.

Um movimento febril para novos estudos, para maiores progressos e mais vastos apprehendimentos scientificos convulsionou a Europa inteira.

Discussões acaloradas na imprensa, experiencias cuidadas nos polygonos, ensaios variados nas escolas de applicação e repetidos simulacros de combate nos campos de manobras e em terrenos diversamente accidentados, tudo concorreu por uma forma poderosissima para depurar a arte da guerra das deficiencias e imperfeições que lhe embaraçavam a manifestação real do verdadeiro valor das suas phazes evolutivas, assignalando como mais um brilhante progresso n'esta época de trabalhar incessante, de caminhar acelerado na via dos aperfeiçoamentos materiaes e das descobertas scientificas, a deducção de novas formulas tacticas mais em analogia com a verdadeira orientação de ideias e derivadas dos notaveis aperfeiçoamentos realisados na industria armeira e da invenção de novos explosivos de effeitos cada vez mais surprehendentes e decisivos.

As recentes modificações introduzidas em todo o material de guerra, a diminuição progressiva dos calibres nas armas portateis, o emprego do novo canhão de tiro rapido e a importantissima descoberta das polvoras sem fumo, que garantem uma maior precisão de tiro, a par d'um maior alcance e d'uma mais pronunciada tensão de trajectorias, as experiencias de toda a ordem feitas nos campos de applicação e os ensinamentos derivados da ultima guerra do Transvaal e da terrivel lucta russo-japoneza, — emfim, o o conjuncto de todas estas circumstancias ponderosas, factores valiosissimos para a evolução da arte da guerra, actuando d'uma maneira decisiva nos espiritos esclarecidos que irradiam a luz para o mundo militar, veio imprimir uma feição nova, uma nova orientação á serie de estudos apprehendidos sobre as questões tacticas da mais palpitante actualidade.

Por seu turno, as questões de tiro adquirindo uma im-

portancia excepcional, depois da adopção das armas de fogo rapido, teem merecido n'estes ultimos tempos uma especial attenção áquellas potencias que mais desvellado interesse devotam ao progresso material e intellectual das suas forças militares e ao aperfeiçoamento continuo dos seus processos de combate.

A grande força de penetração dos projecteis augmentando a vulnerabilidade das formações cerradas induziu naturalmente os tacticos a escolherem uma ordem de formação mais singella, logo que, se entrasse na zona batida pelos fogos do adversario; d'ahi provem a infinidade de alvitres recentemente apresentados para a substituição das formações profundas por outras consideradas mais proprias, ou menos vulneraveis, para a ordem de combate.

As notaveis propriedades balisticas das modernas armas de tiro rapido permittindo cobrir com uma chuva de projecteis o campo exterior de qualquer posição defendida ao nivel do terreno d'onde parte o ataque, e quando bem aproveitadas as condições topographicas que auxiliam o effeito util do tiro, tornam extremamente difficil a execução do assalto, que precisa ser preparada a uma maior distancia por uma conveniente concentração e multiplicidade de fogos, que abalem a defeza e facilitem a approximação d'uma tropa de choque, á qual será commettida a ardua missão de levar a fundo o ataque decisivo.

Tudo indica, pois, que uma orientação nova domina os espiritos e inspira a parte pensante do mundo militar, e que uma evolução lenta, mas caracteristica, se vae operando nos modernos processos de combate, não só da infantaria, mas de todas as outras armas que, na lucta, auxiliam e completam a acção preponderante da *rainha das batalhas*.

## II

### Influencia dos factores moraes no resultado dos combates

Na phrase profundamente conceituosa e suggestiva de Ardant du Picq, o combate é o objectivo final dos exercitos e o homem o primeiro instrumento do combate.

Em rigorosa analyse, nada poderá, portanto, ser avisadamente preceituado nas organizações militares, na constituição d'um exercito, sem o conhecimento exacto do instrumento essencial, o homem, e do seu estado moral no momento critico do combate.

No complicado jogo das concepções estrategicas e das combinações tacticas não se póde abstrahir do instrumento homem, como ser moral, e por consequencia sujeito ás influencias psychologicas do meio, ás impressões do campo de batalha.

O coração humano, como dizia o marechal de Saxe, é o ponto de partida em todas as cousas da guerra. Os generaes de génio sabem tirar d'elle a suprehendente variedade de combinações e movimentos que confundem a rotina e derrotam todas as previsões bellicas do adversario.

Na opinião do general Negrier, sejam quaes forem a sciencia do commando supremo, o segredo das suas combinações, a precisão dos seus movimentos de concentração, a superioridade numerica que houver conseguido obter, a victoria escapar-lhe-ha se o soldado, moralmente bem temperado, não actuar por si proprio, sem necessidade de ser vigiado, e se não estiver pessoalmente animado, da firme resolução de vencer ou de morrer. — E' lhe indispensavel hoje uma somma de energia maior do que no passado.

Todas as suas forças moraes e physicas vão ser postas em jogo durante longas horas sob o imperio d'uma tensão nervosa que conduz ao esgotamento physico, e para uma tal prova não terá a sustental'õ senão a firmeza da sua alma, a rijeza da sua tempera de combatente

Os ensinamentos historicos, que são a eterna lição dos povos, mostram-nos que tanto nas épochas da mais remota antiguidade e no periodo mediévo, como nos tempos modernos, os factores moraes exerceram uma influencia quasi preponderante, senão decisiva, nos altos feitos de guerra, que illustraram os grandes capitães de todas as edades.

Nos tempos antigos duas tacticas militares se defrontaram, a grega e a romana, tendo ambas como base a sua unidade organica.

A tactica grega procedia do raciocinio mathematico; a romana d'um conhecimento mais profundo do coração humano.

A phalange e a legião, eis a synthese tactica das formações de combate d'estes dois grandes povos da antiguidade.

A phalange tinha uma feição puramente defensiva. Semelhava um corpo inteiriço, que não podia desagregar-se em fracções sem se desorganisar. D'ahi a sua fraqueza.

Em contraposição, as organizações romanas foram concebidas visando particularmente á offensiva, ao espirito de conquista.

A legião podia desdobrar-se, subdividindo-se em manipulos, unidade tactica, que tornava as formações mais flexiveis e manejeis.

Os effeitos inherentes a uma formação em massa, como era a phalange, aggravados pela falta da sua mobilidade, impediram a expansão hellenica, coagindo os gregos a um papel exclusivamente defensivo, que, necessariamente, havia de conduzil-os á ruina, á submissão forçada, a soffrerem o rude jugo do vencedor, que reduziu mais tarde os seus estados a simples provincias romanas.

A tactica romana soffrendo successivas modificações desde a *cidade armada* do tempo de Romulo até á criação dos exercitos permanentes do periodo dos imperadores, resistiu por muitos annos ás investidas do mundo barbaro; mas a vastidão das suas anteriores conquistas, obrigando-a a manter extensissimas linhas de communicação e a um fraccionamento exaggerado de forças em regiões longinquas foi, inquestionavelmente, uma das causas da sua fraqueza e decadencia.

O fluxo e refluxo de invasões successivas fez desaparecer os traços d'uma tactica regular, quando a onda da *barbarie* trasbordando as fronteiras irrompeu pelo imperio romano, cruelmente despedaçado pelas immensas hordas de Saxões, Cimbrios, Teutões, Normandos, Gaulezes, Frankos e Godos, que completaram a obra de desagregação do velho mundo:

As invasões dos povos barbaros corresponderam a um longo periodo de decomposição social no continente europeu, á vertiginosa decadencia dos costumes, ao desabar de todas as virtudes civicas e de todas as qualidades guerreiras, apressando a agonia do já decrepito imperio romano.

Nos primeiros tempos do periodo medieval não se conseguiu estabelecer uma coordenação perfeita nas formações tacticas, que variavam com frequencia obedecendo mais ás inspirações de cada chefe do que a regras ou a principios deduzidos com rigôr dos ensinamentos colhidos no campo de batalha. Foi o periodo da preponderancia da cavallaria, como arma tactica.

N'esse temeroso embate da *barbarie* contra a *barbarie*, a Europa ficou assolada, derruindo-se todas as intuições sem que podessem desde logo ser substituidas por outras. O sentimento nobre da sua independecia individual, que caracterisava o barbaro do periodo medieuo, sentimento que tira a sua força da natureza moral do homem, foi um dos elementos fundamentaes da organização dos estados modernos.

O *padroado militar*, esse laço que se estabeleceu entre os guerreiros barbaros, e que, sem destruir a liberdade de cada um, nem affectar a sua egualdade, fundou, no entanto, uma subordinação jerarchica, constituiu um novo elemento de civilização, precursor do *feudalismo*, ou sociedade barbara, contendo já em si o germen da liberdade politica.

Uma raça de conquistadores se salientou pelo seu genio civilizador no obscuro periodo da idade media.

Foram os arabes, que durante quatro seculos personificaram na Europa a arte da guerra, notabilisando-se tambem como verdadeiros guias das sciencias, das artes e das letras.

Um estudo attento sobre a evolução da raça arabe e da sua admiravel força de expansão pela Persia, Syria, Egypto, Maritania, Hespanha, Septimania e Aquitania, mostrar-nos-hia que foram principalmente os factores mo-raes que actuaram com mais intensidade para os successos das armas arabes no seu longo periodo de conquistas. O restabelecimento da antiga religião de Abrahão era um motor poderosissimo que impellia para a guerra ainda os espiritos mais tibios, a quem os dogmas sobre o «*fatalismo*», ou necessidade inevitavel de todas as acções humanas, fazia submeter voluntariamente a uma rigida disciplina, que facilitou as importantes conquistas realisadas por esta pro-

digiosa raça, á qual só a energia de Karl Martell impediu que avassalasse a França inteira.

Ao cahos originado pela torrente das invasões, seguiu-se, emfim, um periodo de criação e organização social, constituindo-se diversas nacionalidades, que soffreram ainda successivas transformações, mercê da influencia que as milicias e os exercitos feudaes n'ellas exerceram por effeito de guerras continuas.

O influxo de civilisações diferentes imprimiu feições particulares, características, ás organizações militares coevas de todos estes grandes periodos da historia da humanidade, reflectindo-se naturalmente na tactica das duas armas que então constituíam os exercitos. A cavallaria, cuja preponderancia se affirmára nos primeiros tempos da idade média, teve de ceder o passo á infantaria logo que o inicio das cruzadas á Terra Santa evidenciou a superioridade d'esta arma na constituição dos exercitos.

(*Continúa*).

ADRIANO BESSA  
Major d'infanteria 10

---

## Duas palavras sobre a futura companhia contra os Cuanhamas e Quamatuis

---

As considerações que vou expôr não passam de ideias pessoais, despretenciosas, sem fóros de auctoridade para o que careço de saber e experiencia.

Como venho de sêr durante 16 mezes capitão-mór dos Ganguellas e Ambuellas, toda a gente me fala em Cuanhamas e na futura campanha; por isso, direi duas palavras sobre a futura campanha.

Julgo de reconhecida necessidade a organização de duas columnas; uma destinada a bater os Quamatuis; outra a bater os Cuanhamas.

A primeira julgo que deverá ter a sua base de operações no Humbe, a segunda em Cassinga.

Na organização das duas, em vez d'uma, columnas expedicionarias, encontro as seguintes vantagens.

Por esta fórma bateremos separadamente os Quamatuis e os Cuanhamas. Além de evitarmos, com ella, a junção e portanto o grande auxilio material, evitaremos simultanea e consequentemente o grande auxilio moral.

Outra vantagem, que calculo de reconhecida importancia, de verá ser a confusão que provocará nos espiritos d'aquelles povos verem-se atacados simultaneamente por duas columnas, que elles nas suas extraordinarias phantasias augmentarão espantosamente.

Devo dizer duas palavras explicativas sobre estes diversos povos rebeldes, para depois seguir nas considerações que venho expondo.

Os Quamatuis dividem-se em dois povos; grande e pequeno Quamatuis.

São povos muito aguerridos e astuciosos.

Os Cuanhamas são um povo muitissimo mais numeroso, occupam uma região enormissima, mas não são bons atiradores, como os Quamatuis, ou Evalles, nem valentes.

São uns salteadores de gente e gado, audaciosos e insignes em tal mister.

Ninguem, como os Cuanhamas, rouba mais rapido e silenciosamente um corral de bois.

De resto o Cuanhama não sabe atirar, embora possua bastantes armas de systema aperfeiçoado; e é cobarde, principalmente fóra das suas terras.

Ao norte dos Cuanhamas e a partir com Cassinga, capitania-mór dos Ganguellas e Ambuellas, ficam os Evalles, um pequeno povo dividido em dois sobados, Evanguella e Cavanguella.

E' um pequeno povo, como disse, mas de bellos atiradores e magnificos guerreiros.

A sua população será a sexta parte da Cuanhama, no entanto o Cuanhama respeita e teme os Evalles.

Já agora, visto ter entrado em explicações, sejam permittidos mais uns pequenos promenores com esse fim.

Os Kafimas, povos que veem indicados em todos os mappas, hoje não existem independentes.

Estão incorporados nos Cuanhamas.

No Cuanhama existem tecendoleiros fugidos de todos os povos e, são geralmente esses salteadores de todas as origens, sem subjeição a chefe algum que constituem a maioria das guerras, que infestam o nosso sul de Angola; assim muitas vezes os Cuanhamas se desculpam com elles.

Estes povos habitam geralmente a sudoeste da terra.

Os Evalles sempre foram inimigos dos Cuanhamas e a origem, indole, habitos e costumes completamente differentes teem os mantido sempre hostis.

Parece-me pois mais provavel, que na futura campanha, para defenderem interesses communs estes povos se junctem e auxiliem mutuamente, se pelo simultaneo das duas columnas invasoras, não obstarmos a isso.

Como disse, á retaguarda dos Cuanhamas e entre elles e Cassinga estão os Evalles.

Parece-me pois, que não devemos ir ao Cuanhama deixando á retaguarda os Evalles, mais valentes e aguerridos.

As nossas ultimas relações com os sobas dos Evalles teem sido as mais cordeaes ultimamente.

Em outubro de 1904 uma guerra Cuanhama roubou na região do Dongo, perto do forte Maria Pia, pertencente á capitania-mór, 25 mulheres, que conduziam para as suas terras; o Evanguella, um dos sobas dos Evalles, sabendo d'isto, mandou a sua gente ao encontro dos Cuanhamas, tirando-lhe as 25 mulheres, que elles haviam roubado e mandou apresental-as ao commandante do forte Arthur de Paiva, em Cassinga, capitania-mór dos Ganguellas e Ambuellas.

Tambem em janeiro, d'este anno, estando de visita em Cassinga, disse-me o reverendo Padre Borqui, superior d'aquella missão, que o Evanguella, sóba dos Evalles, desejava que lhe desse uma bandeira portugueza e prestar auto de vassallagem, a que elles chamam (mocanda) carta, que conservam.

Respondi-lhe, que lhe daria tudo que me pedia, que lhe dispensaria todo o auxilio e protecção das minhas forças bem como a mais cordeal amizade e o presentearia, como amigo, mas impunha-lhe uma condicção: elle entregar-me todo o armamento de systema aperfeiçoado que possuia e de que podia prescindir, por isso que eu lhe daria todo o auxilio e protecção.

O astucioso sóba, não annuiu a esta minha condicção, continuando porem nos seus protestos de amizade para comosco.

Amizade esta, que eu ponho de reserva e da qual sempre duvidarei, jámais no caso de guerra, pois vendo elles, que todos os povos do sul, Quamatuis e Cuanhamas, são atacados, não calcularão, que os espere a mesma sorte?

Fatalmente calculam, jámais sendo este pouco intelligente, como é, muito superior a qualquer outro.

N'essa occasião passarão a serem o nosso terceiro inimigo, e talvez o primeiro, em importancia, já pelas suas qualidades guerreiras, já pela extrema vizinhança, sem obstaculo algum, que a natureza lhes ponha de permeio, como succede com os Quamatuis, que teem o Cunene fazendo a divisão natural.

Com estes o caso é differente; estão perfeitamente ligados aos nossos territorios de Cassinga.

Pelas considerações, que expandi, julgo sufficientemente demonstrada a necessidade de tomar, ou occupar, pacifica ou militarmente os Evalles, conforme as disposições em que elles se encontrassem, antes de irmos ao Cuanhama.

Não me parece difficil occupar os Evalles, pacificamente, atentas as boas disposições dos sóbas, mas entendo, que apezar de tudo que a occupação pacifica dever-se-ha fazer sempre, indo o official encarregado d'este serviço acompanhado d'um destacamento de tropas europeias não inferior a 60 praças d'infanteria, uma

peça de 7<sup>cm</sup> B. E. M., uns 12 a 20 cavallos (lanceiros) e 60 a 80 praças indigenas.

Como ponto de ligação estabeleceria um posto ao sul do Campello, n'una pequena elevação, que ahí se encontra, e parece-me satisfazer ás condições tacticas e estrategicas.

Este posto teria uma guarnição bastante numerosa de forma a poder appoiar as nossas tropas de occupação e soccorrel-as, num caso de revez. Teria um character permanente e forneceria, para o sul, um outro posto, de character provisorio, que seria collocado entre elle e a fronteira norte dos Evalles, a meia distancia approximadamente, com o fim de assegurar as communicações.

Seria commandado por um official attendendo á sua importancia e responsabilidade.

Chegada aos Evalles a força destinada a occupação construiria uma fortaleza ao norte dos territorios do sóba Évanguella.

Do bom senso e habilidade do commandante d'esta fortaleza dependeria a amizade, confiança e auxilio valioso dos indigenas, que podem ser magnificos guias para a marcha sobre o Cuanhama e bons auxiliares para a exploração da marcha da columna.

Seria conveniente distribuir-lhe constantes presentes sob varios pretextos ao mesmo tempo que lhes mostrariamos os nossos recursos militares, que augmentariam dia a dia, concentrando assim as forças da expedição, que nos propomos levar ao Cuanhama.

Seja-me permittido um pequeno parenthesis, para em breve continuar tractando da occupação dos Evalles.

Ao mesmo tempo, que operamos sobre os Evalles devemos occupar; Menongue, Quangar e Dirico, na margem esquerda do rio Cubango, pelas razões que vou apresentar.

Os Cuanhamas sendo atacados, e não podendo resistir, tentaram fugir fatalmente, e para onde?

Para leste, teem o rio Cunene e as nossas forças do districto de Huilla.

Para o Norte, teem os Evalles e as nossas guarnições dos fortes da capitania-mór dos Ganguellas.

Para o Sul teem as forças allemãs.

Resta-lhes apenas uma sahida, para Oeste, atravez dos vastos e desertos areaes da margem direita do Cubango, ao sul de Masaca, territorios que julgamos serem desertos e extensos areaes, mas que ninguem, a não serem elles, conhece, pois por alli nunca pousou o pé do negociante, ou do missionario.

Este era o plano, que elles haviam concebido, caso nós fôssemos bem succedidos na desastrosa campanha do Cunene e seguidamente tentassemos atacal-os.

Obdecendo a este plano haviam concentrado quasi todos os seus gados n'esta região a que venho de referir-me e enviado uma embaixada a um soba poderoso, que vive para alem do Dirico, com fóros de soberano poderoso e independente, sem prestar vassallagem a governo algum.

Esta embaixada foi bem recebida e era lá que os Cuanhamas tencionavam refugiarem-se.

E' muito provavel, quasi certo mesmo, que n'esta hypothese os Cuanhamas na sua fuga ataquem e roubem Massaca, Menongue e parte da capitania-mór dos Ganguellas e Ambuellas, que confina com estas regiões.

Por isso julgo impor-se a occupação militar da margem esquerda do rio Cubango ao sul da capitania-mór dos Ganguellas e Ambuellas.

Esta occupação, no estado normal, ainda se impõe attendendo a que é a região mais rica do districto de Benguella, a região da borracha por excellencia.

Em Menongue existem muitas casas commerciaes, uma especie de casas chefes d'outras mais avançadas, que se acham dispersas no Quangar, Dirico e Cuito, pois a borracha hoje vae muito longe e foge, dia a dia, para mais longe.

Para esta occupação proponho o seguinte:

A séde é uma companhia indigena a juzante da Cascata do Cubango, em Massaca; uma fortaleza na turbolenta e populosa região do Quangar e outra na não menos populosa na região do Dirico.

Duas canhoneiras, que para aqui seriam transportadas, desarmadas estabeleciam a ligação entre as tres fortalezas mencionadas.

O Cubango para o sul da Cascata é navegavel, prestando se a esta defeza.

Proseguindo na occupação dos Evalles, como disse, construiria uma fortaleza ao norte das terras do Evanguella, seguidamente depois das prévias negociações constituiria outra ao sul das terras do Cavanguella, outro sóba, a qual ficaria em contacto com o norte das terras Cuanhamas.

Como disse, nas fortalezas dos Evalles, ir-se-hiam concentrando, pouco a pouco, as forças, que constituiriam a columna com que daria um golpe de mão na embala do Naude, principal sóba do Cuanhama.

Simultaneamente á concentração da columna nos Evalles concentraria na missão catholica do Cuanhama um grande deposito de munições de guerra e de bocca, pharmacia, officinas etc.

Agora passarei a indicar qual seria a linha de abastecimentos, constituição da columna expedicionaria e o modo como executaria a invasão dos territorios Cuanhamas.

A zona da *retaguarda* termina em Caconda

Segue-se a *zona do interior* com os seguintes postos: — Posto da Bicatre; Forte D. Luiz Philippe, na margem esquerda do Cune-ne, concelho de Caconda; Forte Maria Pia, no Dongo, o primeiro da capitania-mór dos Ganguellas; Caubengue; Forte Arthur de Paiva, em Cassinga.

Aqui ha mais um hospital, depositos de generos, munições, officinas, etc.

*Zona de guerra.* — Posto do Campello; outro intermedio entre este e a fortaleza ao norte dos Evalles (no Evanguella); a fortaleza ao sul dos Evalles, (no Cavanguella) e a missão catholica do Cuanhama.

Estes diversos postos seriam ligados por linha telegraphica e usariam tambem os pombos correios.

Tanto na construcção dos fortes, como dos pequenos postos intermedios, bom seria, que possesemos de parte a fortificação do seculo desessete, que vejo empregada, exclusivamente, n'uma grande parte do districto de Benguella, passando a usarmos os modernos e simples processos da fortificação passageira, defesas accessorias-etc.. que aqui estão condemnadas ao ostracismo, pateando constantemente, aos estrangeiros a nossa ignorancia de sciencias militares.

A grande difficuldade em bater os Cuanhamas não consiste em bater um povo aguerrido, constituido de bons atiradores, como são os Evalles, os Quamatuis e os Ovampos, não; a principal difficuldade em bater os Cuanhamas consiste em lá ir e sustentar lá uma expedição.

Os Evalles teem agua, mas no Cuanhama apenas existe agua na missão a não ser cavando a uma profundidade consideravel.

Uma razão poderosa para a força expedicionaria marchar e operar o mais rapidamente possivel.

No Cuanhama não póde contar-se com o mais insignificante recurso local, nem milho ha para os cavallos.

A terra apenas produz massambala, uma especie de painço.

Isto explica a sobriedade d'este povo, que com uma cabaça cheia de massambala marcha para toda a parte, e, até certo ponto justifica as suas razias, se é que para isso ha justificação.

Mais uma razão de valor, para operar rapidamente.

O terreno dos Cuanhamas é um verdadeiro labyrintho de caminhos, sendo impossivel marchar sem guias.

Digo guias porque é tão difficil marchar pela emaranhada rede de caminhos Cuanhamas, que o rev. Padre Leconte affirmou-me, em Agosto passado, sêr-lhe preciso um guia para viajar no norte, outro para o centro e outro para o sul do Cuanhama.

D'aquí surge a necessidade de bons guias, que serão os Evalles, que é facil encontral-os perfeitamente conhecedores dos caminhos e auxiliares de confiança contractados por negociantes de confiança e os melhores conhecedores do Cuanhama.

#### *Constituição da columna expedicionaria ao Cuanhama*

Uma secção de artilheria a cavallo.

Uma secção de metralhadoras.

Um esquadrão de lanceiros com 120 a 150 cavallos.

Uma secção de pontoneiros.

Duas companhias de infantaria europeia, a 200 praças cada uma.

Tres companhias indigenas, no seu effectivo maximo.

Uma companhia movel recrutada nos Evalles fieis.

Uma secção de auxiliares a cavallo (40) contractada pelos

negociantes, Antonio de Almeida, da Chibia, Nuno do Quental e Chapman, da Umpata.

Não indico os Vidigaes para irem de preferencia com a columna que vae ao Quamatuis.

Dois facultativos e respectivo material e pessoal menor da companhia de saude.

Tres officiaes e pessoal menor da administração militar.

---

### Marcha da columna

#### *Serviço de exploração*

Companhia movel 30 auxiliares a cavallo.

---

#### *Extrema guarda avançada*

Um pelotão de 40 cavallos.

Secção de pontoneiros.

---

#### *Grosso da guarda avançada*

Um pelotão de 40 cavallos.

Uma secção de artilheria a cavallo.

Um pelotão de 40 cavallos.

Uma secção de metralhadoras.

As metralhadoras serão transportadas a dorso das muares e as tropas a cavallo.

---

#### *Grosso da columna*

Uma companhia europeia.

Um pelotão da 1.<sup>a</sup> companhia indigena.

Segunda companhia europeia.

Um pelotão da 1.<sup>a</sup> companhia indigena.

---

#### *Trem de combate*

Terceiro pelotão da 1.<sup>a</sup> companhia indigena.

---

#### *Serviço de saude*

Um pelotão da 2.<sup>a</sup> companhia indigena.

Comboy, dividido em dois escalões, o mais pequeno possível, escoltados por dois pelotões da 3.<sup>a</sup> companhia indígena.

*Guarda da reatguarda*

Um pelotão da 3.<sup>a</sup> companhia indígena.

Uma secção de 10 auxiliares contractados, a cavallo.

*Instrucções e detalhes*

O ponto inicial da marcha é a fortaleza do sul dos Evalles.

A marcha da columna effectuar-se-ha, com a maxima rapidez possível.

O serviço de subsistencias será feito por carregadores fornecidos pelas missões do Cuanhama e Cassinga.

Este serviço será o mais reduzido possível.

As praças europeias transportam 100 cartuchos.

Não transportam mochila.

Todas as praças usarão o uniforme de kaki e manta capote a tira-colo envolvida n'uma tela impremeavel, de 1,50<sup>m</sup> de cumprimento por 0,60 de largo, na qual se deitarão.

Nas praças indígenas que tambem não usarão mochila e usarão igual fardamento, a bayoneta será substituida por uma machada.

Todo o gentio que fôr encontrado será preso e enviado para a fortaleza dos Evalles.

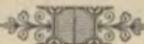
Na missão do Cuanhama estará organizado um pequeno comboy com generos para rancho de 4 dias; sendo um d'elles diariamente, geralmente o primeiro, frio, e algumas pipas com agua.

O gado do trem de combate será substituido na missão do Cuanhama.

Chegada a columna á missão terá o descanso preciso para as tropas e gado, findo o qual partirá o mais rapidamente possível em direcção á embala do Naude, soba grande dos Cuanhamas.

Benguella, 25 de Outubro de 1905.

GONÇALO PEREIRA PIMENTA DE CASTRO  
Capitão d'Infanteria





## A arma de infantaria

### As suas pretensões

Quem levantou a questão dos vencimentos e dos quadros, e quem ha mais de tres annos tem feito uma campanha n'esse sentido, não pôde ficar callado na conjunctura presente.

A questão dos vencimentos já podia estar resolvida, quer por meio do parlamento quer por dictadura, se a proposta respectiva não tivesse sido unida, junta, casada, amarrada á da organisação do exercito, porque não havia, como de facto não houve, quem lhe fizesse a minima opposição.

O ministro da epocha, porém, á custa dos vencimentos dos officiaes, á custa da miserie em que vivem os seus camaradas, queria ter a vangloria de fazer passar a sua proposta de reorganisação, que era a sua unica aspiração. Se as tem separado, a proposta de vencimentos teria sido immediatamente approvada pelo parlamento, como tudo leva a concluir, ou então teria sido promulgada em dictadura, porque a isso tambem ninguem se oppunha, nem mesmo o chefe do governo. A junção das duas propostas foi pois um pessimo serviço que o ministro d'essa epocha prestou a todos nós.

Além d'isso, se a junção das duas propostas nos dava por um lado augmento de vencimentos, por outro tirava-nos todas as esperanças de futuro alargamento de quadros, porque havia uma notavel redução de unidades, pois que se acabava com 2 divisões, com 4 brigadas de infantaria, com 18 batalhões e com 12 com-

panhias, o que equivale a dizer que se nos tirava toda a esperança de vermos um dia os quadros da nossa arma, como fatalmente ha-de succeder, augmentados respectivamente com 2 generaes de divisão e 4 de brigada, com 18 majores e 12 capitães. E era á custa d'isso que se pretendia augmentar os nossos magros vencimentos!

O que agora succederá não sabemos, como de resto ninguem sabe, porque o actual titular da pasta da guerra ainda não disse a pessoa alguma o que verdadeiramente tenciona fazer. O sr. conselheiro Mathias Nunes inspira-nos, porém, inteira confiança. Tem vivido sempre entre os seus camaradas, é um official illustrado e intelligente, é um character nobre que em tudo procede honestamente, não está eivado de preçõceitos, nem dominado por vangloriolas reformistas, é, emfim, um homem que sempre tem procurado ser util ao exercito e aos seus camaradas, que nunca repudiou.

Temos, pois, esperança de que, caso tenha tempo de fazer alguma cousa, não deixará de augmentar os vencimentos dos officiaes. E temos tambem esperança de que fazendo-o não será á custa de nós proprios, não nos tirando a esperança d'um futuro alargamento de quadros. N'essa ordem de idéas, que são filhas d'uma intima convicção, vamos repetir o que tantas vezes já temos dito.

A tabella de vencimentos que se projectou, apesar de ser elaborada á custa da reorganisação do exercito, não era perfeita, o que aliaz não admira porque não sendo elaborada com honesta intenção, mas como mero pretexto para satisfazer uma vaidade, para fazer resurgir a reorganisação de 1899 e a celebre base 17, tão prejudicial á infantaria, não foi tratada com os cuidados e desvellos que eram necessarios.

O augmento de vencimentos que se projecta deve incidir sobre os soldos e não sobre as gratificações. E' essa uma modificação que é neccessario fazer. Alem d'isso os officiaes superiores, e principalmente os alferes, não podem ficar esquecidos. Chega a ser uma monstruosidade cuidar de todos e deixar os alferes no limbo

do esquecimento, em lucta aberta com os magros 33.º e 34.º regimentos, que evidentemente nem são sufficientes para se viver decentemente. Esquecel-os é matar todo o estímulo aos noveis officiaes. Um facto d'esta natureza só pôde ser praticado por quem cuida mais das suas mesquinhas vaidades de organisador do que dos mais capitaes interesses do exercito.

Sobre quadros tambem ha muito que fazer. Não alterando a actual organização, completando os quadros que atraz deixámos indicados, e remodelando os serviços de recrutamento e reserva, o que tudo representa trabalho necessario, util e meritorio, collocam-se, como já temos mostrado, os quadros da nossa arma na mesma proporção dos das outras. E essa tarefa é bem facil desde que não haja intenções reservadas e occultas como com o actual titular da pasta da guerra não existem.

Augmentar os quadros superiores da artilharia e esquecer os da infantaria é uma injustiça que, por certo, o sr. conselheiro Mathias Nunes não praticará. Temos essa esperança, porque, possuindo por todas a mesma sympathia o seu nobre character a isso se oppõe. E se Sua Ex.<sup>a</sup> assim proceder, se souber evitar o *parti pris* contra nós ou a favor d'outros, como esperamos, pode contar com o nosso leal apoio e com a gratidão do exercito em geral.

---

## Problemas tacticos

---

Sendo util para os nossos leitores fornecer-lhe um meio de facilmente se familiarisarem com o novo *Regulamento de campanha*, vamos iniciar a publicação de uma serie de problemas tacticos realizados sobre as cartas dos arredores de Lisboa por um grupo de officiaes da nossa arma.

## Hypothese geral (1)

Forças do partido *N*, marcham sobre Lisboa, pela estrada Torres-Dois Portos e Milharado. Uma brigada mixta, partido *S*, recebe ordem para se lhe oppôr nas alturas Cordeiro-Atalaya. O seu commandante, em vista das communicações da cavallaria em exploração não accusarem a presença do inimigo, resolve estacionar em Povia da Gallega e Povia de Baixo.

## Hypothese particular

Um batalhão e um esquadrão são nomeados para o serviço de segurança na linha determinada pelas alturas referidas na hypothese geral.

A cavallaria estabelece-se em Valle de Vez, Pero Negro e Enxara dos Cavalleiros.

O batalhão fornece 3 piquetes: n.º 1 na Moita, a fim de vigiar o terreno entre o caminho para a Moitella e a Ribeira do Sizandro; n.º 2 no Casal do Caldeireiro, a fim de vigiar o terreno entre a referida ribeira exclusivé, e o Caminho da Guia para Enxara dos Cavalleiros inclusivé; n.º 3 no Casal da Adega, para observar o espaço entre o referido caminho e a linha d'agua que vem da Quinta do Anjo, para *S*. A reserva em A. dos Gallegos.

## Trabalhos a executar

Como commandante do piquete n.º 2:

1.º Descrever a disposição a dar á companhia ao separar-se da 1.ª, no caminho para Sapataria. 2.º Esboço do terreno com a distribuição dos diferentes escalões. 3.º Instrucções dadas aos commandantes dos pequenos postos (serviço de dia e de noite, no caso d'ataque, etc.). 4.º Nomeação do serviço movel. 5.º Nomeação d'uma patrulha de reconhecimento, para ao alvorecer, observar o terreno para *N* (incluindo instrucções, itinerario, hora de entrada e sahida, etc.). 6.º Relatorio que enviaria aos commandantes dos postos avançados.

Tendo sido informado o commandante da brigada mixta do partido *S*, antes de chegar a Povia de Baixo, que a nossa cavallaria de segurança não tinha ainda estabelecido o contacto com as forças do partido *N*, resolveu acantonar em Povia de Baixo e Povia da Gallega, e, n'esta conformidade, deu a ordem para o esta-

(1) Vide carta n.º 30 dos arredores de Lisboa.

cionamento da columna, nas disposições da qual se determina que a guarda avançada, composta do 1.º batalhão do regimento... e do 1.º esquadrão do regimento... constituam os postos avançados na linha determinada pelas alturas Cordeiro-Atalaya, onde a brigada deverá oppôr-se ao avanço das forças do partido N, que marcham sobre Lisboa, pela estrada Torres-Milharado Povo de Baixo. Para cumprimento d'esta ordem, o major F. . . , tendo-a recebido proximamente na altura do Casal do Pedregulho, 700<sup>m</sup> ao S do Milharado, depois d'um rapido estudo da carta, dá a seguinte :

### Ordem de postos avançados

para 17 de ...

<i>(Brigada mixta)</i>	<i>Casal do Pedregulho em ...</i>
<i>(Guarda avançada)</i>	<i>às ... h. da manhã.</i>
N.º 1	

I — **Situação** — Forças do partido N avançam sobre Lisboa, pela estrada Torres-Milharado-Povo de Baixo; porem a nossa cavallaria de segurança, ainda não estabeleceu o contacto com o inimigo. O grosso da columna acantona em Povo da Gallega e Povo de Baixo.

II — **Fim** — A guarda avançada irá estabelecer-se, em postos avançados, na linha determinada pelas alturas Cordeiro-Atalaya.

#### III — Disposições:

a) O 1.º esquadrão do regimento... irá estabelecer-se na linha Valle de Vez-Pero Negro e Enxara dos Cavalleiros, vigiando os caminhos que, d'aquellas povoações, se dirigem para N, especialmente a estrada Sapataria-Dois Portos-Torres.

A flecha da cavallaria da guarda avançada mandará apresentar immediatamente 6 cavalleiros a cada um dos commandantes dos piquetes de infantaria.

b) A 1.ª companhia em acantonamento d'alarme na Moita, formará o piquete n.º 1, tendo de vigiar o terreno entre o caminho para Moitella e a Ribeira do Sizandro.

A 2.ª companhia em acantonamento d'alarme no Casal do Caldeireiro, formará o piquete n.º 2, vigiando o terreno entre a Ribeira do Sizandro, exclusive, e o caminho da Guia para Enxara dos Cavalleiros, inclusivé.

A 3.ª companhia, no Casal da Adega, em acantonamento d'alarme, formará o piquete n.º 3, vigiando o sector comprehendido entre o caminho da Guia, exclusivé, e a linha d'agua que vem da Quinta do Anjo para S.

A posição dos postos principaes será organisada defensivamente.

c) A 4.ª companhia, constituindo a reserva dos postos avançada-

dos, irá estabelecer-se em acantonamento d'alarme em A. dos Gallegos.

d) Haverá dois postos de reconhecimento : um na estrada da Sapataria-Dois Portos, outro no cruzamento de caminhos a *NO* do Casal do Serapião.

e) Em caso d'ataque do inimigo os piquetes resistirão na linha dos postos principaes, até nova ordem.

**IV — Local para onde devem ser dirigidas as communicações.** — Os relatorios e participações ser-me-hão dirigidos para a reserva dos postos avançados.

Communicada verbalmente aos commandantes das companhias e por escripto ao commandante do esquadrão, dando-lhes n'esta occasião conhecimento do Santo-senha e contra-senha (confidencialmente).

F. ...

Major

A guarda avançada, que ao ser-lhe communicada esta ordem suppomos deverá encontrar-se na altura do Casal de Pedregulho (136 e 182 R. C.), continuou a marcha, seguindo as companhias reunidas até ao caminho para Molhadas, junto ao extremo *N* da Quinta do Munhoz, onde o commandante da guarda avançada as mandou occupar os logares determinados na ordem supra, seguindo a 1.<sup>a</sup> a estrada de marcha até ao caminho para Moita, e a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pelo caminho Molhadas-Guia até á sua bifurcação, 150<sup>m</sup> ao *N* do tunnel da via ferrea, d'onde a 2.<sup>a</sup> companhia segue para o Casal do Caldeireiro na formação de costado, e a 3.<sup>a</sup> para o Casal da Adega (caminho a *O*). A marcha da 2.<sup>a</sup> companhia, desde a sahida da estrada de marcha, será coberta por 5 dos cavalleiros que lhe foram mandados apresentar, estando ella ainda n'essa estrada. Estes cavalleiros, constituídos em duas patrulhas (n.<sup>os</sup> 1 e 2), receberam as seguintes ordens verbaes:

N.<sup>o</sup> 1 (2 cavalleiros).

Marcha pelo caminho para Molhados, na direcção *NO*, até encontrar o primeiro caminho a *NE*, que se dirige para A. dos Gallegos, acompanhando a linha ferrea, a qual atravessará para se dirigir ao *C* dos Limões, seguindo d'ahi para *N* pela cumeada que fica proxivamente 500<sup>m</sup> ao *N* d'este casal, onde se conservará até ser mandada retirar.

F. ...

Cap.

N.<sup>o</sup> 2 (3 cavalleiros).

Siga pelo caminho Molhados-Guia-Casal do Caldeireiro, *C* do Serapião, indo estabelecer-se em observação no cruzamento de caminhos do *C* do Zanga, até ser mandado retirar.

F. ...

Cap.

(185 R. C.)

Chegada a 2.<sup>a</sup> companhia ao *C* do Caldeireiro, o capitão entrega o commando ao subalerno mais antigo, indicando-lhe que mande descançar os homens, mantendo-os porem em armas. Em seguida a um ligeiro estudo na carta, percorre o terreno do seu sector, a fim de determinar o dispositivo de segurança a dar ao piquete. N'esse reconhecimento observou o seguinte :

Que as vias de comunicação que permitem o accesso do inimigo, são : a *L*, a via ferrea na direcção *SN*, que na altura da Quinta dos Garfos permite um campo d'observação entre a Ribeira do Sizandro e a linha d'agua que desce do *C* da Venda, comprehendendo a povoação de Pero Negro, havendo apenas uma zona ao *S* de Pero Negro que fica encoberta pelo pequeno pinhal a 500<sup>m</sup> ao *S* d'aquella povoação ; a *O*, o caminho que do *C* do Caldeireiro se dirige para Enxara dos Cavalleiros ; proximalmente ao centro do sector, um outro caminho que, dirigindo-se primeiro para *L*, se inflete depois para *N*, a entrar na rede dos caminhos que se dirigem para aquellas povoações. A pequena elevação ao centro do triangulo formado pelos cruzamentos de caminhos entre Zanga e Serapião, permite a observação e interceptação dos movimentos do inimigo na zona comprehendida entre Enxara dos Cavalleiros e a linha d'agua ao *S* do *C* da Venda. O terreno ao *N* da Quinta dos Garfos é descoberto e pouco cortado. O terreno ao *N* do Serapião é, pelo contrario, bastante coberto d'arvores e de caminhos.

Na verão, a ribeira que forma o arco do sector, é vadeavel em todos os pontos. As alturas de cota, 233 e 238, permitem um campo d'observação até além de Pero Negro e Enxara dos Cavalleiros, sómente interrompida por alguns pequenos pinhaes ; tem communições facéis para a frente e retaguarda, tornando-se essas communições de facil orientação, pela via ferrea, ravina a *O*, e caminho do Serapião. O caminho transversal a 200<sup>m</sup> ao *N* da linha d'agua e esta, poderão servir de referencia ao itinerario das patrulhas de reconhecimento da infantaria durante a noite. O capitão verificou que do alto da cota 238 se avistava a cavallaria em Enxara dos Cavalleiros e Pero Negro.

D'este reconhecimento, e attendendo á situação da cavallaria dos postos avançados durante o dia (140, 155 e 156 do R. C.), e tendo regressado ao *C* do Caldeireiro, deu á companhia a seguinte :

### Ordem (especial) para a installação do piquete

(Postos avançados)

Casal do Caldeireiro em ...

(Piquete n.º 2)

às ... h. da manhã

1.º A nossa cavallaria de postos avançados em Enxara dos Cavalleiros, Pero Negro e Valle de Vez, ainda não deu noticias do inimigo.

O piquete n.º 1, está á nossa direita e occupa a Moita ; o piquete n.º 3, á nossa esquerda, no *C* da Adega. A reserva dos postos avançados em A. dos Gallegos

A 2.<sup>a</sup> companhia constitue o piquete n.º 1, no Casal do Caldeireiro, dando o seguinte serviço para :

#### De dia:

- a) A 3.<sup>a</sup> secção destacará 7 homens, sob o commando do sargento F. . . ., indo constituir o posto especial n.º 1, no alto da cota 238, tendo por missão conservar-se em comunicação, pela vista, com a cavallaria em Pero Negro;
- b) O commandante do 2.<sup>o</sup> pelotão irá, com 10 homens da 4.<sup>a</sup> secção, estabelecer o posto especial de reconhecimento n.º 2, na altura do cruzamento de caminhos a *NO* do Serapião, tendo mais por missão conservar-se ligado com a linha d'observação do piquete n.º 3.
- c) O posto principal n.º 1 ficará com os 2 cavalleiros para ligação, que já ali se encontram.

#### De noite:

- d) O serviço de noite estará estabelecido ás 6 h. e 30 m. da tarde, salvo ordem em contrario.
- e) O posto especial n.º 1 será reforçado com o resto da 3.<sup>a</sup> secção, constituindo o pequeno posto n.º 1, com a missão de vigiar a zona de terreno, comprehendida entre a Ribeira do Sizandro e a linha d'agua a 100<sup>m</sup> a *O* da Quinta dos Garfos, merecendo-lhe especial cuidado a linha ferrea.
- f) O 1.<sup>o</sup> pelotão, sob o commando do alferes F. . . ., constituirá o pequeno posto n.º 2, no alto de cota 233, com a missão de vigiar o terreno bastante coberto entre a linha d'agua de *O* da Quinta dos Garfos e o caminho para Enxara dos Cavalleiros, exclusivé, merecendo-lhe especial cuidado o caminho a 100<sup>m</sup> a *O* do *C* das Raymundas, e a ravina que do *C* do Serapião desce para *N*. Terá duas ordenanças de cavallaria que, ao instalar-se, se lhe apresentarão.
- g) Estabelecido o serviço de noite, o posto especial de reconhecimento passará a ter o n.º 3.
- h) Em caso de ataque resistirão nos altos de cota 233 e 238, até lhes ser ordenada a retirada, que será feita, a do pequeno posto n.º 1 sobre o alto de cota 237, a *NE* do Caldeireiro, e o n.º 2 para a trincheira-abrigo entre o dito casal e aquelle alto. O posto especial n.º 3 retirará directamente sobre o Casal do Caldeireiro.

2.<sup>o</sup> A 4.<sup>a</sup> esquadra do 2.<sup>o</sup> pelotão dará 2 sentinellas dobradas, que serão collocadas immediatamente, para garantir a segurança do posto principal.

3.<sup>o</sup> O 3.<sup>o</sup> pelotão procederá immediatamente á organização defensiva do *C* do Caldeireiro, requisitando as ferramentas necessarias em Sapataria e Guia, e ligará o casal por meio de trincheiras-abrigos com a orla do pinhal a *L*.

4.<sup>o</sup> Os ranchos serão cosinhados no posto principal.

5.º Santo-senha e contra-senha (confidencial).

6.º Todos os relatorios e participacões me devem ser dirigidos para o C do Caldeireiro.

Dada verbalmente aos interessados.

F. ...

Cap.

(*Continua*)

X. Y.



## Pangermanismo e alliança militar dos povos latinos <sup>(1)</sup>

### I

Como os grandes blocos de gelo, fendidos n'um ponto, onde a acção colorifera determinou a liquefacção, veem a alluir-se, causando horriveis desastres as avalanches que se desprendem, assim tambem a vigente constituição social, minada n'um ponto, pela acção de ideias subversivas, ameaça desabar a esmo n'uma derrocada profundamente perigosa. Mas, d'essa queda, pesada e terrivel, não surgirão, por encanto e magicamente, novas instituições capazes de evitar, de prompto, todos os males vindos das antigas e ainda dos seus effeitos, ao rolarem desamparadamente feitas escombros, porque o abalo produzirá o cahos e a perda irreparavel de preciosas energias.

E, porque assim é, em these, a propaganda impla-

(1) Conferencia publica realisada no *Real Instituto de Lisboa* em 2 de janeiro de 1906.

cavel contra a instituição militar, alastrando-se, n'uma ou n'outra nação, em vez de preparar o reinado da Justiça, garantido pelo estabelecimento da arbitragem, como unico meio de resolver todos os pleitos internacionaes, apenas apressará a realisação dos sonhos de conquista, alimentado nos povos que lograram subtrahir-se á acção demolidora d'essa propaganda. O desarmamento constitue sómente um ideal factível quando realiado em virtude de accordo solemne e irrevogavel entre todas as potencias do mundo. De outra forma, surgindo isoladamente, como simples e unica consequencia de factos internos, será a brecha terrível, na autonomia das nações desarmadas, por onde poderá entrar, impune e rapinante, o invasor estrangeiro.

A ideia generosa e christã de que um homem não deve matar outro homem, aquecendo o coração, desfaz o gelo da indiferença pela vida alheia, que o egoismo social accumulou em seculos successivos, mas nada mais conseguirá do que a liquefacção parcial do bloco; de onde resulta este, ao tombar, poder ainda, pelas suas enormes dimensões, esmagar os que iniciaram a pretendida obra humanitaria. E, então, quando, por tal processo, a combatida instituição militar venha a extinguirse em todos os paizes civilizados, os povos que eram militarmente mais fracos permanecerão opprimidos pelos mais fortes, porque ao dominio pela força das armas terá succedido o que, necessariamente, resulta da fixação dos elementos estranhos, realisada com as facilidades proprias de um estado de conquista.

## II

A razão de ser da arbitragem internacional deve abordar-se directamente e não pelos quebrados atalhos do odio ao exercito. Não é desacatando as tropas que passam, como succedeu na Italia, nem prégando a deserção das fileiras, como acontece na França, que se evitam as calamidades da guerra: é evidenciando os absurdos e os prejuizos d'esse monstruoso meio de resolver uma contenda entre duas nações. Não é actuan-

do nas ruas e nas casernas que se consegue o appetido advento da Paz: é actuando nos que pensam, nos que governam, nos que representam os destinos dos povos, porque só esses a podem erguer como um facho triumphal. Todas as revoluções em que só vibre o sentimento serão incompletas, porque não ha obra social solida sem que o cerebro acompanhe o coração.

A guerra é ainda mais condemnavel do que o duello, porque os combatentes se vão chocar sem que a tenham ajustado, porque os seus effeitos aniquilam energias uteis, destroem riquezas abundantes e interrompem a marcha luminosa do progresso. Alem d'isso, não vence o que tem por si o direito e a justiça, mas o que dispõe de mais dinheiro e de melhores soldados; não triumpho a razão, o argumento, o trabalho e a sciencia, mas tão sómente a bala de maior poder perfurante, a couraça mais resistente, emfim, a força do fogo e do aço, com toda a crueza e brutalidade da sua pujança.

E, porque a revolta das consciencias contra a guerra é alvorada redemptora que surge de entre as caliginosas nuvens da ambição e do odio, que assombream ainda o firmamento dos destinos humanos, a corrente pacifica, como caudaes de luz promanados d'essa alvorada, vae envolvendo o espirito das individualidades mais proeminentes e que influem no governo dos povos. Por tal motivo, ao lado dos Congressos onde tomam parte illustres pensadores, organisam-se outras assembléas de maior raio de acção, como as de character interparlamentar, onde, de anno para anno, se apresentam mais apóstolos da nova Religião.

Mas essa corrente, deveras animadora, constitue, por si só, garantia de que as guerras estarão, para sempre, acabadas?

O facto da ultima lucta russo-japoneza se travar pouco depois da installação do Tribunal de Haya, prova que os povos, pelo menos os que são mais visado objecto de ambições, não devem, por forma alguma, encetar o desarmamento e sim melhorar os exercitos, palladio unico da sua integridade. Com effeito, a possibilidade de um perigo vago, proveniente do desencontro de

interesses das grandes potencias, transforma-se em probabilidade alarmante, se attentarmos, um pouco, no que se pensa e trama alem Rheno.

### III

Como desforço contra a derrota que o grande Napoleão inflingiu á Prussia, resolveu este paiz dominar o mundo. Depois de conquistar á Dinamarca o Schleswig e o ducado de Holstein, arrancou da Austria o sceptro da hegemonia, na antiga confederação germanica. Mais tarde, alargou a sua area com a Alsacia e a Lorena, prussianizando todos os estados que conseguiu reunir, em volta de si, sob o novo imperio germanico. Aproveitando a fecundidade da raça, lançou milhões de individuos para a Asia, Oceania, America e Africa.

Mas, é sobretudo na Europa que o viveiro allemão se multiplica assombrosamente, e com accrescimos superiores aos observados na propria America do Norte, para a qual convergem massas emigratorias do mundo inteiro. Assim, em 1816, apenas Berlim e Hamburgo contavam mais de 100:000 habitantes. 55 annos depois, 9 cidades attingiam esse numero; e, decorridos só mais 29 annos, são já 33 as cidades do imperio que comportam tamanha população. Alem d'isso, Berlim, Bremen, Stuttgart, Kiel e Essen augmentaram respectivamente, nos ultimos 5 annos, 12, 32, 40, 50 e 90% dos seus habitantes.

Accresce que a Prussia espera ainda submeter á sua influencia a Austria, a Suissa, a Belgica e a Hollanda, paizes que já chegaram a figurar n'um mappa da confederação, em 1915, que acaba de ser publicado!

Para realisar empreendimento tão audacioso é provavel que, falhando a diplomacia, Guilherme II recorra á força, tanto mais que esta consubstancia o pensar e o sentir de todos os allemães, porque resulta de uma irresistivel expansibilidade ethnica, dos calculos do commercio, dos interesses da industria, da tendencia de adquirir novos campos de acção para tantas energias, accumuladas pelo constante fluxo das escolas.

N'estes termos, o militarismo, na Allemanha, constitue uma consequencia e um caracterisado modo de ser social: d'ahi, o seu prestigio, o seu dominio e o verdadeiro culto de respeito e temor que o paiz lhe vota; d'ahi, tambem, o seu engrandecimento progressivo e a sua solidez perante as correntes que tão nocivas se tornam nos paizes onde não se realisam as referidas circumstancias.

Todos os allemães são incondicionalmente solidarios perante o ideal pangermanico, proclamado pela Prussia: os proprios socialistas, que aconselham os correli-gionários dos outros paizes a promoverem o desarmamento, arregimentar-se hão obedientemente á voz do seu imperador. Quando soar o clarim de guerra, despejar-se-hão os armazens e os *ateliers*, as officinas e os laboratorios, as repartições e os campos para se encherem as casernas. Não mais haverá nem commerciantes nem artistas, nem operarios nem sabios, nem burocratas nem lavradores, mas tão sómente soldados, promptos a saciar, em novos rios de sangue, a ardente sêde de con-quista que os devora.

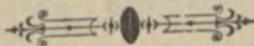
E, desde que o momento historico seja propicio a Guilherme II, desde que, do alto do throno, fundado nos despojos de Sedan, elle domine os Carpatos e os Alpes e os formosissimos prados da velha Flandres, a sua espada pesará mais, na balança dos destinos da Europa, do que o Direito e a Razão.

Para obstar a esse disequilibrio só existe um meio, que ha muito inflama os corações, faltando apenas que illumine tambem os cerebros: é collocar, no outro prato da balança, os canhões e as bayonetas latinas.

(*Continúa*)

ANTONIO CABREIRA

Cavalleiro da Legião de Honra



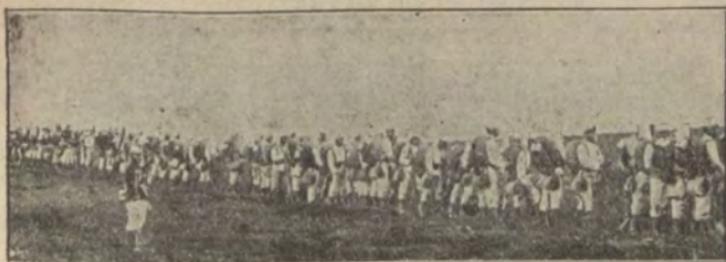
## Batalhão de Caçadores n.º 3

Conta corrente apresentada pela comissão encarregada de angariar donativos a beneficio da familia do fallecido tenente de caçadores 3 Manuel José Gonçalves

RECEITA	Impor- tancias	DESPEZA	Impor- tancias
Producto da kermesse no jardim publico . . . . .	178\$660	Entregue á familia para diversas despesas	25\$660
Idem da snbscrição aberta nos diversos corpos e estabelecimentos militares . . . . .	347\$780	Idem, idem . . . . .	12\$000
Idem d'uma recita no theatro Valenciano . . . . .	32\$000	Idem, idem . . . . .	12\$000
		Idem, idem . . . . .	10\$000
		Idem, idem . . . . .	12\$210
		Dispendido com o enxoval d'uma filha do fallecido para entrar no Instituto D. Afonso . . . . .	11\$100
		Idem, idem . . . . .	47\$795
		Pago para despesas da recita no theatro Valenciano . . . . .	3\$285
		Idem para papel sellado e sellos para certidões de habilitação ao Monte-pio . . . . .	2\$320
		Porte do correio e registo de documentos	\$070
		Pago por obrigações de 3 % que se adquiriram para a viuva e filhos . . . . .	19\$000
		Pago pela compra de livros para o filho mais novo . . . . .	3\$000
		Importancia depositada no Monte-pio Geral á ordem da viuva . . . . .	400\$000
		<i>Somma réis</i> . . . . .	558\$440

Das despesas effectuadas exist'em os respectivos documentos em poder da commissão, os quaes foram presentes á corporação. — Quartel em Valença, 31 de dezembro de 1905.

*Arthur Augusto da Silva*, major de caçadores 3; *José Augusto Cardoso*, capitão de caçadores 3; *João Evangelista Leite de Macedo*, tenente da administração militar.



## Secção do estrangeiro

**Bulgaria**—Vem a proposito agora, que houve, emfim, quem no nosso paiz pretendesse diminuir o seu já pequeno exercito, mostrar como procedem as nações da Europa, mesmo aquellas que são mais pequenas do que nós, em territorio e em população, mas que tem a nitida comprehensão do alto dever patriotico de conservar forte e valorizado o exercito.

Assim a Bulgaria, que conta apenas 3.733:189 habitantes, segundo o ultimo censo que temos presente (1900) e dos quaes só 2.504:000 é que são bulgaros, tem procurado augmentar successivamente o seu exercito até ao ponto florescente em que se encontra hoje.

Segundo Lauth, o exercito bulgaro compunha-se de 6 divisões de infantaria (1903), hoje, a sua constituição é a seguinte, em tempo de paz:

*Infanteria:*

9 divisões, 18 brigadas, 36 regimentos;

1:800 officiaes;

30:752 praças.

*Cavallaria:*

1 regimento da guarda, 4 regimentos do exercito e 6 grupos de cavallaria divisionaria;

206 officiaes;

4:294 praças.

*Artilheria:*

9 regimentos de artilheria de campanha, 3 grupos de artilheria de montanha, 3 baterias de artilheria de posição;

469 officiaes;

8:034 praças.

Cada regimento tem 6 baterias a 4 peças, mas em breve vai passar a ter 9 baterias.

*Engenharia:*

9 batalhões de sapadores, 1 batalhão de caminhos de ferro e 1 companhia de pontoneiros;

151 officiaes;

4:201 praças.

Não fallando na milicia nem nas reservas, o exercito bulgaro conta actualmente, no pé de paz, 4:951 officiaes, 7:423 sargentos e 44:270 soldados.

Note-se que este exercito, que é muito mais do dobro do nosso actualmente, pertence a um paiz que tem metade da nossa população.

Depois d'estes algarismos o que ha a fazer-se é diminuir ainda o nosso pequeno exercito.

**China** — Não ha a mais pequena duvida de que a China tomou, no momento presente, a resolução de organizar o seu exercito á europeia, creando escolas militares no imperio, fazendo manobras de outomno de divisão e de corpos do exercito, e enviando para a Europa missões de officiaes para praticarem nos exercitos europeus.

No exercito austriaco estão 10 officiaes, e de Nankim partiram mais 13 officiaes destinados á Inglaterra e á Allemanha.

Um grande numero de jovens chinezes foram admittidos no corpo de cadetes da marinha japoneza para ahi fazerem a sua instrucção technica.

A China procura progredir e ninguem póde prevêr até que ponto esse facto poderá influir na politica da Asia e nos destinos do mundo.

E' o despertar de um colosso.

**Allemanha** — Continua a enviar soldados para a guerra do Sudoeste Africano, chamada a «guerra perpetua».

De Hamburgo partiram 600 praças no mez findo e dois novos batalhões um de 750 e outro de 600 praças, bem como 1.000 cavallos estão promptos a embarcarem no presente mez.

Desde o principio da guerra até hoje tem a Allemanha enviado para o Sudoeste Africano mais de 14.000 homens.

\*

O maior soldado do exercito allemão mede 2 metros e 39 centimetros de altura e ainda não tem 20 annos.

Pertence á 1.<sup>a</sup> companhia do 10 regimento da guarda de guarnição em Potsdam.

**França** — O governador militar de Paris já deu as suas instrucções para a execução de manobras de guarnição no corrente anno com as tropas dependentes do seu commando.

Os generaes commandantes da 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> divisões, o general commandante da 5.<sup>a</sup> brigada de infantaria (Saint-Denis) e o general commandante do departamento do Sena são encarregados de organizar manobras de guarnição com quadros e com tropas.

Estas manobras não teem epocha determinada.

Executam-se quando os generaes commandantes assim entenderem conveniente, não devendo comtudo cada manobra ir alem de dois dias senão excepcionalmente.



# REVISTA DE INFANteria

## Os quadros da infantaria

Ficis ao cumprimento do nosso dever, não podemos deixar de continuar e tratar a questão dos quadros da nossa arma. Já temos demonstrado por varios processos que os quadros da infantaria estão naturalmente desfavorecidos em relação aos das outras armas. Já mostrámos tambem que a relação de subalternos e capitães para officiaes superiores é demasiadamente grande, razão porque nas outras armas se ascende rapidamente a coronel, tendo por unica excepção os actuaes tenentes de artilheria que são victimas, não do desfavor da constituição dos quadros da sua arma, mas unicamente do excesso ou extraordinario numero de candidatos em alguns cursos.

O que é um facto, cuja veracidade temos provado por varios processos, incluindo o processo graphico, é que as outras armas estão notavelmente beneficiadas nos postos superiores. E como isso não se dá na infantaria, poucos são os que lá podem entrar, porque havendo uma grande desproporção não ha n'esses postos logares para todos. Mas para que a veracidade d'um facto fique mais uma vez evidenciada, vamos hoje tirar

as mesmas conclusões, empregando um processo differente, o que serve até para confirmar os processos anteriores. A infantaria está tão desfavorecida que por qualquer caminho que se siga chega-se sempre ao mesmo fim, á mesma conclusão.

Pelo quadro que segue se ha-de concluir que a infantaria é a que tem menos officiaes superiores em relação aos seus subalternos, porque para 1 coronel ha 13, e para 1 tenente-coronel outros tantos subalternos, emquanto que nas demais ha apenas 11, 12 e 4,8.

#### Relação dos subalternos para os outros postos até coronel

Relação de subalternos	Engenharia	Artilheria	Cavallaria	Infanteria
Para capitães.....	1,2/1	2/1	2,27/1	2/1
Para majores.....	4,8/1	10/1	7,2/1	7,5/1
Para tenente-coronel e coronel....	4,8/1	12/1	11,3/1	13,4/1

Por este quadro que segue, formulado de posto para posto, vemos que identico desfavor se accentua em todos elles, como é facil de vêr pelo confronto de uns para os outros postos e armas.

#### Relação de cada posto para o immediatamente superior

Relação de	Engenharia	Artilheria	Cavallaria	Infanteria
Sub. para capitão	1,2/1	2/1	1,2/1	2/1
Capitão para major	4/1	3,1/1	3,1/1	3,8/1
Maj. para tenentes cor. ou coroneis	1/1	1,2/1	1,6/1	1,70/1

Confrontemos agora esses dois mappas com o mappa que segue e no qual se indica os officiaes que existem

a mais ou a menos nos postos das differentes armas em relação á percentagem com que cada uma das armas entra na composição geral do exercito e vêr-se-ha como uns e outros se completam.

Estado actual dos quadros em relação ás percentagens com que as differentes armas entram na composição do exercito

Postos	Quadros que ha presentemente na							
	Engenharia 6,1 0/0		Artilheria 16,3 0/0		Cavallaria 13,8 0/0		Infanteria 60,4 0/0	
	A mais	A menos	A mais	A menos	A mais	A menos	A mais	A menos
Coroneis	4,4			0,3	1,1			7,7
T. coroneis	4,3			0,3	1,1			7,7
Majores	1,4			5,1	2,5			0,1
Capitães	7			2,1		4,6		1,7
Subalternos		16,1	8,7			14,0	19,2	

A relação indicada n'aquelles dois primeiros quadros apparece-nos n'este mappa por uma forma tão clara e precisa que dispensa commentarios e apreciações. E' o que os numeros indicam e que bem claramente mostram o desfavor que a nossa arma tem soffrido.

Estes calculos teem apenas sido feitos em relação ás outras armas para mostrar a forma tumultuaria, alheia de regras e principios, quasi caprichosa, com que se teem entre nós alargado os quadros das diversas armas. Era este um assumpto que dava margens a larga critica. Limitar-nos-hemos, porém, a apontar o facto e a dizer que é a infantaria a arma que sempre tem vivido esquecida e abandonada.

Mas, se com esses processos que temos seguido temos mostrado bem claramente a falta de equidade com que estes assumptos teem sido tratados e as injustiças que se teem praticado, vamos agora apontar o erro quasi de lesa-patria que se tem commettido. Com relação ás outras armas provado fica que a infantaria está em uma notavel inferioridade. Agora vamos vêr se esse desfavor não lhe tem tirado os elementos de que necessita. Pelo lado da justiça é evidente que temos razão; agora vamos vêr se pelo lado pratico podemos tirar identica conclusão.

O exercito é feito para a guerra e é com esse fim que as armas devem estar organisadas e constituidas. Ora, terá a nossa arma os quadros sufficientes para uma mobilisação geral? Evidentemente que não tem. Nós já dissemos (1) que a desproporção de quadros que existe era proveniente da circumstancia de estarem muitos serviços, principalmente os de recrutamento e reserva, defficientemente organisados, e já tivemos tambem occasião de mostrar que se essas defficiencias desapparecessem não só se collocava a nossa arma em condições de bem se desempenhar da sua missão, sendo portanto um dever patriotico fazel-o, mas que tambem ficavam os seus quadros na mesma proporção das outras armas, o que era portanto um acto de justiça e de equidade.

Novamente voltaremos a esse assumpto. Hoje, porém, limitar-nos-hemos a transcrever, com a devida venia, um quadro que a *Revista de Cavallaria* publicou a respeito d'um assumpto identico. Ora, segundo aquelle nosso presado collega os quadros que deviam ter cada arma, são os indicados no mappa que segue:

---

(1) Vidè o n.º 7 de 1905.

## Quadros necessários para uma mobilização geral

Postos	Postos			
	Coroneis	T. coroneis	Majores	Capitães
Infanteria.....	64	64	128	384
Cavallaria.....	16	16	32	96
Artilharia.....	16	16	32	96
Engenharia.....	10	10	20	60

Confrontando os numeros achados pelo nosso collega — *Revista de Cavallaria* — com os que nós pediamos para a nossa arma, podemos organizar o seguinte

Postos	Quadros que ha actualmente na infantaria	Quadros que devia haver em relação aos das outras armas	Quadros necessários para mobilização geral	Diferença para a infantaria em relação aos quadros das outras armas	Diferença em relação aos quadros necessários para mobilização
Coroneis.....	49	66	64	17	15
Tenentes coroneis	49	66	64	17	15
Majores.....	86	100	128	14	42
Capitães.....	324	379	384	54	60
Subalternos.....	656	736		82	

quadro pelo qual se vê a razão que nos assistia. Haja, pois, vontade de pôr a nossa arma em condições de de bem servir o seu paiz e justiça ser-nos ha feita.



## A evolução da tactica de infantaria

(Continuação)

Segundo Ardant du Picq, a acção d'um exercito, d'uma tropa sobre outra tropa, é ao mesmo tempo acção moral e acção material. A acção material d'uma tropa é a sua potencia de destruição; a acção moral o temor que essa potencia inspira.

No combate duas acções moraes, mais do que duas acções materiaes estão em presença; a mais forte predomina; muitas vezes o vencedor soffre pelo fogo maiores perdas do que o vencido; a acção moral não se exerce sómente em rasão da potencia de destruição, real, effectiva; exerce-se sobretudo em rasão de uma presumida potencia, que sob a forma de reserva geral, ameaça renovar o combate com tropas frescas apparecendo á direita, á esquerda, envolvendo ou torneando, atacando de flanco ou de revez.

«A força ou acção moral, diz o marechal Bugeaud, pareceu-me sempre superior á força physica».

A potencia da força moral nasce da confiança que se sabe inspirar aos seus subordinados, engrandece pelas acções de tacto, de intelligencia e de coragem.

No combate é indispensavel um brilhante exemplo de valor e de sangue frio para insufflar ou incutir a força moral aos subordinados.

Uma analyse mais demorada, senão um estudo aprofundado do combate, mostraria que, desde a mais remota antiguidade até os tempos modernos, alem dos sentimentos elevados, a honra, o amor da patria, o espirito do dever que vivificam e exaltam os exercitos, — os meios em geral empregados para pôr em acção as forças moraes, quer levan-

tando as proprias, quer promovendo a sua depressão no campo adverso, consistiam no emprego de ataques de flanco ou de revez, em um movimento inesperado bem dirigido, ou na exhibição de qualquer invento novo que determinasse um effeito de surpresa no adversario.

Foram as forças moraes vivamente sobreexcitadas, o sentimento do dever civico, o patriotismo e uma abnegação stoica, levadas até aos paroxismos do sacrificio, que tornaram heroes, quasi santificados, os spartanos que, sob o commando de Leonidas se immortalisaram nos desfiladeiros das Thermopilas.

A prodigiosa campanha de Alexandre contra os Persas foi assignalada por feitos épicos em que a acção moral teve sempre logar preponderante.

As batalhas de Granico, d'Issus e de Arbella comprovam exuberantemente esta asserção.

Annibal, astucioso general carthaginez, foi insigne no emprego de todos os meios que podessem augmentar a força moral das suas tropas e exercer uma acção depressiva, por vezes esmagadora, sobre os seus temiveis adversarios.

Só a sua inexcedivel habilidade, prestigio e ascendente sobre as tropas podem explicar como elle conseguiu sustentar-se durante 17 annos successivos em guerra aberta nos territorios da poderosa Roma.

Em Trebia prepara elle com mão de mestre uma emboscada a que se deixou arrastar o consul romano Sempronius, que, no ardor da batalha, foi surprehendido por um vigoroso ataque de retaguarda, dirigido por Magon, irmão do general carthaginez.

Em Trasimeno consegue attrahir o consul Flaminius a um desfiladeiro, proximo d'um lago, onde foi envlvido por todo o exercito carthaginez, que ahi obteve uma assignalada victoria pelo destroço completo do exercito romano.

No dia da batalha de Cannas, o simples facto de Annibal haver feito distribuir camisas de linho côr de purpura ás tropas ibéras, que assim se destacavam dos gaulses nós, levou o espanto, occasionando uma grande depressão moral nas fileiras romanas.

A habil disposição da sua ordem de batalha, levando

em germen o premeditado envolvimento do exercito romano, que a cavallaria de Asdrubal encheu de pavór ao atacal'o pela retaguarda, revella a sagacidade do general cartaginez, sempre fertil em expedientes para dominar pelo terror, por uma pressão moral elevadissima, os seus terri-veis adversarios.

Annibal foi, afinal, vencido por Scipião, o Africano, em Zama, mercê do envolvimento tactico realisado pela cavallaria de Masinissa, que o atacou de flanco e de revez.

Na batalha d'Aix contra os Teutonicos, Mario conseguiu surprehendel-os pela retaguarda, fazendo uma espantosa carnificina em que pereceram 100:000 teutonicos e 300 romanos, apenas.

Em Cheronêa, Sylla dispõe apenas d'um effectivo inferior á terça parte do exercito de Archeláus, que se elevava a 110:000 homens; conseguiu, no emtanto, atacal-o de surpresa pela retaguarda e infligir-lhe uma grande derrota.

Cesar, o conquistador das Gallias, recorreu com frequencia a ardis de guerra, que desmoralisavam o adversario, a quem rapidamente vibrava o golpe de misericordia. Nas suas campanhas contra os gauleses, os helveticos, os belgas, germanos e bretões teve largo ensejo de revelar as suas eminentes qualidades de general consummado, mas as suas superiores concepções affirmam-se com notavel brilho na batalha da Pharsalia, onde o grande Pompeu, seu adversario, dispunha d'um effectivo duplo, o que não lhe evitou um completo destroço, mercê das habeis disposições de Cesar, que desconcertou o inimigo apresentando-lhes soldados infantes intercallados com os cavalleiros de cada cohorte a quem auxiliaram efficazmente no desbarato da cavallaria adversa. A ala esquerda de Pompeu, atacada na retaguarda por um habil movimento de Cesar, perdeu a força moral, possuindo-se d'um terror panico, que determinou a sua debandada, garantindo a victoria a Cesar.

Este grande homem de guerra devia, em parte, os seus successos aos meios moraes que empregava com superior discernimento; possuia em alto grau o conhecimento do moral do combate e do moral do soldado, tendo o grande

merito de saber tirar partido dos menores incidentes e peripecias do combate para exaltar a força moral do seu exercito e abater a do adversario. Na idade média, Mahomet, mais do que nenhnm outro chefe de exercito, soube pôr do seu lado o ascendente moral que lhe facilitou a série ininterrompida de victorias com que illustrou o periodo da sua dominação.

Nos tempos modernos, é facil constatar a acção dos effeitos moraes no resultado das grandes batalhas.

Em 1525 Carlos V destroça em Pavia o exercito francez de Francisco I, cuja força moral ficou desde o principio abalada em presença do arcabuz aperfeiçoado da infantaria hespanhola.

As victorias de Gustavo Adolpho foram em parte devidas a effeitos de ordem moral, derivados das notaveis modificações introduzidas no seu exercito.

A imposição do uniforme, que data d'esse tempo, o aligeiramento da artilharia e o aperfeiçoamento do mosquete, o uso de cartuxos feitos e a adopção da patrona para os conduzir, a suppressão das armas defensivas e a redução da profundidade da infantaria a 6 fileiras, tudo concorreu para dar ás formações maior mobilidade e maior rapidez no carregamento, garantindo a superioridade ou preponderancia do fogo sobre o adversario, cujo moral era profundamente affectado perante a disciplina e as innovações que o exercito sueco ostentava na guerra dos trinta annos.

Condé e Turenne foram eximios em saber tirar todo o partido dos factores moraes, e habilissimos nos movimentos tacticos ou manobras que no campo de batalha desconcertavam os adversarios, occasionando-lhes uma depressão moral accentuadissima.

O movimento envolvente de Condé em Recroi, levado a fundo com uma energia inexcedivel, demonstra a grandeza do seu golpe de vista, a concepção rapida e a execução prompta, caracteristicos d'este celebre general do seculo XVII.

Frederico II, da Prussia, introduzindo sensiveis modificações no armamento e reduzindo a profundidade das formações de infantaria a tres fileiras, lançou os fundamentos

da famosa tactica linear, que, pelos seus effeitos materiaes e moraes, tão fecundo resultado proporcionou ás armas prussianas, preparando o engrandecimento rapido d'esse pequeno estado da Europa central.

As guerras da revolução franceza, marcando uma nova phase na evolução da tactica, conduziram á suppressão da «tactica linear» com as suas formações rigidas, substituindo-a pelo emprego dos atiradores em grandes bandos, cuja mobilidade confundia o adversario, deprimindo-lhe o moral e facilitando as successivas victorias dos exercitos republicanos, animados de sentimentos patrioticos levados á sua maxima exaltação.

Nas guerras do consulado e do imperio, os exercitos francezes tiveram quasi permanentemente a força moral do seu lado, devido ao alto prestígio do maior genio militar dos tempos modernos: *Napoleão*.

No entanto, em acções renhidas no periodo do imperio tornou-se necessario recorrer ao campo de batalha a formações que garantindo o effeito material, levantassem tambem o moral das tropas, abatendo o das inimigas.

As enormes massas que constituíam as columnas de ataque em Eylau, em Waterloo e na ultima batalha de Plewna, fortes e pezadas na sua acção offensiva, materialisavam tambem a concepção d'um poderoso effeito moral, que se pretendia obter sobre o adversario.

Na época actual, as espingardas de tiro rapido e sem fumo elevaram ao seu ponto culminante a importancia do combate de atiradores, revestindo-o d'uma forma nova, em que cada soldado deve actuar individualmente na plenitude da sua vontade e da sua independencia para alcançar o inimigo e destruil-o.

«O combate offensivo da infantaria, diz o coronel von Lindenau, precisará no futuro mais do que nunca da utilização intensa de todas as vontades individuaes.»

As novas armas são quasi sem valor nas mãos de soldados de coração fraco, seja qual fôr o seu numero.

Em contraposição, a potencia desmoralisadora do tiro rapido e sem fumo manifesta-se sobre o adversario com tanta mais força, quanto mais coragem, serenidade e energia possuir cada combatente. E' para o desenvolvimento

das forças moraes da nação que se torna indispensavel trabalhar.

Essas forças sustentarão mais tarde o soldado na angustiosa prova da batalha, onde a morte vem do invisivel.

Os ensinamentos colhidos na recente guerra sul-africana e na lucta sangrenta que tem convulsionado o Extremo-Oriente veem comprovar plenamente esta asserção.

O guerrilheiro boer com a sua educação civica impregnada dos sentimentos religiosos e patrioticos, que lhes avigoraram a coragem, o espirito de abnegação e de sacrificio, mostrou ao mundo inteiro como um povo viril e digno, cioso da sua integridade, sabe defender a ultima das suas liberdades.

ADRIANO BEÇA

Major d'infanteria 10

---

## Ensinamentos tacticos da guerra russo-japoneza

---

O capitão Niessel, do exercito francez, soccorrendo-se do que sobre a guerra russo-japoneza publicou a imprensa allemã, austriaca, suissa, russa e franceza, coordenou, em volume, tudo quanto de util e interessante, para os officiaes de todos os exercitos, se tem podido até agora apurar d'essa grande lição da ultima guerra.

Esse livro é digno de ser lido e estudado.

Nós, porém, para maior commodidade dos nossos camaradas, limitamo-nos a apresentar aqui o resumo do relatorio da 35.<sup>a</sup> divisão do exercito russo, na Mandchuria, no tocante á accção da infanteria no combate, relatorio que foi publicado no *Rousskii Invalid*.

Este resumo é extrahido da *France Militarie*.

\*

O modo de acção da infantaria no combate está dependente dos effeitos do fogo da artilheria e do seu proprio fogo.

As espingardas de tiro rapido actuaes teem todas sensivelmente a mesma potencia destruidora.

O fogo da espingarda, por poderoso que elle seja, não basta para aniquillar um adversario que possa substituir as suas perdas e reiterar os seus esforços; o successo pertence áquelle que conserve *por mais tempo* a energia, e fique o ultimo com aptidão para continuar o combate.

A superioridade numerica, no ponto decisivo, juncta ao espirito da offensiva e á tenacidade dará sempre o successo mesmo a custo das maiores perdas.

Mas é preciso que essa tenacidade seja racional, consciente da sua força, da excellencia das disposições tomadas e da sua oppor-tunidade.

A bayoneta conserva todo o seu valor, mas o seu emprego não é tão frequente como no passado o foi.

\*

\* \*

*Distancias e especies de fogo* — Com a espingarda actual, se tivermos bastantes cartuchos á nossa disposição, podemos causar perdas desde 2:200 metros de distancia sobre grandes objectivos. Entre 1:800 e 1:500 metros o fogo por descargas executado com a alça exacta dá bons resultados, e tem um grande effeito moral. A partir de 1:200 metros, deve começar o fogo dos atiradores, porque como cada partido emprega grandes esforços para se abrigar, não ha mais objectivos a esta distancia proprios para o fogo por descargas. Os objectivos são difficeis de distinguir; é preciso, quando elles se desmascaram, utilizar esta falta o mais rapidamente possível servindo-se do fogo de repetição.

Aquem de 1200 metros não pôde haver senão o fogo de atiradores, variando a sua intensidade conforme as ordens dos gradua-dos, ou conforme a *iniciativa pessoal dos atiradores*. E' preciso pois preparar as praças cuidadosamente para poderem fazer um largo uso dessa iniciativa.

Quando se pôde operar sobre um inimigo de flanco, produz-se sempre uma grande desordem na tropa assim atacada, «e quando se pôde marcar alguns pontos sobre a posição da linha adversaria torna-se possível lançar nesses pontos uma chuva de balas». Este foi o habitual processo de combate da infantaria japoneza. A' medida que a distancia diminue, distinguem-se melhor os objectivos, mas a nervosidade augmenta.

«Visar com precisam nos ultimos 400 e 300 metros é muito difficil, e de ordinario as balas passam por cima das cabeças para irem bater o terreno para traz.» E' então que a metralhadora, em

razão da sua fixidez, adquire uma enorme potencia; ella ceifa as linhas do assaltante.

«O seu crepitar egual e calmo, no meio do fremito nervoso do combate, produz uma grande impressão. E' nesta occasião que bem se avalia o enorme effeito moral da metralhadora.»

\* \* \*

*O consumo de munições é enorme.* — Um dos regimentos da 35.<sup>a</sup> divisão (o 138) queimou, por exemplo, entre 13 e 17 de outubro, 1.920.730 cartuchos. Portanto, não houve na 35.<sup>a</sup> divisão falta de cartuchos, mas é preciso velar com o maior cuidado pelo seu reabastecimento.

A precisão e a rapidez do tiro não podem, em razão da invisibilidade das formações, ser plenamente utilizadas senão com o auxilio de um bom serviço de observação. Os atiradores asseguram esta observação sobre a frente feita a pequena distancia. Durante os momentos em que o combate enfraquece é preciso encarregar, em cada secção, um homem para fazer observações, procurando utilizar todos os pontos favoráveis, como arvores, casas, etc., sobre os flancos, ou mesmo por detraz do inimigo devendo ir munido de um binoculo. «Sómente a observação incessante permite não perder de vista o inimigo e tirar partido das suas menores faltas.»

Não se póde considerar como terreno abrigado senão aquelle que escapa completamente ás vistas dos observadores inimigos.

*Chegada á zona do combate possível.* — A 5, 6, ou mesmo a 7 kilometros do campo de batalha, abandona-se a formação de columna de estrada para tomar-se formações concentradas, em harmonia com a forma do terreno, afim de se subtrahir ás observações do inimigo. O commandante da columna ou se aproxima do chefe das tropas já em acção, ou se lança para a frente em reconhecimento, se não tem ninguem á sua frente. As tropas chegadas em formação concentrada cobrem-se na sua frente e flancos por postos de segurança que devem impedir as patrulhas inimigas de ver, devem reconhecer o terreno e assegurar a ligação com as tropas visinhas. Para o batalhão e regimento estes postos são de uma secção reforçada por 3 ou 4 esclarecedores a cavallo; lançam-se de kilometro e meio a 2, intrincheiram-se, organisam o serviço de segurança e ligam-se por patrulhas.

Só então é que a tropa póde estar tranquilla e repousar. Estes postos são muito uteis no desenvolvimento do combate formando pontos de apoio aonde a observação e a ligação são organisadas de antemão.

*Entrada na zona do fogo.* — A 5 ou 6 kilometros das posições de artilheria os batalhões separam-se por companhias e estas marcham em columna de secção de costado com intervallos de 30 a 40 passos. Se existem abrigos naturaes no terreno utilizam esses abrigos sem ter em attenção nem distancias nem intervallos, procurando, comtudo, evitar uma despensão exagerada.

Continua-se assim até se entrar na zona do fogo de infantaria (1500 metros em terreno descoberto). Os terrenos descobertos batidos são atravessados por secções ou por grupos, ou ainda por homens isolados. Todos os officiaes montados apeiam-se para não denunciarem a sua tropa. Cada companhia regula a sua marcha sem querer saber de alinhamentos, notando apenas de preferencia as posições que seriam commodas para a defesa se o inimigo tomasse a offensiva antes que as companhias vizinhas não tivessem acompanhado o movimento para a frente «Esta especie de alinhamento de combate garante ao batalhão uma preparação constante para repellir toda a tentativa do inimigo para obstar ao movimento offensivo, e dá a possibilidade, em caso de necessidade, sob a protecção do fogo d'estas companhias, de reforçar sem precepitação a linha de combate por meio de fracções da reserva.»

Entrando na zona do fogo os capitães avançam para a frente para reconhecerem o seu sector (pontos de observação, abrigos, posições de tiro ou de paragem da cadeia, etc.). Emquanto o terreno encobre a companhia ás vistas do inimigo, continua-se na mesma formação; depois as companhias desenvolvem-se em atiradores. Chegado este momento o capitão faz conhecer a direcção e a extensão do sector da companhia, designa as secções que devem constituir a cadeia de atiradores e envia duas ou tres patrulhas sobre a linha fixada para o desenvolvimento. «Quando estas patrulhas fazem signal que se póde avançar, o commandante da cadeia envia grupos isolados para a frente. Estes grupos dessimulam o avanço para não chamarem a attenção do inimigo e tomam sobre a posição intervallos de 30 passos pouco mais ou menos. Examinam o terreno, escolhem uma zona propria para o tiro e deitam-se. Os chefes de secção desenvolvem a sua secção fóra das vistas do inimigo, e lançam-na em seguida para a frente, seja toda de uma só vez, seja aos grupos ou ainda homem por homem. Os cabos marcam o logar das suas esquadras. As rectificações a fazer são sempre pouco importantes e devem ser feitas deitados. *E' preciso evitar com cuidado as idas e vindas que acompanham de ordinario o desenvolvimento.*...

A cadeia destaca então os seus observadores, um ou dois por secção.

*Marcha para a frente.* — Continua-se avançando pelo mesmo processo até á distancia entre 600 e 450 metros sem fatigar as praças, evitando-se até aonde se poder, lançar mão dos *lanços á carreira*.

Em geral, a abertura do fogo de uma nova posição não começa senão quando todos abi chegam, para não attrahir o fogo do inimigo antes da cadeia estar installada. A's pequenas distancias debaixo de um fogo violento e quando o movimento não pode mais effectuar-se ao abrigo das vistas do inimigo, as praças que teem já feito um lanço ou rastejado para a frente, abrem, pelo contrario, um fogo vivo para proteger o movimento dos outros.

A 450 ou 400 metros cada praça deve completar a sua dotação de cartuchos. Os chefes de secção designam o local da futura posição e os homens procuram individualmente ganhá-la correndo ou rastejando. *«Então os chefes de esquadra devem ser os ultimos a fazer o movimento depois de terem a certeza de que todos os seus homens estão bem collocados na frente.»*

Com um fogo em massa violento, executado em cada um dos altos da cadeia, bate-se a posição inimiga; continua-se este fogo até a mais curta distancia. O ataque á bayoneta torna-se então factível. *A cadeia torna-se, é verdade, visível, mas os nervos do adversario abrigado estão de tal forma excitados que elle não está em estado de lhe poder infligir perdas.»*

O assalto executa-se quando sufficientemente preparado pelo fogo, ou quando as fracções destinadas a atacar o flanco estão promptas a entrar em acção.

O fogo é levado ao seu maximo de intensidade, as secções das companhias da cadeia que ainda não estavam na linha de fogo avançam para o seu logar no combate. As companhias de reserva aproximam-se o mais possivel. Entre 35 e 25 metros do inimigo avança-se á carreira gritando *hourra*.

Depois de ter desalojado o inimigo a cadeia presegue-o á bayoneta durante 100 a 200 passos, parando em seguida e continuando a perseguição por meio do fogo de repetição. A reserva continua o movimento offensivo; uma das suas fracções assegura a occupação do ponto de apoio tomado.

Um fogo violento de shrapnelles executado no ultimo momento, de enfiada se é possivel, batendo no momento do assalto o terreno immediatamente atraz da posição adversa, facilita a execução do assalto.

«E' preciso contar que o assalto custa grandes perdas. *Mas adquirida uma vez a superioridade das forças sobre o ponto atacado, o assalto deve ser coroado de exito se o assaltante esta em condições de poder renovar o ataque grande numero de vezes. E' na escolha feliz do ponto de ataque que está o poder-se compensar pela sua influencia sobre a situação geral as perdas soffridas.»*



## QUESTÕES D'ORGANIZAÇÃO MILITAR

(Continuado do n.º 11—1905)

### Calculo do contingente annual

O contingente votado annualmente pelas côrtes é evidentemente uma funcção dependente d'uma variavel, a qual tem provocado discussões acaloradas ácêrca da melhor maneira de fixar-lhe o seu valor.

Esta variavel é a duração do tempo de serviço activo.

Esta questão, tão debatida nas principaes nações, o que põe sobretudo em evidencia é a necessidade de attender a dois factores: instrucção e educação do soldado.

São estes que determinam o praso minimo de 2 annos de serviço para a infantaria e de 3 annos para as armas montadas.

Nós fixamos o factor 3 indistinctamente para as diversas armas. Estabelecido este numero, facil é por meio da formula geral

$$A = c (1-\delta) (1-\delta') \frac{1-(1-\delta')^3}{1-(1-\delta')} \dots\dots\dots (a)$$

sendo:

A, forças activas; c, o contingente annual;  $\delta = 0,03 = \delta = 0,04$

deduzimos o valor do contingente annual c.

Esta formula, em tempos apresentada no antigo jornal de sciencias militares pelo illustre official do nosso estado maior sr. Barjona de Freitas, só poderá dar re-

sultados concludentes quando estejam determinados para cada paiz os valores  $\delta$  e  $\delta'$ .

Em Portugal, até esta data, ainda o nosso estado maior não conseguiu determinar estes valores para o nosso exercito, não sabemos bem o motivo, mas é certo que ainda são desconhecidos. Os valores  $\delta' = 0,03$  e  $\delta = 0,04$  são determinados para o exercito allemão e francez e é com elles que vamos applicar a formula geral para os calculos que se seguem.

Tinhamos encontrado um effectivo de paz igual a 50:280 homens, que se decompunha em duas partes: uma correspondente ás armas e outra correspondente aos serviços auxiliares.

A 1.<sup>a</sup> parte somma em 49:230 homens, distribuidos da seguinte fórma, como já indicámos:

Infanteria... ..	33:096
Cavallaria .....	5:820
Artilheria.....	8:180
Engenharia.....	2:134
Somma .....	49:230
A 2. <sup>a</sup> parte somma em	1:050
Total.....	50:280

A estes dois numeros temos de applicar a formula (a) em separado.

1) *Calculo do contingente para as armas.*

Substituindo na formula (a) os seguintes valores:

$$\begin{aligned} A &= 49:230 \\ \delta' &= 0,03 \\ \delta &= 0,04 \end{aligned}$$

temos

$$49:230 = c (1 - 0,03) (1 - 0,04) \frac{1 - (0,03)^3}{0,03}$$

$$c = \frac{49230}{2,71063}$$

$$c = 18161$$

ou  $c = 18:200$  homens para o contingente annual votado para as armas (sem remidos).

2) *Calculo do contingente annual para os serviços auxiliares.*

Applicando agora a mesma formula (a) para um valor de  $A = 1050$  temos

$$1050 = c (1 - 0,03) (1 - 0,04) \frac{1 - (1 - 0,03)^3}{0,03}$$

$$1050 = c \cdot 2,71063$$

$$\frac{c = 1050}{2,71063}$$

$$c = 387$$

ou  $c = 400$  para contingente annual dos serviços auxiliares.

Este numero é preenchido por 10 % dos individuos apurados para os serviços auxiliares.

Para podermos garantir o effectivo de paz indicado, seria necessario incorporar a mais, além do contingente acima correspondente a 3 partes do effectivo de paz uma percentagem, como fazem os allemães, que accrescentasse mais 9 % para compensar as falhas na incorporação. Achamos desnecessario esse acrescimo, pois que o systema de recrutamento regional permite facilmente chamar a tempo os supplentes, que vão preencher as vagas dadas e além d'isso es'as formulas que empregamos, já são formulas de correcção, dando ainda uma garantia superior a 9 %.

### Reservas

1.<sup>a</sup> reserva. — Estabelecido o effectivo do pé de paz e o do pé de guerra, vamos vêr como garantir a passagem do primeiro para o segundo.

Attinge-se este limite de elasticidade por meio da organização das reservas.

Querendo completar o effectivo de guerra com os elementos de 1.<sup>a</sup> reserva, temos que recorrer ás ener-

gias accumuladas pela machina militar durante a paz, sem que d'ahi tivesse resultado um augmento de despesa para o paiz.

Estas energias armazenadas e ao dispôr do paiz para um emprego opportuno, obtem-se, deduzindo de uma maneira racional qual deve ser a duraçào do tempo de serviço a que estão sujeitos os diferentes individuos vindos do activo.

Consideremos egualmente dois casos.

1.<sup>o</sup> — *Tropas pertencentes ás armas.*

Temos para isso que ir vêr qual a differença entre o effectivo de pé de guerra e o de pé de paz.

Esta differença dá-nos o numero das forças a mobilisar que se poderá representar pela formula

$$G - A = M$$

Mas em vez de *M* emprega-se na pratica  $M + Q$ .

Esta formula empirica é deduzida de simples dados estatisticos que dão uma garantia para compensaçào de perdas por motivo de doenças, ausencias, readmissões, etc.

Consideremos apenas as praças que hão-de completar os regimentos activos, ficando os de reserva para tratarmos mais tarde.

Representa na expressào:

$$M + Q$$

*Q* uma parcella que os allemães calculam em 25 % das forças a mobilisar.

Substituindo os dados que no nosso caso são:

G.	}	Infanteria.....	74:496
		Cavallaria.....	7:538
		Artilheria.....	17:194
		Engenharia.....	5:504
		Total.....	104:232

Tinhamos visto que

$$A = 49230$$

$$Q = (25\% \text{ de } G - A) = 25\% \text{ de } 55002 = 13750$$

$$M + Q = 55002 + 13750 = 68752$$

A formula applicada agora é a seguinte

$$M = c (1 - \delta) (1 + \delta)^3 \frac{1 - (1 + \delta)^n}{1 - (1 - \delta)^n} \dots \dots (b)$$

em que a unica incognita é o valor de  $n$ .

Substituindo os dados fica-nos:

$$68752 = 18200 (1 - 0,04) (1 + 0,03)^3 \frac{1 - (1 + 0,03)^n}{0,03}$$

$$= 18200 \times 0,96 \times 0,97^3 \frac{1 - 0,97^n}{0,03}$$

$$= 1 - \frac{2062}{18200 \times 0,9126}$$

$$0,97^n = \frac{14547}{16609}$$

$$0,97^n = 0,87$$

D'onde se vê que

$$4 < n - 3 < 5$$

Logo 5 annos na 1.<sup>a</sup> reserva são sufficientes para garantir o numero de individuos necessarios para completar o effectivo de guerra.

2) *Serviços auxiliares.*

Vamos applicar a mesma formula aos serviços auxiliares.

$$A = 1050$$

$$G. \left\{ \begin{array}{l} 3018 \text{ trem} \\ 630 \text{ administração militar} \\ 1014 \text{ saude} \end{array} \right.$$

$$5562 \quad Q = 25\% \text{ de } 4512 = 1128$$

$$M + Q = 4562 + 1128 = 5640$$

$$M + Q = 5640$$

$$5640 = 400 \times 0,96 \times 0,97^3 \frac{1 - 0,97^{n-3}}{0,03}$$

$$0,97^{n-3} = 1 - \frac{5640 \times 0,03}{400 \times 0,96 \times 0,97^3}$$

$$0,97^{n-3} = 0,53$$

d'onde

$$15 < n - 3 < 16$$

Logo, com o effectivo de paz tomado para os serviços auxiliares, terão essas tropas que servir 16 annos na 1.<sup>a</sup> reserva, para termos garantido um effectivo de 5:562 homens no acto da mobilisação.

2.<sup>a</sup> reserva.—Para organisarmos os regimentos de reserva, temos a attender a elementos de duas especies: individuos que terminaram o tempo de serviço na 1.<sup>a</sup> reserva, tendo, portanto, instrucção; e os que não a teem, vindo directamente para a 2.<sup>a</sup> reserva, a seguir ao recenseamento, tendo ligeiros periodos d'instrucção durante a paz.

A tendencia moderna na creação das unidades de reserva, é dar-lhes a maior homogeneidade e cohesão possivel e não agrupar ao acaso individuos de instrucção militar e edades muito differentes.

A melhor fórma de podermos obter entre nós esta homogeneidade, nos regimentos de reserva, como elles serão creados apenas com tropas da 2.<sup>a</sup> reserva, será destinar-lhes  $\frac{1}{3}$  do seu effectivo para ser constituido por individuos vindos directamente da 1.<sup>a</sup> reserva e os  $\frac{2}{3}$  restantes com os do 2.<sup>o</sup> grupo que apontamos.

Vejamos, pois, como havemos de garantir a constituição d'estas unidades.

O processo é ainda o mesmo, recorrendo á formula geral.

Como porém cada regimento d'infanteria em pé de guerra deverá possuir 3:014 homens, logo,  $\frac{1}{3}$  d'este numero ou 1:035 homens, são os que hão-de existir com instrucção, vindos da 1.<sup>a</sup> reserva.

Cada regimento d'infanteria em pé de paz vimos que tem 1:368 homens; logo temos que calcular pri-

meiramente o contingente annual relativo a um regimento d'infanteria, pela formula (a).

Substituindo os valores temos

$$1368 = c (1 - 0,04) (1 - 0,03) \frac{1 - (1 - 0,03)^3}{0,03}$$

$$1378 = c + 2,71063$$

$$c = \frac{1368}{2,71063}$$

$$c = 504$$

Vê-se, pois, que no numero total que achamos para contingente a incorporar annualmente, para manter o effectivo de paz, entram 504 individuos para cada regimento d'infanteria.

Mas no fim da 1.<sup>a</sup> reserva, ou no fim de 8 annos, vejamos a quantos individuos está reduzido este numero.

Podemos applicar a tabella de Lauth ou pela formula

$$C_8 = (1 - \delta) (1 - \delta)^7 + 504$$

$$C_8 = 0,96 \times 0,97^7 \times 504 = 390$$

$$C_8 = 390$$

Admittindo que o decrescimentto se conserve constante, temos agora os elementos para calcular: o numero d'annos de serviço para a 2.<sup>a</sup> reserva, pela formula (a)

$$\left\{ \begin{array}{l} C = 390 \\ A = 1035 \end{array} \right.$$

$$1035 = 390 (1 - 0,04) (1 - 0,03) \frac{1 - (1 - 0,03)^n}{0,03}$$

$$1035 = 390 \times 0,9312 \frac{1 - 0,97^n}{0,03}$$

$$0,97^n - 1 = \frac{1035 \times 0,03}{390 \times 0,9312}$$

$$= 1 - \frac{31}{363}$$

$$0,97^n = \frac{332}{363}$$

$$0,97^n = 0,91$$

$$3 < n < 4$$

Logo no fim de 4 annos temos garantido os regimentos de reserva, tendo estas 4 classes, posto á disposição d'estes regimentos  $\frac{1}{3}$  da constituição do seu effectivo com homens instruidos, que passaram pelo serviço activo.

(Continúa.)

J. S.

## Problemas tacticos

(Continuado do n.º 2—1906)

Dada esta ordem e enquanto as fracções incumbidas do serviço de dia, marcham a occupar os seus logares, o capitão deu a seguinte:

### Ordem de serviço para 17 de maio

(Para o posto principal)

(Postos avançados)

Casal do Caldeireiro em...

(Piquete n.º 2)

às... h. e... m. da manhã.

N.º 1

**1.º Modo d'estacionamento** — Acantonamento d'alarme, sendo permitido ás praças arrearem mochillas, conservando-se porém dentro do *C* do Caldeireiro, agrupadas por fracções, bivacando ao *S* do mesmo Casal, as que ali não couberem.

**2.º Alimentação** — Poderá ser consumida a ração de carne e pão, preparada hontem, logo que o serviço do posto principal esteja montado. Assim que o carro de viveres do batalhão tenha feito as distribuições, cosinhar-se-ha o rancho, que será distribuido quando estiver prompto (344 R. C.). A lenha, palha para cama e solipedes, será requisitada em Guia e Sapataria (340 R. C.)

Agua na fonte do alto da Serreira.

**3.º Medidas de segurança** — O posto principal pegará em ar-

mas ás 4 h. da manhã. Não é permittido accender fogos de bivaque.

**4.º Serviço movel** — Rondas: horas de sahida; ás 10 h. da tarde, 1 h. da manhã (alferes F... e 1.º cabo n.º...); ás 11 h. da tarde e 2 h. da manhã (2.º sargento F... e soldado n.º...); ás 12 h. da tarde e 3 h. da manhã, patrulha (1 cabo e 2 soldados da 4.ª secção).

Patrulhas de reconhecimento (duas) a n.º 1 do commando do 2.º sargento F... e 8 exploradores do 3.º pelotão; a n.º 2, do commando do 2.º sargento F. e 6 soldados da 4.ª secção; horas de sahida, as que opportunamente se determinarem.

**5.º Ordenanças de cavallaria** — Estas ordenanças darão de comer e beber ás montadas, devendo ter sempre um cavallo apparelhado, podendo porém desenfreal-os. Os cavallos serão recolhidos na cavallariça do Caldeireiro. As praças serão abonadas pelo 3.º pelotão.

Dada verbalmente.

F. ...

Cap.

Depois do capitão ter verificado a installação dos postos especiaes, aos commandantes dos quaes dispensou o relatorio da sua installação para o serviço de dia, e tendo ordenado á patrulha de cavallaria no cruzamento a *N* do Serapião, para alli deixar 2 cavalleiros durante o dia, junto do posto de reconhecimento, os quaes ás 6 h. e 30 m. da tarde se devem apresentar no pequeno posto n.º 2, onde ficarão, reunindo o 3.º cavalleiro ao posto principal, envia ao commandante dos postos avançados o seguinte:

Relatorio da installação do piquete para 17 de maio

(Postos avançados)

*C* do Caldeireiro em...

(Piquete n.º 2)

ás... h. da manhã.

N.º 1

#### Ac commandante dos postos avançados

O posto principal do piquete, no *C* do Caldeireiro, coberto por 2 sentinellas dobradas. Está sendo organizado definitivamente e construidas trincheiras-abrigos com intervallos, a ligar com o pihnal a *L*. Serviço de dia: posto especial (n.º 1), no alto da cota 258; posto especial de reconhecimento (n.º 2), no cruzamento do caminho a *NO*. do Serapião. Estabelecida ligação com a cavallaria dos postos avançados, e piquete n.º 3. Nada de novo ácerca do inimigo.

F...

Capitão.

A ligação a que se refere o relatorio foi feita pelas ordenanças de cavallaria do posto principal.

A's 3 h. e 5 m. da tarde, o capitão F. . . , recebe a seguinte :

### Ordem de postos avançados para 17/18 de maio

(Brigada *míxta*)  
Postos avançados)  
N.º 2

A dos Gallegos em...  
ás... h. e ... da tarde.

(2.º periodo n.º 181 R. C.)

I. — **Situação** — Continua a não haver noticias ácerca do inimigo. Os escalões da nossa brigada estacionam nos mesmos locais determinados na ord. n.º 8 de postos avançados.

II. — **Fim** — O esquadrão em postos avançados retirará ás 7 h. da tarde para A dos Gallegos e Guia, onde se estabelecerá em acantonamento d'alarme, devendo as fracções que acantonarem na Guia, prover á sua segurança. O esquadrão deixará 1 pelotão, como posto especial em Pero Negro, para continuar o serviço de reconhecimento durante a noite. (170 e 193 R. C.)

### III. — Disposições :

- a) As posições d'hoje serão retomadas ámanhã ás 4 h. da manhã, pelo esquadrão.
- b) Os piquetes de infantaria terão o serviço para de noite montado ás 6 h e 30 m. da tarde, restabelecendo o serviço de dia ás 4 h. e 30 m. da manhã.

### IV. — Local para onde devem ser dirigidas as communicações — A dos Gallegos.

Transmittida por escripto ao commandante da cavallaria dos postos avançados e commandante dos piquetes de infantaria.

F. . .  
Major.

A's 5 h. e 30 m. da tarde, depois dos homens terem comido o rancho, o capitão fez sahir o resto da 3.ª secção, a fim de ir reforçar o posto especial n.º 1, que passa a ser o pequeno posto n.º 1, e o 1.º pelotão para ir occupar o local determinado na alinea f) da ordem para a installação do piquete: (pequeno posto n.º 2).

A's 5 h. e 45 m. da tarde, o capitão, tendo entregado o commando do posto principal ao commandante do 3.º pelotão, foi verificar o estabelecimento do serviço de noite, com o qual se conformou; recolhendo ao posto principal, recebeu os relatorios de installação dos pequenos postos n.ºs 1 e 2 (558 e 561 do R. C. A.), que são do theor seguinte :

## Relatorio do pequeno posto n.º 1

(Piquete n.º 2) *Alto da cota 238 ao S. da Quinta dos*  
 (Pequeno posto n.º 1) *Garfos. em... ás... h. e... m. da tarde.*  
 N.º 1

## Ao commandante do piquete n.º 2

Estão estabelecidos: vedeta n.º 1, na via ferrea a *L* da Quinta dos Garfos; posto á cossaca n.º 2 de 1 cabo e 8 soldados na linha d'agua a *O* d'aquella Quinta, e a 200<sup>m</sup> d'ella. Foi estabelecida a communicação por meio d'uma patrulha com o pequeno posto n.º 2.

F...

1.º sargento.

## Relatorio do pequeno posto n.º 2

(Piquete n.º 2) *Alto da cota 233 a S. do Serapião*  
 (Pequeno posto n.º 2) *em... ás... h. da tarde.*  
 N.º 1

## Ao commandante do piquete n.º 2

Estão estabelecidos 2 postos á cossaca, de 8 homens; n.º 1 do commando de 1.º cabo, no caminho a 190<sup>m</sup> a *O* do *C* das Raymundas; n.º 2, de sargento, na ravina a 300<sup>m</sup> ao *N* do *C* do Serapião. A cavallaria, em Enxaras dos Cavalleiros, está informada da situação d'este pequeno posto.

F...

Tenente.

O capitão colligindo os relatorios dos pequenos postos, e em vista da inspecção que acaba de fazer ao serviço de noite envia ao commandante dos postos avançados o seguinte:

## Relatorio da instalação do piquete

(Para 17/18 de maio)

(Postos avançados) *C do Caldeireiro, em 17-5-904*  
 (Piquete n.º 2) *às 7 h. e 45 m. da tarde*  
 N.º 2

## Ao commandante dos postos avançados

*Remette o croquis do terreno convenientemente anotado—59 R. C.).*

F...

Cap.

## Instrucções dadas ao commandante da patrulha de reconhecimento n.º 1

A's 2 horas da manhã, sahirá do *C* do Caldeireiro, seguindo o caminho que conduz á linha ferrea, marchando por esta para *N*, até ao seu cruzamento com o caminho de Pero Negro para Cochim; d'ahi marchará para *N O*, e no cruzamento d'aquelle caminho com o que se dirige ao *C* do Pomar da Chave, fará alto, pondo-se em communicação com a cavallaria de Pero Negro; reconhecerá o *C* do Pomar da Chave, e os pinhaes a *N* e *O*, entrando depois no caminho que se dirige para *S*, explorando o bosque a *O* d'este caminho e entrando pelo caminho do Serapião; no posto principal, onde deverá chegar ás 4 h. e 30 m. da manhã. Deverá estacionar em alto guardado durante 30 m., no cruzamento de caminhos a *S* do alto de cota 183. No regresso deverá communicar aos commandantes dos postos que encontrar no seu itinerario as noticias que tiver colhido no seu reconhecimento, e as que lhe tiverem sido dadas pela cavallaria dos postos avançados.

Senha e contra-senha (confidencial).

(Dadas por escripto)

F ...

Cap.

O commandante da 3.ª secção deu a seguinte:

### Ordem (especial) para a installação do pequeno posto n.º 1

(Piquete n.º 2)

Alto de cota 238 em ...

(Pequeno posto n.º 1)

ás 6 h. da tarde

A nossa cavallaria de postos avançados, occupa Enxara dos Cavalleiros, Pero Negro e Valle de Vez, a 2.000<sup>m</sup> proximamente, na nossa frente. Ainda não obteve noticias do inimigo. Essa cavallaria retira ás 7 h. da tarde, deixando um posto especial em Pero Negro

O nosso posto principal está no *C* do Caldeireiro. O pequeno posto n.º 2, está á nossa esquerda no alto de cota 233.

Filas n.ºs 1, 2 e 3, vedeta n.º 1, na linha ferrea a *L* da Quinta dos Garfos.

Filas n.ºs 3, 4, 5, 6, 7 e 1.º cabo n.º ... , posto á Cossaca n.º 2, na linha d'agua a 200<sup>m</sup>, a *O* da Quinta dos Garfos.

Filas n.ºs 8 e 9, sentinella ás armas.

O posto especial de reconhecimento está no cruzamento de caminhos a *N O* do Serapião.

Serviço de ronda—Patrulha de 2 soldados e cabo n.º ... ; horas de sabida 11 h. da tarde, 1 h. e 3 h. da manhã.

As ordenanças de cavallaria poderão desenfrear as montadas, conservando porém uma sempre aparelhada.

Caminho para o posto principal, ao longo da cumeada onde bivacamos.

Dada verbalmente.

F ...

1.º Sarg.

### Instrucções á vedeta n.º 1 (verbaes)

Alem do conhecimento que devem ter da ordem supra, ser-lhes-hão dadas mais as seguintes instrucções: vigiar a linha ferrea e o terreno a *L* até á ribeira do Sizandro. Commandante dos postos avançados major F...; os caminhos a *N* dirigem-so a Pero Negro. Deverá um dos hemens da vedeta avisar a sentinella das armas do pequeno posto, logo que suspeite da aproximação do inimigo.

Senha e contra-senha (confidencial).

(N.º 580 do R. C. A).

F ...

1.º Cabo

Por forma analoga seriam dadas as instrucções aos posto ás cossaca e sentinellas.

### Justificação d'algumas disposições adoptadas

1.º— Fizemos a separação da nossa companhia, da 1.ª, no caminho para Molhadas, porque supposmos que na occasião em que os commandantes das companhias do grosso da guarda avançada, depois de tomarem conhecimento da ordem dos postos avançados, se separaram do commandante do batalhão, deveriam a cavallaria da guarda avançada, e a companhia, em extrema guarda avançada, estar a uma distancia variavel (para a cavallaria), entre Moita e Sapataria, e a 2.ª companhia a 400<sup>m</sup> ao *N* do caminho do Milharado; e devendo os piquetes de infantaria dirigir-se directamente (185 R. C.), aos locais que lhes tenham sido determinados, pelo caminho mais curto, estaria naturalmente indicado que a companhia seguisse o caminho para Molhadas, por ser este o que mais directamente se dirige á posição que lhe foi determinada, tanto mais que elle é o que melhor aproveitaria á companhia que marcharia na retaguarda da nossa, para ir constituir o piquete n.º 3.

2.º— Não fraccionámos a companhia para garantir a sua segurança na marcha pelo caminho para Molhadas, por julgarmos desnecessario, em vista da situação, que não accusa noticias do inimigo, do terreno atravessado por aquelle caminho, já dever ter sido explorado pelas patrulhas das cavallarias de segurança e da guarda avançada, e ainda por seguir pela cumeada até Guia, com largo horizonte para *N*, que tornaria quasi impossivel, uma surpresa de pequenas forças emboscadas, unicas cuja existencia se

poderá admittir n'esta zona, parecendo-nos que n'este caso a utilização dos cavalleiros de ligação, attribuidos á companhia como patrulhas de reconhecimento, garantem sufficientemente a sua protecção

3.º— Ainda a situação estabelecida na hypothese geral, nos indicou a forma d'estacionamento do posto principal, installando-o de preferencia no C do Caldeireiro, em vez de bivacar na vertente a S.

4.º— Parece-nos, que no nosso caso, e em situações analogas, em que haja cavallaria de postos avançados, deverão os commandantes dos piquetes de infantaria enviar sempre ao commandante dos postos avançados 2 relatorios d'installação, um muito summario, sem carecer d'esboço do terreno, relativo ao serviço de dia, cuja missão é quasi de simples ligação com a cavallaria em postos avançados, e outro relativo á installação definitiva do serviço da noite, que durante o dia poderá ter de ser modificado em resultado dos reconhecimentos feitos e informações obtidas, e da situação que os commandantes dos postos avançados quizerem dar áquella cavallaria durante a noite, o que será objecto d'uma ordem de postos avançados n.º 2.

5.º— No presente caso a cavallaria, deixou durante a noite, em Pero Negro um, posto especial de pelotão, por ser necessario augmentar o numero de patrulhas de reconhecimento, visto não estar ainda estabelecido, ao anoitecer, o contacto com o inimigo, e continuar a não haver noticias da sua presença. Os 3 restantes pelotões, foram destruidos por A dos Gallegos e Guia, com o fim de permittir á cavallaria utilizar o maior numero de cavallariças.

X. J.

---

## BIBLIOGRAPHIA

---

**Breve refutação ao livro do sr. Bazilio Telles «Do ultimatum de 31 de janeiro» na parte relativa á revolta militar,** por João E. Sotto Maior Lencastre de Menezes

O sr. Bazilio Telles, com a publicação do seu livro *Do ultimatum de 31 de Janeiro*,—prestou um grande serviço ao sr. general Lencastre de Menezes, que n'essa occasião era commandante do regimento de infantaria n.º 18. E duplo foi esse serviço porque o sr. Telles, apesar de o atacar com violencia, é o primeiro a confessar que aquelle distincto militar e nosso prezadissimo amigo não tinha tomado compromisso que o podesse comprometter e que até, pelo contrario, tinha evidado os maiores esforços para que as alliações não proseguissem. Era essa a accusação que mais podia ferir o character de sua ex.ª, e foi exactamente esse ponto d'honra que o

sr. Bazilio Telles não só não atacou mas, pelo contrario, apresentou como inadmissivel e portanto como vil calunnia.

Pretendeu porem insinuar que o sr. Lencastre de Menezes tinha promettido ao capitão Leitão acompanhal-o no seu desvario. Essa injusta e parcial insinuação desfal'a, comtudo, brilhantemente o sr. general, publicando na sua *Refutação* os interrogatorios e as acariações que n'esse sentido se fizeram nos conselhos de guerra de Leixões. E, coisa curiosa, ao mesmo tempo que se conclue que o sr. general Lencastre de Menezes procedeu com a maxima isenção e nobreza, evidencia-se tambem, por declarações expressas de alguns incriminados civis, que foi a *unica cabeça bem regulada* que se encontrou n'aquella noute fatal.

Esta insuspeita affirmação é de resto bem justa e merecida, porque se o sr. Lencastre de Menezes não tem procedido com tanta prudencia e circumspecção certamente d'aquella confusão toda poderia ter sahido um estado anarchico bem prejudicial e funesto.

Tudo isto é hoje bem conhecido e esta justiça por todos era feita ao illustre general Lencastre de Menezes, mas no entretanto nós não nos furtaremos ao dever de o repetir e ao prazer de felicitar sua ex.<sup>a</sup> não só pelo triumpho brilhante que alcançou sobre os seus adversarios, mas tambem pela clareza com que desfez malevol-las e calumniosas insinuações. A sua ex.<sup>a</sup> as nossas sinceras felicitações.

### **Relatorio Geral da Inspeção do serviço de engenharia no campo entrincheirado de Lisboa, pelo coronel inspector A. Duval Telles.**

Pela leitura d'este relatorio relativo aos trabalhos effectuados em 1904-1905, colhemos a impressão animadora de que os trabalhos do campo entrincheirado da capital tem proseguido d'uma forma bem accentuada e methodica. E de resto isso não nos pode causar grande estranheza, porque, devido á grande competencia, rara dedicação e muito boa vontade do illustre inspector d'esses trabalhos, o distincto coronel de engenharia Duval Telles, que alem d'esses predicados que todos lhe conhecem e admiram, offerece-nos a garantia d'um profundo conhecimento do assumpto, como aliaz tem provado com os notaveis trabalhos effectuados.

O que é um facto é que o novo campo entrincheirado tem progredido methodicamente e os progressos que este anno se realisaram foram bem lucida e nitidamente postos em relevo pelo relatorio a que nos estamos referindo. Todavia, sente-se já a falta da acção impulsiva que o sr. general Pimentel Pinto deu ás obras do campo entrincheirado.

As obras já não podem seguir com aquella actividade que aliás tão necessaria é.

Não obstante aconselhando a leitura não só do relatorio d'este anno, mas tambem os dos annos passados, aos nossos camaradas, que de *visu* não podem conhecer esses trabalhos tão importantes para a defeza nacional, não podemos furtar-nos ao dever, e dever

que cumprimos com muito e sincero prazer, de felicitar o sr. coronel Duval Telles por mais esta manifestação da sua competencia e rara dedicação, o que aliás sempre põe ao serviço dos trabalhos que dirige.

## Secção do estrangeiro

**Inglaterra**—O ministro da guerra acaba de pronunciar um discurso em Berwick fazendo sentir que em quanto as nações não reconhecerem como um acto de loucura essa febre dos grandes armamentos, que consomem quantias fabulosas, que melhor seria se fossem empregadas na resolução de graves problemas sociaes, não ha outro remedio senão seguir esse rumo, porquanto a *diplo-macia ingleza não póde fazer realmente cousa alguma se não tiver atraz de si forças sufficientes para impor ao estrangeiro o respeito da nação britanica.*

**Venezuela**—As difficuldades existentes entre a França e a Venezuela vão entrar n'um periodo grave.

As relações diplomaticas entre os dois paizes estão quebradas, tendo o governo francez mandado entregar um passaporte ao ministro da Venezuela em Paris, não querendo reatar as relações diplomaticas sem que primeiro o presidente Castro reconheça Mr. Taigny como o encarregado dos negocios da França em Caracas.

Espera-se a cada momento graves acontecimentos.

**Italia**—O orçamento do ministerio da guerra permite os seguintes effectivos do exercito para 1906 - 1907 :

Officiaes.....	13.604
Sargentos, cabos e soldados....	236.212
Cavallos para officiaes.....	8.523
Cavallos para as tropas.....	37.449

O orçamento anterior permittia os seguintes quados :

Officiaes.....	13.673
Sargentos, cabos e soldados....	207.162
Cavallos para officiaes.....	8.401
Cavallos para as tropas.....	37.395

Alem d'isto conta-se em chamar para um periodo de 20 dias de instrucção, 60.000 homens.

**Suissa**—No presente anno serão convocadas as tropas do III e IV corpos de exercito para manobras.

O IV corpo de exercito executa as grandes manobras. Será mobilisado a 27 de agosto e liceneado a 13 de setembro.

As tropas do III corpo farão exercicios de regimento e constituirão durante 3 dias a *divisão de manobra*, composta de duas brigadas, e que será destinada a operar contra o IV corpo de exercito, e mais uma brigada para exercicios contra a cavallaria e outra para exercicios de posições fortificadas.

A *divisão de manobra* comprehendirá, alem das duas brigadas indicadas, os batalhões n.ºs 47 e 87 de guarnição em Gothard, um regimento de artilheria, as baterias de montanha n.ºs 3 e 4, duas companhias de metralhadoras e um batalhão de engenharia. Trabalha-se assim na pequena Suissa.

Nós ousaremos pedir ao sr. ministro da guerra que determine manobras de quadros em todas as divisões do nosso exercito, e em uma d'ellas grandes manobras de outomno servindo de base a respectiva manobra de quadros da divisão escolhida.

Seria tambem da maior conveniencia que se começasse a fazer entre nós viagens do estado maior.

Sr. ministro da guerra arranque o exercito d'esta apathia em que elle vive e não o deixe asphixiar no ambiente morbido d'uma vida sedentaria, tão opposta ás grandes conveniencias da defeza nacional.

A pequena Suissa dá-nos o exemplo.

**Bulgaria** — O governo bulgaro tem adoptado o principio de enviar ao estrangeiro (Russia, França, Belgica e Italia) alguns officiaes para seguirem nas escolas militares estrangeiras uma instrucção militar superior.

Em 1905 foram enviados para o estrangeiro:

15 officiaes, capitães e tenentes, para seguirem o curso do Estado Maior; 2 officiaes para uma escola de applicação de engenharia; 1 official para uma escola pratica de artilheria.

\*

A marinha de guerra bulgara vae augmentando de anno para anno.

Conta ao presente 118 officiaes e 1128 marinheiros.

**França** — O general Burgère chegou de improviso a Sedan. Ordenou, ás 4 horas da manhã, para que as tropas de guarnição em Sedan e Stenay fizessem uma manobra, na direcção de Mouzon, para se opporem ao inimigo que, tendo entrado na fronteira perto de Carignan, se dirigia sobre Sedan.

A's 5 horas e meia as tropas deixavam as suas guarnições levando dois ranchos frios.

Estes exercicios de improviso teem sido muito frequentes no exercito francez.

Entre nós não se faz nada.

E' raro, rarissimo, aproveitar-se um maior desenvolvimento da instrucção dos nossos recrutas para se fazerem exercicios com unidades superiores.

Continuamos a jazer n'esta apathia que nos enerva e mata.



9.º ANNO

ABRIL DE 1906

N.º 4

# REVISTA DE INFANTERIA

## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 3—1906)

O japonês compenetrado dos notáveis progressos realísados no seu paiz por uma civilisação que levantou rapidamente o nível moral e intellectual d'uma raça laboriosa e ávida de glorias, está patenteando por uma forma brilhante e inilludível na firmeza, bravura e heroismo com que se bate, a sublimidade das suas virtudes patrióticas e eminentes qualidades guerreiras, exalçando ao mais alto grau a honra militar e o prestígio da bandeira, que, como symbolo da patria, desfraldaram triumphantemente nas plagas da Mandchuria.

E' o culto de todas as grandes virtudes cívicas, proprias dos povos másculos, das raças fortes, que mantém e favorece o desenvolvimento das forças moraes d'uma nação, que, como o imperio do Sol Nascente, está despertando no mundo inteiro um sentimento de profunda admiração pela dedicação altruista, pelo espirito de sacrificio pro patria, que os anima e impelle para uma morte gloriosa deixando aberto aos sobreviventes o caminho da victoria.

Os exercitos que não são constantemente mantidos na altura que a sua missão organica lhes prescreve, não passam de verdadeiros enfermos que mal encobrem a sua fraqueza até o dia em que o inimigo previdente vem demonstrar que estão combalidos, senão mortos.

Quem relegar ao segundo plano o culto da sua vitalidade e engrandecimento moral, menosprezando a significação da sua força como organismo social e politico, encaminha-os para uma degeneração ou decomposição latente; quem os descurar na paz, condul-os á ruina, a uma perda inevitavel na guerra.

O colosso moscovita, que a incuria criminosa dos seus governos tornou impotente em face da offensiva japoneza, offerece-nos hoje um triste exemplo que confirma estas ligeiras considerações.

E tão alto fallam já os ensinamentos das duas guerras a que nos referimos, tão fundamente callaram no animo dos dirigentes francezes ponderações de ordem analoga ás que expendemos acima, que o novo regulamento tactico de infantaria, decretado em 3 de dezembro de 1904 insere na parte relativa ao combate este suggestivo paragrapho: *As forças moraes constituem os factores mais poderosos do successo; vivificam o emprego dos meios materiaes, dominam todas as decisões do chefe em todos os actos da tropa. A Honra, o Patriotismo, inspiram as mais nobres dedicações; o espirito do sacrificio e a vontade de vencer asseguram o successo; a disciplina e a solidariedade garantem a acção do commando e a convergencia dos esforços.*

\*

\*

\*

Em um notavel estudo sociologico recentemente publicado a proposito da instrucção dos officiaes e da educação das tropas, Paul Simon, illustre official da artilheria franceza, demonstra proficientemente com argumentos bem deduzidos que a solução do problema da regulamentação da tactica de combate só póde ser baseada sobre o conhecimento scientifico do homem, isto é, sobre o estudo da physiologia, da psychologia e da sociologia.

«As modificações periodicamente introduzidas nos processos tacticos, diz elle, são impostas pela evolução incessante dos dois factores do combate, os homens e a armas.

A sciencia tactica tem, pois, duas bases necessarias: a sciencia dos homens, a sciencia das armas.

Estas duas sciencias devem formar o fundo da instrucção dos officiaes.

Em geral, os officiaes estudam muito as armas, o seu emprego, os seus effeitos, mas estudam pouco ou absolutamente nada o coração humano e a psychologia das tropas.

Ficam, pois, preparados, pela sua educação intellectual, a attribuir aos factores materiaes ou balísticos, na solução dos problemas tacticos, uma influencia muito preponderante e a desprezar mais ou menos completamente os factores psychicos ou moraes.

E' esta orientação erronea, que se torna indispensavel fazer mudar.

Em boa logica, o estudo do homem, das tropas, dos factores psychicos do combate — vontade, coragem e medo, disciplina, sangue frio e nervosismo, contagio das emoções, imaginação pessimista ou optimista, deveria occupar na educação intellectual dos officiaes um logar notavelmente maior que o das armas, da balística e do tiro.

Ora, é exactamente o inverso que tem logar.

.....  
O por cento mortifero obtido por uma tropa resulta necessariamente da combinação de dois factores: a precisão da arma e a dos atiradores.

Homens aguerridos, exercitados no tiro e habituados ao perigo, pertencendo a raças frias, fleugmaticas, atiram no campo de batalha quasi tão bem como na carreira de tiro e utilizam no maximo as qualidades balísticas das armas modernas.

Soldados de raça meridional, com temperamento nervoso e impressionavel, não aguerridos, tremem, não sendo capazes de fazer boa pontaria.

Os effeitos mortiferos do fogo são, pois, o resultado de factores humanos physiologicos e psychicos muito mais que o resultado de factores balísticos. Tropas solidas

obterão effeitos destruidores consideraveis com armas mediocres, ao passo que tropas más não tirarão grande partido das melhores armas.

.....  
 Na *genese* do medo, os effeitos materiaes do fogo teem menor coefficiente que o temperamento physiologico, o caracter das raças, o estado nervoso e moral das tropas, no momento do combate.»

Já Napoleão dizia: a força moral pode ser representada pelos tres quartos nas questões militares; a balança das forças reaes não entra ali senão por um quarto.

O genio da guerra é incompleto, escreveu Marmont, se, á faculdade das combinações technicas, um general não juntar o conhecimento do coração humano, se não tiver o instincto de advinhar o que se passa na alma dos seus soldados e entre o inimigo.

Estas inspirações tão variaveis formam o moral da guerra, *acção mysteriosa*, que uma potencia de momento dá a um exercito e faz que um dos seus homens valha por dez, ou que dez não valham mais do que um só.

\* \* \*

Admittida como *incontestada* a influencia que os factores moraes exercem no resultado do combate, evidente se torna a necessidade de cuidar desvelladamente durante a paz a educação moral do soldado para o tornar um combatente verdadeiramente sólido, capaz de arrastar todos os perigos sob o fogo do inimigo.

«Esta educação, diz Von der Goltez, deve ser baseada no patriotismo, no sentimento do dever e na confiança em Deus, que fez dos Boers tão temiveis combatentes, não obstante a sua falta de instrucção militar.

Na Allemanha, os esforços do corpo de officiaes da infantaria convergem não só para a instrucção professional dos seus soldados, mas ainda para uma educação da vontade, baseada no desenvolvimento da iniciativa, na confiança dos subordinados nos seus chefes, fazendo despertar em todos os sentimentos da honra, do amor da patria e do espirito de sacrificio.

Comprehendendo perfeitamente a psychologia, o estado moral do infante durante o fogo, os Allemaes não dissimulam quanto as emoções do combate moderno são intensas e poderosas.

A mais forte d'essas emoções parece ser a causada pelas perdas, pela visão sangrenta dos feridos o dos mortos.

A proporção das perdas soffridas, diz o general Kouropatkine, influe evidentemente no estado moral das tropas que combatem. O maior ou menor gráo d'esta influencia depende, em geral, das condições da lucta e duração do tempo em que estas perdas são produzidas».

«Segundo o calculo instinctivo que se faz no intimo d'alma dos soldados empenhados na lucta, a convicção de não poderem sustentar-se mais tempo apossa-se do espirito d'uma qu d'outra fracção.

«Este calculo instinctivo das perdas é tanto mais exaggerado e mais perigoso quanto mais curto fôr o tempo durante o qual se produzirem as perdas que lhe servem de base».

Assim ainda que um batalhão tenha perdido 200 homens no decorrer d'uma lucta de 10 horas, ha, em geral, maiores probabilidades de o vêr sustentar na posição em que é atacado, do que a um outro batalhão que só tenha perdido 30 homens, quando estes baqueiem no curto espaço de 5 minutos.

N'este ultimo batalhão, o total das forças phisicas ficou superior ao do primeiro; mas a somma das forças moraes é *momentaneamente* menor, porque o abalo moral causado pelas perdas que se produzem n'um curto espaço de tempo é infinitamente mais intenso.

A condição primordial do successo depende da capacidade do soldado em supportar durante maior espaço de tempo do que o adversario, não sómente as perdas materiaes, mas tambem a tensão moral.

Ora, a massa collectiva dos soldados é como todas as multidões, que são mais facilmente suggestionaveis, mais nervosas e impressionaveis do que o homem isolado. A massa tão facilmente se deixa possuir do panico, como dominar pelo heroismo.

Na psychologia do combate, a acção dos chefes deve visar a impedir o panico e a sobreexcitar a coragem de todos.

Não sómente o general em chefe, diz von Lichtentern, mas tambem os graduados exercem a maior influencia sobre a conducta do soldado na batalha. Este segue, em geral, o exemplo d'aquelles, tanto mais instinctivamente quanto melhor os chefes houverem sabido grangear a sua affeição.

O capitão e o tenente tem ganho já em nossos dias mais d'uma batalha».

Não é raro deparar com chefes prestigiosos, de animo bem temperado, que teem o condão de fazer vibrar por uma forma particular os nervos motores do coração humano, bastando a sua presença para que as tropas executem o que nunca faziam longe d'elles.

A historia indica-nos um sem numero de capitães, naturalmente bem dotados e com um dom especial para imprimir acção aos factores de ordem psychologica, que, em rapidos momentos fazem do soldado um heroe e do heroe um martyr, que se sacrifica com enthusiasmo na defeza da causa seguida por chefes idolatrados.

Turenne, Condé, Napoleão, Massena, e Lannes, entre tantos na França, Frederico II na Prussia, Souvaroff e Skobelef na Russia, e entre nós o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, D. Francisco d'Almeida, Affonso de Albuquerque, o Marquez das Minas, além de outros muitos capitães celebrados na historia patria, e mais recentemente o prototypo do chefe ardente, impetuoso, o marechal Saldanha, são exemplos frisantes da acção prestigiosa, suggestiva, arrebatadora, que os homens de guerra, verdadeiros conductores de massas armadas, exercem no animo do soldado, que os segue incondicionalmente, vertendo de bom grado o seu sangue na defeza da patria, d'uma causa ou d'uma ideia que para elles, o seu chefe encarna, personificando-a.

Tal é a acção preponderante que os factores de ordem moral, vibrados por chefes prestigiosos, verdadeiros caracteres de eleição, exerceram outr'ora e exercem hoje no animo, no coração do soldado.

Eis o grande ensinamento de todas as épochas e de todas as edades, que as nações modernas recolhem e meditam com particular attenção, conscias da importancia que os motores psychologicos vão indiscutivelmente adquirindo para a decisão do combate, objectivo final dos exercitos.

### III

#### Ideias que teem presidido á elaboração dos regulamentos tacticos modernos

Para fazer, senão uma analyse rigorosa, pelo menos uma apreciação quanto possivel exacta das ideias que teem presidido á elaboração das modernas ordenanças da infantaria, será mister dar um *golpe* de vista retrospectivo accentuando os progressos tacticos realizados em diversas épochas, e remontar ao ultimo quartel do seculo XVIII, em que a lucta entre os partidarios da ordem linear e os da ordem profunda assumiu um character verdadeiramente agudo pela publicação do regulamento francez de 1776.

Os pontos fundamentaes do litigio tactico, que tão ruidoso se tornou n'aquella epocha, são, na sua essencia, os que ainda hoje estão debatendo com notavel vehemencia e grande profusão de argumentos os mais distinctos e conceituados tacticos francezes, como teremos ensejo de comprovar.

Depois da guerra dos sete annos, a França, vivamente impressionada com os prodigiosos successos das armas prussianas, deixára-se arrastar pela nova corrente de ideias, importando para o seu exercito as principaes innovações que Frederico II introduzira nas instituições militares e formações de guerra da Prussia.

A adopção da ordem *linear* fôra, todavia, vehemente<sup>te</sup>mente impugnada por Folard e pelo general Mesnil-Durand, que baseando as suas opiniões na má ou viciosa applicação dos fogos e na impetuosidade caracteristica dos francezes para o ataque, preconisavam as formações profundas no intuito de aproveitar as naturaes aptidões da infantaria franceza no campo de batalha.

Mesnil-Durand propunha um typo de formação pro-

funda para o batalhão, dispositivo que mais tarde aperfeiçoou, transformando-o na columna dobrada cerrada em massa, precedida na frente por uma linha de atiradores, constituida pelas companhias de caçadores e de granadeiros.

A controversia entre os tacticos, a denominada «*Querelle des deux ordres*», que tanto agitou a opinião, excitando os animos em França, continuava com extrema violencia, conseguindo afinal Guibert impôr as suas ideias, expendidas no seu «*Essai général de tactique*», no qual mostrava que a infantaria, sendo uma arma propria á acção do fogo e á acção do choque, carecia d'uma ordenança que lhe permittisse o emprego d'estas duas propriedades, aconselhando, em consequencia, uma formatura fundamental e habitual da infantaria em 3 fileiras para o combate pelo fogo, e a formação accidental ou momentanea em columna para a acção do choque.

Não obstante a viva opposição dos partidarios da ordem profunda, decididamente apoiados por Joli de Maizeroi, por Rohan e pelo marechal de Broglie, que dirigiu as experiencias comparativas realizadas no campo de Vaussieux entre a ordem linear e a ordem profunda, prevaleceram os principios da tactica linear de Frederico II, seguidamente consignado no regulamento de manobras de 1791, mercê dos esforços de Guibert, relator da commissão de experiencias, até que as guerras da revolução franceza vieram marcar uma nova phase na evolução da tactica da infantaria.

Entrando em lucta com a Europa inteira, a França viu-se na impreterivel necessidade de recorrer ao levantamento em massa para fazer frente á formidavel colligação de potencias que a ameaçavam.

As novas formações não dispunham, porém, de officiaes experimentados, visto que a recente mudança de regimen fizera encher as prisões de officiaes suspeitos, que não haviam tido tempo de appellar para o exilio voluntario ou para a emigração.

N'estas circumstancias forçoso se tornou abandonar as formações rigidas da *ordem linear*, que exigiam a severa disciplina e a longa pratica manobradora dos velhos sol-

dados, e adoptar outros dispositivos de combate, que constituíam os fundamentos da *tactica nova*.

Consistia esta tactica no emprego de atiradores em «grandes bandos», que, usando da propria iniciativa, procuravam no terreno os convenientes abrigos contra o fogo adverso e se approximavam a bom alcance do inimigo, cujas formações cerradas desorganisavam pela acção do fogo a curta distancia, lançando acto continuo sobre elle, como tropas de choque, batalhões em columna cerrada, mantidos á retaguarda até o momento opportuno do assalto.

Era este um systema mixto que teve por consequencia o abandono extra-official e expontaneo do regulamento de 1791 durante todo o periodo da republica e do 1.º imperio.

A extrema mobilidade da infantaria n'esta ordem dispersa, que facilitava o ataque simultaneo pela frente e pelo flanco, constituiu para os exercitos francezes um elemento importante de superioridade; e, comquanto no principio da guerra as tropas da republica nem sempre fossem felizes pela falta de solidez das novas formações, as sensatas e previdentes medidas de Carnot, remodelando os regimentos de infantaria de fórma a serem constituídos simultaneamente de soldados velhos e dos novos recrutas e a experiencia das primeiras campanhas bastaram para fazer triumphar esta tactica nova, que se coadunava á maravilha com o fogoso temperamento francez, sobre as formações rigidas que haviam facilitado os brilhantes triumphos de Frederico II.

Sem refundirem o regulamento de 1791, que ficou sendo letra morta, os exercitos da republica e mais tarde os do 1.º imperio implantaram novos processos de combate que o general Morand, n'um estudo notavel, tornou bem conhecidos.

Pretendia este illustre homem de guerra que se resumisse o mais possivel a ordenança, aproveitando só o que fôsse applicavel na guerra.

«A escola dos esclarecedores-atiradores, dizia elle, encerra toda a sciencia da guerra.

Levar para a frente, para a retaguarda, para a direita

e para a esquerda estas pequenas massas moveis assim protegidas, podendo cada um dobrar ou desdobrar em diversos sentidos, «eis toda a série das manobras uteis e possiveis da batalha.»

Como adiante se reconhecerá, o brilhante general do 1.º imperio era um vidente em assumptos tacticos, porque com uma antecipação de muitos annos indicava a verdadeira via que a evolução tactica havia de seguir.

A viva reacção que se produziu contra os homens e as instituições da Revolução e do Imperio fizeram reaparecer no regulamento de 1831 os principios de Guibert, que eram um reflexo de tactica linear de Frederico II, ao passo que os prussianos procediam mais avisadamente, adoptando os principios tacticos que haviam recebido a sanção nos campos de batalha durante a epopeia napoleonica.

Nos regulamentos de 1843 e 1847, os prussianos perfilharam, para bem dizer, as ideias do general Morand, que preconizava como dispositivo de combate uma primeira linha totalmente desenvolvida em atiradores, seguida d'uma segunda linha formada por batalhões em columna, desempenhando a dupla missão de apoios e de corpo de batalha.

Sob o vigoroso impulso do marechal Bugeaud foi publicado em 1845 um regulamento tactico para os caçadores francezes armados desde 1842 com uma carabina rayada. A poderosa influencia d'este prestigioso homem de guerra fez-se sentir na evolução tactica do segundo quartel do seculo XIX.

«A ordem desenvolvida, dizia o marechal, é uma verdadeira ordem de combate. Só n'esta ordem pôde a infantaria fazer perfeito uso do seu fogo, que é a sua principal força. Atirar de longe é o typo d'uma má infantaria; a boa é avara do seu fogo.»

Na guerra da Crimeia, em que os russos combateram geralmente em columnas profundas, pôde constatar-se um facto identico áquelle que se havia produzido durante as campanhas da Revolução e do Imperio: as prescripções do regulamento de manobras rarissimas vezes foram applicadas.

A importancia do combate de atiradores affirmou-se de novo e o principio da utilidade dos reforços para transmittir impulsões successivas ao cordão, foi definitivamente consagrado.

Na campanha de 1859, as infantarias francezas e austriacas bateram-se seguindo quasi sempre os processos de combate adoptados no tempo de Napoleão I e do archiduque Carlos.

Os francezes, desprezando por instincto e tradição nacional o fogo do inimigo, não obstante a superioridade do seu fusil, avançavam impetuosamente em grandes linhas de atiradores, aproveitando, por vezes, os abrigos do terreno, e approximavam-se da infantaria austriaca, que, em regra, evitava o combate corpo a corpo, cedendo terreno logo que a carga se esboçava na sua frente.

Não obstante os ensinamentos d'estas campanhas, que aconselhavam a regularisar e codificar os principios e as formações applicados instinctivamente no campo de batalha desde 1789, os francezes conservaram ainda a ordenança de 1831, que, comquanto fosse remodelada em 1862, não alterou os seus principios fundamentaes. A adopção d'uma columna de divisão, correspondente á columna de companhia prussiana, a instrucção em ordem dispersa nos corpos de caçadores, a esgrima de bayoneta, uma maior mobilidade dada ás tropas e o desenvolvimento da instrucção de tiro, taes são as modificações essenciaes consignadas no regulamento de 1892.

Em 1867 publicou-se em França uma *Instrucção summaria para os combates*, na qual era assim descripta a formação de combate: «O batalhão de 6 companhias, formado em columna cerrada, faz-se cobrir por 2 companhias, tendo cada uma em apoio uma secção.

Os atiradores protegem a marcha do batalhão, que, chegado a bom alcance, desenvolve e executa fogos de salva para preparar o ataque, emquanto os atiradores, desembaraçando a frente, retrocediam sobre os flancos d'onde continuavam o fogo.

Depois as columnas, rapidamente reformadas, avançam sem fazer fogo e abordam o inimigo á bayoneta, apoiadas pelo fogo dos atiradores mantidos nos intervallos».

O regulamento francez de 1869 inspira-se ainda no de 1791; sómente na parte relativa ás manobras do batalhão em atiradores se admitte a divisão d'esta unidade em um agrupamento de companhias, em logar de a constringer a conservar-se um todo indissolúvel, não susceptível de qualquer subdivisão tactica. Em summa, sempre o formalismo, desacompanhado da flexibilidade da manobra, exigida pelo combate moderno.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA  
Major d'infanteria 10



## Os europeus no ultramar

Temos sobre a nossa meza de trabalho alguns exemplares da *Revista de Infanteria* onde se acham escriptos diversos artigos sobre as precarias circumstancias em que se encontram os officiaes do nosso exercito, explanando claramente as necessidades da vida actual e solicitando o augmento de vencimento para se poder satisfazer ás exigencias que actualmente cercam a vida das familias, cada qual no grau da esphera em que é obrigado a apresentar-se.

Concordámos em tudo com os nossos distinctos camaradas que trabalham para o bem estar de uma classe tão desprotegida da sorte, mas parece-nos haver mais alguma coisa a dizer em complemento do artigo que temos na nossa frente, publicado na *Revista* n.º 12 do anno findo, com a epigrapha «Os vencimentos dos officiaes no ultramar».

N'este artigo, que se acha primorosamente escripto, e onde o seu auctor demonstra claramente um conhecimento efficaz das agruras e soffrimentos que passam n'estas regiões africanas os officiaes abandonados pela sorte, não está completo, pois que, além dos vencimentos serem relativamente pequenos, nem sempre são abonados como está legislado e isto devido a certos zeladores da Fazenda que subsistem cá pelo ultramar.

Como demonstração do que dizemos, poderíamos contar, com todos os pormenores, o que se tem passado com varios officiaes

podendo depois os leitores concluir em quanto elles teem sido prejudicados, pois que esses vencimentos lhe deveriam ser abonados por lei.

Daremos apenas alguns exemplos: Um official servia no estado da India, onde esteve desde 1902 a 1904. Foi promovido ao posto immediato para a provincia de Moçambique em 1904. Recebeu-se em 25 d'outubro do mesmo anno um telegramma na India participando a promoçãõ d'esse official e ordenando que elle marchasse para Moçambique no primeiro transporte. O official estava n'essa data destacado e lá recebeu communicacão da sua promoçãõ em 30 d'outubro, continuando destacado até 5 de novembro, dia em que regressou á capital. Uma vez ali, continuou fazendo serviço até 15 do mesmo mez, dia em que recebeu guia para seguir viagem para a nova provincia. Até aqui nada de extraordinario, é claro.

Acontece, porém, que quando lhe foram liquidados os seus vencimentos ao sahir da India, o referido official notou que não lhe tinha sido abonada nenhuma ajuda de custo de embarque nos termos do artigo 18º do D. de 14 de novembro de 1901, e além d'isso que havia mais uma qualquer differença para menos nos restantes vencimentos. Analisando detidamente as respectivas folhas, viu que desde 26 de setembro a 25 d'outubro lhe abonavam selo do novo e subvençãõ correspondente ao anterior dando em resultado o mesmo official receber n'esse espaço de tempo menor vencimento.

Tendo, porém, de embarcar immediatamente, apenas teve tempo de colher os elementos necessarios para fazer a sua reclamação, como realmente fez logo que chegou a Moçambique. Com grande admiracão sua, contudo, não foi attendido, apesar mesmo de ter consultado pessoa competente que lhe affirmou que era de toda a justiça visto a subvençãõ ser sempre inherente ao posto e que além de mudar de provincia ficava sujeito a novo contracto com o ministerio da marinha. Pois apesar de tudo, todos os requerimentos que fez expondo a razãõ que lhe assistia foram indeferidos, o que quer pois dizer que apesar de ter pequeno vencimento, ainda este é por vezes cerceado aos pobres officiaes que aqui teem de vir servir.

Mas além da injustiça ha mais o contrasenso.

O official a que nos vimos referindo podia ter regressado a Lisboa em 1 de julho de 1904, sem prejuizo proprio, e uma vez em Lisboa era chamado a nova commissãõ de serviço no ultramar no posto immediato. N'estas condições era-lhe abonada a ajuda de custo de 70\$000 réis na occasiãõ do embarque em Lisboa, tendo a Fazenda de pagar a sua passagem da India para Lisboa 300\$000 réis, pouco mais ou menos, e outra passagem de Lisboa a Moçambique 250\$000 réis. Como se vê, se o official em questãõ gastasse á Fazenda 550\$000 réis tinha direito ao abono da ajuda de custo de 70\$000 réis, mas como só gastou á Fazenda 160\$000 réis, importancia da passagem da India a Moçambique, não tem direito aos 70\$000 réis!

Os leitores apreciem, que nós não o queremos fazer.

Mais um outro caso para esclarecer melhor o assumpto: Em junho do anno findo foi dada ordem a um official para assumir interinamente o commando do Deposito Geral de Degredados, tendo o mesmo official tomado o commando em 17 do mesmo mez. Nas relações de vencimentos de junho foi abonada ao mesmo official a importancia da gratificação de commando de 18 a 30 de junho.

Depois de ter recebido os vencimentos de junho, foi o mesmo official debitado na quantia que lhe havia sido abonada por não terem decorrido ainda 15 dias depois de assumir o commando. Este official fez uma exposição sobre tal assumpto em agosto do anno findo, na qual provava quanto era justo o abono feito, visto elle ter ido substituir no commando do Deposito um commandante interino e não o verdadeiro commandante, visto este achar-se com licença da junta na India. Baseou-se, para a apresentação da justiça que lhe cabia, no determinado na O. do E. n.º 1 (1.ª serie) de 1899, em vigor no ultramar n'essa data, a qual estatue claramente que as gratificações de serviços interinos cessam desde que cesse, ou enquanto for interrompido, por qualquer motivo, o desempenho effectivo d'esses serviços, e n'este caso, não podendo o commandante substituido ter qualquer gratificação de commando que lhe pudesse advir de commandante do Deposito, não nos resta a menor duvida que devia esta recahir em beneficio de quem desempenhava o serviço.

E' pelo menos assim que nós comprehendemos a lei.

Como acima fica dito, esta exposição seguiu o seu destino em agosto do anno findo e até novembro não teve solução. Nos fins d'este mez fez o official em questão um requerimento a Sua Ex.ª o Sr. Conselheiro Governador Geral solicitando que lhe fosse dado conhecimento do despacho que tinha tido a sua exposição, e a resposta foi: *que a exposição não podia ter sido apresentada a despacho por não ser feita em papel sellado, mas que a quantia não lhe podia ser abonada em virtude do determinado no B. M. U., n.º 8, do anno findo, que determina que os commandos interinos não dão direito a qualquer gratificação.*

Este Boletim foi publicado na O. F. A. da provincia de 31 de julho do anno findo e já depois de estar prestado o serviço que dava direito á gratificação em questão.

O mesmo official fez então um novo requerimento pedindo para lhe ser abonada a quantia citada, e pouco depois recebe-se na sua companhia uma nota na qual se lhe communicava que tinha sido debitado nos dias 1 e 2 de julho, sendo-lhe novamente citada a lei antiga.

Para o debitarem citam-se leis antigas e para o creditarem dizem que o não podem fazer em virtude de leis modernas e muito posteriores á data do desempenho do serviço. E por aqui se pode ver que as difficencias de vencimentos ainda são aggravadas por erradas interpretação da lei.

O auctor do artigo da *Revista* a que acima nos referimos faz umas certas comparações a respeito de vencimentos, aliás muito

sensatas e justas, e nós não podemos também deixar de fazer outras comparações relativamente aos officiaes, segundo o districto onde servem.

Na provincia de Moçambique está considerado o melhor ponto, hygienicamente fallando, Lourenço Marques, e Gaza o peor.

Em Lourenço Marques os officiaes teem mais 50 p. c. sobre a subvenção e em Gaza não. Porque será?

Em Gaza todos os artigos de primeira necessidade são muito mais caros do que em Lourenço Marques, pois o que n'esta cidade se compra por 200 réis, custa em Gaza pelo menos 300 ou 400 rs., o que não admira visto Gaza fornecer-se de Lourenço Marques, e tanto assim está reconhecido que os funcionarios civis teem em Gaza mais 30 p. c. sobre os seus vencimentos do que em Lourenço Marques, ao passo que com os militares acontece realmente o contrario.

Por isto se vê que em Gaza só se conservam officiaes desprotegidos da sorte, pois que além do clima ser muito mais perigoso e tudo muito mais caro do que em Lourenço Marques os seus vencimentos são inferiores aos dos seus camaradas, bafejados pela fortuna, que teem a sorte de arranjar a sua collocação em Lourenço Marques.

Pelo que fica exposto vê-se que entre Gaza e Lourenço Marques ha uma divergencia de vencimentos entre os funcionarios civis e militares, tendo estes maiores vencimentos em Lourenço Marques e aquelles em Gaza.

A que será devida esta differença, quando todos são europeus?

Não haverá quem se compadeça dos officiaes que vivem em Gaza?

Bom era que assim, sendo essa uma medida de maior urgencia, collocando estes officiaes com relação aos seus camaradas de Lourenço Marques nas mesmas condições em que estão os funcionarios civis que em Gaza teem mais 30 p. c. sobre os seus vencimentos, como acima dissemos.

Africa, 30 — 1 — 906.

F. A.

---

## UM OUTRO YALÚ...

---

Não foi senão depois de cinco dias de grandes esforços e de tentativas infructiferas, que os *nippons* de Kuroki conseguiram passar o Yalú, que lhes dava entrada na grande arena da Mandchuria. Bem mais tempo tem levado a passar o nosso: esse Yalú, que se chama a velha, a tradicional teima em desviar o serviço do

exercito do seu campo de actividade natural, em lhe reduzir extraordinariamente os effectivos e infinitamente a duração do tempo de serviço do soldado nas suas fileiras activas. E, entretanto, as tentativas succedem-se ás tentativas, todas ellas infructiferas, e se se avança é passo a passo, comprando bem caro o terreno que se conquista!

Porque é um facto: a campanha não é d'hoje, nem d'hontem, nem da semana passada; vem de ha muito. Muitos outros camaradas tem aqui terçado e brilhantemente, as suas armas em defesa do exercito, da sua segurança, do seu prestigio, dos seus mais caros e justos direitos. E nós hoje não temos em mira outro objectivo que o de ser um atirador—um modesto atirador de 3.<sup>a</sup> classe—na linha de fogo da sã doutrina contra um mal, que hoje poucos querem vêr, mas que amanhã—n'alguma hora dolorosa—se tornará visível até aos proprios cegos: os adeptos da theoria de Pangloss: «tudo vae bem no melhor dos mundos possiveis...»

\*

São de um illustre general francez as palavras que se seguem e que são, a nosso vêr, judiciosissimas:

«L'instruction individuelle, l'éducation militaire de l'homme et surtout le moral sont les facteurs, que dominant dans la lutte. La guerre moderne exige de tous les combatants un moral de mieux en mieux trempé. Le developement du moral de la troupe doit être considéré, comme la tache la plus utile et en même temps la plus noble de l'officier. Pour atteindre ce but il faut non seulement la bonne volonté, l'ardeur, le tact, l'intelligence, mais aussi le *temps*, ce qui impose une limite á la reduction de la durée du service.»

Por consequencia, para que uma instrucção militar tenha fóros de seria, é preciso, alem de uma orientação bôa, alem de toda a boa vontade, de todo o tacto, de toda a intelligencia votada ao serviço, é preciso tambem que haja *tempo*... «ce qui impose une limite á la reduction de la durée du service».

E entre nós — Santo Deus! — o tempo falta para formar *um soldado* e não um *miliciano*, porque, com franqueza o declaramos, nós não achamos terminada a instrução do soldado com o findar da recruta. Acabada esta há muito e muito a fazer, que não é de modo nenhum esse triste estendal de guardas de guarnição, de guardas d'honra, de diligencias, etc., etc.

Sabemos bem que a simples e moderna noção de exercito exige a pouca mas indispensavel permanencia do soldado na fileira, mas exige tambem que esse tempo seja bem aproveitado e que se desperdice o menos possivel.

Entre nós nada d'isto se dá. Com reduções d'effectivo, com diversas e variadas licenças, com uma instrução bastante anachronica — a nossa força armada apresenta para o paiz a solida garantia de um pequeno effectivo de tropas com uma instrução militar mal cuidada e pouco mais do que improficua, com um moral impressionavel, com uma fraca cohesão por consequencia, o que é importante, porque não basta para a guerra moderna a bravura natural do nosso soldado, a sua *endurance* nas marchas, o seu espirito soffredor, a sua sobriedade.

Esta é a pura verdade, que não tememos vêr desmentida com o actual estado de cousas.

Não podemos de modo algum viver só do passado. Que este nos sirva de exemplo bello de heroismo, de tenacidade, quando iamos em busca de outras terras, desvendando mares desconhecidos, de accordo. Agora, que vivemos só d'elle, faz-nos lembrar esses velhos palacios heraldicos, onde uma velha nobresa cachetica vive só de velhos pergaminhos...

Não! Não pode ser!

Precisa-se uma nova orientação em tudo que se refira ao nosso exercito. Acabemos com esta instrução inutil, rudimentar, preocupando-se com um manejo d'armas do tempo das armas de pederneira e com outras velharias semelhantes, instruamos a serio os nossos soldados, fortifiquemos-lhe o moral, demos-lhe uma solida instrução de tiro e de campanha, preparemos em-

fim esses milhares de rapazes que o paiz nos entrega, de modo que possam assegurar com honra a independencia da nossa terra a gloria da nossa bandeira!

Isto se queremos ainda ser pequenos mas respeitad.

Terminemos como começámos:

Cinco dias levaram os *nippons* de Kuroki a atravessar o Yalú...

Quantos e quantos dias veremos decorrer até que nós consigamos entrar na grande arena da sã doutrina, aberta a todas as actividades, a todas as intelligencias, a todas as boas vontades?!

Quantos e quantos dias...

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES

Alfere de caçadores

---

## A arma de infantaria

### As suas pretensões

---

Muitas vezes nos temos referido ás pretensões da arma de infantaria, que temos a honra de representar. E pela fórma como o temos feito quer-nos parecer que não deve haver duvidas a respeito da justiça que nos assiste nem das intenções que nos inspiram.

No momento presente duas são essas pretensões: augmento de vencimentos e remodelação de quadros. Não mostraremos mais a necessidade que ha em resolver esses dois problemas, porque isso nos parece superfluo, visto tanto uma como outra estarem já demonstradas e evidenciadas por natureza. E sob este assumpto seja-nos permittido affirmar que alguma coisa tambem temos contribuido.

Os nossos esforços começaram a ser attendidos ha já bastante tempo, não se comprehendendo, porém, d'uma fórma bem nitida quaes os desejos da nossa

arma, pois que se pretendeu augmentar os vencimentos á custa da remodelação de quadros. O ministro d'essa epocha tentou augmentar-nos os vencimentos tirando-nos a promoção e matando-nos todas as probabilidades de alargamento de quadros. E isso tentou-se, não para nos beneficiar, mas para fazer vingar uma reorganisação que, além de nos prejudicar, enfraquecia o proprio exercito.

Felizmente essas ideias não vingaram e ainda bem, porque o augmento de vencimentos era-nos dado á custa da promoção. O proprio sr. conselheiro Mathias Nunes, apesar da sua fé partidaria, teve o merecimento de reconhecer que não se devia dar augmento de vencimentos á custa de quadros e de promoção, e, se as circumstancias politicas o não fazem abandonar as cadeiras do poder, é crível que promulgasse o augmento de vencimentos, mas é certo que o não faria á custa da constituição dos quadros. E era um grande serviço que sua ex.<sup>a</sup> prestava ao exercito. Além d'isso não esquecia nem os officiaes superiores nem os alferes da nossa arma, que pelo seu antecessor eram bem injustamente olvidados. A nossa arma deseja e precisa os seus vencimentos augmentados, mas tambem aspira vêr os seus quadros completos.

Ora depois d'esta rapida analyse retrospectiva, podemos dizer que d'esta vez vae a nossa arma vêr satisfeitas essas duas aspirações: augmento de vencimentos e complemento de quadros. Assim o declarou o nobre titular da pasta da guerra, sr. conselheiro Pimentel Pinto, quando recebeu os cumprimentos dos officiaes da guarnição da capital. Sua Ex.<sup>a</sup> prometteu não só o augmento de vencimentos, mas declarou tambem que não commetteria injustos esquecimentos, pois que apresentará á sancção do parlamento, na proxima sessão legislativa, uma proposta perfeita e completa, empregando os seus melhores esforços para que ella seja convertida em realidade o mais breve possivel.

Vamos, pois, ter augmento de vencimentos sem ser á custa de quadros.

Nem de resto outro procedimento era de esperar

de Sua Ex.<sup>a</sup>. O seu passado garante-nos o seu futuro. A sua rasgada iniciativa, o seu amor e dedicação pelo exercito, o seu nobre proceder e as muitas sympathias que sempre tem mostrado pela arma de infantaria seriam só por si, e mesmo sem aquelle compromisso solemne, penhor sufficiente de que a nossa arma verá d'esta vez satisfeitas sem desigualdades flagrantes, mas com inteira justiça e equidade, as suas mais instantes aspirações.

Muitas vezes temos aqui rendido homenagem ao sr. conselheiro Pimentel Pinto, a quem tão sincera como cordealmente felicitamos pela sua nova ascensão aos poderes da corôa, porque grandes tem sido os serviços prestados á nossa arma e ao exercito em geral, e muito folgaremos, como de resto todos folgarão, em termos occasiões de prestar a Sua Ex.<sup>a</sup> verdadeiro culto da nossa admiração e até gratidão, porque grata ficará toda a arma e até todo o exercito logo que as suas palavras, proferidas na presença de tantos officiaes, se convertam em factos.

Temos, pois, tudo a esperar da energica, sabia e justa intervenção do sr. conselheiro Pimentel Pinto na gerencia da pasta da guerra, que, ligando o seu nome a mais esses serviços, mais radicará ainda as geraes sympathias que conta entre os officiaes do nosso exercito.

---

## Problemas tacticos

(Continuado do n.º 3—1906)

### Problema da extrema guarda da retaguarda (carta 30)

#### Hypothese geral

Forças importantes do partido *N* conseguem repellir uma brigada do partido *S* que occupava a frente Cordeiro-Atalaya. Um batalhão encarregado da perseguição apparece no alto do Cordeiro.

A brigada *S* resolve retirar para Povoá de Baixo, afim de es-  
perar reforços, mas para poder organizar a columna e proteger a  
retirada, ordena a um batalhão que estava em reserva, no Casal  
das Silveiras, que tome posição para conter a perseguição, consti-  
tuindo depois a guarda da retaguarda.

### Hypothese particular

O commandante do batalhão, suppondo ter decorrido o tempo  
necessario, ordena á 4.<sup>a</sup> companhia, que está em reserva, junto á  
casa mais a *L* das Silveiras, que tome posição no caminho que  
passa no alto para permittir ao batalhão desembarçar-se, e que  
forma depois a extrema guarda da retaguarda, procurando o mel-  
hor caminho para a estrada Sapataria-Milharado-Povoá.

### Trabalhos a executar

1.<sup>o</sup>—Descrição do terreno que importa ao combate, e até á  
sua entrada na columna na estrada.

2.<sup>o</sup>—Como commandante da 4.<sup>a</sup> companhia relate:

1.<sup>o</sup>—Ordens que daria e posições tomadas para o combate da-  
das estas hypotheses:

*a*) Ao tomar posição as companhias do batalhão, encontram-  
se a 3.<sup>a</sup> a 200<sup>m</sup> a *L* do Casal da Murteira, batendo o alto do Cor-  
deiro; a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> no caminho a *O* batendo Chão de Marraz (muros  
derrubados).

*b*) Uma companhia inimiga chega ao cruzamento de caminhos  
e occupa depois Murteira.

*c*) As companhias do batalhão retiram, a 3.<sup>a</sup>, pelo caminho  
para *SE*; a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> pelo caminho para Silveiras.

*d*) Um esquadrão de cavallaria, que estava a coberto do alto  
do Passarinho, vem pelo caminho atacar o flanco da companhia da  
Murteira, permittindo á sua companhia a retirada, e fica encarre-  
gado de manter o contacto com o inimigo.

3.<sup>o</sup>—Disposição da companhia na columna.

O terreno que nos interessa pode considerar-se limitado a *O*  
pela estrada Sapataria-Milharado, a *L* pelo caminho que passa no  
alto de cota 319; 400<sup>m</sup> a *L* do Casal da Murteira, alto de cota 320,  
alto do Passarinho, Boco, ravina do Godeis. A *S* pelo caminho a  
200<sup>m</sup>, a *S* de Godeis, no cruzamento mais importante das ravinas,  
dirigindo-se para *SO* ao Casal do França e d'aqui para a estrada  
Sapataria-Milharado. A *N* pela linha determinada pelas alturas  
(cota 317) a 300<sup>m</sup> a *N* do Casal da Murteira e alto do Cordeiro. O  
alto do Cordeiro, occupado pelo inimigo tem pouco commanda-  
mento sobre as posições do nosso batalhão; a rede de caminhos a  
*SO* e *SE* do Cordeiro, facilita ao inimigo a sua marcha, e por con-  
sequencia a perseguição das nossas forças, e bem assim a occupa-  
ção de Chão de Marraz e Casaes da Varzea.

O alto das Silveiras apresenta no caminho *O-E*, uma boa po-

sição defensiva na parte enterrada (100<sup>m</sup>) e com regular campo de tiro para *N* (muros derrubados). Os caminhos que partem do alto das Silveiras para *S* e *SE*, indicados para retirada das companhias, permitem-na, sómente o 1.º, n'um percurso de 250<sup>m</sup>, e o 2.º n'uma grande extensão, e em geral sempre a coberto das vistas do inimigo. Os caminhos de pé posto que partem do alto do Passarinho, circumdam o monte de cota 313, vão ao fundo do valle e acompanham as linhas d'agua, podem ser aproveitados pela 3.ª companhia, a que foi assignada aquella linha de retirada.

O alto do Ferraz, de cota proximamente igual á dos mais altos montes visinhos, constitue uma boa posição d'observação e resistencia, tendo boas communicações para *N* e *SO*, que podem ser aproveitadas aquelle pela nossa cavallaria e esta para a retirada da nossa infantaria.

Os casaes do Sizandro e o caminho que se dirige para *SE*, prestam-se a ser occupados pela nossa cavallaria, onde, apeada, poderá resistir e demorar a marcha do perseguidor pela estrada Sapataria-Milharado.

O commandante da brigada Sul deu a ordem para a retirada geral sobre Povoá de Baixo, nas disposições da qual vem a seguinte alinea: «O 3.º batalhão do regimento... que está em reserva no Casal das Silveiras tome posição para conter a perseguição do inimigo, até que a columna se tenha organizado na estrada de marcha, constituindo depois com o 1.º esquadrão do regimento... a guarda da retaguarda da brigada.»

O commandante do batalhão, em vista d'isso, deu a seguinte

### Ordem para a guarda da retaguarda

(Brigada mixta)  
(Guarda da retaguarda)  
N.º 1

Casal das Silveiras, 10-5-905,  
às n<sup>h</sup> n<sup>i</sup>

#### Distribuição das tropas

1.º—Cavallaria da guarda da retaguarda: 1.º esquadrão do regimento...

2.º—Extrema guarda da retaguarda: 4.ª companhia do 3.º batalhão.

3.º—Grosso da guarda da retaguarda: 1.ª, 2.ª e 3.ª companhias do 3.º batalhão.

I. — Situação.— A nossa brigada foi obrigada a retirar sobre Povoá de Baixo, pela estrada Sapataria-Milharado, onde espera reforços.

Um batalhão inimigo, que nos vem perseguindo, tomou posição no alto do Cordeiro.

II. — Fim.— O 3.º batalhão do regimento... vai tomar posição para conter a perseguição, dando tempo a que a brigada se organice em columna de marcha, constituindo depois com o 1.º esquadrão do regimento... a guarda da retaguarda.

## III. — Disposições:

- a) A 3.<sup>a</sup> companhia vai tomar posição a 200<sup>m</sup> a *L* do Casal da Murteira, batendo o alto de Cordeiro; a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> companhias no caminho a *S* do mesmo Casal, batendo Chão de Marraz, onde se manterão até nova ordem.
- A 4.<sup>a</sup> companhia, como reserva, irá estabelecer-se junto á casa mais a *L* das Silveiras.
- b) O esquadrão de cavallaria irá estacionar a coberto do alto do Passarinho.
- c) A organização da guarda da retaguarda na estrada Sapataria-Milharado, será feita a partir do cruzamento da dita estrada com o caminho para o Ferraz e proximo do extremo *N* do muro da Quinta do Munhoz, ponto sobre que as companhias do batalhão deverão operar a sua retirada.
- d) Os carros de munições do batalhão distribuirão immediatamente um municamento suplementar de 30 cartuchos por praça, indo depois estacionar junto á estrada no caminho que d'esta se dirige para a Quinta do Munhoz. (314 R. C.)
- e) A testa do grosso da retaguarda procurará manter a distancia de 1:500<sup>m</sup> da cauda do grosso da columna.
- f) A extrema guarda da retaguarda seguirá a 500<sup>m</sup> na cauda do grosso da guarda da retaguarda.
- g) A cavallaria da guarda da retaguarda conservará por meio de patrulhas o contacto com o inimigo, procurando demorar o seu avanço, resistindo nos Casaes do Sizandro.

## IV. — Local para onde devem ser dirigidas as comunicações.

— Estaciono no alto das Silveiras. Depois de organizada a guarda da retaguarda na columna, marcho com a extrema guarda da retaguarda.

Communicada verbalmente aos commandantes de companhia e do esquadrão, reunidos.

F...  
Major

A 4.<sup>a</sup> companhia, que se achava em columna cerrada, ao abrigo das casas mais a *L* das Silveiras, recebe ás *n<sup>h</sup>* e *n'* a seguinte ordem verbal do commandante do batalhão:

(Regimento...)  
(3.<sup>o</sup> batalhão)

Alto das Silveiras em 10-5-905,  
ás *n<sup>h</sup>* *n'*

Ao commandante da 4.<sup>a</sup> companhia do 3.<sup>o</sup> batalhão do regimento...

Tome posição no caminho que passa no alto das Silveiras para permittir ao batalhão retirar e formar em columna de marcha.

Transmittida pelo ajudante do batalhão.

F...  
Major

O commandante da 4.<sup>a</sup> companhia reúne logo os commandantes dos pelotões e dá-lhes verbalmente a seguinte

### Ordem para o combate

(3.<sup>o</sup> batalhão)  
(4.<sup>a</sup> companhia)  
N.<sup>o</sup> 1

Silveiras, 10-5-905,  
ds n<sup>h</sup> n<sup>l</sup>

- I. — **Situação.** — O inimigo na força d'um batalhão occupa o alto do Cordeiro e uma das suas companhias acha-se já em Chão de Marraz.
- A 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> companhias do nosso batalhão occupam o caminho a *S* do Casal da Murteira e batem com os seus fogos Chão de Marraz, a 3.<sup>a</sup> companhia a 200<sup>m</sup> a *L* do Casal da Murteira bate o alto do Cordeiro.
- II. — **Fim.** — A 4.<sup>a</sup> companhia vai occupar o caminho no alto das Silveiras, onde se sustentará até nova ordem para cobrir a retirada do combate do resto do batalhão.
- III. — **Disposições:**
- a) A companhia passa immediatamente á ordem extensa, indo o 1.<sup>o</sup> pelotão apoiar o seu flanco esquerdo no cruzamento dos caminhos 60<sup>m</sup> ao *N* da ermida das Silveiras, e o 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> pelotões prolongarão a linha de combate para *L*, ficando o flanco direito da companhia sensivelmente á altura da ravina (proximo do ponto cotado 308). Na marcha para a posição dará a direcção o pelotão da esquerda.
  - b) Logo que a companhia tenha a frente desembaraçada pela retirada das nossas companhias, romperá o fogo vivo com a alça de 400<sup>m</sup>, tomando como objectivos o 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> pelotões, as forças inimigas que occupam o Casal da Murteira, e o 1.<sup>o</sup> pelotão as forças que (provavelmente) estarão a *O* d'aquellas.
  - c) Cada pelotão mandar-me-ha apresentar 1 soldado para ordenança.
- IV. — **Local para onde devem ser dirigidas as communicações.** — Acompanho a companhia 20 passos proximamente á retaguarda do centro da linha de combate.

F...  
Capitão

### Execução da ordem anterior

O commandante da companhia mandando passar a companhia á formação por pelotões de costado, abrir intervallos para a direita, e estender, conduziu-a á posição determinada, onde se manteve, fazendo fogo vivo durante *n* minutos, em que recebeu do commandante do batalhão a seguinte ordem verbal:

(Regimento . . .)  
(3.º batalhão)

Casal das Silveiras, 10-5-905,  
às n<sup>h</sup> n<sup>l</sup>

Ao commandante da 4.ª companhia . . .

Logo que o esquadrão de cavallaria, estacionado no alto do Passarinho, carregar sobre a companhia que occupa o Casal da Murteira, retire para o alto do Ferraz, onde se conservará em formação de combate, até o grosso da guarda da retaguarda se pôr em marcha.

F . . .  
Major

O commandante da 4.ª companhia, aproveitando-se da surpresa produzida pelo ataque inesperado da nossa cavallaria, manda — Retirar — vindo a companhia na formação em que estava, até junto da ravina que desce do alto das Silveiras, e no ponto onde ella se bifurca para o alto de cota 313, passa á formação de costado e dirige-se directamente ao cruzamento de caminhos de pé posto no fundo do valle, seguindo depois n'uma extensão de 200<sup>m</sup>, o caminho a *O*, subindo d'ahi, pela cumeada, ao alto do Ferraz, onde toma posição para combate frente a *N. E.*

Decorridos *n* minutos, o commandante da 4.ª companhia recebe por intermedio d'um cavalleiro de ligação, comunicação de que o grosso da guarda da retaguarda vae pôr-se em marcha. Em vista d'esta comunicação, manda fazer a reunião por pelotões, e marcha com a companhia de costado, pelo caminho que se dirige para *SO*, a entrar na estrada de marcha onde segue com a companhia reunida á distancia da cauda do grosso da guarda da retaguarda, determinada na ordem para este destacamento de protecção.

### Justificação de algumas disposições adoptadas

1.º — Pareceu-nos ser preferivel estender logo toda a Companhia, em vez de guarnecer a posição (caminho do alto das Silveiras) com 2 pelotões, conservando o 3.º em reserva, pelos seguintes motivos: Tendo a companhia que fazer face a um batalhão de perseguição, deverá metter em linha, o maior numero de espingardas, para fazer crêr ao inimigo que está em presença de forças superiores, e ainda por que sendo um combate puramente defensivo, a que, inevitavelmente, se ha de seguir uma retirada, não tem a linha de fogo que ser impulsionada por fracções em reserva, accrescendo a circumstancia, que um reforço effectuado depois da retirada das restantes companhias do batalhão seria perigoso pela proximidade e intensidade do fogo inimigo.

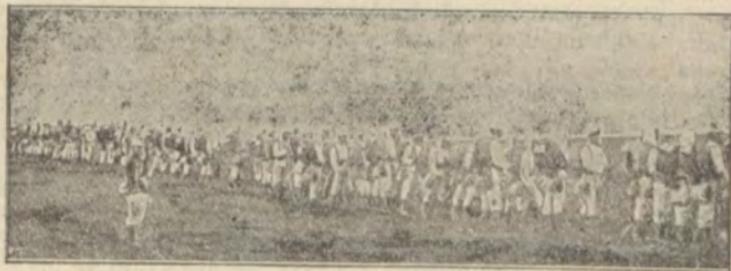
2.º — A escolha da linha de retirada da 4.ª Companhia obedeceu a aproximarmo-nos da estrada de marcha, procurando ganhar-a o mais depressa possivel para cobrir a retirada da columna e evitar o muito provavel risco do inimigo, não encontrando forças

que se lhe oppozessem, separar a guarda da retaguarda do grosso da columna. Esta linha de retirada tem o inconveniente de, no fundo do valle (100<sup>m</sup>), ser batida pelos fogos do Alto do Cordeiro e Chão de Marraz, mas essa passagem deverá fazer-se accellera-damente, e fila a fila, para subtrahir a companhia aos effeitos d'aquelles fogos.

3.º — A distancia entre a cauda do grosso da columna e a testa da extrema guarda da retaguarda (2.000<sup>m</sup>), foi determinada (127-130 R. C.) pela condição de não poder ser o grosso da columna alcançado pelo fogo da artilheria inimiga, que não poderia tomar posição a menos de 1:000<sup>m</sup> da extrema guarda da retaguarda, e tambem para que qualquer demora que haja na marcha do grosso da columna não se transmita á guarda da retaguarda.

4.º — A companhia, como extrema guarda da retaguarda, marcha reunida, por nos parecer ser este o espirito dos n.ºs 130-131 do R. C.

X. Y.



## Pangermanismo e alliança militar dos povos latinos

(Continuado do n.º 2—1906)

### IV

Patria não é simplesmente um territorio onde se falla e escreve a mesma lingua, onde se respira o mesmo ambiente e onde o mesmo fecho de raios solares se espria em ondas de luz: é um conjuncto de elementos homogeneos, integrados por uma razão geographica e economica; é uma familia que atravessa unida os vastos campos da Historia, procurando alcançar sempre o mesmo

ideal, que, umas vezes, ao bafejal-a com os effluvios da felicidade, a torna feliz e opulenta, e, outras vezes, ao desfazer-se como miragem enganadora, a lança no desespero e na miseria. A propria lingua, que ella falla e escreve, exprime, pelos differentes generos de litteratura, toda a sua psychologia, aferida pela mesma modalidade de sentimentos. Esse mesmo ambiente, que a envolve, e esses raios solares, que a aquecem, dão-lhe caracteres fixos, na ordem anthropologica, e egualdade de condições, na ordem agraria.

D'aqui resulta que, na Patria, todos os cidadãos são solidarios, como cellulas de um organismo, definido pela mesma natureza de influencias hereditarias e cosmicas; todos os cidadãos vivem na mesma communhão de interesses sociaes, como agentes da mesma riqueza, como responsaveis pelos mesmos encargos. Da florescencia da Patria disfructam todos os cidadãos, como todos materialmente soffrem com os seus descabros.

Os canticos triumphaes, entoados pela gloria da Patria, inundam de jubilo as almas, elevam-nas á plenitude da sua consciencia historica, n'uma onda affectiva que irmana todos os corações. Pois tambem as vibrações lugubres que, nos dias amarissimos de derrota, se desprendem do bronze que tange pela Patria opprimida e arruinada, afogam no mesmo pranto, sepultam na mesma saudade todos os animos que laboraram pelo bem collectivo, todos os que, em rasgos de civismo, se vincularam a essa terra que é manancial de Amor e patrimonio sacratissimo.

E, sendo assim, o primeiro dos deveres que impende a todos os cidadãos é cooperar na defeza da Patria.

A defeza resulta do instincto de conservação, tão natural n'um ser biologico como legitimo n'uma Patria. Não accudir á defeza é, implicitamente, affirmar a não razão de ser da autonomia; é estender espontaneamente os pulsos á algema aviltante do estrangeiro; é transformar essa bandeira, que symbolisa a honra e a independencia nacional, em ignobil mortalha de miseraveis poltrões.

A recusa ao serviço militar constitue pois sempre um crime, em qualquer paiz, e, muito especialmente, sendo prégada em povo latino, na actual conjuntura. O desacato ás tropas que passam é um insulto á Patria e negra ingratição aos que juraram morrer por ella.

## V

Os inimigos dos exercitos fundam-se no principio de que a disciplina vexa a dignidade humana. Não pode haver obsecação maior.

Com effeito, a disciplina é um facto tão geral, inevitavel e necessario que até se manifesta nos organismos social e humano. Assim, os poderes publicos, desde as monarchias absolutas até ás republicas radicadas, impõem a sua acção, coercivamente. Os imperantes ou os parlamentos, fabricando as leis, os ministros executando-as e os juizes interpretando-as, determinam aos vassallos ou aos cidadãos um certo numero de actos cuja inobservancia importa a incursão em disposições penaes, que podem ir desde a condemnação á morte até á perda de direitos politicos. Na sociedade civil existe a disciplina com o nome de *ordem* e existem superiores que são todos os que *mandam*. E se assim não fosse, seriam impossiveis a civilisação e o progresso, porque deixaria de haver garantia de direitos e os cidadãos jámais poderiam entregar-se ás parcelas de actividade, impostas pela necessidade da divisão do trabalho e cujo conjuncto constitue a força e o prestigio nacional.

Da mesma forma, só existe saude, que é a *ordem* no organismo, quando ha a necessaria subordinação de uns a outros systemas. O corpo humano tem tambem o seu poder legislativo, que é o cerebro, o executivo, formado pelo jogo muscular, e o judicial, que reside na consciencia. E, como se não bastasse tão frizante exemplo de disciplina, ainda existem os *leucocytos*, verdadeiro exercito que acode em massa, em defeza do territorio organico, sempre que alguns mi-

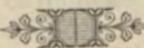
crobios mal intencionados conseguem infiltrar-se no sangue.

Além d'isso, a disciplina militar não representa a inferioridade lançada como um labeo aos individuos alistados: resulta apenas do facto do exercito ser um complexo machinismo com peças destinadas a movimentos differentes e, como tal, exigindo uma dynmica com successivas subordinações. E, se assim tem de succeder, em guerra, torna-se evidente que a disciplina tem de existir na paz, como indispensavel habito de obediencia; aliás, não haveria probabilidade de todas as ordens serem integral e rapidamente cumpridas, na execução de qualquer plano de campanha.

A hierarchia militar é a consequencia immediata da diversidade de funcções, que são, ou devem ser, conquistadas em harmonia com as aptidões dos individuos. Tambem o conductor de obras publicas, na execução de quaesquer trabalhos, não se vexa pelo facto de receber ordens do engenheiro, nem o pharmaceutico nem o enfermeiro se sentem humilhados perante as prescripções indiscutíveis do medico. Porque ha de pois affrontar-se o soldado com o commando do official, se a razão de ser de esse commando encerra todo o valor e prestigio e toda a garantia de exito da instituição militar?

(Continua)

ANTONIO CABREIRA  
Cavalleiro da Legião de Honra



## BIBLIOGRAPHIA

**Raças cavallares da Peninsula e marcas a ferro**, por  
*Domingos Alves da Costa Oliveira*, tenente de cavallaria.

O sr. tenente Costa Oliveira, com a publicação do livro a que nos estamos referindo, preencheu uma lacuna importante, porque muito pouco havia entre nós publicado sobre o assumpto. Alem de fornecer apontamentos valiosos para o estudo d'assumptos d'esta

natureza, estuda com bastante desenvolvimento as raças cavallares da Peninsula, que faz acompanhar d'um grande mappa geographico e sobre o qual estão indicadas as differentes raças e marcas e pelo qual se pode avaliar rapidamente qual a sua densidade, tanto em Portugal como em Hespanha.

A parte mais interessante do livro é, sem duvida, a consagrada ás marcas a ferro, pois que, juntando-lhe os respectivos desenhos, apresenta uma collecção superior a 4:000, constituindo assim a collecção mais completa que é conhecida n'estes dois paizes.

E', como se vê, um livro indispensavel a todos os officiaes que se dediquem a questões cavallares, e um repositorio valioso que muitas vezes será consultado tanto por curiosos como por profissionaes. E' mesmo um livro indispepsavel em todas as bibliothecas militares. Ao sr. tenente Costa Oliveira as nossas felicitações pelo seu trabalho, que é bem digno de ter excellente acolhimento.



## Secção do estrangeiro

**Allemanha.**—Ensaia-se presentemente nas carreiras de tiro d'este paiz o ponto de mira Kokotovic, já adoptado nas metralhadoras na Suissa. Consta que as experiencias teem revelado que tal ponto de mira facilita a pontaria.

Pretende-se adoptar no exercito carros de campanha destinados a lavar roupa. O invento é de um allemão (Würzenger) que vive em Moscou, e já teve a consagração da prática, na guerra russo-japoneza.

Este carro andou durante 8 mezes na Mandchuria com aprazimento dos serventes.

Lava em 24 horas 6:000 peças de roupa com uma economia consideravel.

Em quanto que entre nós houve um ministro que destruiu o campo de tiro de Alcochete, cujo terreno foi adquirido por uma

bagatella, os allemães acabam de comprar por 140 contos de réis um novo campo de manobras para exercicios com fogos reaes para o XVI corpo de exercito.

Hoje talvez já não haja corpo de exercito que não tenha o seu campo de manobras privativo. Se não se adopta entre nós medida semelhante dentro em breve os nossos regimentos não teem terrenos aonde fazerem exercicios, tal é o desenvolvimento que a propriedade particular vae tomando, principalmente nas proximidades das cidades, aonde as construcções progridem a passos agiantados de dia para dia.

\*

Na Allemanha já se está procedendo á revisão da sua tactica de infantaria.

Uma commissão presidida pelo general de infantaria, commandante do XIV corpo de exercito, von Bock und Polack, já iniciou os seus trabalhos.

N'um paiz pratico, e aonde as cousas militares são tratadas com a maxima seriedade e com a importancia que realmente teem e merecem ter em face dos destinos da nação, é assim que se procede.

Houve revelações e ensinamentos de importancia na guerra russo-japoneza?

Vamos estudar esse assumpto e vamos modificar o nosso regulamento de manobras de infantaria em harmonia com as irrefragaveis lições da pratica.

E' o que estão fazendo os allemães.

Chamamos a attenção da commissão de aperfeiçoamento da nossa arma para o exemplo que nos dá a Allemanha.

\*

No VII corpo de exercito está-se ensaiando um pequeno aparelho, que o soldado de infantaria traz preso ao cinturão, e que serve para apoiar a espingarda no tiro deitado.

E' uma especie de forqueta que se fixa no solo para receber a espingarda, mesmo por baixo do seu centro de gravidade.

Dizem que é muito pratico. Era caso para ser experimentado no nosso exercito.

\*

A China mandou para a Allemanha 20 officiaes para estudarem as instituições militares d'aquella grande nação. Foram distribuidos pelos regimentos do III corpo de exercito.

**França.** — O ministro da guerra acaba de chamar a attenção dos generaes commandantes de corpo de exercito para as operações de noite, devendo as tropas serem familiarisadas com esses exercicios nocturnos, visto a importancia que taes operações revelaram no desenrolar da guerra russo-japoneza.

Já foi dada ordem para se executar exercicios de marcha, de serviço de campanha e de combate durante a noite.

A lição d'essa grande guerra, que todas as potencias militares da Europa começam a aproveitar com um grande espirito de bom senso e de patriotismo, parece que para nós não teve a menor importancia nem nos causou a minima impressão.

Oxalá que o nosso acordar não seja tarde.

Os exercicios de noite impõem-se como uma necessidade instante reclamada pela guerra.

\*

A experiencia da ultima guerra está produzindo os seus effeitos naturaes nos diversos exercitos da Europa.

Verificou-se nos plainos da Mandchuria a grande importancia que tem na guerra as ferramentas de campanha.

Uma ordem ministerial acaba de augmentar consideravelmente a dotação de cada campanha de infantaria que ficou possuindo as seguintes ferramentas:

112 pás de cavar, 32 alviões, 16 podões, 12 machadinhos de mão, 4 machados portateis, 1 serra, 4 thesouras de cortar arame. Ao todo 181 ferramentas para 250 praças.

\*

Na intenção de aligeirar o soldado de infantaria está feita já uma encómmoda de 400 mil marmitas de aluminio.

Tambem se estuda a maneira de aligeirar os carros de companhia.

O conselho tecnico de infantaria, actualmente presidido pelo general Malafosse, estuda presentemente estes assumptos.

\*

O general Mathias, commandante do 15.º corpo do exercito francez, acaba de fixar as condições em que devem ser executadas, no presente anno, as manobras do outomno do corpo de exercito que commanda.

As 29.ª e 30.ª divisões de infantaria executarão manobras de divisão que deverão durar 14 dias.

Cada divisão terá 4 regimentos a 3 batalhões, 2 grupos de 3 baterias de artilheria, um regimento de cavallaria e uma companhia de engenharia.

Os 7.º e 24.º batalhões de caçadores, a 4 companhias, serão incorporados na 29.ª divisão.

Os corpos deverão fazer uso, na mais larga escala, de cavallos de trem trazidos pelos reservistas.

Sem manobras não se comprehende aonde haja escola para o alto commando.

Só entre nós é que as manobras de outomno se fazem por intermitencia.



9.º ANNO

MAIO DE 1906

N.º 5

# REVISTA DE INFANTERIA

## QUESTÕES D'ORGANISAÇÃO MILITAR

(Continuado do n.º 3—1906)

### Distribuição do contingente e unidades de deposito

Supponhamos que 57:135 é o numero de mancebos recenseados para o serviço militar—media dos ultimos dez annos—e 35:995 o numero de mancebos apurados.

Estes mancebos, inscriptos nos livros de recrutamento, estão distribuidos pela seguinte forma:

Para as armas . . . . .	32:396
Para os serviços militares . . . . .	<u>3:599</u>
	35:995

Sendo necessarios 18:200 homens para o contingente a incorporar nas armas, 600 homens para a armada e 900 para a guarda municipal e fiscal, fica-nos um excesso de 12:696. Se abatermos ainda 2:300 remidos, ficam-nos 10:396 individuos para reserva de recrutamento.

Vejamos agora a quanto estará reduzido no fim de 12 annos—somma de activo com a 2.<sup>a</sup> reserva,—o numero d'homens incorporados directamente na 2.<sup>a</sup> reserva.

Sendo 12:696 este n.º [10:396 + 2:300 remidos] e applicando a formula anterior teremos:

$$E = 0,97 \frac{1 - 0,97^{12}}{0,03} 12:696$$

$$E = 127:256$$

No fim dos 12 annos a 2.<sup>a</sup> reserva terá 127:256 homens sem instrucção militar, a não ser a que possam adquirir durante os periodos d' instrucção annual.

Juntamente com este nucleo haverá as 4 classes com instrucção e que hão de constituir  $\frac{1}{3}$  do effectivo das unidades a mobilisar, como já indicámos anteriormente.

Suppondo que aquelles 127:255 homens são destinados á infantaria, corresponderá a cada regimento 3:302 homens.

D'este numero apenas nos serão necessarios 2:069 ou  $\frac{2}{3}$  de 3:100, ficando-nos ainda 3:223, que poderão constituir outras unidades.

Destinando 1:000 homens para constituir um batalhão de deposito, ainda nos restavam 2:223 a mais por cada regimento.

### *Batalhão de deposito*

Fallamos em que se tiravam 1:000 homens para cada batalhão de deposito. Estes batalhões são criados logo no acto da mobilisação, para instruir individuos que hão d'ir preencher as baixas na 1.<sup>a</sup> linha.

Não convem formal-os a cargo dos regimentos de reserva, mas sim independentes d'estes, para não prejudicar a missão de ambas as unidades, que n'estas circumstancias nada produziriam.

Geralmente fica um commandante de batalhão do regimento activo com um certo numero d'officiaes no batalhão de deposito.

Todas as nações procuram resolver da melhor forma esta troca d'officiaes entre o activo e as forças de reserva.

Gilbert diz que na Allemanha estas trocas chegam a ser tradicionaes.

Em 1870, na Allemanha, o 2.<sup>o</sup> regimento de grana-

deiros destacou 12 officiaes para o regimento de *landwer* e o seu batalhão de deposito recebeu successivamente 5 officiaes de *landwer*, dos quaes 3 foram enviados das tropas activas durante a guerra.

Na Italia cada companhia dá um official para a milicia, na occasião da mobilisação.

Os exercitos não devem reorganisar-se durante a mobilisação, criando novas unidades, devendo de preferencia reforçar os antigos (Bannus e Comas), onde se conserva o espirito do corpo, a tradição e emfim tudo aquillo que não se improvisa.

Como diz *Von der Goltz*, o exercito é um gigante que durante a guerra necessita de continuos alimentos.

Resulta d'aquí a vantagem que se manifesta de haver em cada corpo unidades de deposito, tendo como fim completar as faltas que se derem durante a guerra.

### *Estudo comparativo*

Vejamos agora se com o contingente annual e o tempo de serviço regulamentado no nosso paiz será possível organizar as unidades que deixamos indicadas anteriormente.

O contingente votado annualmente é de 15:000 homens e o effectivo que se decreta para o pé de paz de 30:000 homens.

Tinhamos anteriormente achado para 6 divisões no pé de guerra 109:794 praças de pret. Para um effectivo de paz de 30:000 haveria a mobilisar 79:794 que junto a este numero 25 % virá

$$79:794 + 19:948 = 99:742$$

Deveria a I.<sup>a</sup> reserva fornecer 99:742 com as suas 5 classes da organização em vigor.

Applicando-lhe a formula geral encontramos para um contingente de 15:000 homens no fim dos 5 annos da I.<sup>a</sup> reserva.

$$R = 62:539$$

para

$$99:742$$

Faltam 37;203 homens que terão de se ir procurar na 2.<sup>a</sup> reserva.

Teria a 2.<sup>a</sup> reserva que dar os homens para completar os effectivos a mobilisar, o que é contrario ao geralmente estabelecido e ao que deixamos anteriormente indicado. Augmentar o numero de annos de serviço da 1.<sup>a</sup> reserva, seria tambem contrario ao que se exige geralmente nas differentes nações.

Terá portanto a 2.<sup>a</sup> reserva que formar os individuos necessarios para completar aquelle numero.

Nas 7 classes da 2.<sup>a</sup> reserva, applicando-lhe a formula geral, encontra-se

$$R_2 = 73:017 \text{ homens}$$

Abatendo	
	37:203
Ficam	
	35:814

para constituir o nucleo das tropas de reserva.

Para as 6 divisões de reserva vimos que precisavamos

	74:496
Abatendo	
	35:815
Ficam	
	38:682

que hão de vir da 2.<sup>a</sup> reserva sem instrucção.

Tinhamos calculado as unidades de reserva de forma que  $\frac{1}{3}$  do seu numero constituido fosse preenchido por individuos que tivessem passado pelas fileiras.

A 2.<sup>a</sup> reserva sem instrucção com as suas 15 classes, sendo composta cada classe de 63  $\frac{0}{100}$  de 62:236 — 16:500 (1)

---

(1) 15:000 + 600 armada + 900 guarda fiscal e municipal.

ou seja 22:760 homens necessarios. No fim de 15 annos abrange

$$R_3 = 0,97 \frac{1 - 0,97^{15}}{0,03} 22:760$$

$$R_3 = 242:498$$

Vê-se pois, tirando d'aqui os 38:682 homens necessarios para completar os individuos de reserva, que ainda nos ficavam 203:816 individuos. Conclue-se que com a percentagem indicada e com o numero de classes da organisação se garantia o bastante, dentro dos limites do nosso orçamento, para organizar as 6 divisões, suppondo incluída a população das ilhas adjacentes. Considerando ainda os 6 batalhões de caçadores da organisação em vigor e os 3 regimentos das ilhas e 2 batalhões, havia um augmento de 12:000 a 13:000 homens, que ainda seria possível organisal'os com o numero de individuos que deixamos indicado e que se iam abatendo successivamente aos dois ultimos escalões.

O effectivo de paz de 30:000 homens é que seria insufficiente para garantir as necessidades da instrucção, dada mesmo a hypothese que elle se mantivesse nas fileiras e não fosse theorico,

No caso da organisação em vigor, como não contamos senão com as 6 divisões activas, ainda nos restavam 35:814 homens da 2.<sup>a</sup> reserva para garantir quaesquer falhas, que é muito possível se deem no nosso exercito, as quaes não estão rigorosamente avaliadas por ser desconhecido—como já se disse—o valor *d*.

Podemos, pois, garantir a mobilisação de 6 divisões activas com reservistas que passaram pelas fileiras. Ficam-nos garantidos, com estes algarismos, os reservistas sufficientes para incorporar, se bem que alguns pertençam á 2.<sup>a</sup> reserva e devam por isso ser destinados a outros serviços differentes da 1.<sup>a</sup> linha. Alem d'isso fica-nos ainda um nucleo de 242:498 homens pertencentes á 2.<sup>a</sup> reserva sem instrucção e que poderão ser apresentados para serviços da 2.<sup>a</sup> linha, com que podemos formar um grande numero de unidade de reserva.

*Orçamentos*

Comparando as despesas do orçamento da guerra e as do orçamento geral do estados em relação a um grande numero d'outras nações nota-se o seguinte:

Portugal, 11,6 0/0; Allemanha, 22 0/0; França, 19,5 0/0; Suissa, 26 0/0; Bulgaria, 25 0/0; Hespanha, 18 0/0; Russia 18 0/0; Austria, 15 0/0; Grecia, 17 0/0; Dinamarca, 18 0/0; Italia, 13 0/0; Servia, 26 0/0. Suecia, 32 0/0; Turquia, 32 0/0.

E' Portugal, como se tem dito de ha muito, o paiz que menos dinheiro absorve para as necessidades da sua defeza.

Nas polemicas travadas recentemente em França por occasião do seu discutido orçamento do ministerio da guerra, alguns membros do parlamento trataram de apurar se o dinheiro fornecido generosamente pela nação seria empregado de fórma a collocar o exercito francez em condições de sustentar uma lucta armada. Mr. Klotz, relator do orçamento, fez uma serie de discursos brilhantes ácêrca do confronto da situação militar franco-allema.

Para que se faça uma ideia da nossa insignificante dotação para acudir ás exigencias d'um exercito moderno, vale a pena citar o seguinte:

Depois de 1870, a França tratou de reconstituir o armamento e provisões, assim como de proceder á defeza do territorio. Considerou-se que, pela sua natureza, as despesas correspondentes a estas pesadas necessidades não se renovariam annualmente e que por conseguinte não poderiam encontrar logar ao lado das despesas permanentes dos serviços correntes, aos quaes se provia por meio dos recursos normaes do imposto. Succedeu-se assim o orçamento extraordinario. Esta situação desapareceu em 1891, passando as despesas a tomar um caracter de permanencia. Em 1891 appareceu o orçamento extraordinario, devendo as despesas n'elle lançadas figurar no quadro do orçamento normal, onde formariam uma segunda secção chamada «Despesas extraordinarias».

Os esforços successivos desde a guerra de 1870 para reconstituição do material de guerra e provisões de reserva, para dar ás fronteiras uma força notavel de resis-

tencia, occasionaram uma despeza de 3 milhares e 622 milhões de francos, ou seja a media annual de 100 milhões d'augmentos successivos, o que equivale em moeda portugueza a uns 18 ou 20:000 contos de reis.

Não se deve esquecer que no dominio militar os progressos são incessantes e que para manter a potencia adquirida pelo preço de tamanhos esforços e sacrificios o paiz encontra-se na obrigação imperiosa de aperfeiçoar em cada anno o seu material de guerra e os seus meios de defeza.

N'um periodo dos ultimos 16 annos, a camara e o senado teem augmentado as propostas dos ministros da guerra, ampliando assim os augmentos de despeza por elles apresentados.

Total depois de 30 annos:

4473.169.791 francos a dotação; 3694.546.526 francos de creditos abertos; 3622.401.644 francos de despesas auctorizadas pelo parlamento; 146.158.522 francos sobre fundos de concursos.

Nota-se a differença bastante sensivel que se encontra entre os algarismos da dotação e os das despesas realmente effectuadas.

As despesas extraordinarias allemãs elevaram-se a um quintuplo para despesas extraordinarias, construcções novas e provisões de reserva.

\*  
\*            \*  
\*

No trabalho que temos exposto aos leitores da *Revista de Infanteria* tivemos apenas em vista indicar a marcha ou mais propriamente a orientação a seguir nas questões d'organisação militar do exercito.

Apresentamos o problema quasi debaixo d'um ponto de vista theorico, se bem que durante a marcha da sua evolução tivessemos encontrado pontos de contacto com a nossa organisação, não tivemos em vista fazer um trabalho de critica á organisação militar do exercito portuguez.

E' possivel que mais tarde, recorrendo ás regras que

aqui deixámos dispersas, venhamos applical-as, transportando-nos d'um campo quasi abstracto para o concreto.

O que poderemos accentuar desde já, é que o exercito reclama uma era de calma e serena permanencia da sua organização e que o orçamento da guerra precisa ser dilatado em harmonia com as exigencias de defesa do paiz.

Uma revisão geral dos quadros da infantaria impõe-se como uma das necessidades immediatas e inadiaveis. Deixamos apontados todos os elementos para quem queira dar-se ao trabalho de vêr o que nos falta para as necessidades da mobilisação das unidades criadas pela organização em vigor.

Será possivel obter esses elementos? Parece-nos bem que sim, pelo menos é o que se vê fazer em toda a parte onde ha exercitos.

Faremos em um ultimo artigo algumas considerações ácêrca d'este assumpto.

*J. S.*



## ORGANISAÇÃO MILITAR COLONIAL

Tinhamos resolvido dar por findas as nossas considerações sobre este assumpto. Sentimos, porem, necessidade impreterivel de pôr em evidencia mais uma enorme deficiencia do diploma que organisou as forças ultramarinas, que só agora podemos conhecer.

Está evidenciado que é o subalterno d'infanteria, desi-

gnadamente o alferes d'esta arma, que mais se sacrifica no ultramar.

Todos os alferes d'infanteria que, no corrente anno, obtiverem promoçãõ a tenentes para o ultramar são mais modernos que os alferes que, em 1902, foram promovidos para o ultramar. D'esta forma vae dar-se o caso de serem promovidos ao posto immediato individuos mais modernos, porque os alferes vindos para o ultramar em 1902 só d'aqui a seis mezes entram no goso das vantagens que o lei lhes confere. Mas será isto motivo para preterição? Cremos que não. Só deve haver prejuizo quando não ha offerecimento, caracterisado como um facto voluntario, e agora existe esse offerecimento, senão de todos, pelo menos de uma grande parte. Supponha-se o seguinte: o alferes A, sendo sargento-ajudante, em 1902, não se offereceu para servir no ultramar, no posto immediato, mas foi promovido no reino em 14-5-903. E', portanto, mais moderno que os alferes promovidos para cá n'aquelle anno, logo que estes acabem as suas commissões, que é d'aqui a seis mezes, como já se disse. Mas A vae ser promovido a tenente nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901. Como se regulará a sua collocação na escala, como tenente, tendo em conta que um grande numero de alferes tambem se acha na lista dos offerecidos? Exemplifiquemos melhor:— O alferes A foi promovido em 14-5-903. O alferes B foi promovido para o ultramar em 3-6-902, mas só em maio de 1904 chegou á sua altura, no reino, segundo declaração na O. E. Na lista organisaada para promoçãõ para o ultramar, no corrente anno, A figura mais antigo do que B, devendo, por isso, ser promovido a tenente primeiro, como de facto o deverá ser este anno. Mais tarde B é tambem promovido para cá.

Acabadas as commissões, A é alferes mais moderno, mas tenente mais antigo, o que só seria licito se B se não tivesse offerecido. N'estas condições B ha-de protestar contra a collocação na escala de acesso, á sua direita, de A, visto que sendo sargento-ajudante, se offereceu para servir no ultramar, ficando, por isso, alferes mais antigo, e como alferes igualmente se offereceu para promoçãõ a tenente. Dado que se tenha de recorrer para um tribunal

superior, este não pode deixar de ser favoravel a B porque reúne todas as condições para contar maior antiguidade do que A.

Tratando-se de um caso em que só A é promovido, e B não, subsiste ainda o direito de reclamação porque este não obteve promoção por motivos estranhos á sua vontade, o que poderá passar pelos offerecimentos, em todos os annos.

Em tempo foi consultada esta *Revista*, que respondeu que o caso não estava previsto, mas que também se não daria. Mas dá-se, como se verifica na lista dos offerecimentos para o corrente anno.

Mais um grande mal que advem de se ter exigido um periodo demasiadamente longo de permanencia nas colonias aos alferes, que se deve procurar evitar de alguma forma. A nós, que já alimentavamos as nossas duvidas sobre a maneira pratica de collocar os alferes, sem prejuizo da relação entre os theoricos e os praticos, surge-nos mais esta, que não sabemos se se remediará sem haver prejuizos.

Sabemos que as nossas considerações de pouco valor serão, muito principalmente pela desataviada exposição.

Todavia, não deixaremos de apontar o remedio que se nos afigura mais efficaç para debellar o mal, desde que haja vontade de ser justo para com uma classe que tanto se veem sacrificando, e para evitar, no futuro, reclamações que hão de haver, fatalmente, se as cousas se não modificarem, e outros embaraços na organização das respectivas escalas, etc.

O nosso alvitre consiste em sustar, no actual momento, a promoção a tenente para o ultramar. Nas secretarias dos governos provinciaes já se sabe quaes são os alferes que em junho acabam as suas commissões. O ministerio da guerra pediria já relação d'esses alferes, em vista da qual se formularia uma lista especial, só de alferes de infantaria e cavallaria, ficando todos na altura que realmente lhes pertence, seguindo a antiguidade que deriva das vantagens que lhe concede o decreto de 14 de novembro de 1901, e em julho, que é, decerto, quando os tenentes cá são precisos, promover-se-hia quem real-

mente tivesse direito. Não vemos a menor dificuldade em que isto se pratique. Trata-se de uma providencia extraordinaria não prevista na lei mas não se prejudica ninguém. O contrario dará logar a muita reclamação, muito desgosto, e até a alguns esfriamentos entre a classe. Estamos certos d'isso.

Os primeiros alferes que figuram na lista são praticos. D'estes, os que não se offereceram como sargentos, nada perderão com isso se agora os promoverem a tenentes com prejuizo dos que vieram, o que não é justo, nem podia ter sido intenção do legislador.

Do que fica exposto resulta a nosso vér, um grande mal que não sendo remediado segundo o nosso alvitre, prejudicará em geral os alferes d'infanteria.

Não podendo comprir-se a lei de promoções na parte que respeita á promoção a tenente no fim de 4 annos de serviço, como alferes, visto que os que vieram para o ultramar *serão promovidos a tenentes juntamente com os theoricos com que ficarem intercallados* resulta que só alguns d'esses alferes serão promovidos em 1907; outros em 1908, e ainda alguns em 1909, isto é, com 7  $\frac{1}{2}$  annos de alferes. Os de cavallaria serão promovidos todos em 1907, e os almoxarifes devem sel-o este anno, porque nada ha legislado que a tal se opponha. Tem quatro annos de serviço como alferes e é quanto lhes basta.

Serão precisos mais elementos para demonstrar o sacrificio a que são sujeitos os alferes d'infanteria? Cremos que não. São os unicos que, como subalternos, são obrigados a duas sahidias para o ultramar! São por isso dignos que os poderes os attendam no que fica exposto. Não pedem dinheiro, nem cousa que o valha, nem qual-quer commissão rendosa e socegada, antes bem pelo contrario.

O mal que apontamos, senão fôr remediado, representa a maior enchadada que se póde dar na actual organisação militar ultramarina, cujos effeitos só se sentirão, a valer, quando recolherem os alferes promovidos em 1902. Porque diga-se á puridade, 50 % dos alferes em serviço no ultramar, nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901, teem passado, em tudo, uma vida muito

mais sacrificada de que se fossem simples sargentos no reino. Os galões só lhes trouxeram responsabilidades com que quasi se não pode, e as vantagens são tão insignificantes que não valem o simples apartamento da familia, como aqui já se demonstrou.

Os defeitos são muitos, mas o que hoje apontamos — que temos na conta de uma lacuna — exige prompto remedio.

Assim o esperamos.

Africa, janeiro de 1906.

F. S.

---

## Armamento para officiaes

---

Um nosso illustre camarada pede-nos para apresentarmos á ponderação da commissão de aperfeiçoamento da nossa arma o alvitre que formula e ao qual com muito prazer damos publicidade.

Aproveitando esta oportunidade diremos tambem que era da maxima conveniencia resolver alguma coisa a respeito da adopção de pistola authomatica para officiaes.

Como é bem sabido, ha já alguns annos que não se distribue nem fornece revolver aos officiaes por se reconhecer, e aliáz com sobeja-razão, que especialmente o modelo em uso não cõrrespondia ás condições a que devia satisfazer nem preenchia o fim a que era destinado. Por todas essas razões se aboliu e ainda bem, porque era quasi um estorvo e um pezo inutil e bem exagerado que o official era obrigado a transportar.

Se, porem, foi conveniente abolir o revolver, não deixa comtudo de ser util substituil-o por uma pistola authomatica. Que nos conste já foram experimentadas as tres mais conhecidas, Mauser, Brawning e Parabelum, mas ignoramos as razões porque todas ellas foram postas de parte.

Nós, é convenientemente dizer-se, não temos prefe-

rencia por alguma d'ellas. Se achamos conveniente adoptar alguma é porque nos parece util dotar os officiaes com uma arma d'essa natureza, porque muito são os casos em que se torne necessaria.

Mas se um dia se fizer, como de resto é crível que succeda, desejaríamos vêr adoptar algumas medidas como já teem sido postas em pratica n'alguns paizes, em que a pistola é fornecida gratuitamente ao official. E de facto assim deve ser, porque entre a arma do soldado e a pistola do official ha precisamente a mesma paridade, pelo menos no fim a que são destinadas uma e outra. O estado deve fornecer tanto ao soldado como ao official os elementos que são necessarios para a sua defeza e para o cumprimento da sua missão.

E posto isto damos a palavra ao nosso illustre camarada.

.....

A espada actualmente em uso—que mais propriamente deveríamos denominar *sabre*, por isso que espada é uma arma apenas de ponta—não tem vantagens que compensem as de alguns typos que a industria moderna nos pode fornecer hoje.

Sem querer fazer n'este momento um estudo comparativo de varios modelos, basta fazer referencia ao modelo usado pelo exercito francez para quasi intuitivamente nos convenceremos d'aquella verdade.

Com effeito, a espada franceza, que muitos dos nossos officiaes usam já fóra dos actos de serviço, é muito leve —e portanto mais manegavel—mais elegante e, principalmente, muito menos custosa, sem deixar de ser tão efficaç como a nossa para a defeza individual.

Estamos certos que ninguem procuraria demonstrar que para a defeza do official de infantaria n'um provavel corpo a corpo em combate, seria preferivel a pesada e forte cutilada do modelo portuguez á fina e segura estocada do modelo francez. E que portanto representando este a vantagem da economia—custa metade—da leveza e da comodidade, sem deixar de satisfazer cabalmente ao fim a que se destina, será apreciado pela commissão de aper-

feiçãoamento com a dedicada atenção que sempre usa n'estes casos.

Certamente que quem escreve estas linhas não julga de modo algum que com este simples alvitre concorra para o desenvolvimento amplo e largo da instituição, mas cré pelo menos que assim se attenderá um dos muitos pequenos episodios em quem consiste o seu progresso material.

Ʒ. V.



## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 4—1906)

Emquanto os francezes em todas as suas regulamentações tacticas se não curavam do prurido de decalcar ou reproduzir os principios e lineamentos geraes da ordenança de 1791, imposta pelos partidarios da tactica de Frederico II, vejamos como procediam os seus naturaes adversarios, os prussianos, no campo das innovações e aperfeiçoamentos de character militar.

Estudando com profunda atenção a tactica franceza dos campos de batalha de 1814 e 1815, o general Moltke, com uma sagacidade, uma penetração e um conhecimento admiravel das coisas da guerra, surprehendeu desde logo os seus defeitos geraes, que provinham do vicio capital do commando unico.

Comprehendeu elle perfeitamente, e n'isto consiste a

gloria e o segredo da força da Allemanha, que a centralização militar originava todas as lentidões e todos os erros da mobilisação; reconheceu desde logo a impossibilidade material para um chefe unico, com todos os serviços immediata e directamente subordinados, de ter na mão, imprimindo-lhes o conveniente movimento e direcção em tempo util, todos os elementos d'um exercito moderno, que consubstancia a nação armada; e, portanto, rompendo energeticamente com a rotina e com tradições anachronicas, sem receiar a opposições das coteries, a resistencia dos interesses lesados e a reacção das incapacidades agaloadas, descentralisou, decompoz a homogeneidade global prussiana, que, dissolvendo-se deixou uma tara de podridões, de senilidade e de ignorancia, que foi expurgada progressivamente do organismo militar. Faltava-lhe, todavia, a consagração do campo de batalha, que Bismarck, chefe do governo prussiano, tivera velleidades de dar-lhe em 1853, entavando a acção da França em Italia.

A prudencia de Moltke evitou a conflagração, por ventura perigosa, accordando-se em se preparar politicamente ensejo propicio para uma experiencia em ponto pequeno, que tendesse ao aperfeiçoamento gradual da concepção de Moltke.

Bismarck teve artes de provocar a questão do Schleswig-Holstein, que serviu para a primeira experiencia da obra reformadora do habil general prussiano.

Evidenciaram-se n'essa campanha algumas deficiencias e imperfeições no systema, que soffreu desde logo as correcções indispensaveis, sendo os quadros mais uma vez depurados.

Bismarck procurou um novo campo necessario ás experiencias sangrentas reclamadas pelo chefe do estado maior prussiano.

Em breve o machiavelico politico descobriu o meio de obter o que se lhe pedia.

A Prussia ambicionava desde ha muito a preponderancia na Allemanha, que não podia obter senão excluindo a Austria da confederação germanica, em que superintendia desde seculos. Sentindo-se com força para luctar con-

tra a sua alliada de 1865, cuja fraqueza militar lhe havia sido demonstrada na campanha da Dinamarca, arranjou pretexto para lhe declarar guerra.

A instantaneidade da mobilisação do exercito prussiano, a rapidez da sua concentração, a mobilidade de suas evoluções, a simplicidade do serviço que adoptára para campanha desconcertaram completamente os generaes austriacos.

Que poder maravilhoso havia assim transformado o pezado teutonico? Um homem, Moltke; uma ideia, a descentralisação; uma força, a multiplicidade das unidades tacticas.

Desde o ponto de concentração, os corpos de exercito iniciavam os seus movimentos em harmonia com o plano geral de campanha, mas dividindo-se por regimentos, partilhavam das attribuições do commando supremo e estavam acostumados por uma educação militar especial á iniciativa, á resolução, á administração e á coordenação tactica e estrategica.

Actuando com uma mobilidade extraordinaria e explorando cuidadosamente enormes extensões de terreno, a cavallaria e a infantaria prussianas preparavam effizamente a acção da artilheria pela boa escolha e segurança das posições.

Durante o combate, a companhia intelligentemente commandada, evolucionava sob acção do seu chefe, obedecendo ao espirito geral do plano de batalha, alternando as suas junções e disjunções do seu elemento principal, segundo as peripecias da lucta.

N'estas condições, a perda ou incapacidade do commandante em chefe não podia influir no resultado das operações; estabelecia-se entre todos os elementos constitutivos do exercito uma corrente de iniciativa resoluta, mas intelligente, sem prejuizo da cohesão, que deixava o estado maior completamente assegurado do concurso esclarecido de todos na materialidade ou realisação da sua concepção estrategica.

Os prussianos haviam conservado duss unidades de combate: o batalhão, que o foi em principio, e a compa-

nhia, que o tem sido de facto em todas as operações das luctas contemporaneas.

Tornando as companhias autonomas e elevando o seu effectivo a 250 homens, a Prussia adoptou como formação preparatoria de combate as columnas de companhia, que eram mais flexiveis e manejavaveis, facilitando todos os movimentos em terreno diversamente accidentado.

D'esse facto derivava um accrescimento de importancia para os capitães, que ganhavam em ascendente, prestigio e auctoridade tudo o que perdia o commandante de batalhão, cuja acção foi sobremaneira restringida na campanha da Bohemia.

Ao passo que os francezes contrariando a sua feição impetuosa no combate, persistem em não banir dos seus regulamentos alguns principios da tactica linear de Frederico II, os prussianos, mais avisados, modelavam a sua tactica de combate nas formações napoleonicas.

A lucta das duas ordens tacticas continuava no seculo XIX, como continua no seculo XX, mas os papeis estavam invertidos.

Assim é que os prussianos abandonando de vez a tactica linear adoptaram na campanha de 1866 o principio da successão de esforços, seguindo a *ordem perpendicular* tão empregada por Napoleão. Dispunham as suas columnas em tres grupos distinctos — **vanguarda, grosso e reserva**, podendo cada um combater isoladamente, formados em profundidade, mais do que em largura, actuando pela *successão*, mais do que pela simultaneidade dos esforços.

A vanguarda era particularmente encarregada de iniciar o combate e sustental-o durante todo o tempo que as suas forças e circumstancias especiaes lh'o permitissem. Subdividia-se em duas linhas: a primeira era constituída por columnas de companhia; a segunda por batalhões em columna dobrada.

Para passar á formação de combate os batalhões em primeira linha faziam unir durante a marcha offensiva as duas columnas de companhia do centro, resultando d'ahi intervallos variaveis segundo as circumstancias, não devendo todavia exceder a 80 metros entre as columnas do

centro e as das alas do mesmo batalhão. Na marcha offensiva a primeira linha fazia alto antes de entrar na zona batida pelos fogos da infantaria austriaca; os dois ultimos pelotões das columnas extremas estendiam em atiradores cobrindo na frente os intervallos existentes entre as columnas e avançavam distanciando-se cerca de 300<sup>m</sup> dos seus batalhões. Os atiradores iniciavam o combate, sendo apoiados por secções ou pelotões na ordem unida, que se cobriam o melhor possivel utilizando todos os abrigos deparados no terreno.

Os atiradores tinham por missão especial repellir os atiradores inimigos e atacar as tropas de primeira linha; em caso de insuccesso retiravam para os intervallos deixados entre as companhias, e marchavam de novo ao ataque conjunctamente com estas companhias.

A 300<sup>m</sup>, proximamente, da posição inimiga executava-se o fogo por descargas; se o adversario cedia terreno ou pronunciava claramente a sua retirada, a perseguição era feita unicamente pelos atiradores; se, ao contrario, o inimigo resistia ou avançava denodadamente, o fogo de salvas era substituido pelo tiro rapido, e muitas vezes as companhias em ordem unida eram arremessadas sobre elle á bayoneta no meio de clamorosas e entusiasticas exclamações.

No caso de ser repellido este ataque, as companhias procuravam retirar em boa ordem sob a protecção dos atiradores, que muitas vezes se sacrificavam no intuito de sustar a marcha do inimigo, até que as companhias se reformassem convenientemente n'uma posição á retaguarda.

Era este o momento opportuno de intervir a segunda linha; os batalhões em columna dobrada avançavam por seu turno e renovavam o ataque reproduzindo quasi sempre as mesmas phases e adoptando disposições identicas ás empregadas pela primeira linha.

A *vanguarda* operando vigorosamente na offensiva constituia pois o primeiro nucleo de forças para o combate; iniciava e decidia muitas vezes a acção, ou sustentava-a até que o grosso das forças se desenvolvesse em batalha, já apoiando e proseguindo no movimento offen-

sivo, já pronunciando vigorosos ataques sobre as alas inimigas por effeito de movimentos envolventes ou torneantes bem dirigidos e as mais das vezes perfeitamente executados.

A tactica da infantaria prussiana em 1866 baseava-se pois no emprego judicioso das columnas de companhia, o que permittia resolver a batalha em uma série de pequenos combates parciaes dirigidos pelos capitães, que operavam com relativa independencia sem aguardar ordens superiores, mas tendendo sempre para o mesmo fim tactico.

Foi a columna de companhia a formação inicial do combate empregada por quasi toda a infantaria prussiana. Sómente o 5.º coopo de exercito, ás ordens do general Steinmetz, combateu constantemente em columnas de meios batalhões, conservando as suas unidades na mão dos officiaes superiores, e os resultados obtidos parece não haverem sido inferiores aos derivados do emprego das columnas de companhia, antes se reconhece que estas formações evitavam, em parte, o fraccionamento da infantaria em linhas pouco densas, o que poderia constituir um grave inconveniente em presença d'um inimigo activo, audacioso e bem dirigido.

A campanha da Bohemia durou apenas mez e meio. Os surprehendentes resultados obtidos n'um tão curto periodo de tempo demonstraram á evidencia que a obra de Moltke sobrelevava ás velhas praticas da guerra em curso ainda nos outros exercitos europeus.

Todas as potencias se apressaram a remodelar as suas ordenanças e a refundir as suas organizações militares.

Só a França assistia quasi impassivel ao movimento de reorganisação que por toda a parte agitava os espiritos. Levada n'uma via erronea attribuiu os brilhantes successos dos prussianos na campanha de 1866 á rapidez e precisão de tiro da arma Dreyse, e por isso se devotou com ardor á confecção d'uma arma de guerra, a Chassepot, cujas propriedades balisticas excedessem ao do fusil prussiano, descurando ou dando somenos importancia ao estudo dos processos tacticos empregados pela Prussia n'aquella memoravel campanha.

Não obstante os reiterados avisos do coronel Stoffel, addido militar em Berlim, do general Lebrun e ainda do eminente chefe do estado maior belga, Renard, tão dedicado á França, Napoleão III e o seu governo não quizeram reconhecer a gravidade das circumstancias para se precaverem contra a grande tempestade que se aproximava. Illudido por generaes incompetentes e pelos cortezaes que o adulavam, senão allucinado por tudo o que o rodeava, Napoleão III tornou-se o joguete da politica de Bismark que, desconsiderando-o perante a Europa na questão do Luxemburgo, lhe preparava o laço da candidatura d'um Hohenzolern á corôa de Hespanha, laço em que aquelle desorientado imperador cahiu como um ingenho, ou como um cego.

O machiavelismo de Bismark havia triumphado em toda a linha. A guerra com a França tornara-se uma realidade.

\*  
\*       \*  
\*

O principe Frederico Carlos, eminente general prussiano, apreciando o modo de combater dos francezes nas campanhas da Crimeia e da Italia, terminava o seu estudo pelas seguintes conclusões:

«Ha tres condições a observar simultaneamente para tornar o nosso exercito capaz de vencer um exercito francez: a primeira consiste em desenvolver as qualidades militares de cada soldado; a segunda em dotar o exercito com chefes que tenham o conhecimento completo das tres armas principaes; e a terceira, emfim, em oppôr aos francezes, habituados á guerra e á victoria, uma tactica mais variada e flexivel.»

A Prussia envidou todos os esforços para realizar as condições indicadas pelo illustre general e a campanha de 1870 forneceu-lhe a prova real da legitimidade e rigor dos principios por elle expendidos com tanta profundeza e conhecimento de causa.

Frederico Carlos propuzera umas Instrucções provisórias para a infantaria prussiana, adoptadas em 1868, e baseadas sobre as maximas seguintes:

1.º Empregar os atiradores partindo da columna de companhia;

2.º Augmentar, por este meio, a mobilidade da infantaria prussiana e deferir-lhe a conveniente liberdade de acção;

3.º Dispôr o exercito em profundidade mais do que em largura, o que augmenta a força de resistencia dos flancos e impede a consumpção rapida das forças;

4.º Dispôr as grandes unidades em escalões, de preferencia ao xadrez, por ser o melhor meio de apoiar e de sustentar o ataque impetuoso dos atiradores lançados ao passo de carga e á bayoneta.

Em 1869 foram publicadas na Prussia umas Instrucções que tiveram applicação durante as manobras, realisadas no mesmo anno. Essas Instrucções constituiram um documento official precursor do regulamento de 3 d'agosto de 1870.

Entre as formações prescriptas pelo novo regulamento devem mencionar-se a linha de columnas de companhia, a linha de columnas de meios batalhões e a columna de ataque sobre o centro,—formação fundamental da infantaria, egualmente propria, como ordem de combate, para o ataque e para a retirada, quando é inquietada por uma cavallaria superior.

Esta formação é uma verdadeira columna dobrada, que reúne a independencia, a força e a mobilidade, rasões que determinaram a tomal-a por base.

O dispositivo regulamentar para o ataque consistia na formação por meios batalhões, de fórma que, em cada batalhão, duas companhias marchavam após os pelotões de atiradores e sustentavam o combate durante o maior espaço de tempo possivel, ao passo que as outras duas seguiam como apoio ou reserva.

Este dispositivo era muito vulneravel em presença da Chassepot e no campo da batalha transformava-se naturalmente na linha de columnas de companhia.

As grandes perdas soffridas pelos prussianos em Reischoffen, em Vionville e em Saint-Privat levaram o rei Guilherme a fazer sentir aos seus officiaes a conveniencia

de se abandonar o emprego das columnas no limite da efficacia dos fogos d'infanteria, devendo os ataques ser melhor preparados pelo fogo de artilheria.

No ataque de Saint-Privat, a divisão da guarda prussiana adoptou um dispositivo que apresentava dez fileiras repartidas por uma profundidade de 350 metros, e este facto explica bem como em dez minutos, apenas, perdeu 6:000 homens.

No combate de Bourget, a guarda prussiana adoptou já formações menos vulneraveis, fazendo-se um emprego mais amplo dos atiradores; o mesmo succedeu com outras unidades, sendo por ultimo regularisado o combate de atiradores em grandes bandos, o que implicava uma regressão a tactica franceza da 1.<sup>a</sup> Republica.

A linha de combate tende a tomar uma forma bem determinada: fracciona-se em linha avançada e em linha principal.

O combate reveste um aspecto novo; a grande preocupação dos officiaes prussianos é realisar o envolvimento tactico d'um adversario mais corajoso do que habil, esmagal-o com uma bem nutrida massa de fogos, avançando pouco a pouco.

Os movimentos da linha avançada podem descrever-se em breves palavras: franquear correndo em ordem dispersa o terreno descoberto, e dirigir de perto um fogo concentrado sobre o adversario.

Relativamente á profundidade, eis em resumo a disposição dos diversos elementos do ataque: até ao momento do verdadeiro ataque, os atiradores são dispostos em terreno descoberto a 350 ou 400 passos em frente dos atiradores inimigos; a 150 ou 200 passos á retaguarda desenvolve-se a primeira linha de apoio, em pequenas columnas ou em ordem dispersa. A segunda linha, disposta em columnas, fica á retaguarda e a uma distancia de 600 a 700 passos da precedente.

Sob a acção d'um fogo violento, espaçam-se convenientemente as columnas de companhia.

Todas as tropas tomam a disposição de ajoelhar, ou deitadas.

Antes de pronunciar o ataque decisivo, as duas linhas

formam uma espessa linha de atiradores a 150 ou 200 passos do inimigo.

Em toda a campanha, os allemães fizeram, sobretudo, o uso do fogo rapido; só excepcionalmente empregaram os fogos de salva para a defeza das trincheiras e de outros abrigos naturaes.

(*Continúa.*)

ADRIANO BEÇA  
Major d'Infanteria 10

---

## Problemas tacticos

(*Continuado do n.º 4—1906*)

### Problema da extrema guarda avançada (1)

#### Hypothese geral

Forças do Partido *N* que marcham sobre Lisboa encontram-se em Valle de Vez e Pero Negro. Uma brigada mixta do partido *S*, estacionada em Cabeço de Montachique, recebe ordem para marchar pela estrada Montachique-Povoa de Baixo-Milharado-Sapataria e oppôr-se aos progressos do inimigo para o Sul.

#### Hypothese particular

Um batalhão de infantaria e um pelotão de cavallaria constituem a guarda avançada. O commandante da extrema guarda avançada, 400<sup>m</sup> ao *N* do caminho para Milharado, recebe communição da cavallaria ter sido repellida ao *S* da Quinta da Bica.

#### Trabalhos a executar

1.º — Descripção do terreno entre Milharado e Sapataria que interesse ao desenvolvimento do combate, suppondo-se commandante da extrema guarda avançada :

1.º — Disposição que tomaria para a marcha desde Montachique.

2.º — Posições que tomaria para recolher a cavallaria, e ordens que daria para o combate nas seguintes hypotheses :

a) A cavallaria inimiga persegue a nossa que, em retirada desordenada, segue pela estrada e terreno a *O*.

b) A cavallaria inimiga é repellida e retira para Sapataria.

---

(1) Vide carta 50 dos arredores de Lisboa.

mas n'este momento, a infantaria inimiga, na força d'uma companhia, guarnece a orla *S* do pinhal ao *N* da cota 211 (derrubado o muro).

c) Que consegue com a sua companhia avançar 300<sup>m</sup>, e que outra companhia do batalhão prolongue o seu flanco direito.

3.º—Que tempo é preciso á companhia que ao iniciar-se o combate fez alto no caminho para Sapataria, vir prolongar o flanco?

1.º—*Disposição que tomaria para a marcha desde Montachique.*

Dada pelo commandante da brigada a ordem ao commandante do 1.º batalhão do regimento, para com o seu batalhão e um pelotão de cavallaria constituir a guarda avançada, este dá a seguinte

## Ordem da guarda avançada

*Para ... de ...*

(Brigada mixta)  
(Guarda avançada)  
N.º 1

*Bivaque no Cabeço de Montachique  
... ás 8<sup>h</sup> 20<sup>m</sup> tarde.*

### Distribuição das tropas

1.º—Cavallaria da guarda avançada, 1 pelotão do 1.º esquadrão do regimento..

2.º—Flecha—3.ª secção da 1.ª companhia do 1.º batalhão do regimento...

3.º—Extrema guarda avançada—1.ª companhia, menos a 3.ª secção.

4.º—Grosso da guarda avançada—2.ª, 3.ª e 4.ª companhias.

I.—**Situação**—Forças do partido *N*, que marcham sobre Lisboa, encontram-se em Valle de Vez e Pero Negro.

A brigada mixta estacionada em Cabeço de Montachique, recebeu ordem para marchar amanhã pela estrada Montachique—Sapataria ás 4<sup>h</sup> da manhã, e oppôr-se aos progressos do inimigo para o *S*.

II.—**Fim**—A guarda avançada marchará em direcção a Valle de Vez e de Pero Negro.

#### III.—Disposições:

a) A cavallaria da guarda avançada, pôr-se-ha em marcha ás 3<sup>h</sup> e 35<sup>m</sup> da manhã, seguindo a estrada Cabeço de Montachique pela Sapataria para o *N*, explorando o terreno adjacente, merecendo-lhe os caminhos um especial cuidado, que do Milharado se dirige por Casal do Serapião a Pero Negro, e o caminho 50 metros a *L* do caminho murado da Quinta de Munhoz, para o *S* de Monte do Ferraz, e se dirige para Varzea-Moitella a Valle de Vez.

b) A extrema guarda avançada marchará ás 3<sup>h</sup> e 43<sup>m</sup> da manhã e seguirá

pela estrada Cabeço de Montachique-Povoa de Baixo-Milharado-Sapataria, sendo precedida a 300<sup>m</sup> por uma secção como flecha.

c) O grosso da guarda avançada marchará a 500<sup>m</sup>, retaguada da extrema guarda avançada.

IV. — Marcho com a extrema guarda avançada para onde serão dirigidas as communicações.

Transmittida verbalmente ao commandante da cavallaria e ao da extrema guarda avançada.

F...  
Major

A's 3<sup>h</sup> 30<sup>m</sup> da manhã, tendo-se apresentado ao commandante do 1.º batalhão, com o seu pelotão, o commandante da cavallaria da guarda avançada e estando já em armas o batalhão, os commandantes de companhias mandaram carregar as armas para repetição.

A' hora prefixa na *ordem da guarda avançada*, o commandante da 1.ª companhia fez sahir a 3.ª secção, sob o commando do tenente F..., dando-lhes as seguintes instrucções verbaes :

Siga pela estrada Cabeço de Montachique-Povoa de Baixo-Milharado-Sapataria, tomando posição para recolher a cavallaria da guarda avançada, se esta fôr repellida.

F...  
Capitão

2.º — A 400<sup>m</sup> ao N do caminho para o Milharado o commandante da guarda avançada recebe do commandante da cavallaria a seguinte participação :

*Cavallaria da guarda  
avançada.*  
N.º 1

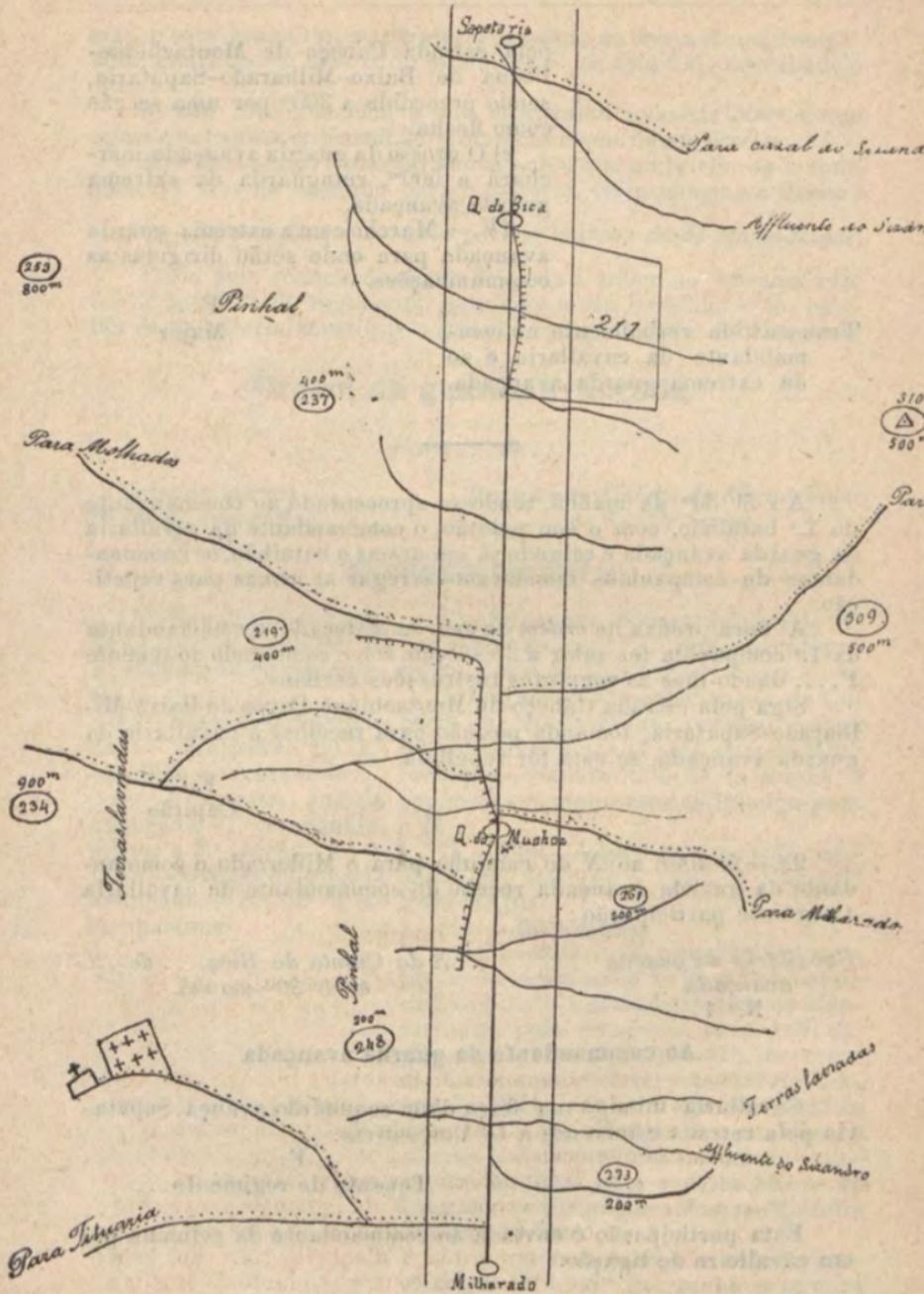
*S da Quinta da Bica ... de ...  
as 4<sup>h</sup> 30<sup>m</sup> manhã.*

#### Ao commandante da guarda avançada

Cavallaria inimiga na força d'um esquadrão avança Sapataria pela estrada e terrenos a O. Vou retirar.

F...  
Tenente do regimento...

Esta participação é enviada ao commandante da columna por um cavalleiro de ligação.



## Hypotheses do thema

a) — O commandante da guarda avançada dá immediatamente ao commandante da extrema guarda avançada a seguinte ordem verbal: Tome as posições convenientes para repellir a cavallaria inimiga que persegue a nossa pela estrada de Sapataria-Milharado e terreno a *O*.

Em vista d'esta ordem o commandante da extrema guarda avançada manda reforçar a flecha com a 4.<sup>a</sup> secção e occuparam a encosta entre a estrada a *L* da Quinta de Munhoz e o alto de cota 261; e aos commandantes dos 1.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> pelotões que prolonguem esta linha para *O* da Quinta do Munhoz a *N* do pinhal, mandando romper o fogo por descargas por pelotões, até á sua retirada.

b) N'esta altura o commandante da guarda avançada manda a seguinte participação ao commandante da columna:

(Regimento de...)  
(1.<sup>o</sup> batalhão)  
N.<sup>o</sup> 1

Quinta do Munhoz ...  
de..., 5<sup>h</sup> manhã.

### Ao commandante da brigada mixta

Cavallaria inimiga contacto com a nossa obrigou esta retirar. Extrema guarda avançada tomando posição repelliu o seu ataque, obrigando-a a retirar para Sapataria. Uma companhia de infantaria inimiga guarnece a orla *S* do pinhal ao *N* do alto de cota 211. A extrema guarda avançada vae tomar posição para se lhe oppôr, e, com uma companhia, vou tentar apoderar-me do planalto a *S* do Ferraz (cota 310).

F. .  
Major

c) A cavallaria inimiga retira para Sapataria, e o commandante da guarda avançada vendo n'este momento que uma companhia de infantaria inimiga guarnece a orla *S* do pinhal a *N* do ponto de cota 211, dá a seguinte

### Ordem para o combate

(Regimento de...)  
(1.<sup>o</sup> batalhão)  
N.<sup>o</sup> 1

Quinta do Munhoz, ... de ...  
às 8<sup>h</sup> 10<sup>m</sup> manhã.

- I. — **Situação** — Uma companhia de infantaria inimiga guarnece a orla *S* do pinhal a *N* do alto de cota 211.
- II. — **Fim** — A extrema guarda avançada vae desalojar o inimigo da posição que occupa.
- III. — **Disposições** — a) O 2.<sup>o</sup> pelotão em ordem extensa irá occupar o dorso, junto á estrada a *N* do caminho para o Ferraz, e a *L* do caminho para Malhados, e o 1.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> pelotões irão guarnecer o muro a *S* d'aquelle caminho, rompendo o fogo por descargas contra a infantaria inimiga.

- b) A 2.<sup>a</sup> companhia irá prolongar o flanco direito da linha de combate, a *N* do caminho para o Ferraz (cota 310).
- c) A 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> companhias constituirão a reserva, indo occupar até nova ordem, a 3.<sup>a</sup> a orla *S* do pinhal a *N* da Quinta do Munhoz e vigiará o flanco esquerdo das surpresas da cavallaria inimiga, e a 4.<sup>a</sup> a encosta *S* do alto de cota 309.
- d) Os carros de munições do batalhão depois de fornecerem, a começar pela 2.<sup>a</sup> companhia, o municciamento suplementar de 20 cartuchos ás 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> companhias, irão estacionar no caminho *L* da Quinta do Munhoz.
- e) Cessa o serviço da guarda avançada.
- IV. — Todas as communicações me serão dirigidas para o alto de cota 309.

Communicada verbalmente ao commandante da extrema guarda avançada e por escripto aos commandantes das restantes companhias por intermedio do ajudante do batalhão.

F...  
Major

3.<sup>o</sup>—A 2.<sup>a</sup> companhia que vae prolongar o flanco para *L* da linha de combate, gasta 15' em percorrer a distancia (1600<sup>m</sup>) que a separa da posição que foi mandada occupar.

### Justificações das disposições adoptadas

A força attribuida á flecha (uma secção) foi além do minimo que o R. C. (n.<sup>o</sup> 114) prescreve, por isso que tendo a cavallaria da guarda avançada um pequeno effectivo, e inferindo-se da hypothese geral todas as probabilidades do proximo encontro das forças avançadas dos dois partidos, deverá a cavallaria ser apoiada immediatamente á retaguarda por um escalão sufficientemente forte.

No caso particular em que foi proposto o problema, isto é, ter-se attribuido um pelotão de cavallaria á guarda avançada, a extrema guarda avançada não tem que adoptar quaesquer disposições para assegurar a protecção dos flancos da estrada de marcha (n.<sup>os</sup> 115 e 137 R. C.).

O commandante da guarda avançada n'este caso deverá marchar com a extrema guarda avançada, por ser junto d'este escalão que a sua presença é mais necessaria (n.<sup>o</sup> 117 R. C.) em vista da situação dos dois partidos e do estudo das vias de communicação que se dirigem para o *S*, que dão como certo o *encontro* das duas guardas avançadas n'um ponto que não pode de antemão calcular-se por carencia absoluta a tal respeito de informações da cavallaria de segurança da brigada *S*, de cuja situação em frente da columna não se faz referencia no thema proposto, devendo no emtanto tal cavallaria existir, pois entrando a cavallaria na composição d'uma brigada mixta na proporção de 1 a 3 esquadrões, e tendo sido attri-

buido um só pelotão, cavallaria de protecção, não é de regra, e, por isso, não é licito suppôr que o commandante da columna a tenha deixado inactiva para o serviço de exploração (n.º 103 R. C.).

Isto mesmo deverá concluir-se dos dados fornecidos pela hypothese geral ácerca da situação das forças do partido N, e que devem ter sido obtidos pelos reconhecimentos enviados pela cavallaria dos postos avançados durante o estacionamento da brigada em Montachique; porem por qualquer circumstancia que não pode determinar, a cavallaria da segurança não conseguiu informar a tempo, e o commandante da columna da sahida de Pero Negro e Valle de Vez das forças do partido N. Só assim nos parece poder explicar-se o ter-se dado a uns 9 kilometros de Montachique o encontro da cavallaria inimiga com a cavallaria de protecção da nossa columna, seguido do apparecimento d'uma companhia de infantaria, que tudo faz crêr seja a extrema guarda avançada das suas forças, conhecidas as suas intenções de proseguir na sua marcha sobre Lisboa, a não ser que a cavallaria e companhia que foram vistas sejam fracções mais avançadas, ou ainda, o que se toma por infantaria, sejam alguns esquadrões que se tenham empenhado no combate a pé, o que é muito difficil discernir com as armas modernas combatendo a coberto, como no presente caso, em que o fogo partiu da orla d'um pinhal. Só a guarda avançada o poderá saber empregando o combate.

Postas estas considerações, e não tendo sido determinado ao commandante da guarda avançada a attitude a tomar no caso de encontro com o inimigo, nem quaes as posições de que deverá apoderar-se, vejamos qual deverá ser a sua conducta, subordinando-a á falta d'aquellas indicações aos dados e objectivo do commandante da columna formulados na hypothese geral.

Como atraz deixámos dito, parece-nos que o seu logar será junto da extrema guarda avançada, a fim de rapidamente avaliar a situação das forças, e intenção do adversario e consequentemente tomar as disposições convenientes para demorar o mais possivel o inimigo, attendendo á pequena distancia que separa as forças dos dois partidos, e á grande iniciativa que lhe deu o commandante da columna. O emprego da iniciativa não o levará porem ao ponto de comprometter a columna pela forma de combate que adoptar, obrigando-o a empenhar-se n'uma lueta que vá de encontro ao fim proposto na hypothese geral. Só o commandante da columna é que deverá pronunciar-se pela offensiva.

Com a hypothese das alneas a) e b), dar-se-ha pois um combate de recontro, e o commandante da guarda avançada, o que deverá fazer é momentaneamente tomar a offensiva para se apoderar dos pontos d'apoio que interceptem a marcha do inimigo, se prestem a uma resistencia demorada e sirvam de balisas ás posições de combate de toda a brigada, mantendo-se depois n'elles n'uma posição de expectativa até que o commandante da columna chegue e resolva segundo o seu arbitrio se deverá proseguir-se no combate, ou retomar a formação de marcha. (E. Companhia n.º 222).

E' pois debaixo do ponto de vista defensivo que o commandante da guarda avançada deverá examinar as posições que se encontram no seu itinerario. As linhas que n'elle se encontram de maior valor defensavel são: 1.<sup>a</sup> Cannas, alto de cota 273, Milharado; 2.<sup>a</sup> alto de cota 313, 500<sup>m</sup> ao *NO.* do B.-Ferraz, logar de Molhados; não considerando mais linhas por ser desnecessario em vista das hypotheses que nos foram apresentadas. São essas as posições cuja posse o commandante da guarda avançada terá em vista na sua marcha garantir, e, segundo este criterio está concebida a ordem para o combate n.<sup>o</sup> 1.

Por ultimo devemos apresentar a justificação da resolução do problema que nos foi proposto, e por que visava particularmente ás disposições da extrema guarda avançada nos occupámos das ordens e disposições relativas a toda a guarda avançada. O que nos levou a proceder assim, foi parecer-nos que não se podia n'um estudo applicado a uma determinada hypothese, fazer apparecer a extrema guarda avançada nas differentes situações que os quesitos do problema exigirem sem mostrar a sua ligação e relação com os restantes elementos do destacamento de protecção e sem ligar os momentos e posições em que devia entrar em acção, determinados por participações e ordens enviadas do commandante da guarda avançada, com as disposições e situação n'esses momentos dos restantes escalões da guarda avançada de forma a perceber-se o porquê verosimil da solução dada a cada um dos quesitos. Essa verosimilhança procurámo-la na discussão das hypotheses geral e particular que acabámos de expôr.

X. Y.

---

## Secção do estrangeiro

---

**Allemanha.** *Bronzeamento das bainhas das espadas.*—Ha já bastante tempo que na Allemanha se andam fazendo experiencias para chegar a encontrar um processo de bronzeamento das bainhas das espadas resistindo á limpeza e todas as mais fricções

Ora, segundo informa o *New Militaerische Blaetter*, existe um processo que é pouco dispendioso e de resultados duradouros e satisfatorios.

Este processo consiste em mergulhar o aço aquecido ao rubro em um banho de parafina elevado a uma alta temperatura. O bronzeamento assim obtido resiste a todas as fricções pelo facto de penetrar o metal.

Este processo, porem, não pode ser applicado ás peças, armas e laminas, porque essa operação alteraria a sua tempera.

**Belgica.** *Orçamento para 1906.*—O orçamento do exercito belga para o exercicio de 1906 é de réis 10.929:352\$600, distribuidos d'esta forma:

Administração central.....	708:513	fr.
Soldo e accessorios .....	25.402:275	»
Serviço de saude.....	910:335	»
Escolas militares.....	240:075	»
Estabelecimentos e material de artilharia	2.482:000	»
Material de engenharia .....	1.599:270	»
Intendencia.....	17.889:709	»
Tratamentos diversos etc.....	427:754	»
Pensões e soccorros.....	392:949	»
Despezas imprevistas .....	68:949	»
Total .....	50.120:883	»
Despezas excepcionaes.....	4.525:880	»
Total geral.....	54.646:763	francos

Na cifra das despezas excepcionaes, 305:000 francos são destinados a reparação dos quartéis, 192.880 francos para as estradas militares de Liège e Namur e para a sua rede telegraphica e 300:000 francos para a substituição do armamento das tropas de artilheria de fortaleza.

Sabendo-se que a Belgica é um paiz mais pequeno do que Portugal, por essas cifras se pode concluir a falta de razão que assiste a todos aquelles que affirmam que o nosso paiz gasta muito com o seu exercito, pois que a Belgica gasta cerca de 4 mil contos a mais do que nós.

**Estados Unidos.** *Ferramenta portatil.*—Como é geralmente sabido quasi que todas as infantarias das nações europeias estão munidas de ferramenta portatil.

N'essa excepção figura apenas Portugal, Hespanha e Inglaterra.

A utilidade da ferramenta portatil era desconhecida no exercito federal norte-americano.

Em consequencia, porem, dos relatorios dos officiaes americanos que seguiram as operações da guerra russo-japoneza, a attenção do *War Office* foi attrahida sobre o emprego frequente da fortificação de campanha pelos belligerantes e foi resolvido dotar a infantaria americana com ferramentas portateis.

A companhia americana comprehende um effectivo de 120 homens, divididos em 2 pelotões, 4 secções e 12 esquadras.

Cada companhia será munida com 4 machados, 3 escopros e mais 1 picareta e 3 pás por esquadra, ou sejam 55 ferramentas por companhia.

Os modelos americanos são analogos aos que estão em serviço no exercito japonez.

A pá peza 0<sup>k</sup>,854 e tem um comprimento de 0<sup>m</sup>,55.

A picareta peza 1<sup>k</sup>,200 com um comprimento de 0<sup>m</sup>,55.

O machado peza 0<sup>k</sup>,800 com um comprimento de 0<sup>m</sup>,39.

Muito conveniente seria seguir entre nós a mesma orientação, pois que hoje está sobejamente demonstrado pela pratica que estas farramentas são indispensaveis a toda a infantaria, pois que a fortificação de campanha está tendo uma larga e indispensavel applicação. Desejariamos pois ver realisar algumas experiencias n'este sentido na nossa escola pratica de infantaria, pois que este genero d'estudos constitue um dos seus principaes fins.

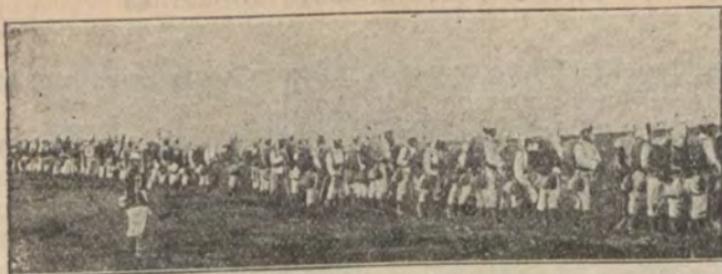
**Italia.** *Repressão das offensas contra o exercito.*—Em presença da campanha anti-militarista emprehendida em Italia, o ministro da guerra julgou necessario assegurar os meios de melhor poder estar informado sobre todos os ataques dirigidos contra o exercito, e, para isso, fez publicar um decreto real determinando o seguinte: para de futuro os commandantes militares e nas localidades em que não exista guarnição, o commandante de carabineiros reaes, devem participar ao ministro, pelas vias hierarchicas, toda a offensa ao exercito commettida pela imprensa local ou em reuniões ou assembleias publicas.

Se os insultos visam um corpo, estabelecimento ou serviço militar, incumbe ao contrario ao seu proprio chefe o dever de o participar pelas mesmas vias. Em um e outro caso o ministro resolve em seguida se o insulto deve ou não ser submettido á auctoridade judicial respectiva.

Em Hespanha tomou-se ultimamente uma resolução identica, porém mais radical. Os insultos á patria ou bandeira são, por iniciativa das auctoridades militares, submettidos á sanção das auctoridades judiciaes, e os insultos aos militares, corporações ou estabelecimentos são julgados nos conselhos de guerra da respectiva região.

**Russia.** *Creação de companhias de metralhadoras.*—Foi ultimamente ordenada a criação de companhias de metralhadoras nas circumscrições seguintes: S. Petersburg 4 companhias atreladas e 1 de carga; Moscou 3 atreladas e 2 de carga; Varsovia 9 atreladas e 2 de carga; Kiew 4 atreladas e 1 de carga; Vilna 9 atreladas; Odessa 3 atreladas e 1 de carga e Kazan 3 companhias de carga, o que representa um total de 31 companhias atreladas e 10 de carga.

Foi tambem ordenada a criação de mais 17 novas companhias de metralhadoras de carga destinadas ás 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> brigadas de atiradores de Finlandia, 1 companhia a cada uma das 8 brigadas de Turkestan, á 20.<sup>a</sup> divisão de infantaria, á divisão das grnadeiros do Caucaso e á 21.<sup>a</sup> divisão de infantaria, o que representa um total geral de  $31 + 10 + 17 = 58$  novas companhias de metralhadoras.

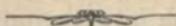


9.º ANNO

JUNHO DE 1906

N.º 6

# REVISTA DE INFANTERIA



## CAPITÃO DAVID AUGUSTO RODRIGUES

Quando este numero da nossa «Revista» começar a circular já deve seguir viagem para a provincia de Moçambique este nosso querido amigo, fundador e a *alma mater* d'esta publicação.

Chama-o o dever militar a cumprir uma missão sempre honrosa, sem duvida, mas sempre difficil e cheia de contrariedades não raras vezes envoltas no indefinido do imprevisto.

O adeus da despedida damol-o nós, os seus companheiros de trabalho, com a mais profunda saudade, porque é difficil encontrar-se quem, com mais talento, mais estudo, mais sinceridade e devotado amor á carreira das armas, especialmente á defeza da nossa infantaria, tenha, n'este não já pequeno periodo de 9 annos, concorrido para esse resultado bem lisongeiro e com que muito nós orgulhamos—a elevação do nivel moral da arma e o apostolado em favor das suas necessidades materiaes.

O capitão David Rodrigues, pela sua grande envergadura de escriptor militar e pelas raras qualidades do seu

limpido character, é um dos officiaes mais brilhantes da nossa arma e uma honra do exercito.

Temos fé de que a sua passagem pelas colonias n'uma missão de serviço não será sem resultados praticos de valor, já em relação áquelles que commandar e dirigir, como tambem com referencia á divulgação de tudo quanto interesse ao progresso das instituições militares ultramarinas. A sua observação será sempre justa e em harmonia com a grandeza do seu espirito, com a pureza das suas intenções, com a nitida comprehensão dos seus deveres e com o grande amor á causa santa do futuro d'este paiz.

Em breve deve separar-nos bastantes centenas de milhas, mas a nossa alma, o nosso espirito acompanhará constantemente aquelle que em todas estas paginas pôz sempre o brilho e o valor da sua intellectualidade, defendendo com calor e verdadeira devoção tudo quanto a nossa arma reclamava, tudo quanto a defeza nacional imponha, tudo quanto podia interessar particularmente á vida do official. E tambem temos a certeza que o capitão David Rodrigues nunca se esquecerá d'esta Revista, nem dos amigos e companheiros que aqui deixa, desejosos de o abraçarem no regresso.

Emfim, que a sorte lhe seja favoravel e prospera, e que as circumstancias lhe proporcionem ensejo de poder patentear todo o seu grande valor e a sua alta competencia, são os votos sinceros dos seus companheiros de trabalho, dos seus collegas na redacção da nossa Revista, que, embora com a mais sentida saudade, o incitam a caminhar na sua nova vida e o felicitam por ir vêr novos mundos e adquirir, com a observação propria, novos elementos de estudo, com que enriquecerá um dia estas paginas.

Até á volta.





## SOLDOS

---

A situação anormalíssima da politica do nosso paiz, ha dois annos a esta parte, tem sido em extremo prejudicial aos interesses do exercito, especialissimamente á precaria situação economica dos nossos camaradas.

Não queremos entrar na lucta travada entre os desejos gananciosos de uma poderosa companhia e os mais caros e legitimos interesses economicos do paiz, porque a nossa missão na imprensa não é essa.

Mas, não podemos deixar de confessar que esse facto, sendo a origem primaria dos males que hoje affligem o paiz, é tambem o motivo e a razão porque não tem sido possivel até hoje acudir-se á situação economica dos officiaes do exercito, que pode e deve ser reputada afflictiva.

Na sessão parlamentar que começava agora, o nobre ex-ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, que todos sabem como sinceramente se consagra á defeza de tudo quanto seja util ao exercito, sob todos os pontos de vista, ia apresentar uma proposta de lei tendente a dar justa satisfação a uma necessidade imperiosa, como é a do augmento dos soldos aos officiaes do exercito.

A summula da proposta era a seguinte:

Vencimento mensal dos officiaes das differentes armas  
e serviços do exercito

Alferes .....	35\$000 réis
Tenente .....	45\$000 »
Capitão .....	55\$000 »
Major .....	65\$000 »
Tenente-coronel .....	75\$000 »
Coronel .....	85\$000 »

As gratificações ficavam as mesmas que a actual lei estabelece para todas as armas e serviços.

Augmento de soldo mensal que resultava d'esta tabella:

Alferes .....	5\$000 réis
Tenente .....	10\$000 »
Capitão .....	10\$000 »
Major .....	5\$000 »
Tenente-coronel .....	8\$000 »
Coronel .....	10\$000 »

Os subsidios de marcha e de residencia seriam augmentados da seguinte forma:

Alferes, tenente e capitão.....	1\$000 réis
Major e tenente-coronel.....	1\$500 »
Coronel .....	2\$000 »

Aos sargentos ajudantes reformados em alferes seria elevado o seu mingudissimo soldo a 25\$000 réis mensaes.

Era uma verdadeira obra de caridade.

Aos aspirantes e sargentos ajudantes promovidos a alferes seria abonada a ajuda de custo, por uma só vez, de 50\$000 réis.

A tabella dos vencimentos dos officiaes reformados seria modificada pela seguinte maneira:

Para os officiaes com mais de 35 annos de serviço, vencimento mensal

Alferes .....	40\$000 réis
Tenente .....	50\$000 >
Capitão .....	60\$000 >
Major .....	70\$000 >
Tenente coronel.....	80\$000 >
Coronel .....	95\$000 >

Para os officiaes com menos de 35 annos de serviço mantinham-se as percentagens estabelecidas na lei, mas em relação á tabella precedente.

\*  
\*      \*

Este beneficio para o exercito seria convertido em lei do paiz, dentro de poucos dias, se factos tão extraordinarios e anormaes não tivessem vindo perturbar a marcha dos negocios publicos.

Temos profunda magoa com tudo isto que se está passando na politica portugueza, e que de uma maneira tão directa, tão intima, e até tão intensa, nos fere a nós, n'aquillo que reputamos o nosso direito, aliás, sempre preterido.

Não sabemos o que fará o actual sr. ministro da guerra, a cujo nobre character e grandes qualidades de trabalhador e homem de estudo temos muito sincero prazer em prestar homenagem.

Todavia, pedimos encarecidamente a s. ex.<sup>a</sup> que adopte a proposta do seu antecessor, pondo de parte qualquer ideia preconcebida, porque o exercito é do paiz, e não pode sentir-se animado do fogo sagrado que o deve impulsionar á victoria, quando arraste uma vida cheia de difficuldades, de privações e de amarguras.

A questão é grave e séria, e é preciso, impõe-se como uma necessidade nacional, ser resolvida com urgencia, em harmonia com as necessidades fataes da vida.



## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 5 — 1906)

Ao rebotar a guerra de 1870 o espirito do exercito francez estava impregnado de ideias puramente defensivas, derivadas da notavel potencia de fogo attribuida ao novo fusil de carregar pela culatra.

Estas ideias foram, indiscutivelmente, uma das causas dos enormes desastres soffridos pela França.

A adopção da Chassepot induziu os francezes a commetter o erro palmar de se conservarem n'uma defensiva systematica, no intuito de tirarem o maior partido das propriedades balisticas d'esta arma; de modo que os exercitos imperiaes que desde o inicio da campanha haviam sido compellidos á defensiva estrategica, tambem escolheram voluntariamente a defensiva tactica, contrariando assim a feição caracteristica do modo de combater do soldado francez, que é dotado d'um temperamento impetuoso e pronunciadamente offensivo.

D'esta forma os francezes desprezaram um elemento valioso para a guerra, o factor importantissimo que deriva da superioridade moral que adquire sobre o adversario o exercito que *rasgadamente escolhe para forma de acção a offensiva tactica isolada ou combinada com a offensiva estrategica.*

O emprego da defensiva fôra preconisado na «Instrucção summaria para os combates», publicada pelo ministerio da guerra em 1867.

O regulamento de 1869, comquanto apresente uma formação de combate mais manejavel e movel que o de

1867, em consequencia do emprego da columna de divisão (duas companhias), resente-se ainda dos graves defeitos inherentes á defensiva tactica, que perfilha.

O regulamento era em grande parte baseado na ordenança de caçadores de 1840, já applicado parcialmente ás tropas de linha pelas Instrucções de 1860 e 1862.

Posto que a unidade tactica fôsse o batalhão, empregavam-se muitas vezes as tropas, especialmente aquellas que desempenhavam o serviço d'infanteria ligeira, por divisões (duas companhias), ou ainda por companhias (pelotões).

A companhia constituia um pelotão de duas secções; a secção dividia-se em duas meias secções e estas em duas esquadras.

Os batalhões que iniciavam o combate desenvolviam duas companhias em ordem dispersa adoptando a seguinte disposição: quatro esquadras em primeira linha, constituindo o cordão de atiradores, quatro esquadras em apoio e duas secções em reserva á direita e á esquerda.

Na retaguarda formavam as quatro restantes companhias em columnas de pelotões ou por divisões.

O regimento de tres batalhões em formação de combate adoptava uma disposição identica; quatro companhias dos dois primeiros batalhões constituem os tres escalões em ordem dispersa; as 8 companhias restantes em columna por batalhões formavam a linha de batalha e o 3.º batalhão, com seis companhias, em columna cerrada, na retaguarda, correspondendo ao centro da linha de batalha do regimento.

Não concordando com o espirito defensivo que transparecia de todos os diplomas officiaes relativos a questões tacticas, o marechal Niel, havia publicado um opusculo— «L'instruction sur les combats», que prescrevia o emprego de fortes columnas de ataque arremessadas á bayoneta sobre a posição inimiga, depois de haver sido preparado o assalto pelo fogo dos atiradores de duas companhias das seis que constituiam o effectivo do batalhão.

Ainda em 1870, na occasião da guerra foram distribuidas a muitos officiaes do exercito francez as instrucções do marechal Niel, mas, infelizmente, em tão curto

lapso de tempo a maioria dos officiaes não podia penetrar-se do espirito offensivo d'esta tactica é eis porque os francezes deram as batalhas defensivas de Woerth, Vionville, Gravelote e Sedan, em que ficaram terrivelmente esmagados.

Quando mezes depois os generaes Aurelles de Paladine e Chanzy intentaram remediar em parte os erros commettidos desde o principio da campanha, envidando os maiores esforços para reanimar os espiritos e tendencias impetuosas da raça franceza, empenhando em combates offensivos tropas pouco aguerridas, aquelles activos e habeis generaes obtiveram com o exercito do Loire a victoria de Coulmiers, que é a mais frisante contraprova do erroneo caminho que haviam seguido nos seus processos tacticos os generaes do 2.<sup>o</sup> imperio, que inauguraram com uma série de desastres para a França a defensiva tactica, imposta pela superioridade da Chassepot sobre a Dreyse e a Werder empregadas pelos exercitos prussianos.

E' digno de registrar-se o dispositivo de combate que o prestigioso general Chanzy fez adoptar em Coulmiers a tropas inexperientes que careciam ser dirigidas com muito tino para conservarem a força moral no momento critico do combate. As divisões de infantaria estavam dispostas em duas linhas de columnas dobradas de batalhão com intervallos de desenvolvimento e distanciadas de 600<sup>m</sup>, affectando a disposição do xadrez. Estas linhas eram precedidas de duas cadeias de atiradores, tambem distanciadas de 600<sup>m</sup>; as reservas dos atiradores a 300<sup>m</sup> da 2.<sup>a</sup> linha, mantendo se adiante dos intervallos dos batalhões de 1.<sup>a</sup> linha.

A 1.<sup>a</sup> cadeia de atiradores era ainda precedida a 500<sup>m</sup> por uma linha de esclarecedores de cavallaria. N'este dispositivo as tropas viam-se fortemente apoiadas, o que lhes levantava o moral e augmentava a confiança nos chefes; alem de que o general Chanzy adoptou energicamente o expediente de fazer voltar para o combate as tropas que fraquejando cediam terreno, o que lhe era facilitado peio escalonamento da sua ordem de batalha. As previdentes disposições d'este insigne general foram co-

roadas de completo exito, dando em resultado a unica victoria que os exercitos francezes obtiveram n'aquella desgraçada campanha.

Foi necessaria esta dura lição para os francezes principiarem a abandonar esses restos das formas rigidas da tactica linear, que a Prussia perfilhára no seculo XVIII e puzera de parte em principios do seculo XIX, preferindo-lhe os dispositivos em profundidade.

Tal era em 1870 o estado dos espiritos relativamente a esses pruridos de lucta ou de rivalidade entre as *duas ordens tacticas*, que desde o tempo de Guibert vinham disputando a primasia no campo de batalha.

\*

\*

\*

Depois da paz de Francfort, a França entregou-se devotadamente ao trabalho da sua reconstituição militar, remodelando consequentemente os seus regulamentos tacticos.

O da infantaria foi publicado em 1875 sob a influencia dos seguintes principios directores:

- 1.º Importancia preponderante do fogo como meio de acção;
- 2.º Impossibilidade de se manobrar e combater em formações compactas na zona efficaz do fogo do inimigo;
- 3.º Necessidade de fraccionar as tropas de primeira linha, fazendo-lhes adoptar a ordem dispersa;
- 4.º Translaccão do combate para a linha de atradores.

A doutrina contida nos 1.º e 2.º principios implicava o reconhecimento da defensiva como a melhor forma tactica; d'ahi as criticas acerbas, os rudes ataques dirigidos durante annos successivos a tal doutrina pelos officiaes da geração nova, que seduzidos pelos brilhantes feitos do periodo napoleonico reclamavam uma regressão aos processos tacticos d'esse tempo com os ataques vigorosos e energicos que lhes permittiam as formações densas das columnas de ataque.

A consequencia natural d'esta viva campanha de imprensa foi o apparecimento do regulamento de 1884 com accentuado character offensivo, dando a primazia ao movimento sobre os fogos e creando uma formação preparatoria de combate—a linha de columnas de pelotões—reputada excellente para o avanço das tropas das 2.<sup>as</sup> e 3.<sup>as</sup> linhas d'um dispositivo de combate.

O regulamento de 1884 não satisfez plenamente aos mais exigentes partidarios da escola napoleonica, cujas reclamações se fizeram desde logo sentir, determinando o apparecimento em 1887 da *Instruction pour le combat*, que reduz a 210<sup>m</sup> a frente de combate do batalhão para lhe imprimir maior consistencia e densidade, innova o escalonamento de marcha e o escalonamento de combate, no intuito de produzir uma impulsão incessante para a linha de fogo, regulamenta o assalto constituindo uma tropa de choque distincta da tropa de preparação e apresenta uma nova formação preparatoria para o combate, a columna dobrada aberta, facil de mover em todos os sentidos e permittindo os mais variados escalonamentos.

Attribue-se aos notaveis escriptos do general russo Dragomiroff uma decidida influencia na orientação de offensiva à *outrance*, que animava os regulamentos francezes.

«Dae-me, dizia elle, soldados bem decididos a deixarem-se esmigalhar o craneo, e eu me encarrego de fazer boa tactica».

A tactica napoleonica assenta em bases inabalaveis, em principios que nunca serão attingidos pelas transformações do armamento. E' n'elles que se encontra uma perfeita harmonia entre a acção em ordem unida e a acção em ordem dispersa, entre as columnas e os atiradores, entre os fogos e a bayoneta; um plano bastante largo, bastante elastico para permittir aos chefes uma conducta harmonica, concordante com o terreno e com as circumstancias. Existe um abysmo entre a tactica do principio do seculo XIX e a tactica frederiquina ou linear.»

E' intuitivo que escriptos d'esta ordem, que são uma apothéose da escola napoleonica, não podiam deixar de

impressionar vivamente os tacticos francezes, influenciando-os no sentido da revisão profunda, radical, do regulamento de 1875.

Foi ainda Dragomiroff um dos que mais decididamente concorreu para se manterem no exercito russo as doutrinas do indomito Souvarow, dando-se inteira consagração na campanha de 1877-78 ao seu celebrado aphorismo: *La balle est folle, la bayonnette seul est gaillard*. O ataque á bayoneta que, na opinião de Souvarow, constituia o verdadeiro modo de acção tactica, era uma carga cerrada e impetuosa, em que as tropas se moviam rapidamente, marchando direito ao adversario, sem se dissimular, sem mudar de formação, sem atirar, esforçando-se por alcançar o inimigo o mais depressa possivel para o dizimar a golpes de bayoneta.

Eram condições primordiaes de successo: estar firmemente decidido a abordar o inimigo, actuar por uma marcha subita, resoluta, e cerrar fileiras no momento do choque.

As enormes perdas soffridas pelos russos nas tres batalhas de Plewna levaram os seus tacticos a modificar mais tarde a sua regulamentação de combate, admitindo-se a ordem dispersa e as formações singellas, que, juntas a uma defensiva systematica, lhes tem occasionado os maiores desastres na actual guerra do Extremo Oriente.

\* \* \*

Os allemães, a despeito do seu espirito essencialmente conservador em assumptos de regulamentação tactica, modificaram tambem a sua ordenança de infantaria bannindo a formatura habitual em 3 fileiras, que se mantevera em todos os regulamentos publicados desde 1815 pelo culto professado na Prussia pelas tradições de Fredericko, o grande.

O regulamento tactico para a infantaria allemã, ainda em vigor, data de 1 de setembro de 1888, e logo na sua primeira pagina inscreve o celebre aphorismo napoleonico: «Só o que é simples pode assegurar o successo na guerra».

Coherente com o espirito d'esta maxima, o regulamento salienta-se pela sua simplicidade e falta de formalismo; na parte relativa ao combate limita-se a dar principios. A caracteristica d'este regulamento é não sómente a ausencia de schémas, mas a interdicção formal de os crear.

N'estas condições, o regulamento ou antes os seus principios não são attingidos tão facilmente pelas transformações do material de guerra; teem a incontestavel vantagem de escapar ás fluctuações tão frequentes da technica, por isso que os progressos realizados no armamento só influem lentamente nos principios geraes estabelecidos, ao passo que fazem variar os processos de execução sobre os quaes o regulamento allemão deixou calculadamente de se pronunciar. Nas bases da instrucção encontra-se cuidadosamente consignada a advertencia dirigida aos superiores de não intervirem no que é das attribuições dos seus subordinados, salvo o caso de erro ou negligencia reconhecida da parte d'estes.

Consegue-se d'esta forma desenvolver em todos os graduados o espirito da iniciativa e a aptidão professional, tão proprias a contribuirem para os grandes successos da guerra.

O regulamento só apresenta tres formações para o batalhão na ordem unida: a columna dobrada, a columna de batalhão e a linha de columnas de companhia.

A formação habitual do regimento é a linha de columnas dobradas de batalhão.

No combate constituem-se densas linhas de atiradores para se obter desde logo a superioridade do fogo, cuja direcção compete aos subalternos e eventualmente aos capitães. Os dispositivos são em profundidade para actuar pela successão de esforços. O regulamento está impregnado d'um espirito pronunciadamente offensivo.

O regulamento francez de 1884 foi revisto em 1888 e actualizado em 1889, depois da adopção da arma de repetição pela infantaria franceza.

Consagra definitivamente a columna dobrada aberta como formação preparatoria de combate, alarga a 350<sup>m</sup> a frente de combate do batalhão e altera o mecanismo dos

escalonamentos de marcha e de combate por excessivamente schematicos e restrictivos da iniciativa dos graduados.

Sucedeu-lhe o regulamento de 1894, que apresenta duas innovações: o emprego das formações de costado e a formação por filas abertas nas marchas de *approche*. Prescreve mais cuidadosamente o serviço dos exploradores e preconiza o desenvolvimento de companhias inteiras na linha de combate, supprimindo, consequentemente, os apoios. Esta suppressão foi, todavia, vivamente impugnada, porque supprimindo os apoios reduz bastante a importancia do papel do commandante da companhia no combate, alem de affectar sensivelmente o principio tactico da successão de esforços, que é a caracteristica do combate moderno.

#### A controversia actual sobre as ordens tacticas

E' uma verdade de experiencia, ou factio de observação sobremaneira instructivo, comprovado pela *lição historica das guerras contemporaneas*, que apoz os successos brilhantes obtidos por um dos belligerantes se estabelece desde logo uma forte corrente de opinião tendente a attribuir a um determinado aperfeiçoamento, ou a uma serie de aperfeiçoamentos e de inventos novos, o resultado final d'uma campanha.

A' potencia destruidora do armamento moderno se attribuiram quasi exclusivamente, sob as impressões de momento, os successos dos prussianos em 1866 e em 1870, as victorias dos russos em 1877-78, a heroica defesa dos boers no Transvaal e os recentes triumphos dos japonezes na Mandchuria, sem se attender a que a excellencia dos processos tacticos, a racional conjugação dos esforços de todas as armas, a acção intelligente do commando na direcção das massas e um espirito pronunciadamente offensivo de concorrência com factores de ordem moral exerceram tambem, por vezes, influencia decisiva no resultado das operações de guerra.

A rapidez e a precisão do tiro das novas armas e a grande tensão das suas trajectorias tornando difficil o accesso das tropas atacantes a qualquer posição levou os

tacticos a procurar a melhor forma da infantaria ganhar terreno, arriscando-a ás menores perdas ou diminuindo a sua vulnerabilidade. D'ahi um sem numero de dispositivos aconselhados, tendendo na sua maior parte a uma diluição ou dynamisação de forças na constituição das linhas, o que, sobre o diffcultar a direcção do combate, enfraquece os elementos combatentes pela sua exaggerada dispersão.

Os ensinamentos da guerra do Transvaal induziram alguns tacticos a preconisar para o avanço da infantaria em combate o emprego de successivas linhas de atiradores, movendo-se independentemente á retaguarda umas das outras, como que substituindo os escalões — atiradores, apoios e reservas —, que figuram nos dispositivos de combate de quasi todas as infantarias europeias.

O major Callwell, do exercito inglez, no seu livro — «A tactica de hoje» (1) perfilha esta disposição, aconselhando a que se empregue a ordem dispersa desde a distancia de 2:500<sup>m</sup> do inimigo.

As ideias expendidas por Callwell e outros tacticos da mesma escola foram já consagradas pelo regulamento de infantaria ingleza, publicado em abril de 1902, que considera a formação em atiradores como a base dos processos de combate na guerra contra um inimigo bem armado, prescrevendo que o ataque seja, em geral, executado por linhas successivas de atiradores, que progridem tanto quanto possivel a coberto até ao alcance decisivo (560<sup>m</sup>), fundindo-se gradualmente todas na primeira, que adquirirá uma grande densidade e procurará envolver completa ou parcialmente a posição inimiga á menor distancia possivel.

Na ordem dispersa, o regulamento é sobremaneira exigente, pretendendo que cada soldado pense e actue por iniciativa propria, pondo em exercicio todas as suas faculdades intellectuaes e physicas, em vista do fim commum a attingir, e tornando-se um atirador destro, activo

---

(1) Traduzido em portuguez pelo illustrado tenente d'infanteria, sr. David Rodrigues.

e engenhoso. Para esse *desideratum* é indispensavel que se dê livre curso á intelligencia e á iniciativa individual, não se admittindo por forma alguma que os homens sejam transformados em simples machinas.

O verdadeiro indicio d'um batalhão á altura é o valor do soldado considerado individualmente como combatente.

Por estas ligeiras indicações se infere que o regulamento inglez perfilha decididamente o individualismo no combate, o que exige no soldado uma preparação desenvolvida, que não se coaduna com a estreiteza do seu tempo de serviço militar.

As theorias de Callwell consagradas, em parte, no novo regulamento inglez, tiveram uma certa repercussão na Allemanha e na França, onde, todavia, não receberam o acolhimento benevolo que se lhes dispensou na Grã-Bretanha depois da guerra do Transvaal.

Na Allemanha mereceram a honra d'uma discussão acalorada em brochuras especiaes, e na imprensa militar, tomando parte na polemica algumas das maiores notabilidades tacticas d'aquelle imperio, como os generaes Von Caemmerer, von Schlichting, von Scherff, von Bogulawski e von der Boeck.

Os dois primeiros pronunciando-se a favor d'uma melhor utilização do terreno pela infantaria pretendem encontrar o remedio ou a attenuante á acção mortifera das armas modernas na dispersão e na iniciativa à *outrance* dos combatentes. Aceitam, em essencia, as ideias novas, que a guerra do Transvaal poz em fóco.

Os processos tacticos, que synthetizam a denominada tactica boer, consistem:

- a) Em aproveitar o terreno por uma forma completa;
- b) Em empregar, em terreno descoberto, linhas muito tennes de atiradores com intervallos variaveis de 10 a 15 passos entre elles;
- c) Em executar lanços d'uma duração de dez segundos, se tanto, com a amplitude de 20 a 30<sup>m</sup> para evitar que o defensor possa fixar a pontaria sobre os atiradores em movimento. Os lanços são realisados alternadamente por pequenos grupos em que se scindem as linhas.

Estes processos de combate foram ensaiados em 1902 no campo de Doberitz, proximo a Berlin, com o assentimento do proprio imperador. Foram pouco satisfactorios os resultados obtidos, evidenciando-se a fraqueza do dispositivo em linhas successivas perante um subito ataque de flanco, alem da falta de cohesão e da difficuldade de direcção d'uma formação tão dispersa e sobremaneira vulneravel.

O general von Scherff, como representante mais autorisado da *velha escola*, impugnou vivamente as ideias novas, accentuando que na conducta do combate devem distinguir-se duas partes bem distinctas, como attribuição dos chefes: aos chefes superiores o plano, a ideia directriz do combate; aos chefes subalternos a escolha dos processos de execução. A estes ultimos deve deferir-se-lhes uma grande iniciativa em limites bem definidos pelo regulamento. São indispensaveis, portanto, para a execução dos exercicios de combate formas regulamentares e indicações normaes faceis de comprehender, obrigatorias e claramente determinadas.

Não corresponde isto a estabelecer um schema; elle quer sómente um ataque regulamentado, assegurando a unidade de acção de todos os elementos que n'elle estão empenhados, porque um ataque executado segundo este principio, com uma cadeia incessantemente impulsionada para a frente pelas reservas que a seguem, impressionará o adversario por uma forma muito superior á produzida pela dispersão resultante do emprego dos novos processos.

Von Scherff entende que devem pôr-se em acção o mais cedo possivel linhas *densas* de atiradores para obter a superioridade do fogo. O movimento de ataque deve ser sustentado pelo affluxo constante das reservas. O general von Bogulawski mostra-se conservador, sustentando que deve applicar-se o regulamento tactico existente com pequenas alterações. E' partidario do ataque de frente, que mantem a força moral do assaltante, accentuando que a guerra da Africa do Sul demonstrou que se perde mais gente conservando-a por muito tempo deitada sob o fogo adverso, do que dando um vigoroso assalto.

Seja que as longas discussões houvessem feito luz sobre o valor da denominada tactica boer, e os resultados menos lisongeiros obtidos nos ensaios de Doeberitz e nas manobras de Tempelhof tivessem esclarecido sufficientemente os dirigentes do exercito allemão, seja pelos ensinamentos mais concludentes da grande guerra russo-japoneza, que teem posto em fóco ainda uma vez a importancia das offensivas vigorosas levadas até o assalto, o facto é que nas ultimas manobras imperiaes da Allemanha se empregaram já processos de combate absolutamente desprendidos das hesitações que haviam surgido nos espiritos em seguida á guerra anglo-boer, accentuando-se cada vez mais o gosto da offensiva à *outrance* e da acção violenta que desde muitos annos ensina o exercito prussiano.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA  
Major d'infanteria 10.

---

## Machina de pontaria

---

O engenheiro americano Henry H. Cummings inventou uma machina que denominou «Sub-Target Gun Machine» destinada a servir na instrucção elementar de tiro, e que permite corrigir as pontarias, immediatamente e com segurança, indicando por uma forma engenhosa os erros commettidos pelo atirador em cada tiro.

Esta machina, que se acha representada na figura seguinte, é uma especie de cavallete, tendo a propriedade de se mover com a arma, e registando as posições dos pontos d'empate por meio de um mechanismo electrico, n'um alvo miniatura que se adapta ao proprio apparelho.

Este compõe-se de duas partes principaes: um corpo columna fixo ao solo, e uma parte movel constituin-

do com a espingarda o aparelho de pontaria propriamente dito. Esta ultima parte pode deslocar-se tambem ao longo da columna, permitindo utilizar o aparelho para as tres posições do atirador, de pé, de joelhos e deitado.

A espingarda suspende-se no aparelho por um sistema simples e rapido; pode deslocar-se facilmente em



todas as direcções, e durante a pontaria não tem outro ponto de apoio alem dos braços e do hombro do atirador. O aparelho de suspensão da arma é equilibrado por um peso movel, para que não exerça influencia alguma sobre o atirador, ficando este sómente carregado com o peso da espingarda.

O alvo sobre que o atirador aponta deve represen-

tar em escala reduzida um alvo normal para 300 metros, e da sua grandeza e collocação dependem as dimensões do alvo miniatura que se fixa ao aparelho.

E' n'este alvo miniatura que, por meio de um mecanismo especial, um percutor marca, tiro a tiro, a posição dos respectivos pontos d'empate no alvo normal a 300 metros, sobre o qual se estivesse realmente fazendo fogo.

Com esta machina podem ainda demonstrar-se a influencia do vento sobre o atirador, as consequencias d'uma errada avaliação de distancias, os desvios occasionados pela luz, etc. Podem tambem ser empregados n'esta parte da instrucção de tiro os cartuchos com bala simulada, para habituar o atirador á detonação, verificando elle proprio os desvios provenientes dos movimentos bruscos que faça na occasião de disparar.

A «Sub-Target Gun Machine», que está já um tanto vulgarisada, offerece innegavelmente muitas vantagens para o fim a que se destina, facilitando aos novos atiradores o conhecimento perfeito das regras praticas do tiro, proporcionando aos instructores meio rapido e eficaz de corrigirem os defeitos dos atiradores, e evitando que estes vão para as carreiras de tiro gastar inutilmente munições, o que não só representa um verdadeiro desperdicio, mas põe por vezes em risco a segurança das pessoas, taes são as anomalias que de quando em quando se observam nas nossas carreiras, provenientes da carencia quasi absoluta de recursos para podermos ministrar satisfactoriamente a instrucção preliminar do tiro aos nossos soldados.

Nenhum de nós desconhece quão imperfeito é o material distribuido aos nossos regimentos para a instrucção de tiro, e ninguem ousará contestar a altissima importancia d'esta instrucção; pois apesar d'isto parece-nos que não se teem feito grandes esforços nem talvez simples tentativas para o melhorar.

Não valeria a pena adquirir uma «Sub-Target Gun Machine», e na nossa escola d'infantaria ver se a experiencia confirmava as vantagens que ella á primeira vista apresenta? Ainda que assim não succedesse, é um

apparelho curioso, que decerto não custa nenhuma quantia consideravel, e que não ficaria deslocado no museu da direcção geral d'infanteria, estação que legalmente tem ingerencia na instrucção do tiro.

M.



## Problemas tacticos

(Continuado do n.º 5—1906)

### Companhia em guarda de flanco (1)

#### Hypothese geral

Forças do partido *N* mareham para *S* pela estrada Caldas da Rainha-Torres Novas-Peró Negro.

Uma brigada mixta estacionada em Cabeço de Montachique recebe ordem para tomar posições a *N* de Peró Negro, a fim de se oppôr aos progressos do inimigo para *S*. Na ordem recommenda-se vigilancia cuidadosa no flanco esquerdo, por isso que, segundo consta, patrulhas de cavallaria (partido *S*) já foram vistas ao *N* da Enxara do Bispo.

#### Hypothese particular

Um batalhão e um pelotão de cavallaria em guarda avançada, seguem a estrada Milharado-Sapataria-Dois Portos. Uma companhia e um pelotão de cavallaria constituem a guarda de flanco na esquerda que marchará pelo Milharado-Guia-Casal da Adega até ao alto de cota 233, onde se estabelecerá, devendo reunir á columna por Enxara dos Cavalleiros-Casal do Teixeira-Peró Negro.

(1) Vide carta 30 dos arredores de Lisboa.

## Trabalhos a executar

Como commandante da guarda de flanco :

1.º — Descripção do terreno que importa á marcha e combate.

2.º — Logar da guarda de flanco na columna durante a marcha até ao Milharado e disposições ao separar-se da columna.

3.º — Ordens que daria e posições a tomar dadas as hypotheses seguintes :

a) A cavallaria da guarda de flanco ao chegar ao cruzamento dos caminhos a *N* do alto 233, avista patrulhas de cavallaria, que repelle após alguma resistencia.

b) Occupado o alto de cota 233 descobre cavallaria no Casal das Patas, que tenta repellar, porém da vinha a *SE* do mesmo Casal rompe alguma fusilaria.

c) Reconhece que a força que está no *C* das Patas, é um esquadrão, que não conseguindo approximar-se da columna, retira para Enxara do Bispo.

4.º — Disposições a tomar na marcha para recolher á columna.

5.º — Que tempo gastará n'esta ultima marcha, entrando na estrada pelo caminho que vem da ponte sobre a ribeira do Sizandro.

### Quesito 1.º

1.º Terreno que importa á marcha :

O caminho seguido pela companhia destinada a constituir a guarda de flanco, é o que do Milharado se dirige pela Guia e C. d'Adega a Enxara do Bispo, passando pelo alto de cota de 235, seguindo n'uma direcção *NO*. Este caminho é quasi horisontal até á bifurcação com o que vae á quinta do Munhoz, e em declive ascendente até ao alto de cota 252, passando depois pelo alto de cota 251, atravessa a povoação da Guia e passa sobre o tunnel da via ferrea, sendo a *N* d'este tunnel e n'uma extensão de 140<sup>m</sup>, murado de pedra solta de ambos os lados. Em seguida dirige-se para *O* e *NO*, seguindo em parte enterrado, passa junto do *C*. da Adega e a *SO* do alto de cota 252, apresentando declives pouco sensiveis até ao ponto de cota 233, junto do qual é murado do lado *O* n'uma extensão de 350<sup>m</sup> approximadamente.

O caminho, logo que alcance o collo situado entre as alturas de cota 276 e 252 a *S* da Guia, domina, com excepção dos altos da Atalaya (cota 311) e do Mamede (cotas 272-276), os terrenos adjacentes a *N* e *NO*, em vista do seu traçado ser quasi todo ao longo das linhas de cumeada.

Por este facto, nma vez assegurada a posse do alto do Mamede, e ainda por o terreno ser muito pouco cortado e nada arborizado, tem em quasi todo o percurso um vasto campo de observação. Cruzam-se com o caminho considerado muitos outros tanto para *E* como para *O*; d'estes parece-nos serem dignos de menção os seguintes : — o que conduz da Guia a Molhados, terminando

na estrada que deverá ser seguida pela brigada; — o que da mesma povoação conduz a Serreira; — os que se dirigem para Terreal, partindo do C. da Adega e passam por Malfarno, e o que passa a *N* do alto do Mamede; — o que de Villa Pouca se dirige a Enxara dos Cavalleiros e Pero Negro, passando a *N* do ponto de cota 233, e que para nós é dos mais importantes, visto ser um d'aquelles que o inimigo poderá tomar para se dirigir para *S*, e o que a nossa companhia deverá seguir para reunir á columna desde o ponto de cota 233. Este caminho segue até Enxara dos Cavalleiros a direcção *OE*, e sahindo d'esta povoação dirige-se para *NE*, sendo continuado a *S* da Quinta do Outeiro por um troço de estrada que conduz a Pero Negro; a 280<sup>m</sup> a *E* do Casal do Teixeira prosegue o caminho, parecendo um prolongamento da estrada no referido ponto, indo terminar no cruzamento dos caminhos a *N* do ponto trigonometrico de cota 183, onde novamente entra na estrada que é aqui enterrada; segue depois na direcção *NE* e *OE* a *S* de Pero Negro; continua para *SE*, atravessa a via fereira, para um pouco mais adiante entrar na ponte da ribeira do Sizandro, e finalmente a uns 120<sup>m</sup>, na estrada Milharado-Sapataria-Dois Portos. O caminho desde o seu ponto de partida, atravessa terras lavradas, pinhaes e pequenas linhas d'agua sem importancia alguma como obstaculo para a marcha, a não ser a ribeira do Sizandro, que deve dar passagem á columna, havendo para isso uma ponte d'alvenaria que dá accesso para a margem opposta. Atravessa tambem algumas povoações (taes como Guia, Enxara dos Cavalleiros e Pero Negro, sendo estas duas ultimas para *E* do alto de cota 233.

2.º — Terreno que importa ao combate :

O caminho seguido pela companhia contorna o alto da Atalaya, sendo enfiado d'este alto n'uma grande extensão; este alto tem ainda um grande commandamento, sobre o terreno em volta, e com um largo horisonte. O seu accesso é impraticavel á cavallaria. A *NO* da Atalaya encontra-se o alto do Mamede, outro ponto importante para a observação, mas com declives bastante asperos nas suas encostas, tornando-se por isso tambem impraticavel á cavallaria, sobretudo pelos lados *NO*, *O* e *S*. Tem tambem um grande commandamento sobre o terreno adjacente e sobre o caminho *E* que deverá ser seguido pela companhia.

O alto de cota 233, onde se estabelecerá a companhia, dista 900<sup>m</sup> do C. das Patas, e 600<sup>m</sup> da vinha que fica a *SE* do referido casal. O ponto occupado tem não só, devido á sua posição a cavalleiro, como por falta de muros, arborisação, culturas altas, etc., grande campo de observação e de tiro: 400<sup>m</sup> para *E*, 600<sup>m</sup> para *N*, 900<sup>m</sup> para *NO* e *O*, 700<sup>m</sup> para *NE* e 600<sup>m</sup> para *SO*. Bate as duas encostas da linha d'agua a *SE*. Bate, enfiando em grande parte, os caminhos que se cruzam a *N*, *NO* e *O* do alto de cota 233, e que se dirigem para Enxara dos Cavalleiros a *E*, para as alturas de cotas 234, 235 e 236 a *N*, para o C. das Patas a *NO*, para Villa Pouca a *O* e para Terreal a *SO*.

Entre a estrada Milharado-Sapataria-Dois Portos, e o cami-

nho seguido pela companhia em guarda de flanco ha diferentes caminhos que facilmente podem estabelecer a ligação com a columna principal.

Finalmente a companhia estabelecida no alto de cota 233, ficará em boas condições de resistencia, e quando não podesse sustentar-se a sua retirada, effectuar-se-ia, com toda a segurança, protegida por escalões que occupassem os pontos dominantes que ali se encontram.

### Quesito 2.º

N'uma das alineas das disposições da *Ordem de marcha* para a brigada determinava-se que a 4.ª companhia do 3.º batalhão do regimento ..., e o 1.º pelotão do 2.º esquadrão do regimento ..., deveriam constituir a guarda de flanco encarregada de ir estabelecer-se no alto de cota 233 a *O* da Quinta Grande.

A 4.ª companhia e o pelotão de cavallaria, que durante a marcha da columna, desde Montachique até ao caminho para Milharado, seguiram 100<sup>m</sup> na retaguarda da extrema guarda avançada (n.º 123 e 209 R. C.), indo a companhia na frente e o pelotão de cavallaria na retaguarda, para obviar aos inconvenientes da poeira levantada, no ultimo *pequeno alto*, antes de chegarem a esse ponto, receberam verbalmente do capitão F..., commandante da guarda de flanco a seguinte :

### Ordem da guarda de flanco

*Para ... de ...*

(Brigada mixta)  
(Guarda de flanco esquerdo)  
N.º 1

*Estrada a L do C. do Pedregulho  
... às n<sup>h</sup> n<sup>m</sup> manhã.*

#### Distribuição das tropas

1.º—Flecha de cavallaria:—1.º pelotão do 2.º esquadrão menos 3 cavalleiros.

2.º—Extrema guarda avançada:—1.ª esquadra do 1.º pelotão, sob o commando do alferes F...

3.º—Grosso da guarda avançada:—1.º pelotão menos a 1.ª esquadra.

4.º—Grosso da columna:—2.º e 3.º pelotões.

I.—Situação—Forças do partido *N* marcham para *S* pela estrada Caldas da Rainha-Torres Vedras e Pero Negro.

A nossa brigada segue pela estrada Milharado-Sapataria-Dois Portos, com o fim de tomar posições a *N* de Pero Negro, e oppôr-se aos progressos do inimigo para *S*.

Patrilhas de cavallaria inimiga já foram vistas ao *N* de Enxara do Bispo.

II.—Fim—A 4.ª companhia e o 1.º pelotão do 2.º esquadrão, constituindo a guarda do flanco esquerdo, vae occupar o alto de cota 233, 500<sup>m</sup> a *O* do C. da Quinta Grande, onde se estabelecerá em postos avançados até nova ordem, exercendo cuidadosa vigilancia sobre os caminhos que de Enxara do Bispo se dirigem para *S* e *SE*.

### III. — Disposições :

a) O pelotão de cavallaria formará a flecha de cavallaria e marchará pelo caminho Milharado-Guia-Casal d'Adega alto de cota 233, fazendo a exploração dos caminhos e alturas lateraes; procurará reconhecer que forças occupam Enxara do Bispo e sua direcção de marcha.

b) A extrema guarda avançada seguirá o mesmo itinerario que a cavallaria, procurando manter-se 500<sup>m</sup> á sua retaguarda. Chegado ao alto de cota 233, avançará ainda uns 600<sup>m</sup> para NO, indo estabelecer-se em posição defensiva no vertice mais a N do triangulo formado pelos caminhos a O d'aquelle alto, vigiando Enxara do Bispo. Estabelecido n'essa posição passará a ser o *pequeno posto n.º 2*.

c) O grosso da guarda avançada seguirá 200<sup>m</sup> na retaguarda da extrema guarda avançada, e chegando ao referido alto, deixará ahi em armas a 2.<sup>a</sup> secção e destacará a 2.<sup>a</sup> esquadra para o moinho em ruinas do Coelho, encarregada de se oppôr aos movimentos do inimigo pelo caminho que passa junto a elle. A 2.<sup>a</sup> esquadra, sob o commando d'um sargento, passará desde então a *pequeno posto n.º 1*.

d) O grosso da guarda de flanco, marchará 400<sup>m</sup> na retaguarda do grosso da guarda avançada, indo depois occupar o alto de cota 233, onde desempenhará o serviço de posto principal.

IV. — Local para onde devem ser dirigidas as communicações — Marcho com o grosso da columna.

F...  
Capitão

A guarda de flanco incorporada na columna de marcha, ao chegar ao cruzamento do caminho para o Milharado, tomou por este caminho, e tendo ganho a profundidade necessaria, o capitão mandou fazer alto á companhia, determinando ao commandante do pelotão de cavallaria que, deixando junto da companhia tres cavalleiros para ligação, se antecedesse ao trote com o resto do

pelotão, pondo logo tambem em marcha a 1.<sup>a</sup> esquadra, sob o commando do alferes F... Os restantes escalões iniciaram o movimento, á medida que os da frente iam ganhando as distancias indicadas na *Ordem* anterior.

(*Continua.*)

X. Y.

---

## Marchas de guerra em Angola

---

A maioria dos nossos escriptores militares, que teem tractado de marchas em Africa, recommendam insistentemente a formação em quadrado.

Estas marchas são praticaveis e de reconhecidas vantagens tacticas em Moçambique; porem, desnecessarias e improprias mesmo, uma utopia, em Angola.

O terreno descoberto da provincia de Moçambique presta-se perfeitamente, sem grandes trabalhos preparatorios, a esta disposição de marcha, que é de grande alcance tactico, para receber com firmeza o impetuoso *élan* das numerosas e extensas mangas dos valentes Vatuas, Landins, etc., que, ao approximarem-se das forças europeias, geralmente diminutas, procuram no choque esmagal-as com o abraço herculeo das suas massas envolventes.

Em Angola estas considerações só muito excepcionalmente serão accitaveis, como vamos tentar demonstrar.

Quasi todo o interior de Angola, principalmente o Sul — a sua parte mais aguerrida e irrequieta — é invariavelmente constituida por vastissimas florestas, que alternam com pequenas clareiras, geralmente pantanosas. Assim, seria necessario destruir constantemente florestas, o que tornaria a marcha excessivamente morosa e difficil, além de que nas proprias clareiras será muitas vezes impraticavel a marcha em quadrado, porque os pantanos apenas apresentam uma estreita passagem praticavel ás diversas armas, principalmente a artilheria.

Em Angola, onde o indigena não ataca em mangas, nem com arma branca, parece-me que o quadrado perde as vantagens tacticas que apresenta em Moçambique, tendo o grande inconveniente de ser um magnifico alvo para as balas indigenas.

Sempre que o serviço de segurança não seja muito cuidadoso e conscientemente feito, o inimigo inicia o ataque com uma descarga por surpresa. Seguem-se várias outras, apresentando-se os indigenas n'uma ordem analoga á nossa ordem dispersa, aproveitando os atiradores com grande vantagem os accidentes do terreno e occultando-se magistralmente detraz dos abrigos escolhidos.

Será esta a primeira phase do combate, que continua depois com o ataque envolvente pela frente ou retaguarda, sendo este ultimo talvez o mais vulgar, procurando o inimigo separar o comboio do corpo principal da columna. O quadrado só excepcionalmente e em circumstancias especiaes poderá constituir, na provincia de Angola, uma boa formação de resistencia ao indigena combatente.

A formatura em columnas com as viaturas marchando nos intervallos das fracções, nas columnas de pequeno effectivo, e a columna dupla com as viaturas ao centro para as de maior effectivo, parecem-me as disposições mais praticaveis e vantajosas para as marchas, na Africa Occidental.

A columna simples marchando para toda a parte com extrema facilidade, utilizando-se das estradas carreteiras, calcando caminhos de gentio, tem a importantissima vantagem da velocidade, que em todos os combates, e, principalmente nas colonias, é d'uma superioridade incontestavel. Esta disposição facilita extremamente a passagem a qualquer outra formatura de resistencia, como é o quadrado, tendo-se préviamente determinado a cada fracção, qual o logar que occupará ou face que deverá constituir. Permite desenvolver facilmente em qualquer direcção, constituindo, com rapidez a linha de atiradores atacantes, e fazer frente a qualquer dos flancos concentrando os fogos n'essa direcção, offerecendo

menos vulnerabilidade que o quadrado. As viaturas ou ficam no interior do quadrado ou columna, ou constituem parque á retaguarda da linha de combate.

A columna dupla póde utilizar para as suas marchas as estradas carreteiras, que devido ao commercio, abundam em Angola, e, na falta d'estas, facil é abril-as com os auxiliares, permittindo portanto uma certa velocidade na execução das marchas.

As viaturas marcham perfeitamente protegidas, sem prejudicarem a velocidade da columna, centralizando com este dispositivo a acção do commando o qual com facilidade pode fazer passar rapidamente a qualquer formação de combate, ou desenvolver em atiradores qualquer fracção, ficando as restantes, como apoio e reserva, na mão do chefe. A sua vulnerabilidade é inferior á do quadrado, permittindo uma boa disciplina, concentração e direcção dos fogos.

\*

\*

\*

Nas columnas de effectivo superior a um batalhão, um esquadrão e uma bateria, que exigem um comboyo muito extenso, será preferivel que esse comboyo, devidamente organizado, e escoltado por uma unidade indigena constituida, marche, com os europeus doentes e feridos, um pouco á retaguarda da columna. Esta transportando mantimentos para um pequeno numero de dias far-se-ha acompanhar apenas do trem de combate, cavallos de reserva e ambulancia, afim de não diminuir a sua velocidade normal e determinada, como succederia se fosse acompanhada d'uma longa impedimenta.

O commandante do comboyo, que traz instrucções sobre o modo como conduzir-se em caso de ataque, formará parque para resistir quando o ataque seja directamente ao comboyo, ou avançará rapidamente a reunir-se á columna, quando esta não esteja toda empenhada na lucta.

Os auxiliares europeus e indigenas, quando em numero limitado, para não prejudicarem a sua direcção e

fiscalisação, e bem commandados, são d'uma vantagem incalculavel. E' çonvicção minha, que todas as columnas em marcha devem ser acompanhadas por uma rêde d'estes auxiliares, explorando o terreno em todas as direcções, de fórma que a columna marche, por assim dizer, n'um circulo de segurança, serena e confiadamente. Só assim se evitam as surpresas, que sobresaltam e enervam o seu pessoal e são causa permanente de todas as derrotas em Angola.

As tropas indigenas podem prestar um valiosissimo auxilio, quando empregadas n'este serviço, se fôrem bem instruidas e dirigidas por officiaes com tacto e pratica do seu commando e conhecimento do serviço colonial.

O soldado indigena vê e ouve muitissimo bem, possuindo qualidades de sobriedade e de resistencia ao clima da região, que o tornam imprescindivel em todas as campanhas coloniaes, para determinados serviços. Convem estar precavido contra o exaggero das suas informações, proprio da raça preta, muitas vezes motivado pelo receio e timidez, que se apossa do seu espirito, quando proximo do inimigo e não com intúitos malevolos. Estes inconvenientes, porém, desaparecem, quando o commando é exercido, como disse, por officiaes com pratica de matto e competencia para este serviço.

Os officiaes, que commandam soldados indigenas, devem ser energicos, mas tolerantes, soffredores e resistentes, possuindo uma audacia cautelosa e opportuna, tendo entre elles um certo prestigio, de fórma que ao mesmo tempo que lhes capta as sympathias, lhes incuta confiança e respeito, nas occasiões criticas. Só assim será possivel utilisal-os com vantagem, não os pondo de parte como inuteis, nem empregando-os, como unicos elementos de combate, no ataque d'uma posição, n'uma carga, n'um contra-ataque, operações de guerra estas em que julgo só poderão ser empregados, quando bem enquadrados com unidades europeias, por não possuirem a firmeza e valor, que só a estas é proprio.

Egualmente entendo que uma retirada, effectuada só com tropas indigenas, redundará fatalmente n'uma derrota.

Os auxiliares europeus teem geralmente todos os grandes defeitos do soldado mercenario, de todos assás conhecidos, possuindo, porém, a grande vantagem, que lhes advem da pratica do matto e consequentemente a de vêrem e concluirem melhor das suas observações.

Julgo que prestarão magnifico serviço na exploração, dispostos n'um circulo interior ao constituido pelos auxiliares indigenas, que elles seguirão de perto; mas que se lhes dê sempre como commandante um official competente e experimentado, que saiba dirigil-os e conter-lhes os seus baixos impetos.

Embora, devido á sua vida habitual, sejam, geralmente, bons atiradores, longe de mim o reputal-os bons soldados para combate; para isso falta-lhes a coragem, valor e abnegação, que só o patriotismo e a subordinação militar fazem nascer e enraizar na alma do verdadeiro soldado.

Por isso, sendo bons atiradores e arrojados no serviço de exploração, como disse, no momento decisivo do combate falta-lhes o valor moral, pensando mais na recompensa material das tomadias, do que na gloria de vencer.

As marchas deverão, segundo julgo, iniciarem-se ao nascer do dia e fazerem-se d'uma só vez. D'esta fórma, as tropas repousam durante as horas de maior calor, e, chegando cedo ao local do bivaque, poderão preparar-se de fórma a evitar e repellir os ataques, que o gentio do sul de Angola, Quamatuis, Cuanhamas e Qualles, actualmente, tentam ao findar o dia, e não ao alvorecer, como faziam até aqui, pois d'esta fórma, com a approximação da noite, evitam a perseguição, porque sabem que os europeus baniram por completo as marehas de noite n'um terreno completamente coberto de arborisação frondosa, como é o d'esta colonia.

Loanda, 12 de abril de 1906.

PIMENTA DE CASTRO  
Capitão d'infanteria



## OS CONSELHOS ADMINISTRATIVOS DOS REGIMENTOS

---

A vigente organização dos conselhos administrativos, comquanto melhor que a anterior, sob certos pontos de vista, parece ainda assim carecer de modificações, pois é innegavel que apresenta na pratica varios inconvenientes, alguns dos quaes se nos afiguram facilmente remediaveis, sem prejuizo para a administração e com vantagem para todos os outros serviços.

A composição dos conselhos administrativos dos regimentos decretada em 1902, incluindo um capitão d'estas unidades como vogal do conselho a quem cabe o cargo de thezoureiro, não só attribue a este individuo o desempenho de funções completamente alheios á indole da sua profissão, mas ainda o desvia em absoluto de outras que realmente lhe competem, com prejuizo para o serviço, para os camaradas, e talvez em alguns casos para elle proprio.

A nomeação do official de administração militar adjunto, para dirigir o rancho geral, obedeceu á idéa, aliás muito boa, de não subtrahir ao serviço do regimento mais um official combatente; mas supponho que se alcançaria este mesmo resultado sem fazer alterações tão profundas nos antigos conselhos administrativos, d'onde foi preciso fazer sahir o official adjunto e diminuir-lhe as attribuições, para que não ficasse agora demasiadamente sobrecarregado, em vista dos novos serviços a que a actual organização o obriga.

Alem dos inconvenientes originados por algumas d'estas alterações, ninguem pode deixar de reconhecer que o serviço do rancho, a cargo dos officiaes de administração,

está verdadeiramente deslocado; o seu serviço é outro, tanto na paz como na guerra. Desde que nos regimentos houvesse em deposito todos os generos necessarios para o rancho, e as tabellas fossem organisadas pelos conselhos administrativos, não seria possivel conseguir que um sargento fizesse diariamente as requisições, sendo estas sempre verificadas, com respeito á qualidade e quantidade dos generos, pelo official de prevenção, em presença das minutas das companhias e das tabellas fornecidas pelo conselho? Dispensar-se-ia igualmente por esta forma o impedimento de um official, ficava este serviço a quem realmente compete, e podia o official adjunto tomar sobre si as actuaes attribuições do capitão thezoureiro, que lhe são mais peculiares, tornando-se assim possivel o regresso d'este official aos serviços de que se acha dispensado.

Trata-se ha muito de fazer uma remodelação radical nos nossos serviços administrativos. E' um trabalho de reconhecida e inadiavel necessidade, que supomos achar-se em via de conclusão; oxalá elle appareça completo, como é de esperar da muita proficiencia da commissão encarregada de o elaborar, e seja em breve publicado, para que acabe este cahos em que vivemos, e onde, apesar da superabundancia de legislação, e talvez por este mesmo motivo, ninguem se entende.

M.

---

## Secção do estrangeiro

---

**Italia.** — Foi ha pouco apresentado ao parlamento pelo ministro da guerra, um projecto de lei sobre a organização das escolas militares.

Até aqui havia duas escolas, a de Modena e a de Turim, a primeira destinada a habilitar officiaes da infantaria e cavallaria, e a segunda de artilheria e engenharia. Pela nova proposta, estas escolas são substituidas por tres, em Turim, Modena e Napoles, com programmas perfeitamente eguaes, e habilitando qualquer d'ellas officiaes para todas as armas. Como na nossa escola do exercito, o 1.º anno é commum, fazendo-se a divisão dos cursos

por armas no 2.º anno. A duração de todos os cursos é apenas de dois annos.

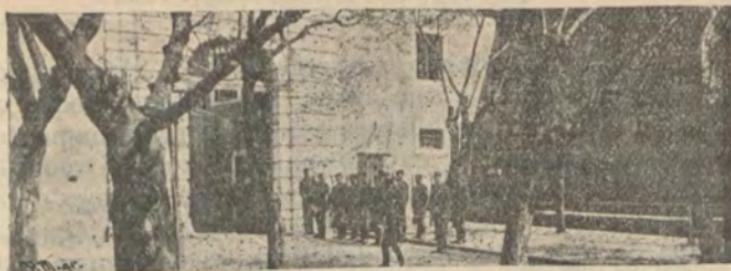
Depois de sahidos das escolas, irão os novos officiaes frequentar a escola de appiicação, correspondente á arma a que se destinam: a de Parma para a infantaria, a de Piguierol para a cavallaria, a de Turim para artilheria e engenharia. Nas duas primeiras permanecerão 1 anno e na ultima 2 annos. Só no fim d'este periodo são collocados nos regimentos.

**Allemanha.**— Segundo as estatisticas do exercito allemão, a percentagem d'analphabetos entre os individuos alistados era em 1884, 1,22 0/0, em 1894, 0,22 0/0, e em 1904, 0,04 0/0. Entre nós, a percentagem d'analphabetos entrados para o exercito em 1905 attinge 67 0/0. E note-se que o contraste ainda é muito maior do que parece á primeira vista, porque na Allemanha consideram analphabetos os individuos que pouco mais sabem que escrever o seu nome, e entre nós estes individuos não são incluídos nos 67 0/0.

**Hespanha.**— O orçamento do ministerio da guerra para 1906, foi, por carta de lei de 31 de dezembro de 1905, fixado em 147.177.804 pesetas, cuja distribuição pelos differentes capitulos é feita pela forma seguinte:

1 e 2. Administração central ...	{ Pessoal .....	2.674.300,00
	{ Material .....	343.600,00
3 e 4. Administração provincial	{ Pessoal .....	12.158.618,00
	{ Material .....	463.952,00
5. Corpos permanentes, recrutamento, comissões e excesso de quadros .....		78.696.408,98
6. Estabelecimentos penaes .....		142.677,60
7. Serviços administrativos .....		24.797.355,00
8. Transportes militares .....		1.800.000,00
9. Remonta .....		3.176.375,00
10. Material d'artilheria .....		5.600.000,00
11. Material d'engenharia ..		4.822.900,00
12. Despezas diversas e imprevistas .....		310.000,00
13. Pensões .....		324.300,00
14. Premios de alistamentos e readmissões ...		1.700.000,00
15. Aluguer de edificios para serviços militares.		260.288,04
16. Material de corpo de exercito .....		200.000,00
17. Officiaes retirados do serviço pela applicação das leis de 8 de janeiro e 6 de fevereiro de 1902 .....		9.048.000,00
18. Encargos resultantes da lei sobre accidentes do trabalho .....		—
19. Exercicios findos .....		650.029,83
Total .....		147.177.804,45

Além das verbas acima exaradas, ainda tem de ser paga pelo ministerio da guerra, por meio de credito extraordinario, a annuidade da despesa feita com a aquisição do material d'artilheria de tiro rapido, correspondente a 1906, e cuja importancia é de 6.100.113,00 pesetas.



# REVISTA DE INFANTERIA

## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 6 — 1906)

Os ensinamentos attribuidos á guerra anglo-boer e a sua presumivel influencia na evolução da tactica foram tambem objecto d'uma calorosa discussão entre alguns dos mais reputados *ornamentos* do exercito francez.

Apresentou-se como paladino illustre das novas ideias, da pretensa tactica racionalista, o general Negrier, que durante os ultimos tres annos publicou, sob o anonymato, na *Revue des Deux-Mondes* quatro estudos notaveis, que agitaram a opinião no meio militar francez, onde a polemica se tornou viva e interessante, sendo as ideias expendidas por Negrier vehementemente impugnadas, alem d'outros, pelos generaes Bonnal e Langlois.

No estudo publicado em 1904 sob a epigraphe *La evolution actuelle de la tactique*, o general Negrier expõe as suas theorias sobre o combate da infantaria da maneira seguinte:

«O desenvolvimento do ataque pode resumir-se assim: O terreno d'*approche* comprehende agora duas zonas: uma que vae desde 1.800 a 700<sup>m</sup> do inimigo, a outra de 700<sup>m</sup> até ao assalto. Na primeira zona, o assaltante não

se dispersa, salvo quando o terreno o exija. Avança por fracções constituídas e sem atirar, aproveitando todos os abrigos que o terreno offerece até 700<sup>m</sup>, proximamente, do inimigo. Chega por esta forma á 2.<sup>a</sup> zona. O cordão de atiradores é então estabelecido. Rompe o fogo e ganha terreno por lanços rapidos e curtos. A' retaguarda da linha de fogo (atiradores deitados), encontram-se analogamente duas, tres, quatro linhas de atiradores deitados sem fazer fogo. Cada linha é constituída por uma fracção independente das outras, a qual avança á indicação do respectivo chefe logo que o terreno em frente esteja desembaraçado ou fique livre pelo movimento de translação da fracção que a precede. A 800 ou 900<sup>m</sup> á retaguarda d'estas linhas de atiradores e na parte coberta do terreno ficam as reservas. Nenhum batalhão fica em ordem unida. Todas as forças devem estar deitadas. São estes, para bem dizer, os principios da ordenança de 1875».

O general Bonnal, apreciando as theorias de Negrier, accentua de passagem a conformidade de vistas d'este general com os principios tacticos consignados nos regulamentos inglezes mandados pôr em execução em 1902 pelo general Roberts, regulamentos que, no seu modo de vêr, consagram erros comparaveis aos commettidos na época em que se elaborava o regulamento francez de 1875, todo impregnado de ideias defensivas e como que influenciado por uns pruridos da tactica frederiquina.

«Assim, diz elle, a Instrucção tactica ingleza contem algumas prescripções que desconhecem o principio essencial da tactica napoleonica: *On s'engage partout et puis l'on voit*. Para exemplo basta esta citação do regulamento inglez: «A guarda avançada empregará todos os meios de que dispõe (excepto o reconhecimento em força), para reconhecer as disposições do inimigo».

O general Negrier replica ás considerações de Bonnal nos seguintes termos:

«O principio de Napoleão: *On s'engage partout et puis l'on voit* é sempre verdadeiro, mas a sua applicação é mais difficil, sendo preciso agora mudar os processos de execução. Em logar de se empregar uma parte im-

portante das forças para fazer o reconhecimento da situação do adversario, recorre-se hoje ao emprego das *rêdes* (rideaux), que são formadas de grupos de combate geralmente de fracos effectivos, mas comprehendendo as tres armas em proporção variavel segundo o terreno e as circumstancias. Estes grupos guarnecem toda a rêde de caminhos na direcção do inimigo e cobrem os flancos. Estabelecem assim a grande distancia em redor do exercito, uma zona de segurança muito extensa dentro da qual o commando pode manobrar á vontade».

Por seu turno o general Langlois, refutando as novas ideias em curso no exercito inglez e exaltadas pelo general Negrier no seu estudo «*Quelques enseignements de la guerre sud-africaine*», insurge-se contra as nefastas theorias da denominada tactica nova, identicas ás que, preconizadas em França em 1868, haviam levado aos desastres de 1870, reaparecendo periodicamente ao realisar-se qualquer progresso no armamento, as mesmas theorias tendentes a demonstrar que a potencia das armas modernas torna mais difficil o ataque, ao passo que garante á defeza vantagens consideraveis e imprevistas.

«As conclusões de alguns escriptores, diz o general Langlois no seu notavel estudo «*Consequences tactiques des progrès de l'armement*», tendem a nada menos do que a privar o commando supremo da direcção da batalha, a contestar-lhe a possibilidade, assim como o direito de obter, se d'isso tiver necessidade, a decisão por um effecto combinado de todas as forças materiaes e moraes de que dispõe, e a deixar ao arbitrio do atirador, isto é, do soldado isolado, accessivel a todas as emoções e a todas as surpresas,—a decisão d'uma batalha, em que os effectivos empenhados attingirão centenas de mil homens e cujo resultado decidirá talvez da liberdade da nação e do futuro da raça».

Estudando com superior criterio os caracteres organicos das forças oppostas na guerra sul-africana, assim como os processos tacticos dos dois adversarios, e accentuando de passagem que nem um, nem outro dos belligerantes manifestou vontade decidida de abordar rapidamente o inimigo, procurando a destruição prompta e total

das suas forças, que é a característica da guerra moderna; sem deixar mesmo de consignar que os *boers* nem sequer estavam armados com bayoneta, mas que mesmo possuindo-a não teriam verosimilmente atacado a fundo, porque, como mui judiciosamente diz o mallogrado capitão Gilbert, o ataque a fundo reclama a ordem, a coesão, a articulação organica, que só se encontra nos exercitos existindo desde o tempo da paz,—o general Langlois, depois de bem cabidas e sensatas considerações, mostra que a tactica dos inglezes na primeira parte da campanha, occasionando-lhes desastres serios, era caracterisada:

- a) Pela ausencia d'um serviço de segurança organizado;
- b) Pelo desconhecimento do emprego da guarda avançada;
- c) Pela carencia geral da ideia da manobra;
- d) Pela falta do combate de preparação;
- e) Pela passagem immediata em toda a frente á phase da decisão.

N'estas condições, os chéques dos inglezes deverão ser attribuidos antes ás suas proprias faltas, do que á excellencia da tactica racional dos *boers*, que, na generalidade dos casos, foram adversarios inactivos, que poderiam por uma offensiva vigorosa ter transformado em desastres gravissimos, os revezes parciaes experimentados pelo exercito britannico no primeiro periodo da campanha.

Aos dispositivos tenues, inconsistentes, da *tactica nova*, oppõe Langlois as massas que conduzem á decisão, não as columnas cerradas de Eylau, de Wagram, de Watterloo ou de Plewna, mas a massa indispensavel para assegurar o successo do ataque, pois que não basta só abrir acesso á posição inimiga, é indispensavel tambem cobrir o ataque, parar os contra-ataques, os retornos offensivos do inimigo e explorar, emfim, o primeiro successo obtido, o que não se consegue sem o emprego de forças importantes, préviamente concentradas.

Para tornar mais concludentes as suas afirmações, Langlois apresenta um estudo tactico sobre o terreno collocando em presença dois exercitos da mesma força e

da mesma composição, manobrando segundo doutrinas táticas oppostas.

Na direcção d'um empregaram-se os principios que dimanam da analyse de factos historicos, do estudo de campanhas modernas, levando em conta na sua applicação as modificações que derivam das propriedades do novo armamento.

No commando do outro, exercito inimigo, applicam-se as theorias postas em fóco como representantes da tactica do futuro.

Langlois confiou a um official general a missão de dirigir o exercito inimigo a partir da situação inicial, deferindo-lhe toda a liberdade de acção, salvo a applicar os principios seguintes: marchar por pequenas columnas sobre uma frente extensa procurando o envolvimento immediato.

Pela sua parte Langlois adoptou um dispositivo articulado, flexivel e em profundidade.

Na execução da manobra evidenciou-se desde logo no exercito inimigo uma grande difficuldade na sua direcção concordante, porque as pequenas columnas dispostas n'uma frente extensa tendiam a transformar uma acção geral, concebida e conduzida segundo as vistas do chefe em uma série de acções parciaes, sem coordenação nem convergencia.

O dispositivo em pequenas columnas sobre uma frente extensa, o que o torna vulneravel em todos os seus pontos, é a negação completa da manobra, cuja concepção é inseparavel da profundidade na formação. Pelo contrario, o dispositivo em profundidade adoptado pelo general Langlois, permittindo a facilidade de movimentos e assegurando a liberdade da manobra, garantiu o successo por manter melhor a cohesão dos elementos que, apresentando maior consistencia, actuavam com mais energia e vigor em toda a expansão da offensiva tactica.

Em conclusão: os dispositivos profundos, a despeito da sua vulnerabilidade, sobrelevam aos dispositivos lineares mais fracos e menos dirigiveis.

Ensinamentos mais positivos e concludentes do que os da guerra anglo-boer encontram-se na guerra do Ex-

tremo-Oriente, onde a offensiva tactica e estrategica dos japonezes está levando de vencida a defensiva systematica dos russos.

D'uma interessante narração feita n'um jornal estrangeiro por uma testemunha ocular do combate de Si-Ho-Ian extrahimos os seguintes trechos, verdadeiros ensinamentos de ordem tactica:

«Infanteria.—Vêmos do lado japonéz a offensiva executada por fortes cadeias de atiradores, seguidas por reservas em formação cerrada e mesmo em columnas. Eis-nos longe dos processos da tactica á boer, com que se nos tem ensurdecido os ouvidos depois da guerra do Transvaal.

O combate pelo fogo da infantaria empenha-se desde o principio em toda a linha de frente, e, quando a preparação pelo fogo de artilheria se considera sufficiente, as espessas cadeias de atiradores ganham terreno para a frente sustentando um violento fogo por *rafales*, emquanto as reservas em ordem unida apoiam o movimento, reforçando pouco a pouco a cadeia. O tiro, da parte dos russos, parece haver sido executado quasi sempre por *rafales*, algumas vezes por salvas, mesmo durante periodos do combate.

Do lado japonéz, o fogo é executado por *rafales*.

Encontramos por mais d'uma vez n'esta narração a nota da violencia extrema do fogo da infantaria japoneza.

No combate, a infantaria japoneza é alliviada da mochila, não conduzindo mais do que a arma e os cartuchos».

D'uma conferencia feita no Club militar de S. Petersburgo pelo capitão de estado maior Bolduiriev, regressado da Mandchuria, a proposito da direcção do combate nas batalhas de Cha-Ho, destacamos os seguintes elucidativos periodos:

«Pelo que respeita á acção da infantaria (russa), houve frequentes erros no emprego das pequenas unidades e a acção do fogo não foi sempre perfeita.

Sucedeu muitas vezes que officiaes novos se deixaram arrastar prematuramente a gritar ávante! e a lançar ataques, marchando ao assalto a muito grandes distancias.

O modo de combate actual sobre frentes extensas e

em toda a especie de terrenos torna a sua direcção muito difficil para o commando superior, sobretudo em terreno cortado ou accidentado: o resultado mais directo d'esta situação é a necessidade d'uma grande iniciativa e d'um senso tactico apurado entre os commandantes de batalhão e de companhia, e é muitas vezes d'essas circumstancias que dependerá o bom exito do combate.

A artilheria não prestou á infantaria todo o apoio de que carecia, em vista da grande distancia a que, em geral, se collocavam as baterias em posição.

Segundo as conclusões da conferencia, o ponto essencial na direcção das tropas é a ligação entre os diversos escalões do commando e a combinação dos esforços de todas as armas. Para a obter o unico meio é a execução de frequentes manobras no tempo de paz.

\* \* \*

A demorada controversia suscitada em França entre os partidarios da denominada *tactica nova* e os representantes da escola napoleonica, que, em essencia, se reduzia a uma nova lucta entre o principio do desenvolvimento linear e o da acção em profundidade recebeu ha pouco o golpe de misericordia pela publicação do novo regulamento das manobras da infantaria, decretado em 3 de dezembro de 1904.

E' um diploma notavel, que condensa em 106 paginas um corpo de doutrinas completo sobre a educação e instrucção do soldado e sobre os processos de combate das pequenas e grandes unidades.

Sem perder de vista os aperfeiçoamentos constantes do armamento e da tactica, inspirando-se não só na experiencia das guerras recentes, mas ainda nas sãs doutrinas da guerra, segundo a concepção napoleonica, o novo regulamento veio codificar por uma forma clara, precisa, frisante os methodos de instrucção e os processos de combate da rainha das batalhas.

Desprende-se de vez do formalismo compassado, da rigidez schematica, incompativeis com o emprego da infantaria no combate moderno, para lhe dar toda a flexi-

bilidade de que é susceptível, recommenda a ligação íntima de todas as armas e, sem deixar de reconhecer a importancia crescente do fogo de infantaria, proclama a preponderancia da manobra, do movimento para a frente, que considera o unico factor decisivo, irresistivel.

Não obstante as theorias dos sectarios da *tactica nova* que contestam a possibilidade de se triumphar da resistencia d'um adversario bem collocado e armado, o novo regulamento, inspirando-se dos factos recentes da guerra russo-japoneza, que vieram confirmar a doutrina tão proficientemente expendida nas obras do eminente general Langlois, prevê que o ataque resolutivo á bayoneta, executado por tropas de infantaria escalonadas em profundidade, em formações flexiveis e pouco vulneraveis, será coroado de exito, se fôr bem preparado.

Emfim, o regulamento francez, redigido unicamente em vista da guerra, subordinando os meios ao fim a attingir, vibra um golpe mortal nas doutrinas tão calorosamente defendidas pelos preconisadores e adeptos da *tactica nova*.

(*Continúa.*)

ADRIANO BEÇA  
Major d'infanteria 10.

---

## Problemas tacticos

(*Continuado do n.º 6 — 1906*)

### Quesito 3.º

Quando o grosso da guarda avançada estava á altura do cruzamento com o caminho que se dirige para o Terroal, o seu commandante recebe a seguinte communicação escripta :

(*Guarda de flanco*)      *Cruzamento do caminho ao N do alto de*  
(*Flecha de cavallaria*)      *cota 233... de... ás n<sup>h</sup> n<sup>m</sup> manhã.*

#### Ao commandante da guarda avançada

Acabo de repellir, depois de ligeira escaramuça, uma patruilha de 7 cavalleiros, que estava em observação ao N da vinha junto do alto de cota 233. Tendo perdido dois dos seus homens,

retirou precipitadamente pelo caminho para Enxara do Bispo, onde julgo estarem mais forças. Fico em observação no alto de cota 229.

F...  
Tenente

Esta comunicação foi transmittida ao commandante da guarda de flanco, que determinou ao commandante da cavallaria que a todo o custo reconhecesse as forças que se achavam em Enxara do Bispo, e no caso de ser repellido que retirasse para a ravina a *S* da sebe junto do ponto de cota 181, continuando a observar o flanco esquerdo.

Tendo a companhia, pela forma designada na ordem de movimento, occupado o alto de cota 233, a nossa cavallaria, que se encontrava em observação na frente, avista no *C*. das Patas alguns cavalleiros, que suppõe não serem mais que um pelotão. O commandante da nossa cavallaria, reunindo então o seu pelotão, segue com elle a coberto pelo caminho a meia encosta que se dirige ao referido casal, com o fim de carregar sobre aquelles cavalleiros, porém ao desembocar no caminho, no ponto em que termina o aterro, é surpreendido pelos tiros de fuzilaria que partem da vinha a *SE* do *C*. das Patas, tendo tempo, porém, para distinguir que na orla *N* da vinha se conservam abrigados e á mão uns 60 cavallos, d'onde conclue que a cavallaria que occupa o *C*. das Patas e vinha terá o effectivo d'um esquadrão, os atiradores na vinha, a reserva, um pelotão a cavallo, no *C*. das Patas, retira então a toda a pressa pelo mesmo caminho, indo occupar a posição que lhe havia sido determinada, destacando, acto continuo, dois cavalleiros encarregados de communicarem ao commandante do posto principal, e pequeno posto n.º 2, o resultado do reconhecimento. Os commandantes d'estes escalões rompem logo fogo por descargas sobre os atiradores, postados ua vinha, o 1.º escalão, pequeno posto n.º 2, com a alça de 400<sup>m</sup>, e o 2.º escalão, posto principal, com as de 600<sup>m</sup> e 900<sup>m</sup>, depois de terem passado á ordem extensa.

O commandante da guarda de flanco, vendo a resistencia do inimigo, completa as disposições adoptadas, dando a seguinte ordem :

(Brigada mixta) Alto de cota 233... ás *nh* *n<sup>m</sup>* manhã.  
(Guarda do flanco esquerdo)

Ao commandante do pequeno posto n.º 1

Avance com a sua esquadra a coberto até ao caminho que passa no planalto cotado 233-229-234, e tomando posição frente a *NO*, rompa o fogo vivo sobre a cavallaria inimiga que occupa em atiradores a vinha que lhe fica na sua frente.

Transmittida por escripto.

F...  
Capitão

O commandante do pequeno posto n.º 1, para cumprimento da ordem anterior, conduziu a sua fracção na ordem extensa até ao caminho indicado junto ao ponto de cruzamento com a linha de agua que se dirige á Quinta do Anjo, d'onde rompeu o fogo com a alça de 500<sup>m</sup>.

O esquadrão inimigo, vendo-se atacado de frente e de flanco, monta a cavallo e retira para Enxara do Bispo.

O commandante da guarda de flanco, por intermedio d'uma ordenança de cavallaria, envia ao commandante da brigada mixta a seguinte participação escripta :

(Brigada mixta) Alto de cota 233... de... ás n<sup>h</sup> n<sup>m</sup> manhã.  
(Guarda de flanco) N.º 2

As patrulhas de cavallaria da guarda de flanco chegaram ao contacto com patrulhas de cavallaria inimiga, que parece vinham em reconhecimento pelos caminhos a *SE* do Casal das Patas ; depois de ligeira escaramuça foram repellidos para o *N*, sendo pouco depois reforçadas, e tendo-se empenhado os postos da guarda de flanco em combate com um esquadrão inimigo. Este foi repellido e vae retirando em direcção a Enxara do Bispo. Todos os movimentos das patrulhas inimigas sómente foram notados na direcção d'esta povoação, não tendo descoberto até agora existencia de infantaria.

Vou retirar para reunir á cauda da columna, conservando o contacto com o inimigo pela cavallaria.

F . .  
Capitão

O tempo que a guarda de flanco se conservaria em posição seria determinado pelo seguinte calculo : tempo gasto em a guarda de flanco percorrer o seu itinerario até ao ponto da estrada de marcha da brigada, á altura de Pero Negro 2<sup>h</sup> 15<sup>m</sup>. Tempo que a cauda da columna levaria para se deslocar do Milharado a Pero Negro — 3<sup>h</sup> 10<sup>m</sup> d'um *pequeno alto*, suppondo os escalões da brigada mixta (1) terem uma profundidade total de 8 kilometros. Diferença em numeros redondos — 1<sup>h</sup>, em que a guarda de flanco deveria, em rigor, conservar-se em posição no alto de cota 233, para chegar a tempo de entrar na columna seguidamente á cauda.

### Quesito 4.º

Suppondo pois que as disposições tomadas para repellar o esquadrão inimigo tenham levado a maior parte do tempo acima re-

(1) A brigada deverá compôr-se de 6 batalhões de infantaria, 2 baterias, 2 esquadrões, trens de combate e reglmentaes, sendo a profundidade obtida calculada pelos numeros fixados na «Composição do exercito em campanha».

ferido, é admissível que o commandante da guarda de flanco, pouco depois do esquadrão ter retirado para Enxara do Bispo, dê a seguinte :

## Ordem da guarda de flanco

*Para... de...*

*(Brigada mixta)*  
*(Guarda de flanco esquerdo)*  
N.º 2

*Alto de cota 233 em... de...*  
*às n<sup>h</sup> n<sup>m</sup> manhã*

### Distribuição das tropas

1.º—Guarda avançada:— 6 homens da 6.ª secção sob o commando do sargento F...

2.º—Grosso da columna:— 2.º e 3.º pelotões.

3.º—Guarda da retaguarda:— 1.º pelotão.

4.º—Cavallaria da guarda da retaguarda:— 1 pelotão do 1.º esquadrão menos 3 cavalleiros.

I.—Situação—O esquadrão inimigo em reconhecimento foi repellido sobre Enxara do Bispo, e segundo informação da nossa cavallaria, vae retirando pelo caminho que se dirige para N. A 4.ª companhia está ainda em postos avançados no alto de cota 233.

II.—Fim—A guarda de flanco vae marchar sobre Pero Negro, para tomar a estrada de marcha da brigada n'essa altura e reunir á cauda da columna, não cessando de a proteger de qualquer ataque do inimigo.

### III.—Disposições :

a) A cavallaria cobrirá o levantamento dos postos avançados, seguindo, depois de organizada a columna de marcha do destacamento, na sua retaguarda, a uma distancia variavel, de forma a exercer uma constante exploração da rede de caminhos que se dirigem para N e oppôr-se aos reconhecimentos do inimigo.

b) A guarda avançada pôr-se-ha immediatamente em marcha, seguindo o caminho que 200<sup>m</sup> ao N do alto de cota 233 segue para E, passando por Enxara dos Cavalleiros, seguindo depois pela estrada, C. do Teixeira até Pero Negro; atravessará esta povoação, seguindo depois para SE a via ferrea e a ponte sobre a ribeira do Sizandro. Desobstruirá o caminho seguido, não entrando em Enxara dos Cavalleiros senão depois de feito o seu reconhecimento. Precederá 100<sup>m</sup> o grosso da columna.

c) Os pequenos postos e a 2.ª secção ficarão nas posições que agora occupam, concentrando-se depois no cruza-

mento de caminhos 200<sup>m</sup> a N do alto de cota 233, cessando desde então o serviço de postos avançados e ficando estabelecido o serviço da guarda da retaguarda, sob o commando do alferes F. . . , a qual se porá em marcha quando o grosso da guarda de flanco tenha ganho o avanço de 500<sup>m</sup>.

IV.—Local para onde devem ser dirigidas as communicações — Marcho com o grosso da guarda de flanco.

Transmittida verbalmente aos commandantes de pelotão, reunidos, e por escripto na parte que o interessa ao commandante do pelotão de cavallaria.

F. . .  
Capitão

### Quesito 5.º

A guarda de flanco gastaria approximadamente, entre 1 hora e 1<sup>h</sup> 20<sup>m</sup>, na marcha, para reunir á cauda da columna, contando com as demoras provenientes do reconhecimento das povoações atravessadas.

### Justificação de algumas disposições adoptadas

1.º — Não se referindo o R. C. em especial ao fraccionamento das pequenas guardas avançadas, parece-nos que no presente caso, em que existe a flecha de cavallaria com o seu effectivo maximo (115 R. C.), deve o escalão mais avançado da guarda avançada de infantaria, designar-se e ter a missão propria de extrema guarda avançada, de preferencia á denominação e papel de flecha, por isso que, sendo esta um orgão de exploração mais do que de segurança, ainda no caso sujeito caberá á cavallaria a principal missão, pois que na marcha até ao alto de cota 233 não haverá que atravessar logares habitados, espaços cobertos, etc., em que o concurso da exploração da infantaria é indispensavel.

2.º — A distancia total de 600<sup>m</sup> que separa a extrema guarda avançada da testa do grosso do destacamento, foi determinada pela condição de o collocar ao abrigo do tiro mais efficaz da infantaria inimiga (118 R. C.), suppondo que esta tenha chegado ao contacto com a extrema guarda avançada. Como o terreno é descoberto, poder-se-ia ter augmentado a distancia entre a guarda avançada e o grosso do destacamento, mas a proximidade do inimigo, que já foi visto em Enxara do Bispo, e o fraco effectivo do guarda avançada impõem a aproximação dos diferentes escalões.

3.º — As disposições relativas ao estabelecimento dos postos avançados no alto de cota 233 vão comprehendidas na ordem de *guarda de flanco n.º 1*, com o fim de não demorar a sua installação n'aquelle alto, e isto em rasão do serviço summario dos postos avançados, podendo portanto o capitão, á vista da carta, fazer logo a distribuição dos differentes elementos de segurança. Se durante a marcha até á posição, o commandante da guarda de flanco tivesse conhecimento pelos reconhecimentos da cavallaria que o inimigo se anticipára na occupação do alto de cota 233, modificaria n'esse sentido a ordem da guarda de flanco n.º 1. Não se dando esse caso, como não se deve dar, em vista das hypothèses do thema, tem plena applicação, o que para os postos avançados foi determinado n'aquelle ordem. E' certo, porém, que tambem seria admissivel, depois do capitão chegar ao alto de cota 233 e reconhecer a posição, dar uma ligeira ordem de postos avançados.

4.º — A posição do pequeno posto n.º 1, antes da intervenção do esquadrão inimigo, poderá parecer muito afastada, mas justifica-se pela necessidade de interceptar as vias de communicação mais importantes, vindas do lado do inimigo.

5.º — Não demos forma de ordem ou instrucções para o combate, porque este no caso sugeito representava apenas pequenos incidentes, cuja resolução, pela dispersão das fracções da companhia, ficou entregue á iniciativa dos seus commandantes.

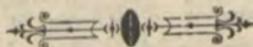
6.º — A nossa cavallaria não se serviria do combate a pé, em vista do seu pequeno effectivo em absoluto, e relativamente ao effectivo da cavallaria inimiga em reconhecimento. A sua acção, parece-nos seria mais efficaz a cavallo, por estar apoiada a pequena distancia pela companhia de infantaria.

7.º — O commandante da guarda de flanco tomou a decisão de se retirar, por nos parecer ser essa a intenção formulada na hypothese particular, e o espirito da alinea a) dos trabalhos a executar, alem de que a boa razão aconselha essa solução por não poder o proseguimento da marcha da brigada estar dependente do reconhecimento d'um esquadrão inimigo, não apoiado por outras forças.

8.º — Na marcha em retirada para Pero Negro não se prescreve distancia na columna, á cavallaria, por ser necessario antes de tudo dar-lhe toda a independencia para desempenhar a sua missão, sem comtudo perder a ligação com a columna. A guarda da retaguarda marcha tambem a maior distancia (129 R. C).

9.º — Por analogia com o determinado na ultima parte do n.º 189 do R. C., e para evitar outras disposições, que seriam mais morosas e fatigantes para os homens, os postos avançados transformaram-se em guarda da retaguarda.

X. Y.





## Pangermanismo e alliança militar dos povos latinos

(Continuado do n.º 4.—1906)

### VI

A Suíça é a democracia, por excellencia, tradicional e constitutiva. A Liberdade, em todas as suas raias e legítimas manifestações, tem fervoroso e inextinguível culto, n'esse encantador paiz. A Igualdade é comprehendida e exercida em ordem a evitar todos os privilegios, desde os de simples natureza honorifica até aos de character economico. A Fraternidade reúne todos os cidadãos no mesmo regaço de affecto incondicional, fazendo d'elles uma só familia, honrada, unida e feliz.

A Suíça foi a unica republica que subsistiu na Europa, o que prova que essa forma politica é a mais harmonica com a sua natureza psychologica e social. Não ha povo mais bondoso, pacifico e instruido nem mais conscio dos seus direitos individuaes e da sua autonomia, representada pelos cantões soberanos.

Todavia, na Suíça, todos os cidadãos validos, dos 20 aos 40 annos de idade, pertencem ao exercito, cuja organização, instrucção, armamento e municiamto são completos. E, assim, a Suíça, a despeito de amar ardentemente a Paz, a despeito de ser o povo mais avançado da Europa, não se dedigna de estar em ar-

mas, prompta a repellir energicamente qualquer tentativa de aggressão; não hesitará, um momento, na hora do perigo, em fazer estalar a fuzilaria nos seus verdedjantes valles, em fazer troar a artilharia nas quebradas das suas pittorescas montanhas.

E' que ella comprehende que os grandes ideaes só se podem nutrir sobre a solida base da independencia nacional e que esta, na presente phase historica, apenas estará garantida enquanto o serviço militar fôr considerado como a mais nobre de todas as funcções civicas.

Mas outro exemplo, não menos eloquente e concreto, demonstra ainda que a instituição dos exercitos é inteiramente compativel com o espirito moderno e liberal.

O Japão é a nação asiatica mais intelligente e productiva. A sua civilisação nunca valeu intrinsecamente menos do que a europeia: apenas seguia outro rumo, que foi imperecivel trajetoria luminosa, atravez das Artes e da Sciencia. Pois esse povo, tão intensamente illustrado e cioso da sua soberania; esse povo de capacidade social tão vasta que já passou a influir nos destinos da Humanidade; esse povo, que é inclito berço de preciosas virtudes, orgulha-se de alimentar, no coração das suas creanças, o fogo sagrado da educação militar; orgulha-se de ter escripto, ao alto da sua Biblia civica, como primeiro mandamento da consciencia e da honra, a defeza da Patria.

Por isso, aos 17 annos, já todos os japonezes validos pertencem á reserva do exercito territorial, passando aos 20 para o exercito effectivo e conservando-se no serviço militar, em successivas situações, até aos 40 annos de idade.

Graças a tal facto, poderam mobilisar-se rapidamente essas esplendidas massas de tropas, cuja inextinguivel instrucção e habilissimo commando levaram de vencida a Russia, uma das primeiras potencias militares do mundo, e tão grande, que a sua amisade tem sido insistentemente disputada pela França e pela Alemanha.

## VII

A Inglaterra dispõe da maior esquadra do mundo, motivo porque é, merecidamente, considerada a rainha dos mares. A sua marinha mercante é também a mais numerosa que singra os oceanos, pois consta de 11:140 navios, o que representa 14 milhões de toneladas. Além d'isso, a area das suas possessões estrangeiras, protectorados e esferas de influencia é ainda a maior de todas as existentes, em virtude de medir cerca de 31.638:580 kilometros quadrados.

Mas, a dynamica politica da Inglaterra é tão assombrosa como a estatica dos seus bellos dominios. Assim, captou os Estados Unidos, que era a potencia que mais a podia damnificar n'uma lucta armada; contribuiu para a guerra no Extremo Oriente, com o fim de evitar que a Russia, por expansões successivas na Asia Central, arvorasse, um dia, o pendão invasor nos zimbórios de Calcutá; alliou-se com o Japão, para, d'esse modo, poder reduzir a sua area vulneravel.

A Inglaterra obsta sempre a que outra qualquer nação adquira a hegemonia politica: continuou systematicamente contra a França, emquanto esta nação reunida á Russia constituia a maior força belligerante da Europa; reconciliou-se do melhor grado com a sua inimiga secular, desde que a derrota d'aquelle imperio consolidou o terreno da triplice alliança.

N'estas circumstancias, os vôos da Allemanha esbarram, naturalmente, com a Inglaterra, a qual, a seu turno, tem também interesse em a exterminar, por causa do enorme vulto que vae tomando o pangermanismo e ainda devido á terrivel concorrência que os productos allemães lhe estão fazendo em bastantes mercados.

A França possui a hegemonia intellectual, na Europa. Além d'isso, o tremendo vulcão de 1789 abala ainda todos os thronos que se não firmem na consciencia nacional. A Allemanha inveja a gloria da França, e Guilherme II teme que qualquer faúlha do pensamento revolucionario, que agita o cerebro gaulez, ateie o incendio socialista.

Accresce que a França, pela sua laboração pacifica, pela sua administração honesta, pelo prestigio que resulta dos seus progressivos triumphos incruentos, irrita a orgulhosa Germania, que julga que apenas poderá ser verdadeiramente grande, no criminoso campo da conquista, consagrando por isso, na preparação da guerra, preciosissimas forças, que tanto robusteceriam a sua organização económica. E' por este facto que cada allemão paga de contribuição annual mais 28 % do que cada francez, não obstante a indemnisação de 5 milhares de milhões de francos que a Allemanha recebeu da França, em 1870!

Ha ainda a notar que a França possui a segunda area do mundo, em colonias, protectorados e espheras de influencia, pois que abrange 8.812:710 kilometros quadrados; enquanto que Guilherme II conseguiu apenas reunir 2.592:362 kilometros quadrados, cujo clima é, em grande parte, quasi inteiramente inhospito. E, assim, á malevolencia da Allemanha junta-se uma acerrada cubiça por essa riqueza e poderio, que será immediatamente satisfeita após uma victoria das suas armas.

Finalmente, se a França, pela expansão da influencia da Algeria, vier a predominar em Marrocos, ella, de combinação com a Inglaterra, poderá fechar completamente o Mediterraneo á Allemanha, cuja terça parte do commercio se faz por intermedio d'esse mar.

D'ahi, essa indomita vontade da Allemanha se lançar, a todo o transe, na guerra contra a Inglaterra e contra a França, vontade mais audaciosamente manifestada desde que a Russia cahiu vencida aos golpes do Mikado. D'ahi, a nevrotica teimosia n'essa negregada conferencia de Algeciras, que ameaça ser a perigosa mecha que produza a medonha e esperada explosão.

## VIII

A Allemanha dispõe actualmente de um exercito que se pode computar em 3.400:000 homens com 574 baterias de artilharia, e de 16 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe

e 13 de 3.<sup>a</sup>, de 4 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 6 de 2.<sup>a</sup> e 18 de 3.<sup>a</sup>, de 102 torpedeiros e de 51 contra-torpedeiros (\*).

As forças de terra abrangem 22 corpos de exercito e mais a guarda, cujo effectivo se approxima de outro corpo. E, como a população do imperio é de 56.367:178 habitantes, mais de 6 % são militares, motivo porque, no actual momento, o effectivo de guerra não subirá consideravelmente. Todavia, esses 3.400:000 homens vivem sob uma organização modelo, dispõem de bom armamento e tem uma instrucção militar completa. Por isso, constituem uma terrivel machina destruidora que, em poucas horas, pode assolar campos e desmorrar cidades.

Tão medonha mole de aço é ainda susceptivel de avolumar-se com o effectivo austriaco, composto de 1.828:000 combatentes, no emtanto, inferiores aos seus alliados, sob todos os pontos de vista, e de 268 baterias de artilharia; sendo, n'essa hypothese, as forças navaes allemãs reforçadas com 9 couraçados de 2.<sup>a</sup> classe, 1 cruzador de 1.<sup>a</sup> classe, 4 de 2.<sup>a</sup> e 2 de 3.<sup>a</sup>, e 69 torpedeiros e 1 contra-torpedeiro, que pertencem ao imperador Francisco José.

Se, como é provavel, couber á Allemanha a iniciativa da guerra, com o pretexto da questão de Marrocos, suppõe-se que a Italia não se julgará compellida a acompanhar a sua alliada contra a França, conciliando-se assim a fé dos tratados com a natural sympathia que, nos ultimos tempos, a segunda d'aquellas nações volta a nutrir pela referida sua irmã latina.

Ainda, nesta hypothese optimista, a França e a In-

---

(\*) Os dados relativos aos exercitos anglo-saxonicos e latinos constam da auctorisada publicação *Les armées et les flottes militaires*, Paris, 1904.

Os elementos para a composição das esquadras foram colhidos no notavel livro *The Naval Annual*, Londres, 1905, sendo a classificação das principaes unidades de combate da Austria, Hespanha e Portugal, que não consta d'aquelle livro, feita pelo sr. Isaias Augusto Newton, muito distincto 1.<sup>o</sup> tenente da nossa Armada.

glaterra talvez tenham de arcar com 5.228:000 soldados e 842 baterias de artilharia, 16 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 9 de 2.<sup>a</sup> e 13 de 3.<sup>a</sup>, 5 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 10 de 2.<sup>a</sup> e 20 de 3.<sup>a</sup>, 171 torpedeiros e 52 contra-torpedeiros.

Vejâmos agora quaes são as forças das duas nações que a Allemanha deseja aniquilar.

A Inglaterra, com quanto tenha na Europa 553:720 soldados e 107 baterias de artilharia, apenas poderá desembarcar 250:000 homens e 38 baterias de artilharia; dispondo, em compensação, de 43 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 11 de 2.<sup>a</sup> e 4 de 3.<sup>a</sup>, 30 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 28 de 2.<sup>a</sup> e 46 de 3.<sup>a</sup>, 179 torpedeiros, 142 contra-torpedeiros e 39 submarinos.

A França conta 2.250:000 soldados e 760 baterias de artilharia, divididos em 22 corpos de exercito, e mais as tropas do governo militar de Paris; sendo para notar a superioridade que tem sobre o exercito allemão, quanto á precisão e rapidez do tiro e ás condições da sua artilharia lhe permittirem poder manter melhor o fogo a coberto das vistas do inimigo, (\*) e ainda quanto ao feitio moral do seu soldado ser mais consentaneo com a iniciativa que a tactica da ordem extensa modernamente reclama. E, como a população é de habitantes 39.000:000, mais de 6 % são militares, motivo porque o effectivo de guerra não poderá ascender a mais de 2.500:000 soldados.

As suas forças navaes constam de 11 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 10 de 2.<sup>a</sup> e 9 de 3.<sup>a</sup>, 9 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 15 de 2.<sup>a</sup> e 26 de 3.<sup>a</sup>, 329 torpedeiros, 82 contra-torpedeiros e 43 submarinos.

Temos portanto contra a Allemanha e Austria 2.750:000 combatentes e 798 baterias de artilharia e 54 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 21 de 2.<sup>a</sup> e 13 de 3.<sup>a</sup>, 39 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 43 de 2.<sup>a</sup> e 72 de 3.<sup>a</sup>, 508 torpedeiros, 224 contra-torpedeiros e 82 submarinos.

---

(\*) Esta affirmacão funda-se no resultado das experiencias a que ultimamente se procedeu, na nossa Escola Pratica de Artilharia, com os canhões Canet e Krupp.

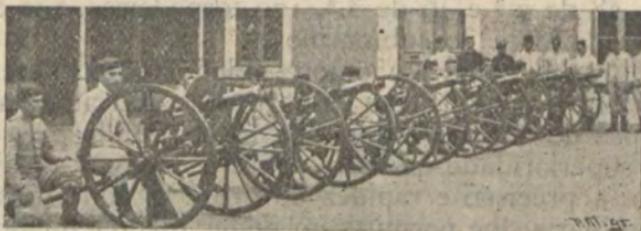
Comparando as sommas obtidas e attendendo á qualidade dos elementos de combate, conclue-se que, na prevista conflagração, as probabilidades de victoria são para o partido franco-inglez, no mar, e para o partido allemão-austrico, em terra.

Mas a aguia de Berlim recuperará, nas appetitosas carnes da França, todo o sangue que perder sobre as aguas.

(Continua)

ANTONIO CABREIRA

Cavalleiro da Legião de Honra.



## SOLDOS

A dissolução da Camara dos Senhores Deputados da Nação veio, mais uma vez, quebrar a ultima esperança que ainda nos restava de que o sr. ministro da guerra advogaria, perante o Parlamento, n'esta occasião, a justiça da nossa causa, referente á precaria situação economica dos officiaes.

Mais uma vez, e com grande magua o dizemos, mais uma vez foi adiada a solução do problema que, prendendo-se intimamente com a vida economica do official, tem uma incidencia extraordinaria nos progressos das nossas instituições militares.

A nossa má sorte nos tem arrastado para este pendor de tanto desanimo e de tanto desfallecimento.

Portugal é sem duvida o paiz mais caro da Europa, porque não tendo elementos, por falta de materias pri-

mas, para ser um paiz industrial, tem sacrificado a sua agricultura, nomeadamente os seus vinhos, não podendo arranjar mercados vantajosos para elles, a troco de uma protecção pautal a industrias exóticas e que mal se podem firmar n'este meio, que se torna por isso mesmo, como já dissemos, extraordinariamente caro.

Essa protecção enorme com que se tem aggravado os haveres do consumidor, pode ter favorecido alguns industriaes felizes, mas o que tem tambem é esmagado a nação e tornado o problema vinicola, a nossa verdadeira industria, sem solução, o que constitue uma séria e grave ameaça para a tranquillidade do paiz.

Os officiaes do exercito, que teem de viver dos poucos recursos que a tabella dos seus vencimentos lhes proporciona, sentem-se esmagados sob o peso herculeo de tantos impostos indirectos, inclusivamente a tal protecção pautal que illaqueia o consumidor, e, ainda mais, encontram-se a braços com o chamado imposto da salvação publica que lhes vem minguar os já de si minguados vencimentos.

Depois, sabe o sr. ministro da guerra, sabe o paiz inteiro, que não ha, não tem havido proporção alguma entre a augmento descabellado do preço dos generos necessarios á vida e o estacionario soldo dos officiaes.

De aquí o mal estar da corporação dos officiaes do exercito, mal estar que tem sido apontado n'esta *Revista* com toda a verdade e com toda a consciencia de quem advoga uma causa justa e patriótica.

Em França, que é um paiz incomparavelmente mais barato que o nosso, ha o principio dos soldos progressivos, havendo para o posto de tenente tres vencimentos diferentes e para o de capitão quatro.

O alferes francez, recebendo como soldo mensal 35\$100 réis (calculando o franco ao par), recebe duplamente mais do que o nosso alferes.

O alferes portuguez tem realmente 35\$000 réis mensaes, mas deduzindo-se os descontos que são fatalmente impostos pela lei fica com 33\$550 réis, excepto nos primeiros 6 mezes que apenas recebe 30\$550 réis, se não tiver qualquer outro desconto voluntario.

Junte-se a isto a carestia dos generos de primeira necessidade e veja-se depois se é possível um alferes, com tão pouco vencimento, poder manter a dignidade do seu posto e sustentar a sua familia, que em varios casos chega a ser numerosa.

E', por tanto, da maxima justiça, representa a grande, a maior necessidade do exercito, accudir-se de prompto a este estado de cousas, que é gravissimo.

Mas, é triste dizel-o, os mezes vão passando, os annos, tudo, emfim, e não chega nunca a hora da justiça para os leaes e honrados servidores da nação, que não hesitam perante todos os sacrificios para manter a honra e o direito da nossa nacionalidade.

Se não fôra o inesperado e imprevisto desaparecimento do sr. conselheiro Pimentel Pinto dos conselhos da coroa, a esta hora, com toda a certeza, era lei do paiz a tabella de vencimentos que no numero passado d'esta *Revista* apresentámos.

A situação economica dos officias melhorava um pouco, era, sem duvida, um allivio e ao mesmo tempo uma esperança para dias melhores, não podendo nem devendo ser computada essa tabella como exaggerada.

Nas recentes propostas que a imprensa militar franceza tem feito para se modificar os vencimentos progressivos dos seus officiaes, apparece o soldo de capitão, na ultima metade do tempo de posto, computado em 67\$500 réis durante quatro annos, e nos ultimos dois em 75\$060 réis, calculando, como já dissemos, o franco a par.

Ha aqui uma grande differença a favor do capitão de infantaria francez sobre o capitão de infantaria portuguez, mesmo com a melhoria proposta pelo illustre ex-ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto.

A' proposta que aqui transcrevemos no numero passado, nós accrescentariamos uma pequena modificação, se fossemos chamados a intervir no assumpto, e essa seria que todos os officiaes no fim de 6 annos do mesmo posto receberiam um augmento de 3\$000 réis mensaes, e no fim de 10 annos, 5\$000 réis.

Era isto uma justa compensação á permanencia n'um

posto, e representava o inicio do principio justissimo do soldo progressivo.

A nossa propaganda, o nosso trabalho defendendo a justiça que assiste aos nossos camaradas, incide ao presente no desaparecimento do iniquo e illegal imposto de rendimento, no augmento proposto pela tabella organizada pelo sr. conselheiro Pimentel Pinto, e na diuturnidade que acabamos de propor acima.

Não ha duvida que se o sr. conselheiro Vasconcellos Porto, que todo o exercito acredita animado da melhor boa vontade em ser util ás instituições militares do nosso paiz, conseguir introduzir na nossa legislação os principios que deixamos aqui consignados, terá realmente prestado um relevante serviço que o exercito nunca esquecerá.

E' mister que esteja sempre presente na consciencia d'aquelles que teem o encargo e a grave responsabilidade de dirigir e administrar o exercito, quão dolorosa se torna a vida para a grande maioria dos nossos camaradas, que tendo apenas como unicos recursos os seus vencimentos, teem a obrigação indeclinavel de sustentar a sua familia, educar os seus filhos, e manter-se n'um certo nivel social em harmonia com a nobreza da sua missão, com a respeitabilidade do seu posto.

Os prodigios de economia que ha por esse exercito alem, e que constituem o grande elogio dos nossos officiaes e ao mesmo tempo um documento palpitante da consciencia com que elles procuram manter a dignidade da farda, teem um limite alem do qual não é possivel passar-se, por mais austera que seja a vontade firme e o nobre character de quem se vê a braços com circumstancias occorrentes e imprevistas que desequilibram, e muitas vezes para sempre, um pequeno orçamento, tão instavel como as cousas mais instaveis d'este mundo.

E' preciso que os poderes constituídos pensem e meditem n'esta situação afflictiva e alarmante em que se encontra o exercito n'este momento.

Não se trata da satisfação de gosos, nem de ambições, nem de vaidades.

O que se pede, o que se pretende é libertar um pouco

a vida económica do official da negra escuridão e das dolorosas amarguras que poucos recursos e insufficientes meios pecuniarios espalham descaravelmente na sua vida intima, esmagando todo o ardor e todo o fogo sagrado que nos deve animar e impulsionar a todos no cumprimento d'este sagrado dever de bem servir a patria em todas as occasiões. O facto é já bem conhecido.

Por vezes, differentes ministros pretenderam dar-lhe remedio, melhor ou peor, em todo o caso remedio, mas a implacavel dissolução da Camara dos Senhores Deputados, que n'este período anormal da politica portugueza, tem sido com uma frequencia nunca vista, tem preterido e prejudicado o exercito no seu direito, deixando funda e maguada impressão em todos nós e um grande desalento.

Esta situação não pode continuar.



## NOVO ARMAMENTO DA INFANTERIA FRANCEZA

Parece que se pensa muito a serio em França em substituir a Lebel por outra espingarda de pequeno calibre 7<sup>mm</sup> ou mais provavelmente de 6<sup>mm</sup>,5.

Julga-se que na presente sessão parlamentar será a questão submettida ao estudo dos representantes da nação, mas unicamente sob o ponto de vista dos creditos necessarios para a despeza a effectuar-se, por quanto a questão technica, essa pertence ás respectivas commissões, que já obtiveram, segundo consta, o apoio do conselho superior de guerra.

Sobre este assumpto, que é realmente grave e digno da maior ponderação, porque a mudança de armamento n'um exercito tão numeroso como é o exercito francez implica sommas colossaes, ha duas correntes oppostas.

Uma, opina porque se aproveite a Lebel transformando o systema de repetição, que está ao presente um tanto antiquado.

Outra, regeita por completo este alvitre, afirmando que toda a despeza a fazer-se com a Lebel é em pura perda, continuando o exercito a ficar mal armado com uma espingarda já cançada do serviço e a breve trecho completamente inutilizada.

Sabe-se que as espingardas de pequeno calibre impressionaram profundamente os italianos na guerra da Abyssinia, e bem assim os inglezes no Transvaal.

Parecia que as feridas causadas pelas balas de pequeno calibre em não interessando algum órgão essencial produziam um damno pequeno.

Todavia, os japonezes com as suas espingardas de 6<sup>mm</sup>,5 ficaram muito satisfeitos com os resultados obtidos na ultima grande guerra.

Esta prova final parece ter produzido grande impressão nos technicos francezes.

N'estes termos, e como os resultados praticos obtidos na escola de Chalons com a nova espingarda «Pralong» teem sido os mais satisfatorios, a questão está reduzida a uma simples operação de credito.

Convém n'este momento á França gastar uns poucos de milhões de francos para mudar o seu armamento de infantaria?

Dizem os officiaes de infantaria do exercito francez que sim.

Sustentam que a Lebel, com o seu deposito de repetição e a manobra da culatra um tanto complicada para funcionar a arma como de repetição, deixa muito a desejar, e que pode mesmo comprometter o exito de um combate quando a espingarda for manejada por territoriaes ou reservistas.

O soldado não tem meio de poder saber se a espingarda está ou não com o deposito carregado, e que tantas vezes acontece puxar o gatilho e não disparar a espingarda por falta de cartucho.

Que isto é de um effeito terrivel deante do inimigo, causando uma enorme depressão moral, que se traduz primeiro n'uma surpresa terrivel, depois redundando em medo, e quem sabe se irá até levar o soldado a fugir se a proximidade do inimigo fôr grande.

Emfim, os officiaes da infantaria franceza reclamam a substituição da Lebel affirmando que tal substituição se impõe como uma necessidade nacional, mesmo depois da modificação introduzida na bala D, que abriu novos horisontes ao combate moderno.

Mas, como a imaginação dos povos latinos é sem duvida fertil, houve já quem alvitrasse que conjunctamente com a transformação da Lebel, alvitre este que já foi tratado em conselho de ministros, e como reforço ás tropas de infantaria, para augmentar a sua potencial offensiva, se distribuisse a cada companhia um certo numero de metralhadoras individuaes!

Seria o *systema* Hotchkiss o preferido para esta metralhadora, que teria de peso 8 kilos e seria transportada e manejada por um só soldado.

Realmente afigura-se-nos um sonho, mas um sonho mau, tal phantasia, que na pratica seria talvez a causa de grandes desastres e de espantosas surpresas.

Nem queremos discutir esta hypothese que não pode nem deve ser tomada a serio senão com a condição de que o inimigo tivesse posto de parte completamente a verdadeira metralhadora.

O nosso dever, porém, é pôr os leitores d'esta *Revista* ao corrente dos acontecimentos militares que se vão desenrolando por esse mundo fóra, deixando a cada um dos nossos camaradas a liberdade de critica a tanta phantasia que muitas vezes só por mera curiosidade merece as honras da letra redonda.

Como ultima informação devemos dizer que no campo de tiro de Valbonne existem já algumas espingardas Lebel com a modificação feita no seu deposito de repetição.

O custo d'esta transformação está calculado em 20 francos por espingarda.

O opinião corrente porem é que tal transformação se não deve fazer.

Mas, não haverá em tudo isto o gostinho de fazer a França negaças á Allemanha em materia de armamento?

## UNIFORME DE CAMPANHA



Ao começar a guerra do Transvaal a Inglaterra sentiu um profundo abalo diante da desproporção assombrosa na mortalidade dos seus officiaes.

Este facto impressionou vivamente a Europa que começou a encarar de frente o problema dos uniformes de campanha, procurando não só evitar diferenças apparentes entre os uniformes dos officiaes e das praças de pret, mas tambem a adoptar cores as menos visiveis e evitar pontos luminosos

que pudessem sob a incidencia da luz do sol denunciar onde estacionavam as tropas.

As experiencias do major von Bruch, na Dinamarca, de Mrs. Jules Gerard e Devismes, em França, da escola de Spandau, na Allemanha, e tantas outras vieram pôr em evidencia que os uniformes de campanha mereciam um estudo muito cuidado, tendo em attenção que, em face dos grandes progressos das armas de fogo, importa hoje mais que nunca subtrahir as tropas ás vistas do adversario.

Ouçamos a palavra auctorisada de um official allemaõ que acompanhou o exercito russo na ultima grande guerra do Extremo Oriente.

Foi testemunha presencial da batalha de Mukden.  
«Uma das impressões que mais emocionaram o meu espirito foi, sem duvida, a pouca visibilidade dos japo-nezes, quer em posição, quer em movimento. Pode di-

zer-se que o *vazio* do campo de batalha era aqui quasi ideal. O proprio profissional habituado a *ver*, e munido de um bom binoculo, em geral pouco ou nada via de um adversario que tão bem sabia occultar-se».

«Encontrei-me n'esta batalha n'um sitio em torno do qual se combatia furiosamente. De onde eu estava via-se um valle por onde se effectuava o avanço dos japonezes, o desenvolvimento das suas reservas, o reabastecimento das suas munições, a retirada dos seus feridos para a retaguarda, etc., etc., e, contudo, não obstante a minha mais attenta observação nada pude surprehender, ou quasi nada. Ainda hoje não comprehendendo como os japonezes pudessem fazer isso».

.....

Esta simples nota quente de uma flagrante observação pessoal põe em evidencia o extraordinario valor da invisibilidade dos uniformes de campanha.

Entre nós foi substituido, ha pouco, o antigo brim por um tecido de algodão de côr cinzenta para uniforme das praças de pret.

Já anteriormente tinha sido determinada essa substituição, mas por um tecido de côr castanha (folhas mortas).

Como as duas côres são realmente as que mais se prestam, pela sua pouca visibilidade, para serem adoptadas nos uniformes de campanha, bem está a côr cinzenta, que até talvez seja mais fixa.

O que nos parecia conveniente é que adoptado esse tecido para as praças de pret o seja igualmente para fardamento dos officiaes, fardamento que só poderia ser usado no serviço interno dos corpos e das escolas praticas, nos exercicios de guerra e no serviço de campanha.

A forma do dolman deveria ser a adoptada pelos officiaes dos Estado-Unidos, tendo o emblema da arma na gola e o distinctivo dos postos nas platinas.

Chamamos a attenção do sr. ministro da guerra para este alvitre, que se impõe com uma necessidade impreterivel em face da guerra, e cuja oppórtunidade é manifesta em face da adopção de um novo tecido para uniformes das praças de pret.

## Secção do estrangeiro

**Allemanha.** — Ha tempos dissemos n'este logar que uma comissão presidida pelo general de infantaria v. Bock-und-Polach, estava revendo o *regulamento de manobra d'infanteria* do exercito allemão.

Essa comissão dividiu-se em quatro sub-commissões, pertencendo á primeira, composta pelo tenente general v. Usler, tenente coronel v. Oswald e major Bronsart v. Shellendorff, que assistiu á guerra do Extremo Oriente do lado dos japonezes, a *Instrucção individual e escola de companhia* — ordem unida.

A' segunda, composta pelos generaes d'infanteria v. Eichhorn (18.º corpo), tenente general conde Vitztum e o coronel v. Gündell, a parte referente ao *Batalhão, Regimento e Brigada* — ordem unida.

A' terceira, composta pelo major general v. Fasbender, do coronel v. Lindenau, muito conhecido pelo seu livro sobre a guerra Sul-Africana, e pelo tenente coronel v. Forster, addido militar no exercito russo, na Mandchuria, a *nova ordem dispersa*.

E á quarta, composta pelo general v. Bulow, tenente general v. Löwenfeld, major general v. Below, coronel v. Deimling e tenente coronel v. Lauenstein, addido militar no exercito russo em 1904-1905.

Alem d'isto a comissão contava mais tres officiaes que acompanharam os japonezes na ultima guerra e dois os russos.

Estes officiaes não faziam parte das sub-commissões.

O Kaiser, com aquella boa vontade e sincera dedicação com que se entrega de alma e coração ao estudo de todos os assumptos militares, velando attentamente, e com um zelo digno do maior applauso, por tudo quanto concorra para engrandecer o exercito allemão, acompanhou desde o principio os trabalhos da comissão, dando pessoalmente indicações sobre pontos importantes a estudar, e tomou parte nos debates da ultima sessão da comissão, que durou 5 horas.

Sabe-se que esta comissão tinha á sua disposição, para ensaios e experiencias no campo de exerciços, não só o batalhão de instrucção da escola de tiro de infantaria, como todas as unidades de que carecesse requisitar. Foram sempre attendidos com cuidadosa preferencia os officiaes que assistiram ás guerras do Extremo Oriente e do Sueste Africano.

Os mais importantes regulamentos europeus foram consultados nos seus detalhes, tendo sido objecto de cuidadoso estudo a nova tactica da infantaria franceza.

Toda a litteratura tactica foi chamada a prestar o seu auxilio em trabalho tão delicado, principalmente as publicações dos generaes v. Scherff, v. Boguslawski, Keim, dos coroneis v. d. Goltz e v. Lindenau e o fogo do major Kuns.

Procurou-se conservar os excellentes principios da 2.<sup>a</sup> parte do regulamento actual, o *combate*. Para o futuro, o combate em *ordem dispersa* passa a ser denominado em *ordem aberta* e esta será a forma principal do combate.

A experiencia das ultimas guerras trouxe a convicção profunda de que os antigos modelos de combate hoje são inadmissiveis.

E' mister nunca perder de vista o effeito consideravelmente augmentado do fogo das espingardas, das metralhadoras e das peças de tiro rapido.

Como entre nós se carece instantemente de modificar-se a nossa ordenança, lembramos que não esqueça ser consultado o recente regulamento allemão.

**Inglaterra.** — O conselho do exercito resolveu embrigadar quasi toda a infantaria ingleza voluntaria..

A não ser os batalhões das universidades de Oxford e de Cambridge, do Collegio d'Eton, a companhia da ilha de Man, as 3 companhias das ilhas Shetland e a companhia do Banco de Inglaterra, toda a restante infantaria está dividida em 44 brigadas que representam um total de 216 batalhões.

D'estes, 97 são destinados á defesa das costas e 119 ficam de guarnição no interior do paiz.

\*

O actual ministro da guerra é Mr. Haldane, que passa por ser um grande orador, tendo obtido um grande successo quando ainda ha pouco apresentou na Camara dos Communs o orçamento do exercito para 1906-1907.

Dizem os jornaes inglezes que foi a primeira vez que um ministro da guerra expoz, com tanta lucidez e clareza, as relações economicas entre a politica e as despezas militares.

O orçamento do ministerio da guerra, para o exercicio que está a findar, foi de 29.813:000 de libras sterlingas, e o proposto para o anno economico que começa é de 29.796:000 de libras sterlingas. Ha, portanto, uma economia de 17:000 libras.

Todavia um reparo nos seja licito fazer; como é que o exercito allemão, cuja organização, instrucção e até effectivo de paz não póde ser comparado com o exercito inglez, tem o seu orçamento calculado em cerca de 31 milhões de libras, e o exercito inglez, inferior ao allemão sob todos os pontos de vista, chega a gastar mais de 29 milhões e meio?

Mas se não quizermos fazer a comparação com o exercito allemão, vamos mesmo ao francez, que pouco mais de 29 milhões de libras gasta annualmente.

Realmente quer-nos parecer que o governo inglez, gastando uma cifra tão respeitavel com o seu exercito, tinha obrigação de poder dispôr, em caso de guerra, de uma força mais numerosa e mais idonea do que aquella que realmente dispõe.

E note-se que o augmento das despezas militares que, de

anno para anno, a Inglaterra vae fazendo, são respeitaveis e em cousa alguma semelhante ao que se passa nos outros paizes europeus.

Em 1896-97 o orçamento do ministerio da guerra «War Office» era de 18.693:309 libras sterlinas, enquanto que em 1906-07 é de 29.796:000.

**Italia.** — Acaba de ser adoptado o revolver automatico *Gli-senti* para uso de todos os officiaes do exercito.

Esta nova arma tem um carregador que contem 8 cartuchos.

**Hespanha.** — Por decreto real de 4 de abril do corrente anno, foi determinado que os militares que fazem serviço em Ceuta e Melilla estudem a lingua arabe.

Em cada uma d'estas duas cidades haverá dois cursos, um para officiaes e outro para praças de pret.

A duração d'estes cursos será de tres annos. Os discipulos no segundo anno passarão um mez em Tetuan e durante o terceiro anno tres mezes em Tetuan e em Tanger.

Esta medida é tomada com o fim de facilitar as relações com o paiz limitrophe e de facilitar o desenvolvimento da influencia politica, cõmmercial e militar da Hespanha.

**Japão.** — Fala-se em Tokio n'um importante augmento do exercito japonez, que determinará uma completa reorganisação d'aquelle exercito.

A cavallaria será sériamente augmentada e bem assim as tropas de caminhos de ferro.

Vão ser creadas novas unidades de artilheria a cavallo e de artilheria pesada.

As divisões em tempo de paz serão grupadas duas a duas com a denominação de corpos de exercito.

O tempo de serviço vae ser reduzido a dois annos para permittir instruir completamente um maior numero de recrutas.

Emfim, pensa-se em modificar o material de artilheria de tiro rapido.

\*

As 13.<sup>a</sup> e 15.<sup>a</sup> divisões militares do exercito japonez estão de guarnição na Corêa.

A 13.<sup>a</sup> divisão tem o seu quartel general em Ho-Yong, tendo a seu cargo a região oriental do imperio e a fronteira do Toumen; a 15.<sup>a</sup>, com o seu quartel general em Yong-San, observa a região occidental até á fronteira do Yalu.

Na Mandchuria tem os japonezes 20:000 homens.

Estas tropas foram fornecidas pelas 14.<sup>a</sup> e 16.<sup>a</sup> divisões militares e estão concentradas em pontos estrategicos — o Yalu e Mukden.

**Austria-Hungria.** — No exercito austro-hungaro foi creada junto da 3.<sup>a</sup> secção do Comité tecnico militar, uma repartição destinada exclusivamente a tratar do automobilismo.

Tem a seu cargo :

A investigação e o estudo de todas as invenções e aperfeiçoamentos relativos aos automoveis ;

A apresentação das propostas, a redacção dos regulamentos e das instrucções necessarias ;

A encomenda e verificação de todas as viaturas de motores que forem adquiridas pela administração do exercito ;

A instrucção theorica e pratica dos officiaes e praças empregados no serviço das mesmas viaturas ;

A estatística do automobilismo nos estados estrangeiros.

O pessoal d'esta repartição consta de um official superior ou capitão, um subalerno e 2 sargentos.

**Bulgaria.** — Por uma recente ordem ministerial foram mandadas organizar, nos regimentos e estabelecimentos militares, caixas economicas para sargentos. Estas caixas, mantidas por quotas obrigatorias e facultativas pagas pelos sargentos readmittidos, tem por fim constituir capitaes de reserva e de soccorro mutuo para os contribuintes.

Os corpos e estabelecimentos militares que, pelo pequeno numero dos seus readmittidos, não poderem constituir caixa economica separada, dirigir-se-hão ás caixas dos outros corpos da mesma localidade ou ás dos que ficarem mais proximos.

As caixas serão administradas por uma commissão de sargentos, presidida por um capitão, e nomeada pelo commandante do regimento para servir durante um determinado periodo.

**Suissa.** — Foi-lhe pouco mandado adoptar definitivamente o regulamento de tiro que tinha sido provisoriamente posto em vigor em 10 de junho de 1905. Desde a adopção da espingarda de 7<sup>mm</sup>,5 até esta data, que as regras de tiro e condições de funcionamento da mesma espingarda se achavam dispersas por um grande numero de documentos, tornando-se por isso pouco pratico o seu conhecimento.

O actual regulamento consta de 8 capitulos mais ou menos correspondentes á materia comprehendida no nosso regulamento, tratando o ultimo capitulo do fogo da infantaria no combate ; n'elle estão resumidos os principios da direcção do fogo, os deveres dos chefes e dos soldados, as considerações que determinam a escolha do objectivo, da alça e da especie de tiro, regras a observar no emprego dos fogos contra a artilheria, cavallaria e metralhadoras, etc.





9.º ANNO

AGOSTO DE 1906

N.º 8

# REVISTA DE INFANTERIA

## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 7 — 1906)

### IV

#### Vulnerabilidade das formações da infantaria

Segundo os principios tacticos que regem o mechanismo do combate moderno, a marcha offensiva na zona batida pelos fogos da defeza, effectua-se pelos batalhões do 1.º escalão da primeira linha tactica e especialmente pelas companhias avançadas, dispendo de costado os pelotões, secções ou esquadras, emquanto, pela distancia do tiro, estiverem só expostas aos fogos de artilheria, e passando á formação por filas abertas ou em uma fileira, logo que principiem a fazer-se sentir os effectos dos fogos de infantaria.

Para determinar o limite mathematico em que, por considerações da vulnerabilidade, se torna preciso abandonar uma para adoptar outra ordem de formação, é indispensavel fazer um confronto, ou estudo comparativo do grau de vulnerabilidade das duas formações a diversas distancias e com effectivos eguaes, tanto sob a acção dos fogos da artilheria como sob a acção dos fogos da infantaria.

### Vulnerabilidade relativa das formações sob o fogo da artilheria

Tentaremos dar uma ligeirissima ideia da ordem de experiencias realisadas em polygonos estrangeiros, para se chegar a determinar com certo rigor a vulnerabilidade relativa das formações da infantaria; e, seguindo a mesma orientação na escolha dos processos empregados, tomaremos para base dos nossos calculos a força maxima, que, segundo os principios da reorganisação do exercito, decretado em 1901, deve constituir a secção, isto é,  $\frac{1}{6}$  da companhia mobilisada na infantaria portugueza.

Supponhamos, pois, uma secção composta de 40 homens, marchando n'uma só fileira sob os fogos da artilheria adversa.

Contra as tropas de infantaria e contra os obstaculos de fortificação passageira a artilheria emprega de preferencia tres especies de projecteis: *a granada com balas ou shrapnel, o obuz com metralha e a lanterneta.*

Este ultimo é empregado a pequenas distancias, em consequencia de explodir quasi acto continuo á sua saída da boca da peça.

O shrapnel e o obuz com metralha são os dois projecteis mais usualmente empregados contra a infantaria ás grandes distancias.

O obuz com metralha contem 160 balas de chumbo, mas no acto da explosão o numero dos projecteis eleva-se a cerca de 240, sendo este accrescimo proveniente dos estilhaços das rodellas cylindricas, de ferro fundido, que servem de apoio ás balas no interior do respectivo involucro de aço.

A explosão do obuz póde produzir-se ou pela percussão, no momento de tocar o solo, ou espontaneamente em um ponto determinado do seu trajecto no ar.

N'este ultimo caso a explosão dá origem a um feixe de trajectorias que os francezes denominam *gerbe fusante.*

Quando a explosão do obuz é determinada pela percussão, a abertura da *gerbe* regula por 36° a 1:000 metros; a metralha tornará perigoso o terreno até 500 metros adiante do ponto da explosão e n'uma faixa de 500

metros de largura. O effeito do tiro sobre um alvo collocado em frente depende do intervallo ou distancia horisontal que separa o ponto da explosão do alvo.

Este intervallo varia com o desvio provavel da distancia e é regulado n'essa conformidade.

Na artilheria franceza regula-se o tiro de forma que a distancia horisontal entre o ponto de explosão e o alvo, seja 75 metros.

A 2:500 metros da origem do tiro, os 240 projecteis em que se transforma o obuz de metralha, explodindo, repartem-se quasi egualmente sobre a secção recta d'um cone cujo angulo no vertice é de  $17^{\circ}$ .

A abertura da *gerbe* é de  $\frac{3}{10}$  e, portanto, a 75 metros do ponto da explosão do obuz, a secção do cone de dispersão tem  $\frac{3}{10} \times 75$ , ou  $22^m,5$  de diametro. Uma superficie igual á base do cone receberia 240 projecteis; o valor numerico d'esta superficie, expresso em metros quadrados, seria:

$$\pi R = 3,1415 \times 11^{m2},25 = 397^{m2},6$$

Um homem de pé apresenta, termo médio,  $0^{m2},60$  de superficie: uma secção na força de 40 homens dispostos n'uma fileira terá, por consequencia, uma superficie equivalente a  $0,^{m2}60 \times 40 = 24^{m2}$ .

Para determinar o numero de projecteis que se distribuiria por esta superficie basta recorrer á proporção:

$$397^{m2},6 : 24^{m2} :: 240 : x$$

$$\text{e } x = \frac{24^{m2} \times 240}{397^{m2},6} = 14,4$$

D'onde se infere que um tiro de obuz com metralha, feito com precisão mathematica, poria fóra de combate 15 homens de entre os 40 que constituem a secção formada em linha n'uma fileira. Está hoje evidenciado que a penetração d'estes projecteis é relativamente fraca; a bala ou estilhaço d'este projectil raras vezes atravessará a mochila que esteja cheia com a roupa regulamentar.

Da pequena força de penetração d'estes projecteis deriva a conveniencia de evitar as formações em linha ás

grandes distancias em que sómente se fazem sentir os effeitos do fogo de artilheria, e adoptar as formações de costado que, apresentando aos projecteis uma pequena superficie receptora, fazem diminuir consideravelmente a proporção das perdas relativamente aos effectivos.

Se em logar de apresentar os 40 homens em fileira, se se dispuzessem em fila, uns á retaguarda dos outros, a vulnerabilidade da esquadra ficaria reduzida á quadragesima parte, isto é  $\frac{14,4}{40}$ , dadas as condições de ter a *gerbe* uma direcção parallelá ao sólo e perpendicular á formação adoptada.

Mas, como estas condições se não realisam porque os projecteis teem uma direcção fixante para o sólo e as diferentes trajetorias não teem direcções reciprocamente parallelas, a formação de costado ficaria tambem exposta aos fogos de escarpa que augmentam d'uma quantidade apreciavel o grau da sua vulnerabilidade.

Reflectindo pois, que nas marchas de *approche*, uma tropa raras vezes terá a sua frente disposta perpendicularmente ao eixo de tiro do adversario, evidente se torna a necessidade de, nos calculos feitos, ter em consideração o grau de obliquidade d'essa tropa em relação á direcção do tiro.

N'essa ordem de ideias procedeu a Escola Normal de tiro de Chalons, que admittindo a obliquidade de  $\frac{1}{10}$ , talvez no minimo, chegou a determinar por processos experimentaes os mais rigorosos o grau de vulnerabilidade das diversas formações da infantaria, expostas á acção dos fogos de artilheria, apresentando em resultado das suas experiencias a seguinte classificação feita segundo a ordem de maior vulnerabilidade das formações:

- 1.<sup>a</sup> Columna de companhia com as secções de frente;
- 2.<sup>a</sup> Columna aberta de companhia, com as secções de costado a dois, com intervallos de desenvolvimento ou com grandes intervallos;
- 3.<sup>a</sup> Columna aberta de pelotões, estando estes de costado a dois, com grandes intervallos ou com intervallos de desenvolvimento;
- 4.<sup>a</sup> Columna aberta de companhia, com as secções de

costado a quatro, com grandes intervallos ou com intervallos de desenvolvimento;

5.<sup>a</sup> Columna de companhia, com as secções de costado a quatro, a dois passos de intervallo;

6.<sup>a</sup> Os pelotões de costado a quatro, com grandes intervallos ou com intervallos de desenvolvimento;

7.<sup>a</sup> Os pelotões de costado a quatro, com dois passos de intervallo;

8.<sup>a</sup> A companhia de costado a quatro;

9.<sup>a</sup> A companhia de costado a oito.

As formações densas designadas sob os numeros 5, 6, 7 e 8 apresentam pequenas superficies de vulnerabilidade porque os seus elementos se cobrem uns com os outros, sendo a sua frente bastante restricta.

Na classificação não se comprehendeu a companhia em linha, porque apresenta a superficie maxima e não pode ser utilizada para a marcha.

Segundo a classificação precedente devem pôr-se de parte como muito vulneraveis sob o fogo da artilheria as tres primeiras formações, aproveitando as seis ultimas.

Mas as columnas são pezadas, pouco flexiveis e manejavaes, occasionando enormes fadigas quando são empregadas em longos percursos. Alem d'isso estão mais expostas a soffrer perdas enormes no mais curto espaço de tempo, o que é d'um effeito deprimente para a tropa. Sem as eliminar por completo, convem preferir-lhes formações mais flexiveis, adaptando-se melhor ás formas do terreno, comquanto a sua vulnerabilidade seja um pouco superior.

Portanto, segundo a ordem de ideias da Escola Normal de tiro franceza, chega-se á seguinte conclusão:

«Sob o fogo de artilheria, empregar de preferencia as formações de secções ou melhor de esquadras de costado a quatro, separadas por grandes intervallos ou pelos intervallos de desenvolvimento».

A comparação dos calculos estabelecidos para diferentes angulos de queda e diferentes obliquidades de tiro permittiu formular as duas principaes conclusões, que transcrevemos para este trabalho:

a) «A formação que apresenta a mais fraca vulnera-

bilidade é aquella cuja relação da frente á profundidade é de  $\frac{1}{4}$ —(Companhia de costado por oito)».

b) «A vulnerabilidade das formações de costado a dois, torna-se quasi igual á das formações de costado a quatro, quando o angulo de queda é muito aberto, isto é, quando a distancia é muito grande e sempre que a tropa apresenta uma fraca obliquidade sobre a linha de tiro.

Portanto, ás grandes distancias, pode dispôr-se a companhia ou a secção de costado a dois comtanto que as filas se encontrem no prolongamento do eixo de tiro adverso».

E' intuitivo que, n'este ultimo caso, a frente vista da bateria é a de dois homens, na hypothese do terreno não ser descendente para a tropa, succedendo frequentemente que a artilheria não considerará o alvo sufficientemente importante para determinar o dispendio de munições.

Mas, para effectuar a marcha de *approche* não basta só adoptar uma formação vantajosa para ser menos vulneravel; torna-se mistér aproveitar os abrigos do terreno, desenhando quanto possivel as tropas do fogo dos canhões de tiro rapido. Convém, portanto, durante a execução da marcha observar as seguintes precauções:

- c) 1.<sup>a</sup> Aproveitar as massas cobridoras ou abrigos;
- 2.<sup>a</sup> Procurar caminhos desenhados;
- 3.<sup>a</sup> Evitar os terrenos em que se veja cahir os projecteis;
- 4.<sup>a</sup> Desenhlar pelo menos as tropas das vistas do adversario;
- 5.<sup>a</sup> Escolher de preferencia obstaculos susceptiveis de parar os projecteis;
- 6.<sup>a</sup> Utilisar as mochilas quando se precise ficar muito tempo immovel em terreno descoberto.

d) 1.<sup>a</sup> Empregar de preferencia, na companhia, as formações por pelotões ou secções de costado a quatro, com grandes intervallos, ou, se a marcha pelo terreno o permite, a formação de costado a quatro ou a oito;

2.<sup>a</sup> No batalhão e nas unidades mais fortes, dispôr as unidades a 150<sup>m</sup> de intervallo e a 500<sup>m</sup> de distancia, pelo menos, umas das outras.

e) Applicação á columna dobrada aberta e ao xadrez.

1.<sup>a</sup> Em terreno descoberto, se as circumstancias e o

terreno o permittem, effectuar o avanço das unidades, fazendo as marchas por lanços, umas depois das outras (de preferencia por esquadras de costado a dois ou a quatro) a intervallos de tempo irregulares, tendo o cuidado de manter a direcção das filas da tropa no prolongamento da linha de tiro adversa.

2.<sup>a</sup> Escalonar as unidades n'uma ordem qualquer, mas variavel d'um para outro instante, e nos lanços fazer-lhes executar *zig-zags*, ao passo de carreira, para difficultar a pontaria e regulação do tiro.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA  
Major d'infanteria 10.



## Marchas de guerra no Ultramar

A formação normal de marcha preconizada e seguida pelos chefes das expedições a Moçambique tem sido a *columna dupla* com a artilheria e as bagagens ao meio, com uma guarda da retaguarda seguindo de costado ou em formação apta á rapida formação do quadrado, tudo isto protegido por uma proxima atmosfera de segurança constituida por cavallaria e auxiliares. E isto tanto na expedição de 1894-95 e na de Gaza (1897), em que o terreno se apresentava descoberto ou pouco cerrado e em que o adversario atacava em massa, como na dos Namarraes (1896), em que o matto era cerrado e em que o inimigo n'elle escondido e disperso incommodava systematicamente a columna, com tiro-teio continuo.

Esta formação era imposta pela necessidade de as columnas marcharem promptas para darem combate em qualquer momento e em quaesquer condicções, e isto ainda nos terrenos cobertos, pela incerteza sobre a posição do inimigo e direcção dos seus ataques, e pela tendencia que tem tal adversario para ameaçar os flancos e a retaguarda das columnas. Se consultarmos os auctores estrangeiros, vemos ainda esta formação preconizada por Peroz, Wissmann, etc., e empregada pelos belgas no Congo, ainda quando o terreno é muito coberto.

A *columna singela de estrada*, embora marche mais rapidamente, insinuando-se com relativa facilidade n'um territorio muito coberto, tem o gravissimo inconveniente, mormente quando é grande, de não facultar uma rapida passagem a uma formação de combate, estabelecendo-se a confusão no momento do ataque, não estando bem sob a mão e as vistas do chefe, podendo ser cortada, não protegendo mesmo as suas bagagens, isto em tanto maior grau, quanto mais cerrado fôr o terreno.

A formação de marcha em quadrado impõe-se quando se espera a cada momento o contacto do adversario, e isto mormente quando este ataca em massa ou ameaça tambem os flancos e a retaguarda da columna e o terreno é de horisontes estreitos. Mas, n'este caso, e sendo a região muito coberta ou accidentada, como se não pode manter a rigidez da formação recorre-se ao chamado *quadrado elastico* (*Petites Guerres*) que Callwell preconisa quando o adversario ataca em massas pouco densas cujo embate não é para temer, e sendo o terreno muito cerrado ou accidentado, não permittindo uma boa exploração e prestando-se a um ataque subito em qualquer direcção.

No *quadrado elastico*, as fracções ficam mais ou menos intervalladas, commandadas pelos seus chefes e dispostas de modo a envolverem e protegerem os serviços auxiliares, marchando mais facilmente, amoldando se melhor ao terreno, cobrindo um maior campo interior e não dando tanta preza aos fogos do adversario.

Na primeira campanha do Dahomey, (1890) e no principio da segunda, (1892-93) marchava-se n'uma serie de columnas parallelas intervalladas de 10 a 20<sup>m</sup>, e precedidas cada uma por alguns gastadores que iam facilitando a passagem, pois o matto era tão espesso que as columnas não se viam. Pronunciado um ataque, as columnas desenvolviam-se, soldando-se e formando um quadrado mais ou menos regular. A's vezes os intervallos entre as fracções eram bastante grandes e a retaguarda era constituída por cavallaria ou por uma pequena fracção. Mais tarde, approximando-se de Abomey, o general Dodds adoptou o *quadrado elastico*, como formação normal de marcha; em caso de ataque faziam-se ajoelhar as praças, dando algumas descargas e lançando para a frente uma ou mais fracções á *bayoneta*, ficando assim os intervallos simplesmente maiores sem prejuizo da segurança da columna. Na campanha dos Ashantees, em que o matto era ainda mais cerrado do que no Dahomey, foi tambem o *quadrado elastico* usado com vantagem.

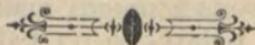
Finalmente temos de casa exemplo a considerar ácerca da marcha d'uma columna em terreno coberto e tratando-se d'um inimigo numeroso atacando em atiradores espersos no matto, fazendo a guerra de guerrilhas, e é este o caso que cremos applicavel no sul de Angola. Eil o:—

A ordem de marcha adoptada pela nossa columna na campanha dos Namarraes, antes do combate de Mojenga, era a columna dupla esclarecida por irregulares e cavallaria, distantes até 150 ou 200<sup>m</sup>; os pelotões de infantaria negra enquadravam entre esquadras de caçadores 4. Como os gastadores (auxiliares e alguns soldados negros) hesitassem em avançar, atemorizados pelo fogo dos atiradores namarraes, mandou-se para lhes dar ar, atirar para a sua frente a cavallaria avançada e repellir os inimigos mais proximos, sendo esta logo reforçada pela G. A. (1 pelotão de caçadores 4) que se collocou á sua esquerda, formando com ella colchete offensivo e protegendo com os fogos a marcha da columna, que finalmente fez alto, formando a qua-

drado que foi immediatamente envolvido pelo fogo do adversario, cuja efficacia era maior no angulo direito da frente, onde ficaram logo fóra de combate uns 20 homens e que foi occupado por uma Gruzon que não conseguiu, todavia, repellir os namarraes encobertos no matto a menos de 100 metros do quadrado, para o que se fez sahir um pelotão de cavallaria, conseguindo-se só assim rechazar o adversario ahi alojado. Na face direita, porem, como os namarraes emboscados continuassem a incommodar a columna, fez-se sahir 2 pelotões de landins que, avançando em linha em direcções oppostas para repellir o inimigo, se estenderam depois em atiradores a 60 ou 70 metros em volta do quadrado, acabando se por repellir o adversario que atacara tambem o comboio o qual ia mais atrasado. Tratou-se logo depois do estacionamento, continuando, porem, o tiro-teio dos namarraes durante todo o dia e noite. Como a absoluta falta d'agua impothesse a retirada da columna, retrogadou esta para Natule, seguindo o comboio na vanguarda, protegido na frente e flancos por cavallaria e depois o resto da columna, constituindo um pelotão a guarda da retaguarda que de vez em quando fazia meia volta para repellir os namarraes que ás vezes hostilisavam a columa a menos de 100 metros.

No 2.<sup>o</sup> volume do **Manual do Colono** — *A Guerra nas Colonias* — encontrará o leitor util indicação sobre os dispositivos, precauções e regimen a adoptar nas marchas, quer de dia quer de noite, por terra ou por agua, em terreno coberto ou descoberto, etc.

ALFREDO LEÃO PIMENTEL  
Tenente d'infanteria





## A questão dos soldos

---

Tem a nossa *Revista* advogado com o entusiasmo que lhe merecem sempre todas as causas justas, a questão do augmento de soldo aos officiaes do exercito; vemos porém, com bastante surpresa e não menor magua, que, apesar de reconhecida por todos a necessidade absoluta de acabar com a situação afflictiva em que nos encontramos, os poderes superiores parecem resolvidos a protelar ainda por mais tempo o que ha muito devia já estar feito, não se importando com a angustia da nossa tormentosa situação, nem com a posição deprimente que nos tem acarretado a falta de cumprimento das suas promessas. Tão pouca consideração pelo exercito, só pode conceber-se n'uma epocha de manifesta decadencia moral, e que pode ser prenuncio de negras tempestades que Deus afaste.

Sabemos perfeitamente que não são desafogadas as condições do thezouro publico, por isso não pedimos aquillo que realmente se deveria dar a um official para que elle podesse ser um homem de sociedade, para que podesse frequentar as salas, sabendo entrar em assumptos differentes dos da vida do quartel, conversar e descutir alguma peça litteraria notavel ou opera celebre, não se limi-

tando a ouvir a opinião alheia e a emittir a que se lê nos jornaes.

O que pedimos, e com a força que resulta da convicção d'um direito, é que se nos dê o sufficiente para podermos viver modesta mas dignamente, de forma que possamos atravessar qualquer rua de cabeça erguida, sem que ninguem tenha o direito de nos vexar lançando-nos em rosto uma divida atrazada, ou accusando-nos de qualquer procedimento menos correcto, para o qual as condições actuaes nos podem impellir. E isto pode conseguir-se, crêmol-o firmemente, dentro dos limites do actual orçamento do ministerio da guerra, e sem prejudicar nenhum dos serviços do exercito.

Muito se tem escripto já sobre esta malfadada questão dos soldos, e de mais está justificada a necessidade do seu augmento; apezar d'isso, na illusoria esperança de que nos leia quem decerto ainda não pensou a serio nas difficuldades que tem um official para elaborar o seu orçamento domestico, de forma a equilibrar a receita com a despeza, apresentaremos um caso concreto, escolhendo para exemplo um tenente d'infanteria, que tenha mulher e 1 filho. E para que se veja a seriedade da nossa exposição, não recorremos a expedientes artificiosos para demonstrar que os nossos vencimentos são exiguos, indo buscar para norma quem tenha recebido todos os adiantamentos possiveis e que esteja pagando a patente ou direitos de mercê

Nós supponmos que o official que consideramos, recebe integralmente todos os seus vencimentos, não tendo deducções para a patente nem outras quaesquer além das normaes e communs a todos os de igual cathegoria. Supponmos tambem que o mesmo official não tem trajo civil, e que possui apenas um unico artigo de uniforme de cada um d'aquelles que é obrigado a apresentar. Parece-nos que é o cumulo da economia, para não lhe chamarmos outra cousa.

*Receita mensal:*

Soldo e gratificação ..... 36\$946

*Despeza mensal:*

Renovação dos artigos de uniforme (não incluindo a sua conservação, e arbitrando a cada artigo uma duração que só milagrosamente poderá attingir) .....	1\$988
Conservação do uniforme e calçado .....	\$600
Vestuario e calçado para mulher e filho .....	3\$000
Roupa lavada e engommada .....	1\$000
Creada .....	3\$000
Renda de casas .....	7\$500
Decima correspondente .....	1\$100
Educação do filho (suppondo que é feita n'um estabelecimento official, e que portanto não paga collegio) .....	1\$500
Comida para 4 pessoas, renovação de roupas brancas, de objectos de uso domestico, despezas com doenças, outras despezas imprevistas, cabelleireiro, carros, etc., etc. .	17\$258
Somma .....	36\$946

Decerto que ninguem achará exaggeradas as primeiras oito verbas; pois apesar d'isso só restam 570 réis diarios para dar de comer a 4 pessoas e prover ás mil e uma necessidades de uma casa.

Dir nos-ha talvez algum contradictor endinheirado, que fizemos mal os calculos, porque d'esta forr os officiaes não podiam viver, e apesar de tudo elles vivem. Vivem, sim, senhor, mas não é com a remuneração que o Estado lhes dá; uns leccionam, alguns trabaham em escripturação commercial, outros, raros, possuem alguns bens proprios, e dos restantes... conhece Deus as afflicções.

X.



## Pangermanismo e alliança militar dos povos latinos

(Continuado do n.º 7—1906)

### IX

Este desfalque de forças vitaes, soffrido na primeira nação latina, terá, como consequencia immediata, uma nefasta diminuição de actividade civilisadora, que tanto prejudicará o progresso das outras nações, suas irmãs.

No emtanto, mais factos graves se desenrolarão ainda, não como phantastica scena theatral destinada a impressionar o publico, mas como inevitavel serie de lances que a Allemanha realisarará, depois de ganhar as mais importantes peças na tremenda partida de xadrez que vae jogar.

Assim, a Italia, que possui riquezas apreciaveis e esplendidos portos no Mediterraneo, ficará á mercê do pangermanismo, que é bisarma de largo papo e de estreita consciencia.

A Hespanha, que desde a perda de Cuba, sonha com a reconquista de Portugal e que já a teria emprendido se não fossem as ameaças da França e da Inglaterra, vendo estas nações enfraquecidas, deixar-se-ha arrastar pelos novos incitamentos da Allemanha que, por esse meio, deseja inutilisar o appoio que a nossa posição geographica presta a Eduardo VII.

Com esta jornada perigosa ficará porém ingloriamente ferido o paiz visinho porque, além de não dispôr do effectivo e de outras condições de guerra necessarias para operar uma invasão, a memoria de Aljubarrota e de Montes Claros escalda ainda o sangue

de todos os portuguezes e, na hora do perigo, accor-dará n'elles essas excelsas qualidades de bravura que ainda ha pouco, em sublime atavismo, compuseram as famosas epopeias de Africa.

Mas, se na refrega o velho leão castelhano tem de retroceder, convicto de que foi apenas um paciente instrumento da ambição germanica e de que a sua Patria só pode attingir o alto vulto historico a que tem jus, entrando na communhão latina, Portugal será egualmente bastante prejudicado, na perda de vidas e de fazendas.

No emtanto, se Portugal é capaz dos ultimos sacrificios para manter intacta a sua autonomia, não poderá evitar que as suas ambicionadas colonias sejam preza da sinistra aguia de Berlim. De facto, uma das consequencias inevitaveis e fataes do advento do pangermanismo é a perda irreparavel d'estas inestimaveis gemmas, que o sangue dos martyres e o valor dos heroes encastoearam na Corôa Portugueza, fazendo d'ella um dos maiores diademas de gloria que fulgiu no passado.

## X

A despeito da Arte diffundir as mesmas emoções, a despeito da Sciencia lançar as mesmas ideias, a despeito ainda da approximação operada pela celeridade de transportes, o character e as aptidões de cada povo subsistem integrados n'um typo invariavel. E' que esses elementos, que assim resistem ás ondas alterosas da civilisação, como solidissimas columnas, representam a modalidade psychologica da raça a que esse povo pertence. D'este facto resulta as nacionalidades atravessarem os seculos, apenas com as differenças provenientes das tribus originarias se terem fixado em regiões submettidas a diversos agentes cosmicos e sociaes. E, por isso, as nacionalidades que procedem da mesma raça tendem a agrupar-se, como se fossem fragmentos de um projectil cuja trajetoria vão seguindo.

Mercê de tal lei, a Italia e a Allemanha conseguiram organisar-se em fortes e homogeneos Estados, e as na-

cionalidades scandinavas e slavas evolucionam instintivamente para esse limite.

D'entre os povos civilizados que ainda marcham dispersos, quanto ao ideal commum de raça, figuram os latinos. Assim, a Italia e a Hespanha gravitam sob a influencia da Allemanha; Portugal é um satellite da Inglaterra; e a França, não sendo, na ordem politica, o centro do systema que, ethnicamente, define com as nações suas irmãs, formou estrella dupla com a Russia, cuja luz dir-se-hia ser a do immenso incendio que depois havia de consumir um estado social inteiro.

Mas qual seria o astro politico que produziu tamanha perturbação? Foi a Allemanha que, ao mesmo tempo que apavora a Europa com o seu engrandecimento bellico e commercial, não cessa de promover o afastamento das nações cujos territorios ambiciona ou que, de qualquer forma, podem impedir o alastramento da sua acção absorvente.

Com effeito, o resentimento de Victor Manoel II por Napoleão III auxiliar o poder temporal dos Papas, accrescido de uma certa mas resolúvel incompatibilidade commercial, foi habilmente explorado por Bismarck, a ponto de produzir o esquecimento dos relevantissimos serviços, generosamente prestados pela França á Italia quando esta nação se libertou do jugo austriaco. A Hespanha, desprezando as lições da Historia e suppondo que o augmento de territorio supre os erros de administração, espera ingenuamente que a victoria de Guilherme II lhe abra as portas de Portugal e de Marrocos. A Inglaterra carece do chamado *triangulo estrategico do Atlantico*, definido pela bahia de Lagos e pelos Archipelagos dos Açores e de Cabo Verde, porque, de dia para dia, se concertam maiores esforços para a realisação do grandioso plano naval da Allemanha. Finalmente, a França, vendo-se isolada perante a politica germanica, cobriu com milhões de francos os emprestimos da Russia, afim de obter, em troca, os seus milhões de soldados.

E, como o presente estado de coisas não evita os perigos do pangermanismo, vejâmos se a solução do pro-

blema se encontra na alliança militar dos povos latinos, a qual se deduz, aliás, da lei que reúne em cada systema social as nacionalidades da mesma raça.

## XI

A Italia conta um aguerrido exercito de 3.300:000 homens e 207 baterias de artilharia; isto é, dispõe para a defesa terrestre de um decimo da propria população. A sua esquadra compõe-se de 4 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 8 de 2.<sup>a</sup> e 1 de 3.<sup>a</sup>, 3 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 3 de 2.<sup>a</sup> e 14 de 3.<sup>a</sup>, 143 torpedeiros, 15 contra-torpedeiros e 2 submarinos.

A Hespanha, apesar de ter uma população de 17.000:000 de habitantes, figura apenas com 383:000 combatentes, numero que não pode ser elevado a mais de 500:000, devido aos *fueros* absurdamente isentarem do serviço militar algumas provincias. A artilharia compõe-se de 16 regimentos, o que representa, approximadamente, 96 baterias. Os seus navios são 1 couraçado de 2.<sup>a</sup> classe e 1 de 3.<sup>a</sup>, 4 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 2 de 2.<sup>a</sup> e 3 de 3.<sup>a</sup>, 10 torpedeiros, 4 contra-torpedeiros e 1 submarino.

Portugal apresenta 228:000 soldados, numero que deve subir a 324:000, tomando a relação de 6 para 100 dos seus 5.400:000 habitantes. A artilharia consta de 40 baterias. As forças navaes resumem-se em 2 cruzadores de 2.<sup>a</sup> classe e 4 de 3.<sup>a</sup>, 4 torpedeiros e 1 contra torpedeiro.

Sommando os effectivos de guerra que os quatro povos latinos podem obter, apparece um total de 6.624:000 combatentes e 1:103 baterias de artilharia; o que representa, em terra, um saldo de 1.396:000 homens e 261 baterias de artilharia, a favor dos mesmos povos. Tambem, no mar, elles alcançarão, por emquanto, uma sensível superioridade sobre a Allemanha e a Austria, reunidas, porque dispõem de 15 couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 19 de 2.<sup>a</sup> e 11 de 3.<sup>a</sup>, 16 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 22 de 2.<sup>a</sup> e 47 de 3.<sup>a</sup>, 486 torpedeiros, 102 contra-torpedeiros e 46 submarinos; o que determina, a

favor d'estas duas nações, uma differença de 1 couraçado de 1.<sup>a</sup> classe e 2 de 3.<sup>a</sup>, e, contra as mesmas nações, uma differença de 10 couraçados de 2.<sup>a</sup> classe, 11 cruzadores de 1.<sup>a</sup> classe, 12 de 2.<sup>a</sup> e 27 de 3.<sup>a</sup>, 315 torpedeiros, 50 contra-torpedeiros e 46 submarinos.

Todavia, as circumstancias auctorisam que se considere ainda um outro elemento.

São tres os principaes factores da transformação por que a Russia está passando: a repressão violenta das ideias democraticas, a tendencia libertadora das nacionalidades conquistadas e as derrotas soffridas na Manchuria e nos mares do Japão.

As claridades vindas da França e que, a despeito das precauções governativas, teem ido illuminando muitos cerebros, acabaram por levar os espiritos a debater-se contra as trevas da ignorancia e da tyrannia. A Polonia, a Finlandia e a Lithuania, cujas individualidades historicas não se apagaram ainda da consciencia dos seus habitantes, aproveitaram o ultimo impulso d'aquella corrente, augmentado com a reacção produzida contra os morticínios ordenados pelo Czar, para desfraldarem corajosamente o pendão da revolta. A convicção de que as responsabilidades da derrocada militar cabem, por inteiro, aos vicios do regimen, ainda mais ateou a anarchia, que já se alastra por todos os cantos do imperio.

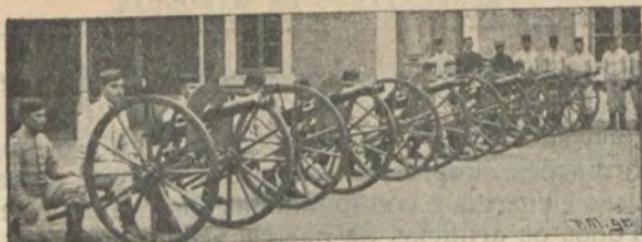
N'estas condições, o throno transformou-se em periclitante jangada que voga, sem governo, n'esse mar de sangue e de fogo, cujas collossaes ondas só por milagre deixarão de o engulir.

E uma vez restabelecida a ordem, que parece só poderá ser depois do povo triumphar, o paiz procurará, naturalmente, uma nova estrella para os seus destinos; estrella que não deverá ser a Allemanha, cuja politica aspira á oppressão, mas sim a França, pharol rutilante de todos os ideaes generosos.

E, desde esse dia, a raça latina poderá contar com mais um poderoso effectivo de guerra.

(*Continua*)

ANTONIO CABREIRA  
Cavalleiro da Legião de Honra



Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras  
DE 1 SETEMBRO DE 1904  
DO EXERCITO ALLEMÃO (1)

Em vista do relatório que me foi apresentado, Aprovo o Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras.

Autoriso o ministerio da guerra a introduzir-lhe esclarecimentos e modificações, desde que não alterem o que é essencial n'este regulamento.

Neues Palais, 1 de setembro de 1904.

*Guilherme.*

Ao ministerio da guerra.

*Introdução*

1. — A manobra tem por fim a instrução e o treino dos chefes e mais pessoal para a guerra. Todos os exercicios precisam pois ser feitos com aquelle fim.

As principaes exigencias que isto impõe são: *a disciplina e a ordem mais absolutas na mais alta tensão de todas as forças.* E inocular estas qualidades á tropa, de forma a dar-lhe como que uma outra natureza, é o fim principal de todos os exercicios.

(1) Traduzido do original allemão.

*Na guerra só os meios simples dão garantia de bom exito.*

Usar-se-hão por isso sómente o ensino e o emprego de formações simples, mas que deverão ser feitas com precisão e energia e commandadas com a maior certeza.

Todos os artificios de parada são prohibidos.

2. — Os grupos de metralhadoras devem, por meio do seu fogo, contribuir para a victoria.

*O fim principal é, porem, para elles, o melhor tiro, no momento preciso, no logar escolhido e contra o alvo que se quer bater.*

Isto exige um perfeito conhecimento da arma, a maior mobilidade das tropas e conhecimentos tacticos dos chefes.

3. — O chefe do grupo será responsavel pela instrucção prescripta para o seu grupo e deve prender-se o menos possivel com a escolha dos meios. Os superiores immediatos, são obrigados a intervir logo que notem erros e demóras.

Os commandantes, de todas as graduações, são, por isso, responsaveis porque a instrucção se faça conforme determina em todas as suas partes o Regulamento de manobras, e pela execução das suas exigencias. A tropa está bem instruida quando póde praticar o que a guerra exige e, quando sobre o campo de batalha nada tem a corrigir ao que sobre o campo de instrucção aprendeu.

4. — A insistencia n'um mesmo objecto fatiga o espirito e o corpo.

Assim, devem variar-se os exercicios. Tambem é necessario que a duração e especie dos exercicios sejam conformes ás forças dos homens e dos cavallos, de contrario o abuso da maxima tensão prejudica a disciplina.

5. — A instrucção sobre o campo de exercicios ou em terrenos sem accidentes, necessitarão ser completados com exercicios frequentes e variados em terrenos difficeis. Para isso aproveitar-se-hão cada circumstancia e cada estação do anno.

6. — *A rapida apreciação do terreno, escolha precisa das posições, avaliações e medidas exactas das distancias e rapida precepção dos objectivos, são facul-*

dades para sobretudo attender; sem ellas a metralhadora no combate seria empregada com bem pouco successo, como se não se possuisse um conhecimento profundo das relações tacticas das outras armas, nomeadamente da infantaria.

Numerosos exercicios com outras armas são de especial importancia para os grupos de metralhadoras, pois sómente por elles se póde apprender e conhecer o que, com o emprego das metralhadoras, se póde conseguir.

7.— As vozes de commando comprehendem: as preparatorias e as de execução. Essas vozes são dadas com tom forte mas sómente o preciso para o fim que se deseja. *As vozes de commando dadas sem energia arrastam consigo uma execução identica*, quando fortes em excesso, sem necessidade, perturbam as attenções.

8.— Com as vozes de commando e signaes contidos no regulamento é para attender:

Estando a tropa apeada, levantando uma vez o braço quer dizer: *A cavallo!*

Para marchar, o commandante levanta o braço e aponta na direcção desejada.

Para passar á cadencia immediatamente superior, levanta o braço verticalmente acima da cabeça e agita-o no ar repetidas vezes.

Para marchar sobre o centro (na linha aberta) e para abrir os intervallos, estende o braço acima da cabeça agitando-o e indica a cadencia.

Passar á cadencia immediatamente inferior deve elevar o braço, baixando-o em seguida.

Para parar faz este signal repetidas vezes.

Estando parada a tropa, abaixando os braços quer dizer *apeiar*.

Para *descançar* move o braço estendido da direita para a esquerda em frente do ventre.

Para «pôr em posição» estende os dois braços horizontalmente ao mesmo tempo, que em geral, indica a frente.

Os signaes podem tambem ser feitos por meio da espada.

Os signaes de apito podem tambem ser feitos para chamar a attenção do commandante da secção.

Se estes meios não bastarem recorre-se em seu logar ao commando.

*(Continua)*



## A espingarda Mauser-Vergueiro

Estamos informados que dentro em breve serão recebidas no deposito do material de guerra 6:000 espingardas do novo modelo adoptado no nosso exercito.

Egualmente sabemos que até ao fim do mez de junho do anno de 1907 devem ter chegado ao nosso paiz todas as espingardas que constituiram a encomenda feita á Deutsche Waffen-und Munitionsfabriken, pelo ex-ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto.

A infateria nunca poderá esquecer este alto serviço prestado pelo nobre ex-ministro da guerra Pimentel Pinto, e que é simultaneamente prestado ao exercito e ao paiz.

Informam-nos de Berlin que a principal causa da demora que tem havido no fabrico das nossas espingardas fôra a situação politica da Europa, por vezes em vesperras de uma grande guerra, o que levou o governo allemão a impor á fabrica do seu paiz a obriga-

ção de manufacturar primeiro que tudo, acima de tudo, para o exercito allemão.

Isto vem pôr em evidencia a grande inferioridade dos paizes que não pôdem evitar a dependencia de estranhos e que com os seus proprios recursos não podem attender ás imposições da defeza nacional.

E ainda aqui cabem os maiores louvores ao sr. conselheiro Pimentel Pinto que mandando construir uma fabrica de munições de guerra para o nosso exercito, liberta-nos do fabrico estrangeiro, o que se não se tivesse feito seria uma calamidade para nós no caso de uma guerra.

Sobre este assumpto apraz-nos registar o interesse que o actual nobre ministro, o sr. conselheiro Vasconcellos Porto, tem manifestado pela conclusão da nova fabrica de munições, empregando os mais patrioticos esforços para que as obras tenham um grande desenvolvimento.

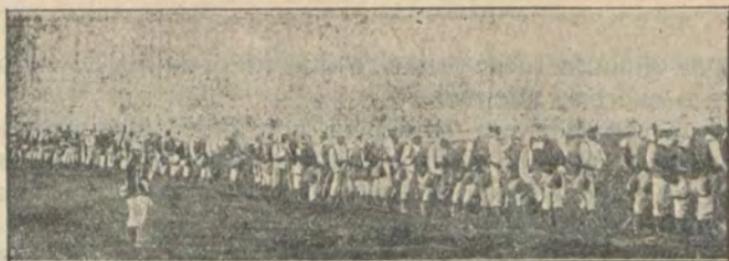
E desde que vemos um verdadeiro espirito de sequencia na direcção da pasta da guerra, confiamos que para o exercito haverá ainda dias de esperanza, dias de gloria.

A fabrica allemã que até agora podia produzir 900 espingardas Mauser-Vergueiro por dia, passou a produzir 1:500.

No momento em que se encaixotaram as 6:000 espingardas que devem estar a chegar a Portugal, se já o não estiverem quando se publicar a nossa *Revista*, já estavam promptas 9:000 espingardas mas faltava a baíha de 3:000 bayonetas.

Nova remessa não se fará esperar.





## UNIFORME DE CAMPANHA

---

No ultimo numero d'esta *Revista* apresentámos o alvitre de ser regulamentado para os officiaes o uso de um dolman de tecido egual ao adoptado para as praças de pret.

Entre as muitas vantagens que adveem d'esta simples medida avultava a de se confundir a distancia, nos exercicios de guerra e serviço de campanha, os officiaes com os soldados, o que está universalmente reconhecido como uma necessidade imperiosa da guerra.

O sr. ministro da guerra, attendendo a nossa indicação, e mandando publicar na ordem do exercito n.º 11 (1.ª serie) de julho proximo a determinação a que nos referimos, praticou um acto de boa administração baseado nos verdadeiros principios da economia e da guerra moderna.

Não podemos deixar de applaudir a medida tomada.

E se podessemos prever que as nossas palavras, sempre sinceras e tendo como unico norte e guia o bem do exercito e dos nossos camaradas, continuariam a merecer a benevolencia do illustre ministro, a quem esta *Revista* deseja ter muitas occasiões de applaudir, lembraríamos que seria de grande commodidade para os officiaes e evitaria as eternas confusões que se dão sempre que qualquer estação superior determina o uso d'este ou d'aquelle uniforme a unidades differentes, que se adoptasse no exercito o que desde ha muito já está

adoptado na marinha de guerra, isto é, os uniformes dos officiaes serem classificados e numerados.

Por esta forma, aliaz, simplicissima, desde que um quartel general indicasse que os officiaes que comparecessem em tal formatura, usariam o uniforme n.º 2 ou n.º 4, não seria licito poder haver mais confusões, e ficava-se sabendo de antemão que os officiaes, embora de unidades diferentes, todos se apresentariam igualmente fardados.

Todos sabem que tal não succede agora, havendo diversas interpretações aos dizeres, algumas vezes confusos, das ordens superiores, dizeres que desapareciam para ficar sómente um numero.

O uniforme de campanha para o nosso exercito entrou, sem a menor duvida, n'uma phase pratica e que convem conservar, sendo absolutamente indispensavel tambem que o problema do calçado seja resolvido sem demora.

O exercito portuguez usa um calçado pessimo, que apenas serve para inutilisar a boa qualidade de andari-lho do nosso soldado.

Podemos afirmar, sem receio de contradita, que no fim de uma semana de marchas  $\frac{1}{3}$  dos nossos soldados estão inutilisados, e no fim de duas semanas  $\frac{1}{2}$  do exercito não póde continuar a marchar.

A nós afigura-se que o bute por medida, ou pelo menos classificado e agrupado n'uma serie não pequenas de medidas, em que haja uma correlação methodica entre a altura do pé e o seu comprimento, devendo haver para o mesmo comprimento pelo menos 3 alturas diferentes, satisfará cabalmente sendo-lhe addicionado uma *bandage* de tecido igual ao uniforme cinzento, que ligando a perna por igual, facilitará muito a marcha do soldado.

Reputamos capital esta parte do uniforme de campanha e que reclama uma medida immediata.



## BIBLIOGRAPHIA

### Belgica

**Manuel pratique des tirs collectifs, par A. Collon, capitaine commandant d'artillerie, adjoint d'état-major.** — De entre os livros que nos ultimos annos se tem publicado sobre o tiro da infantaria, é este inquestionavelmente um dos mais completos, de maior interesse para a classe a que se destina, escripto com uma clareza tal que os menos versados em questões de tiro podem facilmente assimilar a sua doutrina, e pela multiplicidade das indicações que contém, torna-se um elemento precioso na bibliotheca de qualquer official.

Acha-se a obra dividida em dez capitulos, que tratam respectivamente de: «Definições e noções preliminares» «Applicação da theoria dos erros e das probabilidades ao tiro» «Grupamento das balas no tiro colectivo» «Analyse da taboa dos desvios provaveis e consequencias praticas» «Uso da taboa dos desvios provaveis e da das probabilidades» «Questões relativas ás vulnerabilidades» «Disciplina e direcção dos fogos collectivos» «Tiro em terreno inclinado» «Occupação do terreno» «Regras praticas geraes da tactica dos fogos e da direcção dos fogos de guerra»; e apresenta em appendice as taboas de tiro.

Pela simples enumeração dos capitulos se vê que sobre alguns d'elles é por assim dizer impossivel haver divergencia d'opinões, não se prestando portanto á controversia, e limitando-se o auctor da obra a expôr com notavel nitidez a materia de que elles tratam, em harmonia com os principios já estabelecidos como consequencia dos estudos á muito feitos sobre o tiro. Outras questões ha porém, sobre as quaes o capitão Collon evidencia os seus vastos conhecimentos sobre o tiro, apresentando e discutindo os resultados de varias experiencias, formulando sobre elles opinões pessoas muito valiosas e dignas de ponderação da parte dos que se dedicam a esta ordem de estudos.

São especialmente interessantes os capitulos 6.º e 7.º, não exprimindo de forma alguma esta distincção menos apreço por qualquer dos outros, em todos os quaes se contém um grande numero

de conhecimentos indispensaveis a quem estuda, e expostos como acima dizemos com uma grande correcção e clareza.

Viria a proposito lembrar aqui a parte fundamental das duas escolas oppostas que se baseiam nas duas theorias de *fogo commandado* e de *fogo não commandado*.

Não queremos entrar n'este momento na discussão dos argumentos com que cada escola defende os seus principios, mas sempre devemos afirmar que os *tiros collectivos executados por uma tropa composta de atiradores inhabeis não produzem senão resultados insufficientes*.

Quer dizer, quem imagina que para fazer fogos por descarga não é precisa a instrucção individual do tiro, engana-se redondamente e pôde até provocar desastres bem lamentaveis no decorrer do combate.

E' porém certo que vale mais uma tropa pouco preparada na instrucção do fogo mas commandada por um bom chefe de que uma tropa da elite mal commandada.

«Os atiradores, diz um auctor francez, constituem, nas mãos dos chefes um instrumento productivo do fogo. Os effeitos que produz este instrumento são tanto melhores quanto mais aperfeiçoado fôr. Todavia, o rendimento do trabalho depende mais do operario do que da ferramenta que emprega. Um operario mediocre tirará sempre mau partido de uma ferramenta excellente, ao passo que um excellente operario produzirá bom trabalho com ferramenta mediocre.»

Isto quer dizer que cada vez cresce mais a importancia dos estudos concernentes á technica e á tactica do tiro, que hoje mais que nunca devem ser collocados no primeiro plano dos estudos de guerra.

O nosso camarada Collon procurando com o seu bello e utilissimo livro fornecer aos officiaes um vasto campo de estudo presta um serviço relevante a estas magnas questões dos fogos de combate.

«Todo o official, diz o capitulo «Instrucção dos quadros», do regulamento de tiro da Belgica, deve estar habilitado a poder determinar rapidamente o seguinte:

- a) O tempo necessario para produzir *tal* resultado, a uma distancia dada, com um numero determinado de espingardas;
- b) Qual o effectivo a empregar para obter, sobre o campo, ou em um tempo dado, *tal* resultado, sobre *tal* objectivo;
- c) Qual o consumo de munições em relação com o resultado a esperar e em razão da situação do combate.

Ora são estes, e identicos principios que o capitão Collon desenvolve no seu livro.

Por este simples detalhe se pôde avaliar bem da importancia do trabalho do capitão Collon.

A estreiteza do espaço inibe-nos de poder dar o desenvolvimento que desejavamos a esta noticia, todavia, novamente chamamos a attenção dos nossos camaradas para o *Manual Pratico dos tiros collectivos*, na certeza que lhes prestamos um bom serviço.



## Secção do estrangeiro

**Russia.** — Até 1884 havia no exercito russo uma «comissão d'organisação e de instrucção» que tratava da organisação dos corpos do exercito, uniformes, armamento, equipamento, manobras, publicação de regulamentos e instrucções, etc. N'aquella data passaram as suas funcções a ser desempenhadas por diferentes comissões especiaes, temporarias. Parece, porem, que esta medida não produziu resultados satisfatorios, porque se tem reconhecido a falta de homogeneidade na instrucção dos diversos corpos, e até orientações diferentes na direcção do ensino geral.

Em março do corrente anno foi novamente creada uma «comissão d' instrucção das tropas», que tem a seu cargo :

- 1.º As questões relativas aos exercicios e á instrucção tactica dos tropas, ao armamento e seu emprego no combate ;
- 2.º O desenvolvimento da força physica dos soldados e a sua destreza no manejo d'armas ;
- 3.º As questões d'organisação ;
- 4.º A elaboração e publicação dos regulamentos, decretos e outros quaesquer diplomas relativos á instrucção.

Esta comissão está directamente subordinada ao ministro da guerra, e o seu presidente é nomeado por «ukase» imperial.

Além dos membros permanentes, que constam de um representante de cada arma e serviço, pode ter mais 13 temporarios, tambem officiaes generaes ou superiores das differentes armas.

As escolas militares habilitaram n'este anno 10730 officiaes e as escolas d'Ioungkers (candidatos sahidos das fileiras) 1120.

Ao todo 2193 alferes que foram distribuidos pela seguinte forma:

Infanteria da guarda 63; Cavallaria da guarda 44; Cosacos da guarda 6; infantaria 1442; cavavallaria 44; cosacos 108.

Os restantes alferes foram distribuidos pela artilharia e tropas technicas.

**China.** — A imprensa ingleza dá-nos informações detalhadas sobre a nova organização do exercito chinês.

As forças imperiaes territoriaes da China, *Lu-chun*, estão sendo organisadas e armadas como as tropas europeias.

N'este momento conta a China mais de 10 divisões totalmente organisadas e bem armadas, tendo já a sua artilheria peças de tiro rapido.

Os serviços da Cruz Vermelha e veterinarios estão sendo organisados.

A cavallaria é porem defeictuosa e imperfeita, posto que se espere grandes resultados do cavallo chinês, que é mais pequeno do que o cavallo em que remonta a cavallaria italiana.

A infantaria do novo exercito é considerada excellente. Cada divisão conta 2 brigadas na força total de 6:048 praças. A brigada de cavallaria tem 864 praças.

O regimento de artilheria tem 3 batalhões e cada batalhão tem 3 baterias a 6 peças.

A força total de uma divisão, em pé de paz, é de 12:000 homens de todas as armas, incluindo officiaes, e no pé de guerra é de 24:000 homens.

O recrutamento para o exercito realisa-se com o maior cuidado, submittendo-se os recrutas a um periodo de observação antes de serem alistados definitivamente. O alistamento é feito entre os 20 e 25 annos de idade.

Não podem pertencer ao exercito os fumadores de opio e os que não tiverem um attestado de bom comportamento passado pela auctoridade da terra da sua naturalidade.

O recrutamento é voluntario e o tempo de serviço é de 3 annos.

Podem ser readmittidos.

**Inglaterra.** — Sir Charles Rose, inventor da espingarda que tem o seu nome, acaba de experimentar um novo cartucho para a sua arma, que deu os melhores resultados.

A velocidade inicial da bala passou de 608 metros a 820, tendo o projectil uma trajectoria tão tensa que lhe permite usar uma alça fixa até á distancia de 700 metros.

\*

Um cruzeiro de dois mezes e meio no Baltico está sendo feito por uma poderosa esquadra ingleza.

Esta esquadra, que não poderá recolher a Portland antes do dia 10 de setembro, fará uma demorada visita a Libau, Cronstadt e Revel.

**França.** — Dizia-se que no corrente anno não haveria na França grandes manobras de exercito, havendo em sua substituição uma serie de grandes manobras de fortaleza, sob a direcção do general Pendezec, membro do conselho superior de guerra.

Estas manobras devem começar a 20 de agosto, para terminar a 6 de setembro, na praça de Langres.

As tropas do ataque, sob o commando do general Deckkerr, comprehenderão: a 13.<sup>a</sup> divisão de infantaria, um regimento da 7.<sup>a</sup> brigada de cavallaria, a 7.<sup>a</sup> brigada de artilheria e algumas companhias de engenharia tiradas no 7.<sup>o</sup> corpo.

A defeza, que será confiada ao governador militar de Langres, o general Cornille, comprehenderá: dois grupos dos 4.<sup>os</sup> batalhões tirados das guarnições de Belfort e de Epinal, baterias de artilheria de posição e companhias de engenharia.

Diz-se que o ministro da guerra vae assistir a estas manobras

\*

O general Boëlle, ao deixar o commando do regimento d'infanteria n.<sup>o</sup> 40, publicou a seguinte ordem ao regimento:

«Officiaes, sargentos, cabos e soldados

Promovido a general de brigada e nomeado governador de Dunkerque, por decreto de 25 de junho de 1907, faço-vos as minhas despedidas.

Não é sem um vivo sentimento de pezar que vos deixo depois de 4 annos e meio de commando, nos quaes temos vivido a mesma vida, compartilhado dos mesmos trabalhos e fadigas, unindo, em commum, as nossas alegrias e as nossas penas, as nossas esperanças e os nossos cuidados.

Appoiado no vosso affecto e confiando na vossa estima, venci todas as difficuldades e pude apreciar o zelo e a dedicação de que todos os graduados sempre me deram sobejas provas, e ao mesmo tempo registrar o espirito de disciplina dos soldados e a sua legitima ambição em mostrar ao seu coronel quanto elles se sentiam orgulhosos de fazer parte d'este bello regimento.

E' pois a vós todos que eu devo a minha promoção ao posto de general. E isso vos agradeço com toda a sinceridade.

O tempo que passei entre vós foi o mais bello da minha carreira militar e d'elle conservarei sempre a mais duradoura lembrança.

Continuai a seguir a mesma estrada que tendes trilhado até hoje; os graduados dando o exemplo do dever e da dedicação, sendo sempre benevolentes e paternaes; os soldados respeitando os seus chefes, obedecendo-lhes e amando-os. N'este esforço mutuo de trabalho e de affecto reside a salvação da patria e o futuro da França.

E' com a maior confiança que o coronel entrega o commando do regimento ao tenente coronel Durand, de quem bem conhece

e bem aprecia as suas altas qualidades militares, o seu espirito de iniciativa e de dedicação.

O sr. tenente coronel Durand tomará o commando do regimento até á chegada do novo coronel.»

\*

Em Lunéville passaram no mez findo, muitos officiaes generaes, officiaes superiores e officiaes subalternos, fazendo parte de uma manobra de quadros representando um exercito.

Dirigia a manobra o general Michal, antigo commandante do 20.º corpo do exercito.

No seu estado maior iam os generaes Castelnau e Oudard, um chefe dos serviços administrativos, um medico inspector, os tenentes coroneis Desprès, Baquet e Ville, alem de um grande numero de officiaes do estado maior.

Em França, como na Allemanha estas manobras com officiaes generaes são vulgarissimas, alem das viagens do estado maior em que sempre tomam parte grande porção de generaes.

Consta-nos que o sr. ministro da guerra está na intenção de iniciar já estas viagens no nosso exercito, o que é, sem duvida, medida que merece o maior applauso.

**Allemanha.** — Corre o boato que as proximas manobras do exercito allemão serão entre Hagueneau, Bitche, Sarre-Union e Sarrebourg, nas proximidades da fronteira franceza.

Por um melindre especial e de facil comprehensão, a Allemanha tem evitado fazer manobras na fronteira, mas como o Imperador Guilherme II tem o desejo de examinar no theatro de operações, sobre o campo de manobras, todos os generaes commandantes de corpo, e como os generaes Prittwitz e von Gilgenheimb, que commandam Metz e Strasbourg, ainda não foram *examinados* pelo Imperador, presume-se que o boato tenha todo o fundamento.

**Estados Unidos da America.** — A republica americana possui um exercito na força de 3:750 officiaes e 56:064 praças, assim divididas: infantaria, 24:584 praças; cavallaria, 12:875; e artilheria, 14:949.

O resto está dividido pela engenharia e serviços auxiliares:

\*

A partir do dia primeiro do mez findo, o exercito dos Estados Unidos foi augmentado com uma secção de metralhadoras por cada regimento d'infanteria e de cavallaria. Cada secção tem, como pessoal, 1 sargento, 2 cabos e 18 soldados, e como material, 2 metralhadoras do systema *Vickers Sons and Maxim*.

O numero total de secções será de 45, sendo 30 para os corpos de infantaria e 15 para os de cavallaria.

**Roumania.** — As readmissões no exercito roumano só podem ser pelo tempo minimo de 2 annos ou maximo de 5.

Alem dos 46 annos de idade não são permittidas readmissões ás praças. Os sargentos que deixem o exercito depois de 13 annos de serviço serão promovidos a alferes de reserva.

No fim do mesmo lapso de tempo (13 annos de serviço), os sargentos teem direito a serem providos em empregos civis, como sejam nas alfandegas, caminhos de ferro, repartições do estado, administrações publicas, etc.

A partir dos 18 annos de serviço até aos 25, os sargentos reformados teem direito a receberem gratuitamente do estado um terreno aravel de 20 hectares de superficie em Dobronnga, na fronteira, ou de 15 hectares no interior, ou de 6 na margem esquerda do Danubio, recebendo alem d'isto 140 mil réis para compra de alfaias agricolas.

O pret das reformas dos sargentos é o seguinte:

Com 18 annos de serviço, 8 mil réis por mez; com 25 annos 10 mil réis.

Este pret continua a ser recebido pelas viuvas com filhos menores. Quando estes attingem a maior idade, as viuvas ficam recebendo metade do pret, e do mesmo modo se ficarem sem filhos. Os filhos recebem tambem o pret por inteiro até á sua maioridade.

Estas medidas adoptadas na Roumania merecem ser estudadas.

**Japão.** — A marinha de guerra japoneza conta, ao presente, 11 couraçados, 10 cruzadores couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, 9 cruzadores couraçados de 2.<sup>a</sup> classe, 8 cruzadores couraçados de 3.<sup>a</sup> classe, 12 guarda-costas, 7 canhoneiras, 3 avisos, 34 *destroyers* e 85 torpedeiros.

Esta importante força naval está dividida em 5 esquadras.

Estão em construcção nos estaleiros de Kuré e Yokosonka dois couraçados.

Em Kuré acabam de ser lançados ao mar 2 cruzadores couraçados de 1.<sup>a</sup> classe e em Yokosonka estão em construcção outros dois cruzadores couraçados de 1.<sup>a</sup> classe.

Alem d'isto estão em construcção em Kawasaki e em Nagasaki 3 cruzadores de 3.<sup>a</sup> classe.

**Noruega.** — Segundo informa o «Vort Forsvar», vae ser determinado que a instrucção de tiro seja obrigatoria para todos os alumnos dos estabelecimentos de ensino superior, sendo usada n'essa instrucção a espingarda do modelo adoptado no exercito.





9.º ANNO

SETEMBRO DE 1906

N.º 9

# REVISTA DE INFANTERIA

## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 8 — 1906)

### Vulnerabilidade relativa das formações sob o fogo da infantaria

As considerações feitas sobre a vulnerabilidade relativa das formações a adoptar pela infantaria durante a marcha para o combate e quando exposta sómente á acção dos fogos da artilheria, são applicaveis ás mesmas formações quando expostas á acção isolada dos fogos da infantaria e enquanto o projectil arremessado por uma arma portatil de calibre reduzido não atravessar mais do que um homem.

Segundo experiencias realizadas para determinar a diversas distancias a força de penetração do projectil, arremessado pelo fusil Lebel, pode concluir-se que alem de 1:600 metros, este projectil difficilmente atravessará mais d'um homem.

A distancias inferiores, os effeitos da penetração dos projecteis podem tornar se sensiveis nas formações de costado, que são tambem vulneraveis aos fogos de es-

carpa; todavia, adoptando na marcha para o combate a formação de costado por secções ou esquadras com intervallos de desenvolvimento sobre uma fileira, attenuar-se-hão os effeitos mortiferos do fogo adverso, visto que a diminuta extensão de frente d'estas pequenas columnas difficultará a fixação e correccão de pontarias sobre estes alvos moveis pouco visiveis ás grandes distancias.

A's distancias médias, porém, o grau de vulnerabilidade augmenta, como é facil de prevêr.

Admitte-se que o fogo por salvas a 1:000 metros sobre esta ordem de formação reparta os seus projecteis proporcionalmente ás superficies receptoras.

As salvas, n'estas condições, originarão agrupamentos que, n'um tiro de polygono, teem 1<sup>m</sup>,85 de desvio provavel.

A salva reparte-se por uma largura equivalente a oito desvios provaveis, sendo o agrupamento dos tiros mais denso no centro que nas extremidades.

Esta largura, medida por 14<sup>m</sup>,8, representa a frente occupada por 21 homens em uma fileira, que seriam os unicos attingidos pelo cone de dispersão, quando na formação em linha, ao passo que na formação de costado os 40 homens da secção ficariam totalmente comprehendidos no mesmo cone de dispersão.

D'aqui deriva a necessidade de adoptar, na generalidade dos casos, a formação n'uma só fileira antes de chegar a 1:000 metros da posição adversa.

Para manter a cohesão, facilitar a boa direcção e permittir que se exerça mais intensamente a acção do commando, conviria que se marchasse de costado por secções ou esquadras o maior espaço de tempo possivel; na pratica, porém, só pode conservar se esta formação emquanto o cone de dispersão tiver uma largura igual á frente de qualquer d'aquellas fracções, quando dispostas n'uma fileira.

A' medida que a abertura do cone de dispersão fôr diminuindo, mais se impõe a necessidade de passar á formação n'uma fileira, menos vulneravel que a formação de costado, por evitar, em parte, os effeitos de penetração dos projecteis das armas portateis, que se tornam ex-

tremamente sensíveis ás distancias inferiores a 1:200 metros.

Correspondendo á maior distancia do tiro uma maior abertura dos cones de dispersão, evidente se torna que, sob o fogo de infantaria ás grandes distancias, convêm as formações de costado por pequenas fracções intervaladas do espaço preciso para desenvolverem em linha, e ás médias e pequenas distancias será forçosa a adopção da formação n'uma fileira.

Para a mesma unidade de força a formação de costado a quatro homens de frente é mais vulneravel que a formação de costado a dois, emquanto o inimigo executar fogos perpendicularmente á frente da marcha.

Logo que as fracções em marcha sejam vistas sob uma grande obliquidade, os fogos de escarpa tornarão mais vulneravel a formação de costado a dois.

Experiencias cuidadosamente feitas em *polygonos estrangeiros*, parecem confirmar que na marcha de *approche* realisada por pequenas fracções em dispositivo de combate, as formações menos vulneraveis são: para a esquadra de 20 homens a formação de costado a dois, e para a secção de 40 homens, a formação de costado a quatro.

Admittindo, em principio, que a formação definitiva de combate será n'uma fileira até ao momento do ataque decisivo é intuitivo que os intervallos entre as diversas fracções em marcha de *approche* devem ser directamente proporcionaes á força d'estas fracções; e, como ás maiores distancias de tiro, corresponde uma maior abertura do cone de dispersão das salvas, conviria iniciar aquella marcha em pelotões ou secções de costado, porque o grande intervallo entre as fracções, conjugado com a derivação do tiro e com o vento proveniente do estado *athmospherico*, augmentaria as probabilidades de deslocar o ponto médio do agrupamento dos tiros, para os intervallos existentes no dispositivo de combate, tornando as perdas menos sensíveis e a formação menos vulneravel aos fogos da infantaria.

Para determinar todas as formações a adoptar sob o fogo das armas portateis, convem consultar os resultados publicados pela Escola normal de tiro de Chalons.

Esta escola admittiu a obliquidade de  $\frac{1}{10}$ , apresentando em resultado das experiencias as seguintes conclusões:

1.<sup>a</sup> A columna de companhia com a frente normal das sub-divisões é a mais vulneravel de todas as formações. Como é tambem a mais vulneravel sob o fogo da artilheria, torna-se indispensavel eliminal-a definitivamente do campo de batalha;

2.<sup>a</sup> O pelotão de costado a quatro é mais vulneravel que duas secções de costado a quatro separadas por intervallos pelo menos eguaes á frente de secção.

A formação em pelotões de costado a quatro, que pode ser empregada sob o fogo da artilheria, deve evitar-se sob o fogo da infantaria;

3.<sup>a</sup> A formação de costado a quatro é sempre menos vulneravel que a formação de costado a dois para a secção e unidades mais fortes. Deve preferir-se a formação por quatro á formação por dois;

4.<sup>a</sup> A formação de costado a quatro é mais vulneravel que a linha desenvolvida n'uma fileira ou por filas — para a esquadra a menos de 1:500 metros, e para a secção a menos de 800<sup>m</sup>;

5.<sup>a</sup> A companhia, disposta em secções de costado a quatro, com intervallos pelo menos eguaes á frente de secção, torna-se mais vulneravel que a linha sobre uma fileira sómente a menos de 1:300 metros e que a linha sobre duas fileiras sómente a menos de 1:000 metros;

6.<sup>a</sup> A linha desenvolvida em duas fileiras tem uma vulnerabilidade quasi dobrada da linha em uma fileira;

7.<sup>a</sup> A linha desenvolvida por filas abertas tem uma vulnerabilidade inferior á linha desenvolvida n'uma fileira;

8.<sup>a</sup> A linha desenvolvida em duas fileiras é mais vulneravel que as formações de costado, ás distancias superiores a: 800 metros para a esquadra, 1:000<sup>m</sup> para a secção e o pelotão.

D'estas conclusões derivam as regras praticas seguintes:

1.<sup>a</sup> Até 1:300<sup>m</sup>, a companhia deve marchar por sec-

ções ou esquadras de costado a quatro com grandes intervallos;

2.<sup>a</sup> A partir de 1:300 metros, ou antes a partir do momento em que o tiro se torna efficaz passa-se á formação por filas abertas;

3.<sup>a</sup> A formação por filas é sobretudo pratica para a marcha; durante as paragens a tropa forma n'uma só fileira. Esta ultima formação pode tambem ser adoptada ao mesmo tempo que a formação por filas abertas;

4.<sup>a</sup> Se a frente não é sufficientemente extensa para permittir a todos os elementos a formação por filas ou n'uma fileira, aquelles que não poderem desenvolver formam de preferencia de costado até 1:000 metros.

Fixando estas regras, convem não esquecer que é aproveitando os abrigos deparados no terreno que se diminuirá a vulnerabilidade da tropa. Mas os principios ou leis da vulnerabilidade não devem só determinar-se relativamente a alvos isolados dispostos em terreno horisontal ou paralelo á linha de mira.

E' indispensavel deduzil-os em funcção de terrenos variados para formações escalonadas em profundidade, tanto em terreno horisontal, como em terreno formando angulo ascendente ou descendente com a linha de mira.

A theoria do tiro inclinado de que Paquié foi um dos primeiros e mais abalisados propagandistas, tem n'este caso inteira applicação.

Assim, no tiro sobre uma linha singella, a inclinação do terreno não tem influencia alguma, salvo a producção de ricochetes.

Não succede, porém, o mesmo quando o tiro se executa sobre uma formação disposta em profundidade.

Supponhamos para exemplificação um escalonamento médio—um batalhão em formação de combate, com a profundidade de 500 metros, marchando para o seu objectivo de ataque.

Consideremos de 200 metros a distancia dos atiradores aos apoios e de 300 metros a d'este escalão á reserva, na hypothese de que a linha avançada se encontra a 1:000 metros do inimigo.

Os apoios adoptarão a formação de costado a 4 e as reservas a mesma formação de costado a 4 ou a 8 com largos intervallos entre as fracções.

N'esta disposição as tres primeiras filas cobrem as restantes, sempre que as trajectorias são sensivelmente paralelas ao terreno, o que concorre para a diminuição da vulnerabilidade da formação.

No escalonamento em profundidade temos dois casos a considerar:

*1.º caso*—O dispositivo de combate fica escalonado em um terreno horizontal ou paralelo á linha de mira.

N'este caso, o tiro regulado e dirigido sobre uma das linhas da formação, a primeira, por exemplo, que é geralmente a unica visivel, irá bater uma zona em profundidade que comprehende todo o dispositivo.

As distancias entre a primeira linha e as duas seguintes podem considerar-se como erros de alça, pois que as linhas de mira, passando pelo pé da primeira linha, passam igualmente pelo pé das outras duas. O maximo de efficacia sobre todo o dispositivo obter-se-hia executando o tiro sobre a 2.ª linha (escalão dos apoios) com a alça da distancia real—1:200 metros.

*2.º caso*—O dispositivo de combate fica escalonado em um terreno inclinado em relação á linha de mira.

*a)* O terreno é inclinado acima da linha de mira.

Se a inclinação do terreno é muito pronunciada, o tiro dirigido e regulado sobre qualquer das linhas não dará resultado apreciavel sobre as outras linhas, por ser de natureza fixante.

*b)* O terreno é inclinado abaixo da linha de mira.

Se a inclinação formar com a linha de mira um angulo igual ao angulo de queda da trajectoria, os fogos serão rasantes e o dispositivo ficará todo comprehendido na zona perigosa, que é muito extensa e muito densa.

N'este caso, só a primeira linha, que, em geral, occupa a crista é visivel e as 2.ª e 3.ª linhas serão sempre atingidas, salvo se o terreno apresentar algum desnivel ou qualquer convexidade pronunciada que permita a estas linhas o cobrirem-se, subtrahindo-se assim á acção do fogo adverso.

Em resumo, quando se atirar contra uma formação escalonada sobre um declive visível (ou sobre um terreno horizontal que se domina) é necessario bater separadamente as diversas linhas. Pretendendo attingir a 3.<sup>a</sup> linha (reservas), obter-se-ha maior efficacia dirigindo o tiro sobre cada uma das fracções d'essa linha separadas por largos intervallos, em logar de repartir uniformemente o fogo sobre toda a frente.

No tiro executado sobre uma crista, a efficacia do fogo sobre as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> linhas diminue bastante, empregando uma alça fraca e aumenta sensivelmente se a alça é forte, ou se o tiro é executado a maior distancia e tanto mais quanto maior fôr a inclinação atraz da crista.

(*Continúa.*)

ADRIANO BEÇA  
Major d'infanteria 10.

---



## METRALHADORAS

---

### A Maxim Portugueza, 6<sup>mm</sup>,5<sup>m</sup>/1906

Era nosso intento, apenas, o vulgarisar o conhecimento da metralhadora Maxim, hoje quasi universalmente adoptada, e que tambem foi a escolhida para o nosso exercito pela commissão que em 1903 para tal fim foi nomeada. (1)

Julgando porem conveniente dizer, ainda que resumidamente, o que tem sido as metralhadoras e qual a sua evolução desde a sua origem, o que, aliás, se acha disperso por pequenas brochuras que em muitos pontos são bastante omissas, resolvemos começar este trabalho

---

(1) Relatorio publicado na collecção das Ordens do Exercito de 1904—Parte não official.

por uma *Breve noticia historica das metralhadoras*, contendo uma rapida descripção dos principaes modelos antigos e sua classificação, seguida da classificação e descripção das metralhadoras authomaticas actuaes.

A Maxim de 6<sup>mm</sup>,5 M 1906, occupando principalmente a nossa attenção, será o remate d'este pequeno trabalho que procura preencher, se possivel fôr, uma lacuna importante entre nós, principalmente no momento actual em que as metralhadoras vão ser distribuidas aos corpos de caçadores.

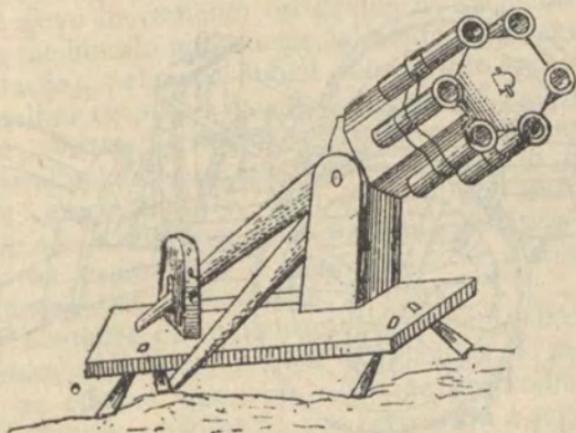
Pelo que respeita á metralhadora Maxim, cuja descripção, emprego e manejo serão sufficientemente detalhados, para que se possa perfeitamente ficar no conhecimento seguro de tal arma, entre outras abrangerá as seguintes partes: Mechanismo; funcionamento; nomenclatura; descripção e razão das peças principaes; desmontagem e montagem; alimentação; dados balisticos; carregamento das fitas e seu acondicionamento nos cunhetes; velocidade de tiro; causas de interrupção devidas á arma e ao cartucho e forma de as evitar e remover; manejo da metralhadora e órgãos de pontaria; efficacia do tiro; escudo; reparos para infantaria, cavallaria, fortificações, navios, etc.; transporte; metralhadoras de campanha e montanha; emprego das metralhadoras authomaticas, etc.

### Breve noticia historica das metralhadoras

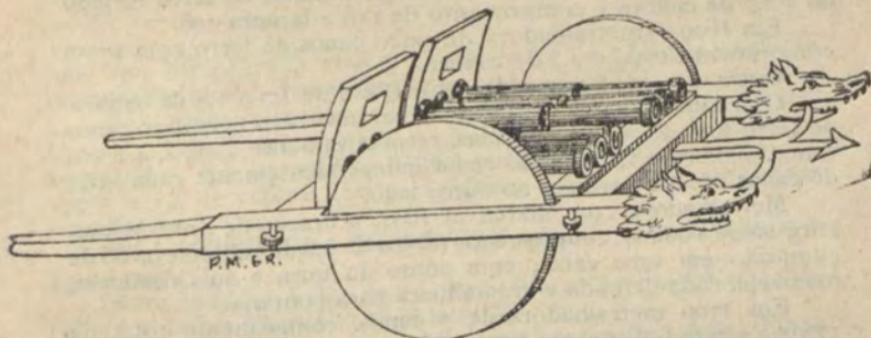
Já no começo do seculo 15, epocha em que appareceram as primeiras armas de fogo, houve a ideia de augmentar o poder d'essas armas, então no seu primitivo estado, e d'ahi nasceu o pensamento inicial que presidiu á construcção das primeiras metralhadoras. Pode dizer-se que a primeira era constituída por uma massa d'armas onde se achavam abertos 4 curtos tubos com uma camera commum.

A seguir appareceram os *trabucos multiplos*, *canos d'orgãos*, *orgãos de serpentina* etc. que eram feixes de canos fixados ou sobre uma tosca coronha, ou sobre o eito de uma especie de carro de mão em uma linha ou

mais, sobrepostas, e ainda circularmente em redor de um cylindro ou de um parallelepipedo rectangular de madeira. O tiro era feito por meio de platinas onde se

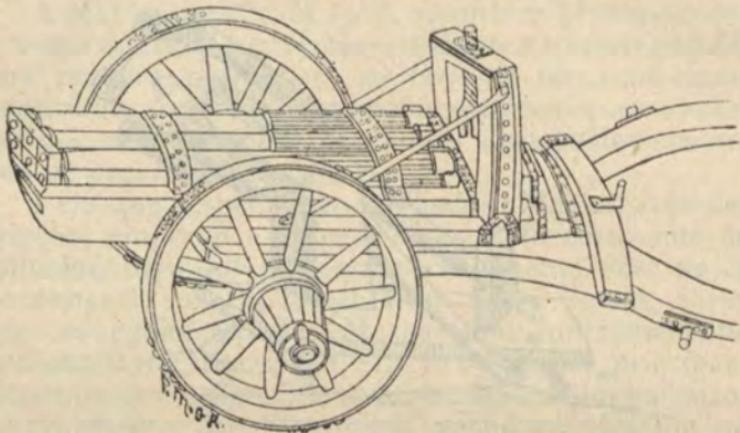


deitava a polvora que, inflammada se communicava com a existente nos canos previamente carregados. Alguns destes carros tinham á frente uns pequenos arietes mais ou menos ornamentados, bem como pontas de lanças,



naturalmente para lhes augmentar o poder offensivo. Estes engenhos eram morosissimos no carregamento, muito pezados e sobretudo de fracos effeitos, por muitas causas. Assim foram cahindo em desuso, fazendo-se

comtudo nos seculos posteriores varias tentativas para os melhorarem, o que é attestado por muitos modelos que existem. (1)



(1) Entre os muitos modelos que existem no Museu de Berlim (*Zenghause*) e que por si só fazem a historia das metralhadoras, desde 1500 a 1870, destacaremos:

De 1500—uma metralhadora de cinco canos de ferro forjado de 2<sup>m</sup>,7 de calibre e comprimento de 118 e largura 108.

Em 1600 — metralhadora de cinco canos de ferro com 177<sup>cm</sup> comprimento total e 2,5 de calibre.

Outra de cinco canos de 146×154 e de 1,7 a 1,8 de calibre.

Outra denominada «O Dragão» em uma carreta com 20 canos de ferro forjado, em 5 camadas, respectivamente de 6, 5, 4, 3 e 2 canos, calibre 2,5, podendo rodar independentemente cada serie de canos até 45° para um ou outro lado.

Metralhadora com marca de 1604, o braço de Saxe-Merseburg sobre rodado, com 64 canos (8×8) de 1,8 de calibre e 0,86 de cumprimento em uma caixa, com ponto de mira e dois visadores, manivela, roda dentada e cremalheira para pontaria.

Em 1700 metralhadora de 7 canos, comprimento total de 177<sup>cm</sup>,5 sendo 6 dispostos em circulo e com o calibre 1,9 e o outro no centro com o calibre 2,5, roda dentada, cremalheira para mudança de direcção. Os canos são torneados.

Outra tambem de 7 canos torneados de 1,7 de calibre e de 140<sup>cm</sup> de cumprimento total, e aparelho para a pontaria em direcção como o anterior modelo.

Ainda de esta epocha e a titulo de curiosidade mencionare-

Todavia, só depois de 1860 é que as metralhadoras começaram a apresentar melhores qualidades, e alguns inventores e constructores se dedicaram ao estudo e construcção de taes machinas de guerra.

Este novo incremento foi devido ao cartucho metallico, que facilitando muito especialmente o carregamento (alimentação), pela sua difficil deformação, prestava-se a um melhor emprego da metralhadora. E assim é que, tendo-se construido muitos modelos, o funcionamento das metralhadoras era, em geral, devido ao manejo, quer de uma manivela, quer de uma alavanca, e por isso hoje são comprehendidas no titulo generico de metralhadoras *accionadas á mão*, para se distinguirem das actuaes — as *automaticas*.

Não obstante os melhoramentos que se lhes ia introduzindo, as metralhadoras accionadas á mão não davam os efeitos que com ellas se pretendia obter, sendo defeituosas não só no que respeitava á segurança, como ainda á regularidade do seu fogo.

Muitas vezes davam-se retardamentos de inflamação que se tornavam algumas vezes perigosos, especialmente no tiro por salvas, ao abrir as culatras para novo carregamento. Outras vezes, alguns percutores não func-

---

mos um espingardão com 3 canos de 5,4 de calibre de 84<sup>cm</sup> de comprido e com o comprimento total de 144<sup>cm</sup>.

1865—Duas metralhadoras americanas de 6 canos, de aço. Uma de 129<sup>cm</sup> de comprido e 1,3 de calibre; outra de 153<sup>cm</sup> de comprido e 2,5 de calibre. Outra ainda de 10 canos de aço, de 129<sup>cm</sup> e 1,4 de calibre. Todas 3 Gatling e as duas primeiras com carreta.

1860—Metralhadora belga de 37 canos, 133<sup>cm</sup> de comprido e 44 de calibre.

Outra tambem belga de 31 canos de aço de 132<sup>cm</sup>,5 e 1,4 de calibre e ambas Christoffe et Montigny.

1867—Metralhadora franceza com 25 canos de 1,3 de calibre abertos n'um prisma quadrangular de aço (5×5) e envolvido por bronze dando-lhe o aspecto de uma peça de artilheria.

Outra igual na forma, mas de calibre 1,6.

Outra formada de 8 canos de espingarda dispostos circularmente e que empregada durante o cerco de Paris foi alli tomada pelos allemães. Está sobre carreta e tem couraça.

cionando convenientemente retardavam a alimentação e assim o tiro.

Os aperfeiçoamentos successivos que estas metralhadoras foram soffrendo, levaram-nas a uma construcção já bastante accetivel, como o provaram os primeiros modelos americanos Gatling empregados nas guerras da successão, e outros modelos ainda, como adeante se verá, quando se tratar do emprego das metralhadoras não automaticas.

Todavia, as metralhadoras accionadas á mão vão cedendo o seu lugar ás automaticas, que usadas já em quasi todas as marinhas e exercitos, não apresentam os defeitos que são attributos das accionadas á mão, embora mais complexas no seu mechanismo, o que, aliás, não podia deixar de ser.

### Classificação

As metralhadoras *accionadas á mão*, dividem-se em dois grupos: de *rotação* e de *canos fixos*.

Nas de rotação estão comprehendidas as *Gatling*, *Nobel* e *Claxton*, alem dos canhões revolvers Hotckiss e Krupp. Estes dois ultimos typos de 25, 37, 40, 47 e 53 millimetros de calibre, não são descriptos.

Nas metralhadoras de canos fixos temos a distinguir as de *canos enfeixados* e as de *canos dispostos no mesmo plano horisontal*.

Nas de canos enfeixados comprehendem-se as Reffye, Chevalier et Grenier, Stefens, Christofle e Montigny.

Nas de canos dispostos no mesmo plano horisontal: Agar, Gardner, Albertini, Hamann, Palmecrantz, Prath e Whitney e Nordenfeldt.

Faremos em seguida uma ligeira referencia a cada uma destas metralhadoras.

Para mais facil comprehensão da ligeira referencia que vamos fazer a alguns modelos de metralhadoras, devemos dizer que as operações indispensaveis para o tiro destes engenhos, quer accionados á mão quer automaticos, são, como em todas as armas de fogo, realiza-

das por mecanismos para *introdução de cartucho na camara, obturação, percussão e ejeção*, mas teem mais do que ellas o mecanismo de alimentação, importantissimo para todas.

(*Continúa*).

CAP. BUGALHO.



## Pangermanismo e alliança militar dos povos latinos

(*Conclusão*)

### XII

E' antigo, em Portugal, o pensamento de popularisar a instrucção militar. Primeiramente, existiram as milicias e as ordenanças, que tão bons serviços prestaram na guerra peninsular. Depois, instituiu-se a guarda e os batalhões nacionaes cuja coragem e disciplina os egualava ás tropas regulares.

Nos ultimos annos, a influencia das ideias suissas e os boatos de invasão estrangeira abriram ao povo as carreiras de tiro, sendo já importantissimo o numero de cidadãos adestrados no exercicio de fogo.

Em virtude de instancias minhas, o sr. conselheiro general Pimentel Pinto, sendo ministro da guerra, creou, por Decreto de 10 de outubro de 1902, um curso de educação militar, no Real Instituto de Lisboa, tendo por fim desseminalar a instrucção completa do soldado e ha-

bilitar devidamente os candidatos a officiaes de infantaria da reserva.

Com taes precedentes, que teem naturalmente mantido, no espirito publico, uma disposição favoravel ao cumprimento do primeiro dever civico, não será difficil emprehender toda a obra que a gravidade da conjunctura urgentemente impõe.

De facto, torna-se indiscutivelmente necessario :

1.<sup>o</sup>— que o serviço militar seja obrigatorio e geral, ficando pertencendo ao exercito activo e reservas todos os cidadãos validos de idade comprehendida entre 20 e 40 annos, inclusivè ;

2.<sup>o</sup>— que se estabeleça a instrucção militar em todas as escolas, associações e parochias, sendo ainda conveniente augmentar a distancia dos alvos, nas carreiras de tiro ;

3.<sup>o</sup>— que se dê aos candidatos a officiaes da reserva uma preparação litteraria e technica, completa, aproveitando-se para esse effeito as escolas existentes ;

4.<sup>o</sup>— que, para tirocinio dos quadros de todas as armas, se organise uma brigada mixta, *normal*, com um permanente effectivo de guerra e os necessarios campos de manobra e exercicio de combate ;

5.<sup>o</sup>— que se criem 6 corpos de exercito, no continente, respectivamente incumbidos da defeza terrestre de Lisboa e das diversas linhas de invasão ;

6.<sup>o</sup>— que os serviços de recrutamento, reserva e material para cada corpo de exercito, fiquem a cargo dos necessarios depositos, aquartellados na respectiva região ;

7.<sup>o</sup>— que se generalise a todo o paiz a constituição das guardas municipaes afim de occorrer ao policiamento e á defeza especial das principaes povoações ;

8.<sup>o</sup>— que se militarise o pessoal dos caminhos de ferro e dos telegraphos ;

9.<sup>o</sup>— que se defenda efficazmente o porto de Lisboa ;

10.<sup>o</sup>— que se fortifiquem os Açôres e Madeira, onde haverá tambem as necessarias tropas de infantaria ;

11.<sup>o</sup>— que se subordinem todas as tropas a um com-

mando em chefe, junto de quem funcionará um conselho composto dos officiaes que demonstrem mais relevante merito militar;

12.º — que se applique ao exercito toda a verba que o orçamento do Estado lhe destina, e que se esta ainda fôr insufficiente para o seu progresso, que se sacrificuem á defeza nacional as largas receitas que, frequentemente, se desperdiçam em coisas estranhas aos interesses do paiz.

E assim Portugal terá os 324:000 soldados, devidamente instruidos, armados e municiaados, de que absolutamente carece para assegurar a sua independencia, quer combatendo isoladamente, na hypothese de uma invasão, quer incorporado no grande exercito latino.

### XIII

A raça latina, ao contrario do que affirmam alguns pessimistas, mal intencionados ou cegos de espirito, percorre ainda o ramo ascendente da sua ampla curva historica. Para o attestar, ahi estão, com a mais poderosa das eloquencias, o seu devotado e singular amor por todas as formas do Bem, o esplendido cunho esthetico que anima as suas concepções, a exuberancia da sua scintillante e profunda Litteratura, a sua enorme actividade agricola, industrial e commercial, e o espantoso numero de inventos, com que vae incitando o progresso e que é maior do que o produzido pela somma dos pensadores oriundos de todas as outras raças. (\*)

Se a Hespanha, cujas eminentes qualidades creadoras se revelam superiormente nas suas escolas de pintura e de musica, se Portugal, esse povo sonhador, intelligente e temerario, não teem acompanhado, em toda a linha, a França e a Italia, é porque a sua nefasta politica interna obstou á evolução natural das suas forças

---

(\*) Assim se conclue das Estaticas de inventos, registados em todo o mundo, que existem na Repartição da propriedade industrial do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

mentaes e economicas. A politica interna, na peninsula, tem sido escalracho que absorveu quasi todas as energias uteis, tem sido pantano cujas emanções mephiticas empaludaram muitas e muitas consciências. Por isso, nem a educação civica nem uma instrucção bem orientada e diffundida poderam eliminar ainda todos os defeitos provenientes do atrazo de que enferma a sociedade iberica.

A raça latina, pela sua psychologia nobilissima, pela sua grande capacidade productiva e generalisadora, e ainda porque foi o campo onde, com maior brilho, resplandeceu o ideal christão, occupa o lugar de honra na Historia moderna da Humanidade. Filha espiritual de esse modelar povo — a Grecia, que, do alto do seu pedestal de grandeza, illuminou radiosamente o mundo, a raça latina, pelas suas concepções artisticas e scientificas, rasgou ao pensamento os mais vastos horizontes do Bello e da Verdade; pelas suas descobertas e fecundo labor, abriu ao mundo caudaes de riqueza, e, pelas suas reformas politicas e sociaes, proclamou ás consciências o reinado da Justiça e da Liberdade.

São latinas muitas das maiores obras do genio humano. Descartes creou a geometria analytica, e Monge a geometria descriptiva. Lagrange é auctor do calculo das variações. Gallileu descobre o movimento da Terra e imagina o thermometro. Laplace formula as primeiras theorias mathematicas do systema solar e explica a constituição do Universo. Le Verrier accusa a existencia do planeta Neptuno. Galvani e Volta encontram a electricidade. Marconi estabelece a telegraphia sem fios. Os Curie apresentam o radium. Daguerre e Niepece inventam a photographia. Lavoisier funda a chimica. Berthelot consegue as primeiras syntheses organicas. Lapparent esboça os continentes e os mares nos diversos periodos geologicos. Pasteur cura a raiva, e Roux a diphteria. O padre Bartholomeu de Gusmão inicia a navegação aëria, os Montgolfier aperfeiçoam-n'a, Dumont e Lebaudy conseguem dar-lhe rumo. Eiffel realisa construcções gigantescas. Comte synthetisa philosophicamente todas as sciencias e lança as bases da

sociologia. Camões, Dante e Victor Hugo são os primeiros poetas do mundo. Raphael, Miguel Angelo, Velasquez e Murillo immortalisam-se pela téla, da qual hoje a França possui a hegemonia. Bellini, Donizzeti e Rossini escrevem partituras sublimes. Verdi é grandioso em todas as phases que caracterisam a evolução musical do seu tempo. Meyerbeer campõe as suas principaes obras em França, paiz onde Mozart, Ambrosio Thomaz, Berlioz, Gounot e ultimamente Massenet e Saint-Saens, attingem as culminancias da gloria. Na politica, não tem rival Richelieu, Pombal e Cavour. Nos campos de batalha, Napoleão hombraia com Alexandre e Cesar.

Foi ainda a raça latina quem arrancou dos mysterios da lenda e do desconhecido as maiores regiões do globo. Vasco da Gama abre o caminho maritimo para a India. Outros portuguezes descobrem a configuração da Africa, ficando immortaes Diogo Cão, Gil Eannes e Bartholomeu Dias. A America é assignalada de Norte a Sul pelos Côrte-Reaes, Colombo, Alvares Cabral e Fernão de Magalhães. Depois, succedendo aos navegadores os capitães e os missionarios, erguem-se dos velhos e dos novos mundos esses bellos emporios que tanto impulsionaram a civilisação.

A raça latina, pelos feitos gloriosissimos com que esmaltou a Historia, pelos serviços excellentemente relevantes que prestou e presta á Humanidade, não pode nem deve pois consentir que lhe encerrem o luminoso cyclo da sua influencia benefica. Por isso, os povos que a compõem precisam de conjurar o pangermanismo, por meio de uma solida alliança militar, afim de que, ao surgir para sempre, no Ceu da Justiça, o sol da Paz, não se patenteie á piedade do mundo a vassallagem do seu enorme poderio affectivo e intellectual a outra raça de stirpe muito menos nobre e de funcção muito menos util.

ANTONIO CABREIRA

Cavalleiro da Legião de Honra



## SOLDOS

---

Não podemos de fôrma nenhuma deixar de continuar na propaganda, em que ha annos andamos empenhados, no sentido de vêr o exercito attendido na sua mais instante e justificada reclamação.

Chega-nos ao conhecimento que o illustre ministro da guerra, sr. conselheiro Vasconcellos Porto, está no proposito firme e deliberado de apresentar ao parlamento, que em breve se vai abrir, uma proposta de lei tendente a libertar os officiaes do exercito da precaria situação economica em que se encontram.

Acreditamos na sinceridade dos propositos do sr. ministro da guerra, porque bem sabemos quanto S. Ex.<sup>a</sup> avalia uma situação que não pode nem deve mais prote-lar-se.

Não sabemos, porém, qual a maneira porque o problema será encarado e como o resolverá o sr. ministro.

Tanto melhor para nós, tanto mais commoda e desembaraçada será a nossa propaganda, que não tem outro ideal nem outra ambição mais do que ser util ao exercito, procurando bem servir a nossa patria bem amada.

A primeira medida que o exercito reclama, porque é iniquo tudo o que se tem passado com a tal celebre lei da salvação publica, é a extinção por completo do imposto de rendimento.

Não se comprehende que o estado lançando mão de uma medida violenta, mas imposta pela fatalidade do momento, para acudir á salvação economica do paiz, medida de transição, medida que segundo o proprio espirito da lei devia desapparecer logo que desapparecessem as causas occasionaes que a determinaram, tenha, com absoluta

illegalidade, deixado subsistir tão iniquo imposto durante o longo periodo de 15 annos!

Não se comprehende que esse imposto, que não é equitativamente distribuido por todos os filhos da nação, mas sim dirigido directamente aos funcionarios, quer civis quer militares, subsista descarovelmente diante do augmento exaggerado e desproporcional que durante esses 15 annos tem tido o preço dos generos indispensaveis á vida.

E' uma anomalia, é um contrasenso, é um despaute-rio e, talvez, um abuso isso que se tem praticado.

Portanto, como primeira medida attinente ao fim que se procura—melhorar a precaria situação economica dos officiaes—entendemos nós, entende todo o exercito, que deve ser a extincção d'esse injusto e absorvente imposto de rendimento.

Absorvente dizemos nós e dizemos muito bem.

Um coronel, ao cabo de 35 annos de serviço consa-grado ao bem e á prosperidade do nosso paiz, tem como recompensa mediocre dos seus longos trabalhos e respon-sabilidades, o soldo mensal de 90\$000 réis.

Mas acaso o coronel portuguez recebe esse pequeno vencimento? Não; é cerceado, é absorvido pelo tal im-posto de rendimento, a ponto de pouco mais de 70\$000 réis mensaes ser o soldo que realmente recebe.

Isto não pode ser.

E' uma iniquidade, é faltar á fé dos contractos, é uma refalsada hypocrisia.

Vamos agora fazer uma pequena comparação com o soldo da reforma dos nossos coroneis com o dos corô-neis allemães, tendo em vista a ultima tarifa de soldos do exercito allemão, que é de julho do corrente anno.

Emquanto que um coronel portuguez tem 90\$000 réis nominaes por mez ao fim de 35 annos, o coronel allemão tem 137\$253 réis, considerando o marco ao cambio de 225 réis.

E acaso esta differença tão extraordinaria, porque a verdade é que o coronel reformado allemão vence quasi o dobro do que o coronel reformado portuguez, é ba-seada na carestia da vida na Allemanha?

Não; é exactamente ao contrario.

Emquanto que os tecidos são todos incomparavelmente mais baratos na Allemanha do que em Portugal, os generos alimenticios tornam a vida em Berlim, que por ser a capital é a que tomamos para ponto de comparação, muitissimo mais barata do que em Lisboa.

Assim, temos a carne de vacca, a vitella, o chouriço e o pão mais barato do que em Lisboa; o peixe e a manteiga custam metade, precisamente metade porque se adquirem na nossa capital; o assucar de 1.<sup>a</sup> qualidade custa a 170 réis o kilo, e não queremos fallar na cerveja e em mil outras coisas que tanto concorrem para o barateamento da vida na Allemanha.

Pois apesar d'isso os officiaes teem ali uma remuneração que, nem sequer como aspiração nós podemos pedir para os nossos camaradas.

A titulo, porém, de curiosidade, sempre vamos apresentar a tabella dos soldos mensaes dos officiaes na effektividade do serviço na Allemanha.

Alferes .....	42\$200
Tenente .....	54\$300
Capitão .....	62\$300
Capitão de 1. <sup>a</sup> classe .....	105\$000
Major .....	151\$600
Tenente-coronel .....	163\$650
Coronel .....	191\$500 (*)

E' inutil proseguir, porque estas differenças já são de si esmagadoras.

Um capitão de 1.<sup>a</sup> classe vence na Allemanha tanto como um coronel do nosso exercito!

Mas note-se que são soldos reaes, soldos positivos, sem deducções absorventes que ainda mais pungente e amargurada torna a nossa precaria situação.

Em face do que fica exposto, pergunta-se, será de

(\*) N'estas contas desprezamos os minimos e arredondamos os numeros, entrando com o marco a 225 réis.

mais, poderá alguém achar exaggerada a tabella formulada pelo ex-ministro da guerra, o sr. Pimentel Pinto, tabella que hoje seria uma realidade no nosso exercito, se circumstancias tão imprevistas e até hoje ainda não explicadas não tivessem produzido uma mudança na governação do estado?

Por certo que ninguém poderá vêr na tabella que segue o menor exaggero.

Alferes . . . . .	40\$000
Tenente . . . . .	50\$000
Capitão . . . . .	65\$000
Capitão de 1. <sup>a</sup> classe . . . . .	70\$000
Major . . . . .	80\$000
Tenente-coronel . . . . .	90\$000
Coronel . . . . .	115\$000

Isto é o que modestamente pedem os officiaes de infantaria, resalvando as devidas differenças de gratificação para os seus camaradas das differentes armas.

E era isto precisamente o que seria lei do paiz se se não tivessem dado as taes circumstancias a que já nos referimos.

O sr. ministro da guerra tem um vasto campo aonde pode, com proveito do paiz, com vantagem para o exercito e com honra para o seu proprio nome, empregar as suas grandes faculdades de trabalho, servidas por uma intelligencia lucida e bem intencionada. Mas toda a sua obra ficará esteril se como base, não tiver a garantir um funcionamento regular, a libertação de uma situação economica que hoje esmaga e subverte o corpo de officiaes do nosso exercito.

O que se pede acima é um limite reputado como minimo das legitimas aspirações do exercito, mas que carece do complemento fundamental da extinção do imposto de rendimento, a que tambem já alludimos.

O sr. ministro da guerra bem sabe que a nossa proffissão é tão cheia de responsabilidades que mesmo quando se resiste valentemente a um cerco apertado e violento, como o general Stoessel resistiu em Porto Arthur, corre-

se o risco de encontrar n'um conselho de guerra a condemnação que Stoessel encontrou, não obstante a admiração que produziu na propria Allemanha militar o seu heroismo.

Por isso o official precisa não só consagrar-se de corpo e alma ao estudo da difficil carreira das armas, mantendo sempre a aristocracia da sua profissão no plano de honra em que ella deve estar, mas tambem manter o seu espirito n'um grande plano de elevação moral que lhe forneça resistencia, para esta grande lucta da vida na preparação para a guerra.

Mas isto não pôde nunca acontecer quando o official arrasta uma vida economicamente precaria, quando veja morto o seu futuro pela paralisação das suas promoções, quando encontre na reforma meios tão mediocres que nem possa manter as necessidades creadas durante a effectividade do serviço.

E' preciso, pois, que o sr. ministro da guerra attenda tambem à situação dos reformados do exercito, que foram os nossos mestres e aquelles a quem, na sequencia natural das coisas, nós seguimos na sua esteira.

E ainda aqui seja-nos permittido apresentar uma tabella dos officiaes allemães reformados, com 35 annos de serviço.

Alferes .....	31\$700
Tenente.....	40\$200
Capitão .....	62\$300
Capitão de 1. <sup>a</sup> classe .....	79\$200
Major.....	113\$600
Tenente-coronel .....	122\$900
Coronel .....	137\$300 (1)

E' claro que não nos temos referido aos officiaes generaes, que na actividade do serviço teem grandes soldos, recebendo um commandante de corpo do exercito 6 con-

(1) Numeros redondos.

tos de réis annualmente, porque não desejamos alongar este artigo.

Todavia, sempre diremos que o general de divisão reformado com 35 annos de serviço recebe o soldo de 231\$200 réis por mez, e tendo 40 annos de serviço, 244\$800 réis.

O que fica exposto é de sobra para mostrar quanto o exercito portuguez tem justiça em pedir aos poderes constituídos que olhem com a attenção com que devem olhar para as circumstancias economicas dos officiaes.

Temos fé que o sr. ministro da guerra resolverá o problema de modo que merecerá applausos de todos nós.

Assim o desejamos.



## OS SARGENTOS

Mais uma vez chamamos a attenção do sr. ministro da guerra para a situação dos sargentos do nosso exercito.

Essa classe tão prestimosa e que constitue, sem a menor contestação, os nossos mais valiosos auxiliares, merece todas as attensões e cuidados dos poderes constituídos, não só no tocante a melhorar-se a sua situação economica, que é apertada em demasia, mas tambem com o fim de ser tomado na maior consideração o seu futuro e a sua situação presente nos corpos de tropa.

As melhorias de readmissão devem aumentar como

estímulo para prender o sargento nas fileiras, correspondendo ao mesmo tempo a uma remuneração condigna aos seus serviços e á sua posição social.

E' preciso que o estado assegure e garanta ao official inferior, cursando, pelo menos, o 2.º periodo de readmissão, meios pecuniarios que possam fazer face aos encargos de familia.

Por outro lado é absolutamente indispensavel que os officiaes inferiores tenham, quando passam á reserva, preferencia de character serio e positivo para poderem ser providos em empregos publicos, que melhor serão sempre desempenhados por quem tenha o espirito de disciplina e tenha sido educado nas grandes lições de ordem, murigeração e economia.

O pret dos nossos officiaes inferiores é insignificante, e a situação economica de um primeiro sargento cursando o ultimo periodo de readmissão não é de molde a assegurar e garantir o sustento de sua familia.

E' um estudo a fazer e é um ponto serio a considerar este de melhorar o estado economico da classe dos sargentos.

Não largaremos mão d'este assumpto, que reputamos como um dever que se nos impõe pelo muito que presamos e queremos aos nossos officiaes inferiores, cujo auxilio valioso par tantas vezes e em situações bem difficeis temos avaliado em toda a sua plenitude.

E' um sentimento de justiça o que nos encaminha n'este proposito, e é ainda a consagração de uma eterna verdade—de que a ninguem póde interessar mais o bem estar dos sargentos do exercito do que aos seus officiaes, — que com elles contam não só na vida quotidiana da caserna, mas tambem nos arduos e arriscados trabalhos de instrução e de campanha.

Um mal que hoje afflige os corpos é a defficiencia numerica dos sargentos.

O numero é o mesmo que tem sido ha muitos annos, mas os impedimentos tem augmentado a ponto que se considera uma companhia feliz aquella que em vez de 4 tiver 2 sargentos ao serviço.

E considera-se feliz por que, infelizmente, o maior

numero das nossas companhias tem um só sargento para todo o serviço.

Não é só augmentar esmagadoramente o serviço e o trabalho d'esse que desempenha as funcções de 4, mas é ainda diminuir a fiscalisação nos serviços das companhias, apoucar a sua instrucção e até enfraquecer a propria disciplina.

Como obviar a este inconveniente que é grave?

Evitando os impedimentos por fórma que em caso algum uma companhia possa ter impedido fóra do seu serviço mais do que um sargento.

Criando-se um corpo de amanuenses militares sahido da classe dos sargentos, mas que não preencham vagas nas companhias.

Completando-se os quadros, dando-se o pessoal respectivo a serviços novos e creações novas.

Emfim, providenciando-se de fórma que. á parte o caso excepcional de doença ou goso de qualquer licença, uma companhia nunca possa ter menos de 3 sargentos ao seu serviço.

Resumindo estas ligeiras considerações, achamos de todo o ponto indispensavel que os poderes constituidos olhem e attendam com todo o cuidado para essa prestimosa classe dos sargentos, que merece em toda a parte do mundo os maiores desvellos pelo muito que auxilia o corpo de officiaes do exercito.

E essa attenção, esse cuidado deve ser moral, prendendo-os nas fileiras, alimentando-lhe a legitima e justa ambição na recompensa do futuro, garantindo-lhes uma posição social condigna no meio da classe civil; deve ser material augmentando os subsidios de readmissão no serviço activo; e de ordem profissional, proporcionando-lhes um trabalho regular e methodico, onde possam dilatar os seus conhecimentos e auxiliar effizazmente a instrucção das praças das suas companhias.

N'este momento, o parlamento italiano acaba de votar uma importante lei no sentido de melhorar a situação economica dos sargentos d'aquelle exercito.

O pret do 2.<sup>o</sup> sargento nos primeiros dois annos de serviço corresponde a 11:490 réis por mez.

Ha, porém, um augmento successivo, que a tabella seguinte dá uma ideia completa :

1.º periodo de readmissão (3 annos) pret mensal	13:090
2.º periodo.....	14:770
3.º periodo.....	16:410
4.º periodo.....	18:060
5.º periodo.....	19:695

Esta singella indicação mostra o cuidado que em Italia consagram á magna questão da melhoria da situação economica dos sargentos.

Voltaremos ao assumpto.

---

## Ao sr. ministro da guerra

---

O nosso muito apreciado collega — «Revista de Cavallaria» — lembra, e com muita razão, que os poderes constituídos devem aproveitar a circumstancia favoravel de estar na tela da discussão um novo contracto com a Companhia carris de ferro de Lisboa, para se conseguir umas certas vantagens para o exercito, que em determinado momento poderão redundar em alto interesse para o bem publico.

Acompanhamos a «Revista de Cavallaria» no seu louvavel intuito, desejando tornarmo-nos solidarios com o collega no pedido feito ao governo. Já houve tempo em que a Companhia carris de ferro de Lisboa fornecia assignaturas aos officiaes do exercito por uma tarifa especial, sendo o pagamento d'essas assignaturas feito aos mezes e descontado nos soldos.

Não sabemos o motivo ou a razão por que se deu este regresso á situação anterior.

Hoje não ha essa pequena vantagem.

Em toda a parte os officiaes do exercito, pela sua alta missão patriotica, pelos sacrificios da sua vida, pela abnegação com que tudo immolam no altar da patria — familia, confortos, saude e vidas — pela escassa remuneração dos seus incomparaveis serviços, pela propria gratidão dos povos, por tudo, enfim, merecem e tem um as pequenas vantagens que até certo ponto lhes dão alento moral e material para esta grande lucha da vida.

Em França, por exemplo, o official quando viaja por conta propria paga 25 0/0 da tabella dos caminhos de ferro, o que muito se distancia da pequena vantagem que temos em Portugal.

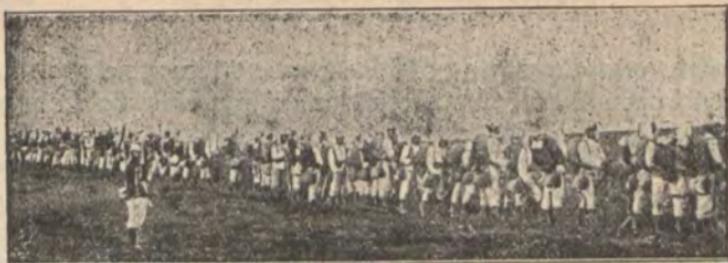
A Companhia carris de ferro de Lisboa, que aufere um lucro espantoso na nossa capital, não faria nada de mais se concedesse uma tarifa especial para os officiaes do exercito em assignatura paga mensalmente, como era d'antes, e uma tarifa tambem especial para officiaes e praças em serviço, o que pode em alguns casos ser de grande utilidade, mórmente em questões de manutenção de ordem publica.

E' nossa crença que a Companhia concedendo este pequeno beneficio não seria desfalcada nos seus interesses, antes pelo contrario, como facil seria demonstrar.

Acompanhando o alvitre da «Revista de Cavallaria» esperamos que s. ex.<sup>a</sup>, o sr. ministro da guerra, empenhe os seus bons officios para favorecer o exercito com uma medida que tem tanta maior oportunidade quanto o novo contracto com a Companhia carris de ferro de Lisboa offerece favoravel ensejo para isso.

Sabemos que a Companhia carris de ferro do Porto concede, desde ha muito tempo, aos nossos camaradas d'aquella cidade, um bonus nas suas assignaturas annuaes, o que prova o criterio, aliás digno de applauso d'aquella companhia nacional, que sem desfalcas os seus interesses, dá assim um testemunho publico de apreço e consideração pela nossa classe e pelos nossos serviços.

Temos fé de que alguma coisa se conseguirá em Lisboa se o sr. ministro da guerra tomando a peito uma questão d'esta ordem empregar toda a sua influencia e valimento em favor dos seus camaradas.



## BIBLIOGRAPHIA

**Novo Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular**, por *Francisco Cardoso de Azevedo*, alferes da Guarda Municipal do Porto.

A importancia d'este utilissimo livro avalia-se pela circumstancia de entrar já na sua 4.<sup>a</sup> edição.

E' sem duvida este o seu maior elogio.

O sr. alferes Azevedo, que, por este modo tem prestado um importante serviço não só aos seus camaradas que, nas differentes secretarias precisam com presteza saber onde fica esta e aquella freguezia do nosso paiz, mas tambem aos individuos da classe civil empregados nos governos civis e administrações de concelho, pretende melhorar consideravelmente e ampliar a sua obra n'esta 4.<sup>a</sup> edição da qual já está publicado o 1.<sup>o</sup> fasciculo.

Assim, neste utilissimo livro encontra-se a denominação official de todas as freguezias do continente e ilhas, por ordem alphetica. depois o concelho, a comarca, o districto administrativo, a divisãõ militar, o districto de recrutamento e reserva a que pertencem, a distancia á séde dos concelhos, destas á dos districtos administrativos, e ainda ás estações dos caminhos de ferro, que dão serventia ás freguezias do continente.

Muitas e muitas outras indicações uteis se encontram no livro a que nos estamos referindo e cuja grande utilidade pratica temos por varias vezes tido occasião de apreciar.

Recommendamos aos nossos camaradas a aquisição do *Novo Diccionario Chorographico* que bem necessario nos é, tornando-se absolutamente indispensavel em todas as secretarias, como já dissemos.

**Guia pratico dos commandantes dos destacamentos e diligencias**, por *Eduardo Ferreira Vianna*, alferes d'infanteria.

Quem, no arduo e difficil serviço de diligencias e destacamentos, se vê obrigado a, separado do seu regimento, commandar tropas por esse paiz fóra, avaliará por certo a grande utilidade

pratica desta *Guia* que, concretizando e reunindo num só diploma toda a vasta materia diffundida por tantos regulamentos e instrucções, offerece aos nossos camaradas, em rapida e facil consulta, tudo quanto em materia de administração lhe é necessario saber.

Applaudimos e louvamos o sr. alferes Vianna pelo seu trabalho, correcto na forma, methodico na esplanação e urdidura, e, sobre tudo, de uma grande honestidade profissional pela inteireza com que os textos regulamentares estão coordenados.

Nenhum capitão e subalerno do nosso exercito, que são aquelles que mais fazem destacamentos e diligencias, poderá prescindir de tão illucidativo e tão util livro.

O sr. alferes Vianna prestou, sem a menor duvida, um grande serviço aos seus camaradas e por isso muito cordealmente o felicitamos, aproveitando este ensejo para agradecermos a gentileza da sua offerta.

---

## Secção do estrangeiro

---

**Allemanha.**—Acaba de organizar-se, perto de Koenigsbruck, um novo campo de instrucção para as tropas saxonias.

A superficie deste novo campo é de 55 kilometros quadradados, pouco mais ou menos, tendo custado cerca 1200 contos de réis e calculando-se em quantia igual a que tem de despender-se para alli se construirem os edificios indispensaveis.

A França começa agora a ligar toda a attenção para esse grande exemplo que está dando a Allemanha, organisando campos de instrucção para todos os seus corpos de exercito.

Nós tivemos a fortuna de ter comprado por uma verdadeira insignificancia o campo de instrucção de Alcochete, mas houve um ministro que, em sua alta sabedoria, achou bom annullar esse importante melhoramento do nosso exercito. A acquisição do campo da instrucção de Koenigsbruck fez desaparecer 3 pequenas povoações.

Dizem de Berlim que nas manobras deste anno a artilheria pesada de campanha vae representar um importante papel.

Os chefes da artilheria allemã julgam que a batalha de Mukden proclamou a decadencia de artilheria ligeira, em face dos grandes progressos da fortificação de campanha.

Parece que se procura este anno como que reproduzir a ba-

talha que em 1870 se deu na ribeira de Kilzpetch, embora em condições diferentes pelos progressos da artilheria moderna.

Estas manobras terão logar a oeste de Breslau.

\*

Nas manobras imperiaes, que no corrente anno serão nas margens do Neisse, vão fazer-se importantes experiencias.

Uma é attinente á artilheria de grosso calibre de campanha, da qual o general japonéz Nogui diz dever a melhor parte dos successos das suas tropas contra os entrincheiramentos dos rusos.

Para esta experiencia são destinados os 5.º e 6.º corpos do exercito.

Vão tambem ensaiar-se differentes modelos de cosinhas rolantes.

Uma d'estas cosinhas é montada n'um automovel.

O rei de Saxe tomará parte n'estas manobras, que são dirigidas pelo proprio imperador Guilherme.

**Bulgaria.**—Os regulamentos de manobra para a cavallaria, e para a instrucção de tiro de artilheria de campanha e de montanha, tiro rapido, são de 1905.

No principio d'este anno foram provisoriamente adoptados os seguintes projectos de Regulamento:

a) para exercicios e combate de infantaria;

b) para manobra de artilheria de campanha de tiro rapido (1.ª e 2.ª partes—escola de peça e de bateria).

c) para manobra de artilheria de montanha de tiro rapido (tambem 1.ª e 2.ª partes).

Dantes os regulamentos bulgaros eram inspirados pelas ideias russas, mas depois dos desastres na Mandchuria a Bulgaria começou a vêr com outros olhos os regulamentos das potencias occidentaes da Europa.

Assim temos que o seu regulamento de manobra da cavallaria é baseado sobre os regulamentos italianos e francez; o regulamento de manobra da infantaria é uma traducção quasi litteral do regulamento francez de 3 de dezembro de 1904; a instrucção de tiro de artilheria é tambem uma adaptação do regulamento francez de 8 de junho de 1903.

**França.**—Em Verdun apresentaram-se em dois dias consecutivos de julho deste anno onze desertores do exercito allemão, entre os quaes um sargento, e que solicitaram a sua incorporação na *legião estrangeira*.

Estes desertores, cujo numero não pode deixar de produzir uma grande impressão, foram enviados para Marselha afim de serem realmente alistados na tal *legião estrangeira*.

Estes dois factos ferem a nossa attenção:—um a facilidade e

a falta de patriotismo com que soldados allemães transpõem a fronteira e vem solicitar na praça de Verdun não o auxilio da bandeira franceza mas a honra de a defender, alistando-se na *legião estrangeira*;—o outro, haver ainda em França, em pleno seculo XX, uma *legião estrangeira*.

**Estados-Unidos.**— Em *Oyster Bay*, pequeno porto onde Mr. Roosevelt tem a sua residencia de verão, reúne-se no dia 3 do corrente a maior esquadra nacional que as aguas americanas teem visto. O ministro da marinha dos Estados-Unidos passará revista a 12 couraçados de esquadra e 4 cruzadores couraçados.

**Inglaterra.**— Segundo o «Daily Mail» foi muito commentada na Inglaterra, principalmente nos centros militares, a formula usada pelo Rei Eduardo VII quando, presidindo á cerimonia do licenciamento do 3.º batalhão da Guarda Escoceza, disse — *O meu governo julgou necessario reduzir o orçamento do exercito, etc.*, quando a formula habitualmente usada era — *Julguei necessario, de accordo com o meu conselho de ministros, reduzir o orçamento do meu exercito, etc.*

Parece que o Rei Eduardo não aceita de boa mente as medidas de Mr. Haldane, ministro da guerra da Grã-Bretanha.

\*

As tendencias alarmantes do espirito dos povos do Egypto contra a occupação ingleza tem despertado na Inglaterra o mais vivo interesse.

O estado-maior do exercito de occupação, cuja séde é no Cairo, tem trabalhado noite e dia para preparar tudo para que esse exercito seja convenientemente reforçado, ficando em pouco tempo prompto para oppor-se a qualquer insubordinação.

**Suecia.**— Nos ensaios comparativos, que recentemente se fizeram com baterias couraçadas, verificou-se que as baterias sem protecção, na mesma unidade de tempo, perderam 73 p. c. dos seus serventes, ao passo que as baterias protegidas apenas perderam 17 p. c. do seu pessoal.

Reconheceu-se tambem que ha necessidade de se usar granadas brisantes ao lado dos shrapnels.

**Russia.**— O exercito moscovita possui hoje 114 companhias de metralhadoras a 8 peças, ou sejam 912 metralhadoras.

Em 1900 possuia a Russia apenas 32 metralhadoras. Em 1901 adquiriu mais 40. Em 1903 encommendou 230.

Hoje tem a bonita cifra que acima se vê, o que mostra a grande importancia que a Russia liga a esse engenho de guerra, o que tem uma alta significação por ser em seguida a uma guerra.

**Japão.** — Tal como fizeram os allemães em seguida á guerra de 70, os japonezes collocaram agora em frente do palacio imperial do Mikado, em Tokio, o seu grande tropheu de guerra, constituido por todas as armas e peças tomadas aos russos durante a campanha da Mandchuria.

Esse tropheu é composto por 70:000 espingardas, 1:150 bayonetas, 85 lanças, 281 boccas de fogo de campanha, 178 boccas de fogo de posição (grosso calibre) e 52 metralhadoras.

Junte-se a isto os navios tomados aos russos e os que foram postos a nado depois da guerra, e veja-se qual a importancia que tem para um paiz o cuidado, o interesse e a dedicação que todos os homens publicos devem ter por tudo quanto se correlaciona com a defeza nacional.

\*

O exercito japonéz acaba de perder um dos seus generaes mais illustres, o barão de Kodama, que foi chefe do estado maior general na ultima guerra, e a quem se attribuiu uma alta influencia nas operações d'aquella gloriosa campanha.

Era ainda relativamente novo, pois apenas tinha 54 annos de idade, tendo sido nomeado em abril do corrente anno para substituir o marechal Oyama, quando se retirou do serviço.

Foi um notavel governador da ilha Formoza e ministro da guerra.

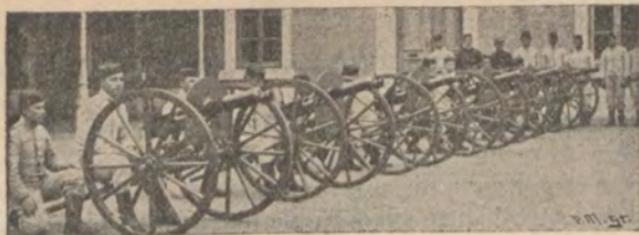
Quando em 1891 se deu grande incremento á construcção do caminho de ferro transiberiano, Kodama disse, com a grande e prophetica previdencia do seu alto espirito, que esse caminho de ferro acarretaria fatalmente uma guerra entre a Russia e o Japão.

Durante a sua gerencia da pasta da guerra, que começou em 1900 e terminou quando rebentou a guerra, o general Kodama empregou os seus melhores esforços, e com o exito que o mundo inteiro acaba de verificar, na preparação do exercito japonéz para essa guerra, que elle bem sabia que teria de rebentar fatalmente, mais anno menos anno.

Já na guerra anterior (1894-95), Kodama foi chefe do estado maior do marechal Iamagata, tendo tambem desempenhado um notavel papel.

Acompanhamos os nossos camaradas do Japão no doloroso sentimento pela perda de tão distincto e notavel general.





# REVISTA DE INFANteria

## METRALHADORAS

(Continuado do n.º 9—1906)

### Metralhadoras de rotação (\*)

**Gatling.**—Esta metralhadora, americana, e que foi empregada na guerra da Seceção da America, do Norte, é formada de 10, 8, 6 e 5 canos dispostos em torno de uma arvore central. Metralhadoras de um só cano, do mesmo auctor, foram tambem empregadas n'aquella guerra.

Em geral comprehendem um caixilho de ferro formado de duas longas superficies reunidas na frente por uma especie de braçadeira; e na retaguarda por um cylindro que tambem envolve e protege o machinismo.

A arvore do movimento é uma forte haste cylindrica, de aço, ajustada á frente na braçadeira de que acima se falla e á retaguarda no fundo do cylindro que envolve o machinismo. Esta arvore supporta dois pratos de ferro. No da retaguarda são aparafusados os canos, que são mantidos em posição pelo apoio em

(\*) «Notes sur les mitrailleuses», par le capitaine Mléneck.

furos que o da frente contem e nos quaes escorrega com justeza.

O movimento de rotação d'esta arvore é obtido ou por meio de uma roda de angulo, dentada e calada na arvore e movida por um carroto de dentes obliquos cavilhado sobre um eixo que atravessa a base do cylindro protector e tendo no extremo uma manivella; ou por uma roda de dentes obliquos engrenando n'um parafuso sem fim cavilhado n'um eixo com manivella. Para uma rotação completa, com o primeiro systema são precisas pouco mais de tres voltas da manivella; com o segundo dão a rotação com duas voltas exactas.

Nas metralhadoras de 5 canos a manivella é montada directamente sobre a arvore do movimento, dispensando as engrenagens intermediarias.

Os cartuchos são introduzidos nos canos por meio de um carroto ou tambor receptor calado na arvore e com aberturas feitas exactamente no prolongamento dos canos.

Este carroto é mantido na posição desejada por meio de uma pequena alavanca com mola que não lhe permite rodar ao contrario, e por meio de uma especie de ferrolho que a fixa, para que durante o tiro não salte fóra do seu logar.

O mechanismo de percussão é constituido pelos porta-percutores ou culatras-moveis, os pistons-guias e a manga directriz em helice e fabrica-se em dois modelos differentes. Fazem-se funcionar simultaneamente quando a arvore roda, por meio de camas convenientemente dispostas.

Estas metralhadoras são tambem munidas de um apparelho de segurança simples, mas que a garante.

Os cartuchos são dispostos em caixas especiaes, chamadas *caixas de carregamento*, que teem, quer a fórma rectangular, quer cylindrica. Estas caixas distribuem os cartuchos para a alimentação da metralhadora de uma maneira bastante segura e regular.

Para a alimentação d'esta metralhadora empregouse posteriormente o distribuidor *Accles*, que, sendo tambem uma caixa cylindrica, é engenhosamente cons-

truido, assegurando bem a alimentação da metralhadora.

Este distribuidor, interiormente em fôrma de helice, contem os cartuchos, que, dispostos por esta forma, são forçados a sahir por uma unica abertura pelo seu proprio pezo e pelo dos outros.

Qualquer d'estas caixas de carregamento são dispostas sobre a metralhadora em lugar adequado, e com o movimento de manivella os cartuchos são introduzidos nas aberturas do tambor ou carroto de carregamento.

As metralhadoras Gatling, muito pezadas nos primeiros modelos, foram pouco a pouco aligeiradas, ao mesmo tempo que se aperfeçoavam mais, e hoje o seu pezo varia de 50 a 200 kilos, conforme o calibre.

Quanto á velocidade de tiro, nos primeiros modelos não se conseguia mais de 100 a 300 por minuto; depois essas velocidades, com os aperfeçoamentos que soffreram, foram augmentadas, attingindo até 800 as de 5 canos e até 1:000 as de 10, segundo os calibres.

**Nobel.**—A metralhadora *Nobel*, construida em 1872, é uma modificação da precedente, e foi imaginada pelo general russo Gorloff.

E' constituida por 10 canos, a que se dá movimento muito rapido por meio de uma manivella montada na propria arvore.

Estes canos, mais curtos que na metralhadora Gatling de 10 canos, não são aparafusados á retaguarda, como n'estas, e sim seguros pelo aperto e cravados. Tanto os canos como o machinismo são totalmente protegidos por um envolucro de bronze que os preserva da poeira e da ferrugem.

Este envolucro tem umas guias em helice, que servem, uma as culatras, outra os cães.

O machinismo é muito semelhante, em principio, ao das Gatling primitivas, e possui tambem um de segurança.

A alimentação é conseguida, ou por meio de caixas de carregamento analogas ás de Gatling e contendo 25 cartuchos, ou por tambores divididos em doze se-

ctores, contendo cada um 14 cartuchos (168 total), e movidos automaticamente por intermedio de uma pequena cama actuando sobre saliencias dispostas na periphèria do tambor com intervallos eguaes, um por sector.

Esta metralhadora, apenas com 53 kilos de pezo, facil de desmontar e machinismo bem protegido, não provou bem nas experiencias a que foi submettida, soffrendo muitas interrupções durante o seu funcionamento.

**Claxton.**—Esta metralhadora, americana tambem como a Gatling e uma das mais antigas de rotação, era construida não só para projecteis da espingarda Chassepot, como para outros com 126 grammas de pezo.

Era composta de um caixilho girando em volta de um eixo, com 6 ou 8 canos estriados, que vinham successivamente, dois a dois, collocar-se diante de dois machanismos de disparar, formando assim como que duas espingardas de carregamento pela culatra, dispostas ao lado uma da outra e fazendo fogo simultaneamente. Uma especie de bomba de manivella, situada entre os dois machanismos, era posta em movimento por um servente, ao mesmo tempo que um outro carregava os canos.

A rapidez do tiro, que d'esta forma dependia do desembaraço do servente, nunca passou de 90 tiros por minuto.

### **Canhão revolver Hotchkiss e canhão revolver Krupp.**

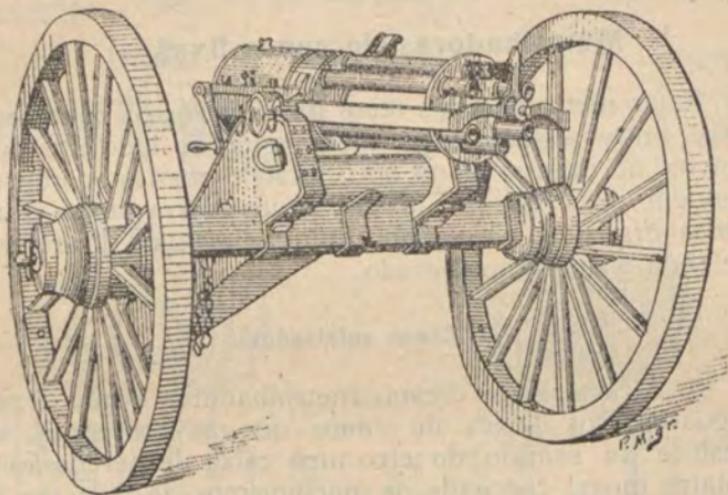
—Os *canhões revolvers Hotchkiss* são caracterizados pela rotação dos canos, sem rotação da platina de carregamento, que comprehende um piston de carregamento, um percutor e mola e um extractor.

Os canos são solidarios com uma arvore que recebe movimento de rotação por meio de um parafuso sem fim movido por manivella e que engrena em 6 cylindros parallellos aos canos e fixos n'um prato no extremo da arvore. Esta disposição tem o fim de con-

seguir na posição para o tiro que os canos estejam fixos no seu lugar, embora a manivella se mova.

Estas armas, que lançam projecteis de 450 a 1.100 grammas, são peizadas (de 210 a 1.000 kilos, conforme o calibre) e a rapidez do tiro é de 30 a 60 para calibres de 37<sup>mm</sup> e 40<sup>mm</sup> e de 30 a 40 para calibres de 47<sup>mm</sup>.

O *canhão-revolver Krupp* de 4 canos, atirando projecteis de 25<sup>mm</sup>, peza 163 kilos e é posto em movimento por meio de uma alavanca lateral a que se dá movimento de vae-vem.



Impellindo a alavanca para a frente, por meio de uma cremalheira e um carreto na arvore, faz-se rodar os canos, e o piston de carregamento vem á retaguarda. No movimento inverso o piston introduz um cartucho no cano da esquerda, o extractor extrahe o detonado, os canos giram, entrando completamente o cartucho na camara, o percutor solta-se e o tiro parte.

Tanto n'um como n'outro canhão revolver ha duas operações que se fazem ao mesmo tempo: a extracção do cartucho detonado de um cano e introducção de novo cartucho no outro. Como se viu, o *Hotchkiss* em-

prega uma manivella; o Krupp uma alavanca para o movimento do machinismo.

Em ambos uma cremalheira porta-piston de carregamento e outra porta-extractor, movem-se sempre ao mesmo tempo, na mesma direcção, mas em sentido contrario, por meio de um carroto situado entre as duas.

A alimentação, tanto de um como de outro, é feita manualmente, collocando-se os cartuchos em alojamentos especiaes feitos na periphèria de uma larga roda de bronze, cujos movimentos são conjugados com os da arvore da arma.

### Metralhadoras de canos fixos (\*)

Estas metralhadoras teem umas vezes os canos em feixe, outras dispostos parallelamente, ao lado uns dos outros, no mesmo plano horisontal, e por isso comprehendem duas classes: a dos *canos enfeixados* e a de *canos dispostos no mesmo plano horisontal*. Tratemos de cada grupo em separado.

#### I) Canos enfeixados

A caracteristica d'estas metralhadoras é que, á re-taguarda dos feixes de canos que as compõem, se desloca no sentido do eixo uma caixa de percussão e culatra movel contendo os machinismos de disparar, e escorregando sobre as paredes da caixa da culatra.

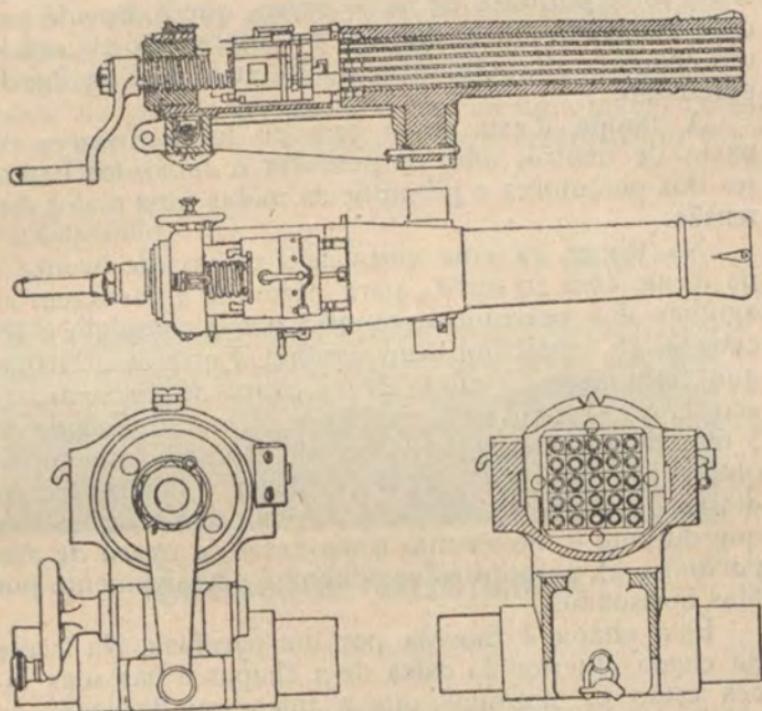
Esta culatra contem tantos percutores quantos canos possui a metralhadora. Os tiros partem successivamente e não simultaneamente, devido á forma porque os percutores estão dispostos e a uma *chapa de disparar*, que, deslocando-se, deixa avançar os percutores um a um.

A alimentação consegue-se pela collocação em logares apropriados na metralhadora de *chapas ou tam-*

---

(\*) «Notes sur les 'mitrailleuses», par le capitaine Mléneck.

*bores de carregamento* que se substituem em cada descarga. O tiro não é pois continuo, e a sua intermitten-  
cia é tanto maior quanto mais lenta fôr a adaptação de  
nova placa de carregamento. A velocidade de tiro de-  
pende pois da habilidade e desembaraço do servente  
muniçador da metralhadora.



**Reffye.**—A metralhadora Reffye, que foi emprega-  
da pelos francezes na guerra franco-prussiana, e na  
qual elles fundavam boas esperanças, conservando-a  
em segredo até ao momento da guerra, é constituída  
por 25 canos de aço dispostos em 5 camadas de 5, sol-  
dados entre si, e envolvidos em 4 chapas tambem de  
aço, que lhe dão a forma de um prisma quadrangular  
recto. Este prisma é envolvido por bronze, que na sua  
parte posterior tem os entalhes e guias para o movi-

mento da culatra. O seu aspecto geral é o de uma peça de artilheria.

Na caixa da culatra move-se, da frente para a retaguarda e da retaguarda para a frente, o aparelho de percussão e a culatra movel.

O aparelho de percussão compõe-se de uma caixa contendo os percutores e molas e ligada na retaguarda a um forte parafuso de largo passo, que é movido por uma manivella fixa a elle. Os percutores são 26, sendo um chamado de segurança, e não tendo este agulha de percussão.

A tampa d'esta caixa tem 26 furos maiores na parte de dentro, afim de permittir o apoio dos batentes dos percutores e permittir ás molas uma maior distensão.

Na frente ha uma caixa de 2 placas (de bronze a da frente com 26 furos), para permittir a passagem ás agulhas dos percutores, (o 26.º não é completo e recebe o 26.º percutor sem agulha). Entre as 2 chapas que formam esta caixa gira a *chapa de disparar*, de aço, com 5 ranhuras longitudinaes, correspondendo ás 5 filas de percutores e tendo cada ranhura cinco furos, que permittem aos percutores fazer a percussão. As dimensões d'estes furos são variaveis e tem posições taes que durante o movimento transversal da *chapa de disparar* os 25 percutores se soltem successivamente por filas horisontaes.

Esta chapa é movida por um parafuso. Na frente da chapa anterior da caixa de 2 chapas e nas suas faces estão os grampos que a ligam ou desligam da culatra movel. Esta é um bloco de aço contendo 25 cartuchos, que trabalham sempre centrados com a caixa de percussão por meio de guias.

Desapertando completamente o parafuso ao fecho, por meio da manivella, elle traz consigo á retaguarda o aparelho de percussão e a culatra, a qual se pode tirar para se substituir por outra, carregada. O aparelho de percussão, na sua marcha para a retaguarda, permite que a sua frente pare, emquanto que a outra parte, continuando o movimento, arrasta os percuto-

res, os quaes se encontram então livres da chapa de disparar. Para carregar basta pois apenas fazer mover a chapa de disparar para a esquerda e collocar outra culatra carregada.

Apertando de novo o parafuso do fecho com a manivella, todo o systema avança, serrando-se, e comprimindo-se as molas dos percutores por estes encontrarem a chapa de disparar oppondo-se ao seu avanço.

Esta metralhadora, pezando cerca de 350 kilos, apenas tinha uma velocidade de 150 tiros por minuto, apesar de possuir 25 canos, o que dá uma media de 6 salvas por minuto. Os seus calibres eram de 13<sup>mm</sup> e 16<sup>mm</sup>.

(Continúa).

CAP. BUGALHO.



## Questões coloniaes

Apezar da minha permanencia nas colonias ser ainda relativamente curta, não resisto á tentação de fornecer aos leitores da *Revista de Infanteria* algumas notas da minha observação pessoal. Bem sei, comtudo, que para muitos não terão interesse de maior importancia porque muitos ha que poderão fornecer, sem duvida, elementos de maior valia. Eu, porem, procedendo d'esta forma julgo cumprir um dever, razão sufficiente para ficar de bem com a minha propria consciencia e me abalançar a esta tarefa.

Apezar de ter familia, que, por todos os titulos, me

prendia ao reino, não quiz também deixar, como muitos outros teem feito, de me enfileirar ao lado d'elles e vir servir nas colonias. E a este respeito devo fazer uma declaração que, apesar de parecer immodesta, não representa mais do que a expressão sincera d'um sentimento verdadeiro. Como portuguez, que sou, reconheci sempre em mim algumas das qualidades ethnicas que tanto teem caracterizado o nosso povo, pois que sempre senti desejos de conhecer as nossas colonias, desejo que em novo me foi despertado pelas leituras que fiz da historia patria, da nossa historia tragico-maritima, e desejo que mais tarde se me arreigou logo que pude avaliar do valor economico que representam, e da influencia politica que ellas podem ter nos destinos da nossa nacionalidade. Parecerá uma immodestia exprimir-me d'esta forma, mas se assim é, devo declarar que em muitos outros camaradas tenho encontrado identico modo de ver, e com a companhia d'esses me dou por muito feliz.

É vulgarissimo ouvir-se dizer que o futuro do nosso paiz está nas suas colonias. Paraphraseando esta maxima verdadeira, eu direi também que o salvaterio do exercito está egualmente nas colonias. Uma nação pequena como a nossa difficilmente poderá ter um exercito continental regularmente constituido. Alem d'outras provas que podia adduzir para confirmar esta asserção, bastará lembrar a campanha enorme, jornalistica e parlamentar, que sempre se levanta a proposito de qualquer medida militar que envolva augmento de despeza. Os sete mil contos que se gastam com o nosso exercito continental, apesar de representarem uma verba insufficiente para o fim a que é destinada, representa, infelizmente, um pezadello aos olhos da grande maioria da nossa nação. E n'estas condições, tarde ou nunca poderemos ter um exercito constituido com todos os elementos, e tarde também poderemos ver realisadas muitas das aspirações que todos alimentamos. Eu sei, devo dizer, que em opposição a este modo de ver se podem apresentar exemplos estrangeiros. Sem dizer, porem, por me parecer desnecessario, algumas das razões que me levam a descrever da fructificação, rapida ou tardia, d'esses exemplos no nosso paiz, mantenho-me na affir-

mativa de que tarde ou nunca poderemos ter um exercito bem constituido.

N'estas condições, forçoso é concluir que o nosso futuro, o futuro de todos os militares, terá de ser bem limitado e bem duvidoso, porque, quando as instituições não progredem, o bem estar dos individuos que constituem os seus diferentes elementos só pode retrogradar. E o que succede com o exercito é precisamente o mesmo que succede com as nações e com os povos, pois que na nação que retrograda não pode haver povo que progrida.

Ora se o exercito metropolitano não pode progredir, o exercito colonial, ou antes a força armada das colonias é que tem de ser fatalmente augmentada e melhorada. O que existe é d'uma insufficiencia lastimosa, insufficiencia que se reconhecerá tanto mais e tanto melhor quanto mais as nossas colonias se forem desenvolvendo. Essa necessidade é hoje manifestamente reconhecida e destacada com toda a evidencia por todos os coloniaes, quer sejam proprietarios, empregados publicos ou commerciantes. Quem falla com o proprietario de S. Thomé ouve-o lastimar a circumstancia de haver apenas uma companhia indigena para guarnecer uma vasta ilha onde vivem milhares de pretos serviçaes. O commerciante de Angola diz tambem que sem se garantir melhor a occupação do interior, que difficilmente lá pode fazer as suas transacções.

Na Guiné, onde existem regiões riquissimas, ninguem ignora que mal se pode sahir da capital e em Moçambique todos sabem egualmente que alem de todos os districtos se acharem com guarnições limitadissimas, existe toda a vasta região macuana, ao norte da provincia, onde não temos dominio de especie alguma.

Sem uma garantia de tranquillidade e paz não póde haver nem desenvolvimento nem progresso, e, por consequencia, sem se collocar a força armada em condições de bem se desempenhar da sua missão, as nossas colonias não poderão caminhar ao par das estrangeiras, nem satisfazer ás exigencias modernas que lhe são impostas.

E dizendo tudo isto, tenho eu por fim mostrar aos

nossos camaradas não só que aqui ha muito que fazer e onde trabalhar proficua e utilmente, mas tambem que é aqui onde todos nós podemos vêr realisadas muitas das aspirações que no reino jámais veremos satisfeitas, porque aqui o argumento do augmento de despeza será sempre rebatido pelas necessidades de tranquillidade e paz, e, por consequencia, pelas proprias exigencias economicas, porque sem aquellas duas garantias, não ha transacções, não ha commercio, não ha cobranças, nem impostos, nem receitas, e sem tudo isso as colonias não vivem nem progredem.

Sob o ponto de vista militar as colonias offerecem-nos um vasto campo de acção onde todos podemos trabalhar com proveito e gloria e onde podemos encontrar futuro com honra, para nós e para o nosso paiz. Logo que esses serviços se montem como é necessario, o paiz encontrará nas colonias vastos recursos economicos e o exercito um alargamento de quadros que a todos nos dê accesso, a que com direito aspiramos, podendo d'esta forma encontrar um futuro, que ahí não temos, que nos compense dos trabalhos que soffremos.

Eu bem sei que no reino não se trabalha menos do que aqui e que o exercito é tão necessario como em outra qualquer parte, mas não posso deixar de dizer tambem que se ahí a existencia do exercito é necessaria, aqui é imperiosa, porque o indigena só á força de repressão é que pôde ser mantido em respeito.

E' por todas estas razões que eu sou levado a dizer que a necessidade de augmentar e melhorar a força armada das colonias será cada vez maior, e que, portanto, só aqui é que poderemos encontrar o futuro que ahí quasi nos é negado. Para que isso se dê, porém, é indispensavel, como de resto tudo aconselha, que o exercito de cá não seja quasi que exclusivamente constituido por subalternos, como presentemente succede. Se esta orientação persistir por longos annos, é evidente que as colonias não poderão offerecer futuro algum aos militares. Os officiaes superiores, e mesmo os generaes, são aqui tanto ou mais necessarios do que no reino. E não digo isto para que venham para cá esses homens sómente para deixarem o

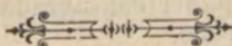
campo livre para outros ou para abrirem caminho para si. Essa circumstancia apparece ao meu espirito como uma consequencia, porque se os officiaes superiores são aqui necessarios, não é para permittirem alargamento de quadros, mas porque a sua acção como fiscaes e inspectores da disciplina e instrucção é n'estas regiões, sem duvida alguma, bem mais necessaria do que no reino. A disseminação das forças, as distancias enormes, a falta de communicações e sobre tudo as attribuições mais largas que geralmente o official aqui tem, fazem com que a acção d'esses homens se torne mais necessaria. Ahi, o official é fiscalisado insensivelmente pelos camaradas e pelos individuos das differentes classes sociaes com quem convive, o que não succede nas colonias, onde o official permanece por vezes longos mezes isolado. E n'estas circumstancias ninguem poderá negar que a acção fiscalisadora do chefe é verdadeiramente indispensavel.

Eu não ignoro que este modo de vêr desagrada a muita gente, mas escrevo para os que trabalham, ao numero dos quaes me vanglorio de pertencer, e se tiver o apoio d'elles dar-me-hei por muito feliz. Além d'isso, colonias sem exercito, é coisa que não comprehendo nem concebo e, portanto, se peço um exercito melhor dotado é para bem as servir a ellas e ao paiz e, ao mesmo tempo, para ser util aos proprios militares, pois que isso lhe pode representar um futuro mais auspicioso do que a desoladora esperanza d'uma reforma em major.

Lourenço Marques, 14 — 8 — 906.

DAVID RODRIGUES

Cap. d'infantaria





# A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 9—1906)

## V

### Meios de acção da infantaria

Dois meios de acção são attribuidos á infantaria no combate: a acção pelo fogo para o combate a distancia, e a acção á bayoneta para o combate corpo a corpo.

Este ultimo meio de acção, remontando aos primitivos tempos da lucta á arma branca, teve um glorioso periodo de muitos seculos a consagral-o; e, ainda até ao meiado do seculo XIX, esta velha escola do combate da infantaria, que tão fundas raizes lançára na Russia, prevaleceu nas grandes luctas travadas no continente europeu.

Mas, os successivos aperfeiçoamentos realizados na industria armeira e a descoberta de novas polvoras chemicas, dando uma excepcional importancia ás novas armas de guerra, pareceram assignalar definitivamente a preponderancia do fogo, como meio de acção da infantaria.

Tal foi a orientação que durante annos prevaleceu nos espiritos, chegando a ser consagrada por alguns regulamentos tacticos europeus.

Segundo as ideias então correntes no mundo militar, admittia-se que, na generalidade dos casos, os combates se decidiriam sem a intervenção da arma branca; a con-

centração d'uma sufficiente massa de fogos sobre determinados objectivos levaria um dos partidos em lucta a abandonar as suas posições quando o adversario se encontrasse ainda a mais de 200 a 300 metros de distancia.

Hoje taes ideias são acolhidas com certa reserva e uma nova orientação parece dominar os espiritos.

Partindo do principio de que o fogo é o unico meio de preparação verdadeiramente efficaz para abalar material e moralmente o inimigo, alguns espiritos facilmente impressionaveis, influenciados pela nova feição que a applicação da moderna theoria do tiro inclinado iria imprimir ao combate da infantaria, foram induzidos a crêr que na intervenção d'um importante elemento — *a direcção dos fogos* — se encontrava a unica razão de ser do combate moderno, subordinando-lhe, consequentemente, toda a tactica, o que equivalia a preconisar abertamente a defensiva como a mais vantajosa forma de acção, corroborando assim o axioma ou principio corrente de que, quanto mais aperfeiçoadas são as armas do fogo, tanto mais poderosa e temivel é a defensiva.

D'esta ordem de ideias proveio essa outra especie de axioma — *a tactica está em função das armas empregadas* —, que só foi aceita sob uma prudente reserva, porque tal principio ainda não chegou a ter a consagração do successo, ainda não teve a sancção do campo de batalha, onde outros factores de sensivel ponderação, como a superioridade manobradora d'uma tropa, os seus movimentos e a habilidade do chefe que os dirige, o fim tactico a obter e as disposições de conjuncto — exercem tambem uma influencia consideravel e por vezes predominante nas causas do successo.

Os austriacos em 1859 e os francezes em 1870 tiveram a prova concludente do que vale o emprego d'uma defensiva *systematica* adoptada no intuito de tirar todo o partido d'uma arma de guerra que se reputa superior á do adversario, e aos effeitos da qual se pretende subordinar toda a tactica.

O fusil raiado Lorenz dos austriacos não deu os resultados esperados sobre o fusil de alma lisa dos francezes, porque estes adoptaram uma tactica rasgadamente

offensiva, que suppria a desvantagem ou inferioridade da sua arma.

Da mesma forma o fusil Dreyse dos prussianos levou de vencida a Chassepot franceza, porque, embora esta lhe fosse superior em alcance, precisão e rapidez de tiro, era manejada por mãos menos destras e peritas, e o fogo dirigido por officiaes inteiramente desconhecedores da moderna theoria do tiro inclinado, que os seus adversarios empregaram com bastante proficuidade e pleno successo.

A tactica da infantaria franceza posta em funcção da Chassepot, affectando quasi ininterrompidamente a forma defensiva durante a guerra de 1870, foi uma das causas dos grandes e successivos revezes que as armas francezas soffreram n'aquella desastrosa campanha.

A reacção contra taes processos tacticos não se fez esperar, e, sob este ponto de vista, a orientação dos espiritos reflectidos e bem ponderados é hoje mui diversa.

Todos concordam que a *potencia do fogo*, comquanto se tornasse um factor importante no combate moderno, não é, em definitivo, senão um meio mais energico de facilitar a solução do conflicto entre dois adversarios.

Em geral, os resultados do fogo não se tornam verdadeiramente decisivos, se á sua acção potente não succeder o movimento para a frente, factor unico que assegura a possibilidade de se impôr a vontade ao inimigo.

E' a offensiva tactica, na sua genuina accepção, quer adoptada desde o principio do combate, quer seguindo-se a uma attitude defensiva vigorosamente sustentada, — a unica forma de acção que pode hoje assegurar um successo decisivo na guerra; e na offensiva o fogo é principalmente considerado como o elemento de preparação mais sério e effcaz para enfraquecer materialmente e moralmente o inimigo que se pretende desalojar d'uma posição, e tido como o melhor meio de facilitar o movimento para a frente, ou de avançar direito ao objectivo sem se deter com os obstaculos e difficuldades que o inimigo possa ter creado á marcha do atacante.

As duas correntes de opinião que ligeiramente tentamos esboçar deram origem a duas escolas distinctas: a

primeira preconizando a forma defensiva, e a segunda opinando sempre pela potencia da offensiva.

Sob a influencia da primeira d'estas escolas foi elaborado o regulamento tactico francez de 1875, sobre o qual se modelou a nossa ordenança de infantaria de 1879.

O regulamento tactico francez de 1894 inspirou-se já nos principios preconizados pela segunda das alludidas escolas e a ordenança da nossa infantaria, actualmente em vigor, perfilha tambem a mesma ordem de ideias.

O fogo que tão grande importancia tem na defensiva, é tambem considerado na offensiva como o meio mais effcaz de avançar,—o *principio primordial do movimento*.

Sem o fogo bem dirigido, effcaz, essencialmente mortifero, sem uma preparação convenientemente feita não pode haver movimento offensivo com probabilidades de successo; e sem o movimento offensivo, sem a marcha para a frente, energica, viril e resoluta, não pode chegar-se á decisão favoravel do combate, em conformidade com o fim tactico, que houver sido assignado ás tropas em acção.

São estes os racionaes principios de que está impregnado o regulamento tactico francez de 1904, que, considerando como meios de acção da infantaria o fogo e o movimento para a frente, insere na parte relativa ao combate a seguinte proposição: «Só o movimento para a frente é decisivo e irresistivel; a offensiva, onde elle encontrar seu pleno desenvolvimento, impõe-se pois na generalidade dos casos». O fogo, não obstante a sua grande potencia, nunca foi elemento bastante para fazer abandonar uma posição sustentada por um defensor energico.

As campanhas de 1870, de 1877-78 e a actual guerra do Extremo-Oriente mostram-nos por uma forma concludente que a decisão resulta, não do fogo, mas da manobra, do movimento, da marcha de avanço da infantaria. As batalhas de Saint-Privat, de Plewna, de Lyao-Yang, de Cha-Ho e de Moukden provam exuberantemente esta asserção.

A carga de bayoneta raras vezes se levará a fundo na guerra; mas é o effeito moral produzido pela marcha resoluta para a frente, pela firme vontade de alcançar o

adversario em posição, que determina este a retirar sem esperar o choque. O medo da bayoneta faz ceder terreno, obriga o inimigo a abandonar a sua posição defensiva. Ha exemplos, mas raros, do defensor esperar o choque, a abordagem á arma branca, como fizeram os turcos nos reductos do Monte-Skobelef, mas, ainda n'esse caso, o movimento offensivo triumphou da pertinaz resistencia do defensor. Eis como se exprime n'uma publicação recente o erudito general von der Goltz sobre o caso concreto do assalto a uma posição: *E' indispensavel obter a superioridade do fogo (de artilheria e de infantaria)* para o bom exito d'um ataque, constituindo essa superioridade a melhor garantia de successo.

Todavia, nunca poderemos renunciar a aproximarmos realmente do inimigo e a penetrar effectivamente na sua posição. Quem se limitasse a querer expulsar d'ella o defensor a tiro de espingarda ou de canhão, preparasse-hia amargas desillusões. «*O assaltante é realmente obrigado a marchar d'uma maneira ininterrupta atravez da chuva de projecteis que se lhe dirige*». Em conclusão: o fogo constitue o mais poderoso elemento de preparação para o movimento offensivo, mas não pode ser considerado como um meio decisivo de acção. O modo de acção principal da infantaria será o movimento que, combinado com o fogo, produzirá a acção decisiva.

\*

\*

\*

Sendo o movimento e o fogo os dois verdadeiros meios de acção da infantaria, necessario se torna estudar o seu racional emprego no combate.

#### A marcha da linha de combate—Os lanços

A necessidade de fazer ganhar terreno ás unidades da linha avançada por um emprego judicioso do movimento e do fogo deu origem á moderna theoria dos lanços successivos, alternando com o fogo, e da marcha por escalões, em pratica em quasi todos os exercitos bem constituídos na actualidade. A marcha continua, ininterrupta, em di-

recção ao objectivo de ataque seria um processo ideal, o mais expedito e vantajoso por evitar perdas de tempo e ganhar mais rapidamente possível a zona dos fogos efficazes, abaixo de 600<sup>m</sup>. Mas este processo de ganhar terreno por uma marcha continua, sem paragens, será limitado no seu emprego pelo fogo efficaz do adversario, que obrigará o assaltante a parar para responder a esse fogo, o que, em geral, succederá abaixo de 1:000 metros.

Desde esse momento, o atacante será compellido a adoptar na sua marcha o processo dos *lanços alternados com o fogo*. Emquanto fôr praticavel, ha vantagem em fazer avançar toda a linha ao mesmo tempo, pois a duração do movimento executado d'um só jacto é evidentemente mais curto que o d'um movimento por escalões, sem se expôr a maiores perdas. Na opinião de von Scherff, os lanços executados pela linha inteira, isto é, simultaneamente por todo o cordão, offerecem maiores garantias de ordem.

Segundo alguns tacticos, o processo de avançar por *linha inteira* corresponde ao caso em que a artilheria auxilia efficazmente com o seu fogo o movimento dos atiradores; e o processo de avançar por escalões será empregado quando não houver artilheria.

Seja como fôr, os regulamentos tacticos modernos prescrevem o avanço dos atiradores por escalões, quer a artilheria intervenha ou não no combate. A força de cada escalão não deverá ser muito pequena para que o movimento se execute com a possível ordem sob a acção de um commando fortemente organizado e relativamente independente.

D'essa consideração proveio a adopção dos *escalões de companhia*, que o regulamento portuguez consagra. Segundo o general von Boguslavski, a menor força que deveria constituir o escalão seria a secção. A que distancia se abandonará o processo da marcha por lanços da linha inteira para adoptar o da marcha por escalões? Não pode responder-se por uma forma terminante, cathgorica, a esta interrogação. Poderá ser a 600<sup>m</sup> da linha inimiga, a distancia superior ou inferior. A maior ou menor intensidade do fogo adverso, as condições topographicas do ter-

reno podem determinar mais cedo ou mais tarde o abandono do primeiro processo e a adopção do segundo.

O tempo gasto em cada paragem é variavel; deve ser curto para não paralyzar o impulso da marcha offensiva, mas depende tambem do tempo necessario para o percurso do lanço seguinte. Devem consumir-se 5 cartuchos no maximo em cada alto. Os lanços são executados á carreira. A amplitude dos lanços tem sido tambem uma questão muito debatida. O novo regulamento inglez, elaborado em vista da experiencia da guerra do Transvaal, prescreve que em terreno descoberto não devem exceder de 75 a 90 metros. O general von Boguslavski é de opinião que devem regular de 50 a 60<sup>m</sup>.

Todavia, o coronel von Lindenau sustenta que os lanços dos escalões não podem exceder a 40<sup>m</sup> ás distancias superiores a 800<sup>m</sup>, tendo uma amplitude de 25<sup>m</sup> no maximo ás distancias inferiores. Nas experiencias executadas em 1902 no campo de Doberitz, proximo de Berlim, executaram-se lanços com a amplitude de 20 a 30 metros por pequenas fracções, visando a não dar tempo ao adversario de contar o movimento, impedindo o de concentrar o fogo sobre a fracção que effectuava o lanço.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA  
Major d'Infanteria 10.

---

## LIÇÕES DA GUERRA

---

Não se podem ainda apresentar, como corpo de doutrina, principios definidos e assentes, sobre tactica e estrategia, deduzidos das lições da ultima guerra, visto não terem apparecido ainda os relatorios officiaes, tanto do estado maior russo como do japonéz.

No entretanto, muito se tem escripto sobre este assumpto, aproveitando a imprensa militar estrangeira opiniões isoladas de officiaes, conferencias publicas em

centros militares e, sobretudo, artigos technicos, apparecidos principalmente na imprensa russa.

Ha, porém, algumas conclusões que podem ser reconhecidas como officiaes e sobre as quaes não pode haver controversia.

Uma, é a que se refere ao exaggerado consumo de munições, que o aperfeiçoamento da artilheria e da espingarda acarreta nas guerras modernas.

Esse consumo vae alem de todos os calculos e de todas as previsões.

Devemo-nos preparar para elle.

Assim, reconheceu-se que, n'um só combate, nos plainos da Mandchuria, houve o consumo de 500 tiros por peça.

Os francezes, aterrados com estes numeros, affirmam que, se tivessem sido surprehendidos com uma guerra, as suas baterias ficariam desarmadas, por falta de munições, logo ás primeiras batalhas.

Dizem elles que esta lição deve ser preciosa e representa um aviso da mais alta importancia.

Em 1870, no combate de Saint Privat, as baterias allemãs apenas consumiram 100 tiros por peça, e o consumo mais exaggerado que houve n'essa guerra foi de 350 tiros, mas o que constituiu apenas uma excepção.

As munições de infantaria tambem tiveram um largo consumo.

De 21 de agosto a 3 de setembro (Liao-Yang) cada soldado disparou de 300 a 400 tiros por dia. D'aqui se conclue a necessidade de augmentar consideravelmente a dotação do cartuchame destinado ás peças e ás espingardas.

Este assumpto reclama serio exame.

A Roumania acaba de reorganisar a sua artilheria de campanha com peças de tiro rapido, dando ás suas baterias a composição de 4 boccas de fogo, mas com 12 armões.

Outra conclusão que deve ser tomada como definitivamente assente é a que se refere ao uso geral da fortificação de campanha ou improvisada tanto no ataque como na defeza.

Esta conclusão obriga a reflectir e a meditar na maneira de distribuir largamente pelas tropas ferramentas portateis.

Mas este problema tem prós e contras.

Ou são os soldados portadores das suas ferramentas, com o que vamos augmentar o peso a transportar pelo infante, o que está em opposição com as idéas modernas, que são todas tendentes a aligeirar o soldado para que elle possa receber uma maior dotação de cartuchame; ou as ferramentas são transportadas em carros especiaes, o que vem augmentar consideravelmente a impedimenta do regimento.

A nossa opinião sobre este ponto restricto inclina-se para a segunda solução do problema, porque na guerra, primeiro que tudo e acima de tudo, o que mais se aprecia e mais vale é o cartucho.

O uso da fortificação nas guerras modernas vae mais alem ainda e avança por outros caminhos mais vastos do que o da simples fortificação improvisada.

E' curioso referir a opinião expressa dos chefes de estado maior de tres divisões japonezas, que estão de accordo com a do general Stoessel sobre os processos de ataque contra obras de fortificação permanente.

Vamos apresentar os dois modos de vêr a questão, soccorrendo-nos de artigos esparsos pela imprensa militar estrangeira.

Para se atacar com exito uma posição solidamente fortificada importa, dizem os japonezes, antes de mais nada, proceder a um reconhecimento cuidadoso e detalhado da posição; depois metter em bateria toda a artilheria disponivel para facilitar a marcha da infantaria; mais tarde um avanço progressivo e tenaz, mas prudente, da infantaria sob a protecção e com o concurso do fogo da artilheria, embora esta progressão possa levar muitos dias e necessitar o uso da fortificação improvisada para assegurar, palmo a palmo, a posse do terreno conquistado em cada dia; finalmente, um largo emprego dos combates de noite, quando os objectivos atacados não podem ser conquistados de dia.

O general Stoessel, esse homem lendario, que de-

pois de se ter imposto á admiração do mundo militar, pela energica resistencia que oppoz ao apertado cerco de Porto Arthur, foi condemnado á morte pelos seus compatriotas, escreveu, sobre o mesmo assumpto, o seguinte:

«Os japonezes começavam os seus combates ao romper do dia, e, quando se defrontavam com uma resistencia séria, contentavam-se em se approximar do defensor cerca de 800 passos, resultado que só era obtido lá para as 5 horas da tarde.

Não avançavam mais.

A cadeia, escondendo-se com o maior cuidado, entretinha um fogo lento, enquanto que a artilheria executava até ao cair da noite um fogo violento contra a posição atacada.

Quando o escuro da noite era completo, os reforços e apoios accorriam rapidamente para as posições avançadas da cadeia, installando-se ao abrigo d'essas posições, e durante toda a noite inquietavam os defensores com o seu fogo, espreitando o momento em que estes abandonassem os seus abrigos.

Quando percebiam que este movimento se tinha effectuado, então tudo (cadeia e reforços) avançava e ia occupar sem o menor ruido os pontos evacuados. Quando ahi chegavam em numero sufficiente traziam as metralhadoras. Companhias japonezas inteiras installavam-se assim no meio dos nossos abrigos e desde que estavam em posição abriam o fogo e um ataque de frente e de flanco tinha logar sobre as posições visinhas ainda não evacuadas.

Em geral, conduzem durante a noite tropas frescas, que se installam na linha já occupada, para renovarem o ataque ao romper do dia.

Houve casos em que os japonezes, no segundo dia, não poderam avançar mais de 400 passos».

Muita luz vem lançar sobre o combate moderno contra posições fortificadas os principios deduzidos da experiência pelo estado maior japonês, corroborados pelos relatorios do proprio general Stoessel.

Sobre estes pontos é que já se pode formar uma doutrina a seguir.

Muito conviria que nos nossos regimentos se começasse a serio com os exercicios e manobras de noite, sem o que nada de efficaz se pode conseguir na guerra.

E' bom evitar-se a surpresa do desconhecido.

A nós espanta-nos que ainda haja quem hesite em lançar-se resolutamente por esse caminho, e quem des-

conheça a opinião assente no exercito japonéz, que ha mais de 5 annos ligava toda a importancia á instrucção das tropas nos exercicios de noite, a ponto de estarem ellas tão familiarisadas com esse genero de instrucção, aonde não ha vozes de commando, mas apenas signaes feitos por uma pequena lanterna de algibeira, habilmente manejada pelos officiaes, que na guerra deram a mais exuberante prova d'essa sabia e séria preparação na paz.

A lição ahi fica, aproveite-se d'ella quem deve.



Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras

DE 1 SETEMBRO DE 1904

DO EXERCITO ALLEMÃO (1)

(Continuação)

### I Parte

#### A. Instrucção sem metralhadoras

##### Generalidades

9.— Os exercicios sem metralhadora serão limitados ao exclusivamente necessario, para a instrucção individual dos homens, para affirmacão da disciplina e ainda para as necessidades dos serviços de guarnição e de parada.

<sup>1</sup> Traduzido do original allemão.

## Instrucção sem arma

### Posição

10.—Commando: *Firme!* <sup>(1)</sup>

A posição deve ser natural e sem constrangimento. Os calcanhares devem estar na mesma linha e tão juntos um ao outro quanto a conformação do corpo o permitta; as pontas dos pés estão symetricamente voltadas para fóra, de fóra, porem, que os pés não cheguem a formar um angulo recto. A correcta posição dos pés é fundamental, porque d'ella depende a melhor postura do tronco; e uma incorrecta posição dos pés tem ordinariamente como consequencia uma torcedura dos hombros.

Os joelhos estão retirados mas sem esforço.

O tronco descança verticalmente sobre os quadris.

O peito um tanto avançado, os hombros um pouco retirados e á mesma altura, sem esforço.

Os braços pendem naturalmente ao longo do corpo; os cotovellos estão levemente curvos, e assim como os braços, um pouco avançados. Os dedos levemente curvos, as palmas das mãos um pouco voltadas para fóra; os dedos minimos encostados á retaguarda das costuras das calças.

A posição da cabeça é direita e fixa, o pescoço levantado, o queixo um pouco aproximado do pescoço sem forçar a baixar a cabeça, o olhar fixo na frente.

11.—Como a posição demorada e symetrica do corpo é fatigante, é preciso de vez em quando permittir aos soldados que descancem.

Isto permite-se por meio da voz: *Descançar!* cuja execução não necessita de tempos. Sem que por este meio lhe seja ordenado, não póde o soldado durante os exercicios, expontaneamente, mover-se. O fallar é tambem interdito durante os exercicios.

A' vóz de *Firme!* será immediatamente tomada a primitiva posição.

<sup>1</sup> As vozes são traduzidas quanto possivel assimilhando-as ás nossas (N. do Trad.).

### Marcha

Commando: *Grupo (secção, etc.) marche!*

A perna esquerda curva-se levemente e sem a levar sacudidamente para a frente; a ponta do pé um pouco para baixo e para fóra, ao mesmo tempo que o tronco avança e o pé todo assenta no chão, sem esforço, a uma distancia de 80 centímetros do pé direito.

O joelho recolhido quando o pé toca o chão.

O peso do corpo repousa sobre o pé que assenta no chão. Enquanto o pé esquerdo assenta no chão, o calcanhar direito deixa o terreno, a perna direita ligeiramente curva, avança com a ponta do pé junto do terreno, porém sem o tocar, e o pé assenta no chão á mesma distancia e da mesma forma que o fez o esquerdo. O soldado continua assim marchando sem crusar as pernas, sem levantar os joelhos mais que o indispensavel, sem que torça os hombros e a cabeça sempre direita e voltada para a direcção da marcha. Os braços movem-se sem constrangimento. A cadencia da marcha é de 114 passos por minuto.

13.—Commando; *Grupo (secção, etc.) Alto!*

A voz de alto deve ser dada quando o pé direito vae completar o passo. O soldado dá ainda um passo á frente com o pé esquerdo e leva o direito com passo curto para junto do esquerdo.

14.—Encurta-se o passo ou marcha-se sobre o mesmo terreno á voz: *Encurtar passo!* ou *marcar passo!* e volta-se á marcha com o passo habitual, á voz de: *Em frente!*

Esta ultima voz é dada quando o pé esquerdo vae completar o passo; o direito dá ainda um passo curto ou bate o terreno ainda uma vez e depois segue a marcha como de começo.

15.—Querendo rapidamente transpor-se uma distancia, deve-se correr. Se com cadencia, a voz é: *Passo de carga!—marche! marche!* A execução é conforme ao regulamento de gymnastica. Ao contrario, dá-se sómente a voz de *marche! marche!* se não se pretende que a marcha seja cadenciada.

Para cessar a corrida, dá-se a voz: *Ao passo!*, ou *Grupo (secção, etc.) Alto!*

16.—A voz de *A' vontade!* interrompem a tensão de espirito, conservando a cadencia e a postura. A voz de *Alinhar!* retomam de novo as atenções.

17.—Um maior allivio na marcha obtem-se com a voz: *Sem cadencia!* Os homens não se preocupam mais com a exacta observancia do passo regulamentar. Marcham na cadencia do passo ordinario, conservando a posição e mantendo-se nas fileiras e nas filas.

Para se tomar a forma primitiva dá-se a voz: *Tomar a cadencia!*

Devendo iniciar-se a marcha sem cadencia, dá-se a voz: *Sem cadencia — Marche!*

## Conversões

### Na posição

18.—Commando: *Direita (esquerda) volver!*

O calcanhar esquerdo sobre o qual se firma todo o corpo, fica no seu lugar, levantando um pouco a ponta do pé, o pé direito deixa o terreno e vem rapidamente para junto do esquerdo, depois de realisada a volta.

19.—Commando: *Todo o Grupo (secção, etc.), meia volta volver!*

A meia volta faz-se por meio de uma rotação para a esquerda sobre o calcanhar esquerdo e, depois de executado o movimento, o pé direito colloca-se rapidamente junto do esquerdo.

### Em marcha

20.—Commando: *Direita (esquerda) volver!* ou *meio á direita (meio á esquerda) Marche!*

O homem executa o movimento para o lado indicado e marcha na nova direcção.

Se se quer, depois de marchar obliquamente, marchar novamente na direcção primitiva, deve dar-se a voz: *Direito — em frente!* com a qual toma a nova direcção.

As vozes de execução *Volver! Marche!* e *Em frente!* serão dadas para as rotações para a direita (esquerda), quando os pés direitos (esquerdos) vão completar os passos.

(*Continua*)



## OS SARGENTOS

Convem insistir sobre este ponto — *é absolutamente indispensavel que o quadro dos sargentos esteja completo para o serviço privativo de cada companhia.*

Sem esta condição, que a organica militar impõe em todos os exercitos, nem a disciplina das companhias pode ser rigorosa e escrupulosamente mantida, nem a instrucção pode ter o desenvolvimento que a guerra moderna exige.

Todos sabem que a grande supremacia do exercito allemão nos campos de batalha, teve a sua origem na instrucção por companhias, baterias e esquadrões.

O capitão allemão, findos que sejam os exercicios do outono, consagra a sua actividade e o seu cuidado na escolha e preparação do pessoal graduado da sua companhia que deve subministrar a instrucção aos recrutas alistados no principio do inverno.

Por esta forma, adoptando-se este methodo, comprehende-se bem como serão proficuos os resultados da

uma instrucção dada pelos mesmos instructores sob a fiscalisação directa e constante do capitão responsavel.

Que isto é assim, basta attentar no que succede com a instrucção ministrada aos reservistas durante o mez de agosto de cada anno, e em que, com applauso unanime do exercito, se tem obtido resultados maravilhosos.

Porque é que se não obteem eguaes resultados nos corpos activos do exercito?

Porque as companhias não podem dispôr de instructores permanentes, e o serviço diario nos corpos embaraça e distrahe ainda mais o exiguo pessoal existente.

Logo, a primeira necessidade a attender nos nossos regimentos é ter os quadros completos no serviço effectivo das companhias.

O ministro que conseguir este *desideratum*, terá prestado, sem duvida, um grande serviço á instrucção e á disciplina do exercito.

Exigir o cumprimento rigoroso das ordens e leis militares é o dever de todo o chefe, mas é indispensavel que correlativamente os poderes constituídos congreguem os seus esforços no sentido de attenuar o mal existente no quadro dos sargentos, que é do que tratamos agora, e cujo vencimento diario é tambem em extremo defficiente.

Poderíamos formular uma tabella em que mostrassemos quaes os vencimentos dos 2.<sup>os</sup> e 1.<sup>os</sup> sargentos, nos differentes periodos de readmissão.

Não o fazemos muito de proposito, porque a distancia d'essa tabella da que nós apresentámos no numero passado da nossa Revista, relativa aos 2.<sup>os</sup> sargentos do exercito italiano, seria tão grande que quasi é melhor occultar tal facto.

Bem sabemos que qualquer augmento, por pequeno que seja, attribuido a uma classe numerosa, como é a dos nossos officiaes inferiores, traduz sempre um augmento digno de ponderação no respectivo orçamento.

Mas, a justiça da causa que defendemos é tão grande que não hesitamos um só momento em pedir ao sr. mi-

nistro da guerra que melhore os exiguos vencimentos dos nossos sargentos.

Parece-nos, para se começar com uma medida relativamente modesta, que bastaria dispensar os sargentos do desconto para a sua alimentação. O estado tem obrigação de dar quartel e comida aos seus defensores, aos seus soldados.

Aos sargentos não arranchados, por serem casados ou terem familia que precise do seu auxilio, ser-lhes-ia abonada a subvenção em dinheiro, do preço de cada rancho diario. D'este modo ficavam todos em egualdade de circumstancias.

E essa egualdade não se dá no presente.

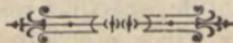
O sargento não arranchado não recebe, como devia, o subsidio com que o estado concorre para auxilio do rancho. Não se comprehende esta desigualdade, e para ella chamamos tambem a attenção do nobre ministro.

Outra medida que se tornaria sympathica aos nossos officiaes inferiores era a dilatação do limite de idade para a sua promoção a alferes.

O limite actual (35 annos) é muito apertado e prejudica em extremo aquelles que por qualquer circumstancia extranha á sua vontade não poderem alcançar as divisas de 1.º sargento muito novos.

Seria um acto de equidade, e até certo ponto, um acto de justiça, elevar esse limite a 45 annos.

O illustre ministro da guerra tem, n'estes pequenos e ligeiros alvitres, que não desejamos desenvolver e menos ainda reforçar com os argumentos que naturalmente d'elles se deduzem, para não abuzarmos d'aquelles que nos lerem, um vasto campo de acção para uma iniciativa que se desdobrará em grandes incentivos e melhoramentos para o exercito, proporcionando aos nossos sargentos uma vida mais desafogada, com melhor futuro e com mais elementos para uma acção concordante em favor da disciplina.



## Secção do estrangeiro

**Japão.**—Continuam com a maior actividade as construcções navaes no imperio Nipponico.

Nos estaleiros inglezes teem os japonezes em construcção os couraçados «Katori» e «Kachima», de 17:200 toneladas cada um.

Nos estaleiros japonezes os couraçados «Aki» e «Iatsuma», de 19:300 toneladas cada um, e bem assim os cruzadores couraçados «Kurama», de 15:000 toneladas, «Ikoma», 13:900, «Tsoukoubu», de 13:000, e «Ibuki», de 10:000.

Informa um jornal allemão que de fonte ingleza sabe que outras novas construcções navaes estão em projecto.

A França começa a preoccupar-se sériamente com o grande augmento que de dia para dia vae tendo a marinha japoneza, augmento que se não justifica no fim de uma guerra victoriosa e em face da situação financeira assás difficil em que se encontra o imperio japonex.

Acaso medita o Japão uma nova guerra?

Contra quem?

A *France Militaire* diz: «Nós temos o direito de inquirir quem é o adversario visado pelo Japão, e isto com uma certa inquietação, em face dos indicios frequentemente revelados de uma acção occulta d'esta potencia na nossa colonia Indo-china».

Que o augmento exaggerado da já muito importante esquadra japoneza é de molde para prevenir aquelles que teem o dever de assegurar a sua respeitabilidade e a sua influencia no extremo oriente, não resta a mais pequena duvida.

O que, porém, devem fazer as potencias, como a França, que tem grandes interesses ligados ao extremo oriente, é prevenir-se a tempo, oppondo á construcção dos couraçados japonezes a construcção de couraçados francezes.

Que quando acordar não seja tarde, como aconteceu á Russia.

**Russia.**—Ha indicios de que a situação alarmante da Russia tende a melhorar. E o indicio mais sério é a revista de 50:000 homens, passada pelo czar em Krasnoie-Selo.

Ha pouco tempo o czar recebeu no seu palacio de Péterhof todo o regimento de Seméonovsky, considerado com o mais fiel da guarda.

O czar passou revista a este regimento com o seu filhinho nos braços e ao lado da imperatriz.

Nos jardins do palacio foi servida uma refeição ás praças e os officiaes convidados para a meza do czar.

No dia seguinte Nicolau II dirigiu a seguinte proclamação ao seu regimento:

«Ha oito mezes que vos vi em Tsarskoié-Sélo. Eu vos disse então que grande era a minha confiança nos Seméonovsky, que

haviam de mostrar-se, em todas as circumstancias, dignos dos seus antepassados, ficando sempre leaes e fieis servidores dos seus czares e da patria. Lamentaveis acontecimentos succederam alguns dias depois, mas, graças á vossa coragem, á vossa firmeza e á vossa fidelidade, a revolta de Moscow foi reprimida.

A Russia e eu somos sinceramente reconhecidos pelo vosso serviço.

Sinto-me feliz de vêr em minha casa o meu querido regimento, e, como hontem, de vos receber familiarmente no meio dos meus.

Eu lego a meu filho o meu amor pelo meu querido regimento, e lhe recomendo que tenha confiança em vós como eu a tenho tido sempre, meus caros Semeonovský».

Esta allocução foi saudada pelos soldados com entusiasticos *hurrahs*.

**Italia.**— Quando ha pouco as tropas italianas da divisão de Cuneo executavam exercicios de tiro colectivo perto da fronteira franceza, em Demonte, o coronel do 32 de infantaria, Gambara, convidou M. Henri Bryois, consul da França, para um almoço.

Á esse almoço, servido no bivaque, sob uma grande tenda de campanha, assistiram todos os officiaes do 32 e do 15.º batalhão de bersaglieri.

Ao «toast» a musica do regimento, occulta entre um bosque, tocou a marcha popular «Sambre et Meuse».

N'esta occasião o coronel Gambara ergueu a sua taça em honra do sympathico consul da França, a que todos os officiaes responderam com gritos repetidos de — «Viva a França».

M. Bryois, commovido com esta manifestação de sympathia pelo seu paiz, pronunciou o seguinte brinde :

«Meu coronel e srs. officiaes :

Todos os annos, pelo anniversario de uma batalha celebre, o consul de França em Milão tem a honra de dirigir, em nome do seu paiz, uma saudação á memoria dos officiaes e soldados italianos e francezes mortos, combatendo conjunctamente.

Peço-vos, senhores, licença para n'este momento dirigir a minha saudação aos vivos.

Eu bebo pelo coronel e por todos os officiaes do 32 e do 15.º batalhão de bersaglieri. Bebo pelo vosso exercito, irmão do nosso.

De hoje em diante, apoz um ligeiro mal entendido, cujas sombras vão dissipadas, e que durou, ah! por muito tempo, italianos e francezes tornam a ser os amigos de outr'ora.

As antigas tradicções de fraternidade rebrilham em nossos corações e eu sinto-me feliz em poder regosijar-me convosco. Viva o 32 de infantaria! Viva o 15.º bersaglieri! Viva o exercito italiano».

Estas palavras foram coroadas por uma acclamação delirante da parte de todos os convivas, gritando: «Viva a França! Viva a Italia!»



9.º ANNO

NOVEMBRO DE 1906

N.º 11

# REVISTA DE INFANTERIA

## Marchas e corridas

### I

N'um dos meus «Estudos» escrevi que um exercito para ser justamente classificado como bom, precisa ser dotado de *força*, *mobilidade* e *agilidade*; e que a *força* provem do valor moral das tropas mantido pela disciplina, a *mobilidade* resulta de uma boa divisão e da constante applicação das tropas aos exercicios tacticos, e a *agilidade* é a consequencia da methodica applicação do soldado a todos os exercicios que tenham por fim robustecer, desenvolver e educar as suas forças physicas.

Na educação do soldado, a primeira d'aquellas qualidades que se lhes procura obter é a agilidade, ao mesmo tempo que se começa a desbravar-se-lhe o espirito. Os meios regulamentares a empregar para tornar o soldado agil, são as **marchas**, a gymnastica, a natação e a esgrima.

Em todos os periodos da instrucção os respectivos regulamentos especiaes prescrevem a pratica das marchas, e está universalmente reconhecido que sem uma trenagem persistente, constante n'esta especie d'exercicios, um exercito perde consideravelmente de valor.

Circumstancia é esta que nos deve fazer considerar no que se passa entre nós, com respeito a um ramo tão capital da instrucção militar como é o ensino e a trenagem das marchas.

O tempo que o soldado permanece nas fileiras é diminutissimo; além d'isso o contingente annual é fraco. De maneira que não temos no activo soldados verdadeiramente treinados. E se observarmos os exercicios a que se dão os frequentadores dos nossos clubs de gymnastica, somos forçados a reconhecer que além de não termos os soldados do activo convenientemente treinados, tambem não temos no civil elementos algns preparados para tão arduo serviço.

Os nossos cultivadores de «sport» parece que desconhecem em absoluto a necessidade, aliás imperiosa sob todos os pontos de vista, de praticar com todo o cuidado o exercicio de marcha, e hoje mais do que nunca em que a multiplicidade crescente e perigosa de baratos meios de locomoção, vae cada vez mais estiolando a creatura. A marcha está de todo abandonada!

No entanto, a historia, a grande mestra da vida, mostra-nos que não houve povo grande, já na antiguidade, que não fizesse praticar aos seus filhos os exercicios de marcha.

Nos egypcios a trenagem da marcha era exercida com o maximo rigor. Satisfazendo abundantemente ás suas necessidades d'alimentação os homens eram habituados a exercicios continuos; a nenhum era permittido tomar alimento sem ter feito 180 estadios, coisa de 18 kilometros, em corrida.

Na Grecia estavam comprehendidas quatro corridas entre os *jogos nacionaes*, sendo a ultima realisada sempre indo os homens carregados com as suas pesadas armas.

Na historia romana encontramos o termo *decursio*, significando uma marcha militar d'exercicio destinada a

habilitar os soldados ao fazer rapidamente grandes marchas com as armas e conservando-se nas fileiras.

Na sua excellente obra, que tanto interesse offerece sobre a Roma militar, deixou escripto Flavius Vegetius que «os recrutas romanos eram exercitados a percorrer em 5 horas *d'estio* (cousa de 6  $\frac{1}{2}$  horas) ao passo ordinario, a distancia de 20:000 passos (29<sup>km</sup>,570); e, no mesmo tempo, em accelerado, 24:000 passos (35<sup>km</sup>,484).

Scipião o Africano, obrigava a sua tropa todos os quatro dias a uma *decursio* de 4:000 passos (quasi 6 kilometros); Augusto e após elle Adriano fizeram que tres vezes por mez infantes e cavalleiros fossem obrigados a passeios militares (*campicursio*) armados com todas as peças do seu armamento, por toda a especie de caminhos e variedade de terrenos.

Foi com o cuidado e amor dispensados a todos os exercicios physicos, de que as marchas e as corridas eram os preferidos, que se formou o povo que soube avassalar o mundo conhecido, nos primeiros seculos da Republica militar. Nos ultimos tempos da Republica e principalmente sob o reinado dos imperadores, os exercicios publicos foram abandonados, o Campo de Marte permaneceu deserto; e ao valente povo que tanta admiração desperta, succede-se uma mocidade degenerada que não pensa senão nos combates de gladiadores, n'esses sangrentos e barbaros espectaculos do Circo.

Durante o reinado da cavallaria os exercicios especiaes de que me estou occupando foram abandonados; mas resurgem, ainda que difficilmente ao principio, á medida que a infantaria começa a recuperar a sua brilhante corôa de rainha das batalhas.

A velocidade das marchas era estorvada consideravelmente, por causa da grande impedimenta que pejava os exercitos e ainda pela deficiencia das equipagens para a artilheria e pela má organização do serviço de transporte dos viveres.

É no reinado de Luiz xiv que começa a haver uma melhor ordem nas columnas de marcha.

Os regulamentos não cuidavam sufficientemente da pratica de taes exercicios; mas com o augmento do nu-

mero de regimentos permanentes estabelecem-se as tradições nos corpos e a falta de regulamentação é supprida por alguns generaes escrevendo as necessarias instrucções. Havia n'elles o presentimento de que a maneira de fazer a guerra ia mudar e é assim que o marechal de Saxe emitta a opinião de *que o segredo da guerra está nas pernas dos soldados*.

Depois d'este illustre general, Ternay escreveu no seu *Tratado de tactica* que se se classificassem os conhecimentos militares segundo a sua importancia, a marcha figuraria incontestavelmente como a parte mais essencial da grande arte da guerra.

Em França, ainda que muito entusiasta pelos pesados e lentos exercicios á prussiana, apparece na ordenança de 1 de janeiro de 1766 boa doutrina regulando os exercicios de marcha, que designava—*passeios militares*. O fim determinado d'estes passeios «era ensinar aos regimentos a fazer uma marcha militar com a maior ordem e a maior celeridade possivel, acostumando pela frequencia cada soldado a conduzir as suas armas e a sua mochila».

Desde então, em todas as nações que olham a serio pelas coisas militares, não apparece regulamento algum sobre instrucção que não se occupe muito especialmente dos exercicios de marcha como aquelles que mais importancia offerece.

Lewal nota como fortes as medias das marchas de Napoleão e compara-as com as obtidas pelo exercito francez em 1859 e 1870, consideravelmente inferiores, o que attribue a não se ter cuidado seriamente dos exercicios. Com palavras de verdadeiro patriota verbera essa falta de cuidado, que só pode acarretar desastres.

Hoje, mais do que nunca, se torna necessaria a trengem das marchas; cada vez é mais verdadeira a sentença de Napoleão: a victoria pertence aos exercitos que manobram. E de que assim se pensa dão-nos testemunho os actuaes regulamentos das principaes potencias militares. Consultemos o regulamento de campanha allemão: «Quando as circumstancias da guarnição, taes como o affastamento do terreno de manobras, etc., etc., não obriguem as tropas a marchar muito dever-se-hão fazer exer-

cícios especiaes, seguindo uma progressão crescente, com o fim de as treinar á marcha.

«As marchas desempenham o papel mais consideravel da guerra, formam a base de todas as operações, e o successo de toda a empreza repousa principalmente sobre a sua boa execução. É quasi sempre da mais alta importancia que uma parte do exercito chegue a tempo e em estado de combater ao ponto indicado.

«A tropa a mais bem treinada na marcha em tempo de paz, soffre, mesmo no momento d'uma mobilisação, porque recebe uma quantidade de homens que não estão habituados a essa fadiga. É preciso, pois, que aproveite todas as occasiões de se exercitar, de maneira a conservar as suas faculdades. Isto applica-se principalmente ás tropas a pé, ás quaes o calçado novo occasiona alem d'isso uma quantidade de males nos primeiros tempos».

Esta doutrina é a confirmação official do que Bronsart von Schellendorf diz no seu *Serviço do Estado Maior em tempo de guerra*: as marchas são a base de toda a operação da qual os combates só são o coroamento; da sua execução certa depende o resultado final — a victoria.

Sufficientemente evidenciada, como pretendi, a necessidade d'uma trenagem constante nos exercicios de marcha, pergunto: faz-se entre nós o que é indispensavel fazer-se sobre este ramo da instrucção militar?

A resposta é só uma — não.

A marcha, que é um dos exercicios mais hygienicos recommendados pelos homens de sciencia; a marcha, que tanto influe no valor dos exercitos, não tem nos quartéis o cultivo que deve ter e no civil está abandonada de todo!

As corridas de resistencia quasi que se podem dizer desconhecidas!! Se n'um ou n'outro quartel se praticam, os resultados que se colheram não são conhecidos, como seria para desejar a fim de se abrirem os olhos de quem os tem fechados.

Não podemos continuar assim. É urgente dedicarmos a este assumpto, com o cuidado e amor que a sua importancia requer, dispensando-lhe nos quartéis as attentões necessarias para que haja rigor na sua execução.

porque só assim se consegue levar o soldado ao maximo de resistencia; e no civil fazendo da marcha e da corrida o principal genero de «sport».

N'um outro artigo direi alguma coisa sobre a execução d'estes exercicios e frisarei o beneficio que d'elles resulta para a humanidade.

MELLO E ATHAYDE.

Tenente



## TIRO NACIONAL

Ha já bastantes annos que tenho acompanhado o movimento evolutivo por que tem passado este ramo de instrucção. Sem pretender, comtudo, fazer a historia do tiro nacional no nosso paiz, o que aliás não é muito necessario por não ser ainda muito velha, direi, não obstante, que desde o seu inicio, até 1901, os seus progressos são apenas devidos á *União dos atiradores civis portuguezes* e Grupo Patria e aos esforços e acrisoladas dedicações de alguns officiaes da nossa arma.

Até essa altura, tanto esses officiaes como aquellas corporações, mereceram, sem duvida alguma, o titulo de benemeritos. Muitos foram os serviços prestados por uns e outros, pois que não existindo coisa alguma montada, organisada, definida e regulamentada, todos os progressos que se accentuaram foram devidos apenas aos esforços das pessoas e collectividades indicadas. A *União dos atiradores civis* era mesmo, até essa epocha, uma verdadeira procuradora dos seus filiados das provincias. Era ella que solicitava nas repartições officiaes,

nomeadamente do Ministerio da Guerra, tudo quanto os atiradores civis precisavam, e, deve dizer-se em abono da verdade, que se essa corporação não tivesse existido, o tiro nacional difficilmente teria progredido, porque não havendo, como não havia, uma repartição official que tratasse expressamente d'esses assumptos, a *União* tomou esse papel para si, e d'esta fórma preencheu uma importante lacuna.

Os proprios directores das carreiras de tiro não podendo, até essa epocha, corresponderem-se com repartição alguma que tivesse competencia para dar solução ás varias exigencias d'esta instrucção, tinham um papel muito limitado, simples papel de instructores, e só por si não podiam, por consequencia, fazer com que essa nascente instituição se desenvolvesse e progredisse. Os mais dedicados precisaram mesmo filiar-se na União dos atiradores para d'esta forma terem em Lisboa alguém a quem directamente se dirigissem e que se encarregasse de procurar solução nas estações competentes para as multiplas exigencias da instrucção.

Um estado de coisas de tal fórma limitado para os directores das carreiras de tiro e ambiguo para a União, que tinha de se metter pelas repartições officiaes sem que para isso tivesse a verdadeira competencia, era necessario que acabasse, e felizmente acabou, com a criação da Direcção Geral de Infantaria e com a promulgação do regulamento de tiro actual. A Direcção Geral de Infantaria passou então a tratar de todas as questões relativas ao tiro nacional, a União ficou considerada como méro órgão associativo e os directores de carreiras passaram a ter os elementos necessarios, dirigindo-se officialmente á repartição competente, para só por si poderem ministrar a instrucção e garantirem a todos o que a lei lhes concede. Os atiradores civis ficaram sómente subordinados, pois, á União, para os effeitos associativos. Com a criação dos *atiradores independentes*, essa subordinação para com a associação central chega mesmo a desaparecer, porque dependendo simplesmente dos directores das carreiras de tiro e tendo estes meios sufficientes, como realmente teem,

para lhes proporcionar as mesmas garantias que gosam os associados da União, para coisa alguma é precisa a interferencia d'esta collectividade.

Quer isto dizer que a nossa arma tem elementos bastantes, pois tem a direcção e a execução, para fazer progredir a instituição do tiro civil. E de facto assim tem succedido desde 1901 até hoje, pois que em todas as carreiras de tiro se tem ministrado instrucção aos individuos da classe civil, sem que tenha sido precisa a interferencia d'uma terceira entidade, visto haver em quasi todas as carreiras atiradores independentes. Assim se tem feito de então para cá, e o que é um facto, e facto que muito honra a nossa arma, é que a instituição do tiro nacional tem progredido d'uma fórma bem accentuada.

E esta affirmacção não é gratuita, pois que a grande distancia do meu paiz tive a agradavel surpresa de vêr que o *Seculo*, em um artigo de fundo, de 2 de julho, tirava a mesma conclusão. Ha, porém, n'esse artigo, um ponto com o qual discordo, e é para accentuar essa discordancia e para sobre o assumpto chamar a attenção dos meus camaradas d'arma que eu lanço mão da penna.

No artigo a que me estou referindo, os principaes progressos do tiro nacional attribuem-se á interferencia da União n'este ramo de instrucção. Depois de se pôr essa associação em relevo é que apparecem as carreiras de tiro como auxiliares d'esta instrucção. Ora, pelo que já ficou dito, e sabendo-se, como bem sabido é, que os atiradores de quasi todas as carreiras são independentes, isto é, *filiados*, applicando o termo que ahi está em voga, da Direcção Geral de Infantaria e dos officiaes que fazem serviço nas carreiras, pois que tudo que elles são como atiradores civis o devem apenas á interferencia da classe militar, d'onde se deve concluir que primeiramente devia ser posta em relevo a classe militar e não a União, pois que é essa classe que tem diffundido a instrucção de tiro pelo povo, e é, portanto, de toda a justiça que seja ella a que maiores louros receba. O *Seculo* foi pois injusto para com a nossa arma,

para com a nossa infantaria, que é a arma que tem prestado e está prestando mais esse serviço ao seu paiz.

Mas eu desculpo o *Seculo*, embora para isso tenha de condemnar alguns camaradas meus, porque se ha alguns que não tem procurado emancipar esta instituição e consequentemente a nossa arma, das tutellas que a União ainda procura lançar-lhe, outros tem havido até que lhe teem offerecido o seu prestimo e serviços.

Não admira pois que a União ainda receba louros que só seriam recebidos pela infantaria, se da parte de todos tivesse havido a nitida comprehensão de que a arma tem os elementos necessarios para fazer progredir a instituição e diffundir convenientemente a instrucção de tiro na classe civil, procurando, como me parece que é um dever que a todos nós assiste, libertar a arma de mais essa tutella, que em nada nos honra e que nos tira louros que de facto nos deviam pertencer.

E pensando assim, creio que não poderei ser accusado de *chauvinista*, porque não é *chauvinismo* pedir para nós o que a nós nos pertence. *Chauvinismo* é pedir para uma classe ou arma o exclusivo d'uma garantia ou serviço quando pertencem ou podem ser desempenhados por outros. E sendo assim, não poderei ser apodado com semelhante epitheto porque, de lei e de facto, essa instrucção é exclusiva da nossa arma. *Chauvinista* é pois aquelle que quer tirar á nossa arma, em proveito proprio ou de segundos, aquillo que nos pertence. E se não se tivesse deixado imperar um tão alheio modo de vêr, quando se fizesse a historia ou quando se repartissem louros, a nossa arma não teria ficado esquecida ou não seria lançada para um segundo plano, como tantas vezes lhe succede.

Eu peço, pois, justiça e nada mais, mas para isso preciso tambem dizer que a arma precisa pugnar pelos seus direitos e não deixar que estranhos, e por vezes bem adventicios, se lhe venham intrometter nos serviços que lhe cumprem e pertencem.

Hoje, mais do que nunca, os exercitos estão sendo considerados como verdadeiras escolas das nações. Ora,

se o nosso quer bem merecer da nação a que pertence, precisa compenetrar-se d'essa orientação moderna e adaptar-se ás suas exigencias, procurando viver e encarnar-se com as necessidades da propria nação. E só assim, depois d'uma identificação perfeita, é que todos lhe reconhecerão os serviços prestados, e passarão a fazer á nossa arma a justiça a que tem direito. E tudo isso é facil de conseguir desde que a nossa arma trabalhe n'esse sentido.

Lourenço Marques, 23—8—906.

DAVID RODRIGUES  
Cap. d'infanteria



## As propostas do sr. ministro da guerra

A *Revista de Infanteria*, que iniciou, em 1902, uma campanha com o intuito de favorecer a situação economicamente precaria de todos os officiaes do exercito, exulta hoje diante da primeira proposta de lei que o nobre ministro da guerra, sr. conselheiro Vasconcellos Porto, acaba de apresentar no parlamento.

Interpretando o sentir, não só dos officiaes de infanteria, mas tambem o dos nossos camaradas das diferentes armas, applaudimos com todo o entusiasmo o illustre ministro, que assim, por uma fórmula tão nobremente justa, procura attender a uma das mais imperiosas necessidades do exercito.

Não regateamos nunca os justos louvores a quem os merece, e é com tanto maior desvanecimento que prestamos as nossas homenagens de reconhecimento e gratidão ao sr. ministro da guerra, por quem, aliás, e ha muitos annos, temos a maior sympathia e a maior estima, quanto é certo ter s. ex.<sup>a</sup> posto em saliente destaque, no desempenho do seu alto cargo, as suas grandes qualidades de trabalho, a sinceridade e a boa fé dos seus propositos, a crença firme e segura que deposita no exercito, que é e será sempre a grande escola civica da nação e o grande esteio da honra d'este paiz, da sua liberdade e do seu progresso.

Havemos de analysar todas as propostas de lei que o nobre ministro apresentou no parlamento. Mas ao fazel-o, um unico intuito, muito sincero e muito convicto, nos domina, e vem a ser o de esclarecer a opinião militar, concorrendo com o nosso estudo, modesto mas consciencioso, para a verdadeira interpretação e vulgarisação de um, aliás, tão importante movimento evolutivo, que se desenha no horizonte das nossas instituições militares.

A primeira proposta de lei que o sr. conselheiro Vasconcellos Porto apresentou na camara dos senhores deputados foi, como já dissemos, a que se refere á situação economica dos officiaes do exercito.

Começaremos por ella.

E' certo que, e isso é justo que fique bem registado, se o governo de que fazia parte o sr. general Pimentel Pinto, como ministro da guerra, não tivesse sido, por uma fôrma tão inesperada, que ainda hoje não ha expliação plausivel para o facto, empurrado das cadeiras do poder, as tarifas de soldo agora propostas, com pequenas modificações, seriam lei do paiz desde o principio do anno economico corrente:

Mas este facto, aliás do dominio publico, e que prende tambem a nossa gratidão para com o sr. conselheiro Pimentel Pinto, que por todos os titulos merece as beneferencias da patria e do exercito, pelo muito que tem feito a favor da defeza nacional, em nada, absolutamente em nada, diminue o valor do acto praticado pelo sr. conselheiro Vasconcellos Porto, que tem sabido con-

quistar em todo o exercito muita estima, muita consideração e muita gratidão.

E temos muita satisfação em o declarar aqui, n'esta *Revista*, que não tem outra ambição nem outro desejo que não seja o de collaborar e cooperar para o engrandecimento da arma de infantaria, como o mais poderoso factor da defeza da patria.

Acceitamos sem o menor reparo, que nem valeria a pena fazer-se, a tabella proposta:

General de divisão .....	150\$000
General de brigada.....	100\$000
Coronel .....	80\$000
Tenente coronel.....	72\$000
Major.....	65\$000
Capitão . .....	55\$000
Tenente.....	45\$000
Alferes.....	35\$000

Temos a certeza que se o sr. conselheiro Vasconcellos Porto não augmentou mais o soldo do coronel, que tem despezas de representação que não cabem dentro da estreiteza dos seus vencimentos, e bem assim se não creou um soldo de general commandante de grupo de divisões é porque as circumstancias do thesouro a isso lhe não deram azo.

Por isso, e fazendo inteira justiça ao sr. ministro da guerra, repetimos, é com verdadeiro sentimento de applauso e de reconhecimento que acceitamos a tabella acima transcripta.

Mas, na proposta do nobre ministro, e que muito em breve esperamos vêr convertida em lei do paiz, ha uma medida altamente sympathica e que se impõe por uma forma empolgante á consideração da nossa *Revista*. É a que se refere ao subsidio de renda de casas para os officiaes arregimentados.

A vida do official arregimentado, que é mais trabalhosa, mais cheia de contrariedades, de sacrificios e até de responsabilidades, mais ardua e mais ingrata, merece bem o reconhecimento de apreço e consideração que a proposta exprime.

Nós bem sabemos, e o nobre ministro também o sabe, que o subsídio proposto é insufficiente para o pagamento da renda de casas, mas a consideração moral, que d'esse facto dimana para o official arregimentado, tem um tão alto valor e assenta em bases de tanta justiça, que nos desvanece vêr os poderes constituídos renderem esse preito de consideração e apreço aos nossos camaradas, que na vida quotidiana do regimento tanto trabalham pela causa commum da felicidade da nossa nacionalidade.

E assim, essa tabella concedendo, como subsídio annual, ao:

Coronel em Lisboa ou Porto.....	100\$000
Coronel nas outras terras do paiz .....	75\$000
Tenente coronel e major .....	75\$000 ou 50\$000
Capitão e tenente .....	50\$000 ou 40\$000

ergue bem alto um brado em honra dos nossos camaradas que na escola do regimento procuram firmar e desenvolver a sua preparação professional para poderem ser efficazmente uteis no momento em que a patria afflicta grite—às armas!

Cabe, porém, aqui um pequeno reparo.

E os alferes?

E certo que o posto de alferes é um posto de transição, mas também é certo que ha quem chegue a esse posto carregado de familia, e que esse subsídio muito ajudaria uma vida tão cheia de difficuldades.

A tabella de ajudas de custo vem também preencher uma lacuna e apagar uma grande vergonha.

General .....	3\$000
Coronel .....	1\$800
Tenente coronel e major .....	1\$500
Capitão .....	1\$200
Tenente e alferes .....	1\$000
Aspirante a official.....	600
Sargento ajudante .....	400
1.º sargento.....	250
2.º sargento.....	200

A indemnidade de equipamento e a diuturnidade de serviço são medidas que merecem também o nosso applauso.

O sr. ministro da guerra attendendo aos nossos pedidos e procurando melhorar a situação economica dos officiaes inferiores praticou um acto da maior justiça.

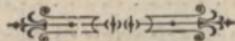
Muito ainda ha a fazer para melhorar a situação dos nossos sargentos è prendel-os nas fileiras, como os nossos mais valiosos auxiliares, e estamos certos de que o nobre ministro, cuja boa vontade é manifestamente reconhecida, não perderá a primeira opportunidade para attender ás indicações, que a pratica vem reclamando, para desafogar o futuro dos nossos sargentos.

A primeira proposta da sr. ministro da guerra agradou geralmente, e nós tornando-nos echo da opinião geral do exercito temos a maior satisfação e o maior prazer em patentearmos aqui bem solemnemente o nosso reconhecimento e a nossa gratidão para com o sr. conselheiro Vasconcellos Porto.

Esperamos e confiamos que s. ex.<sup>a</sup> terá a energia bastante e a decisão firme e inabalavel para desviar do seu caminho qualquer difficuldade que possa surgir fortuitamente e embaraçar a approvação d'esta sua proposta de lei.

O exercito está cansado de esperar pela solução que hoje se pretende dar ao problema economico dos officiaes, e seria um cumulo de má sorte ser mais uma vez victima de intrigas da politica, de que queremos ver sempre o exercito affastado, cumulo que nos lançaria no mais profundo desanimo e descrença.

Tal não succederá.





## METRALHADORAS

(Continuado do n.º 10 — 1906)

**Chevalier e Grenier.**—A metralhadora *Chevalier e Grenier*, também da epocha da *Reffye*, pois foi fabricada durante a guerra de 70 para servir de apoio ás companhias de reserva, é formada de 8 canos dispostos em duas fileiras de quatro cada uma, aparafusados n'um caixilho, que serve de caixa de culatra, o qual na face posterior tem aberta uma porca onde trabalha um forte parafuso accionado por um volante e que serve, como na *Reffye*, para consolidar o systema para o tiro e fazer os movimentos de vae-vem da *culatra movel*.

A percussão é obtida por meio de 8 percutores que giram n'um *bloco* (culatra movel), uma roda dentada n'uma das faces e um *martello* para a percussão. A *caixa da culatra* é formada por duas espessas *chapas* de aço ligadas uma á outra por meio de hastes cylindricas aparafusadas á da frente e passando por furos na da retaguarda; e com uma cabeça destinada a permittir, limitando-o, um certo jogo entre as *chapas* quando se desloca para a retaguarda movida pelo parafuso de aperto que se acha ligado á chapa posterior.

Formando corpo com a porca do parafuso e exteriormente, acha-se a roda dentada com furos que são atravessados pelas caudas dos percutores. Na periphéria d'esta roda gira um *annel* com uma *manivella* que está ligado o *martello* de percussão, que tende sempre a assentar sobre os fundos da parte dentada da roda onde apparecem os percutores, por virtude do es-

forço de uma mola. Dando movimento de rotação a este anel por meio da manivella, elle arrasta o martello, que vae saltando sobre os percutores, fazendo partir os tiros. A alimentação é feita analogamente á da *Reffye* por meio de *placas de carregamento*, que se fazem solidarias com a *chapa da frente da culatra mo-rel*, entrando em grampos que esta tem.

A característica d'esta metralhadora é não ter molas de percutores. Estes são mantidos na culatra por meio de pequenos parafusos de cobre cuja ponta entra em ranhuras abertas nas hastes dos percutores, permitindo e limitando o movimento de vae-vem d'estes. As operações para o fogo passam-se analogamente como na *Reffye*, com a differença de que na metralhadora *Chevalier e Grenier* a percussão obtem-se fazendo rodar o *anel porta-martello*, e na *Reffye* deslocando a *chapa de disparar*, o que se consegue com a continuação do movimento que serviu para fechar a culatra. Por esta razão, sendo aliás a metralhadora bastante leve (cerca de 102 kilos com reparo), a velocidade de tiro não passa de 80 por minuto.

O calibre é de 11<sup>mm</sup>.

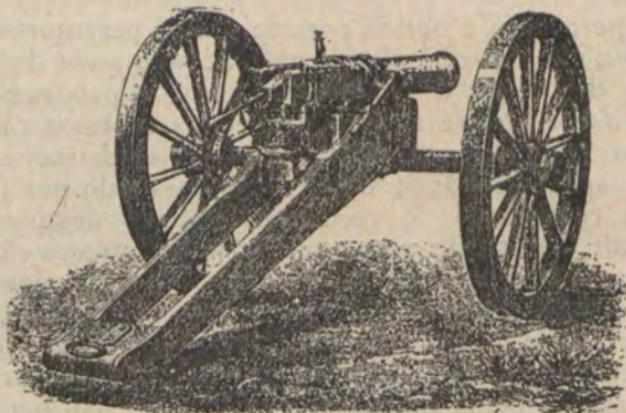


Fig. 6.

**Christophe-Montigny.**— A metralhadora d'este nome é constituida por um feixe de 19, 31 ou 37 canos de

aço, estanhados exteriormente e soldados, formando um cylindro, mettido á prensa n'um tubo de ferro tambem estanhado interiormente e a que fica soldado, tendo o conjuncto a fórma de um pequeno obuz. E' atarrachado na parte posterior a uma manga de ferro que se prolonga para a retaguarda em duas fortes guias lateraes unidas no extremo por um estribo, que serve de braçadeira e as mantem parallelas.

Inferiormente ha ainda uma *chapa de ligação* que se apoia sobre o parafuso de pontaria em altura.

Este conjuncto forma a *caixa da culatra*.

O *porta-percutores* é uma placa com furos onde se alojam os *percutores* ou *agulhas* que se movem com pequeno percurso. Pela retaguarda é fechada por uma *placa* com furos destinados a deixar passar as *testas dos cães* para estes poderem bater os percutores. Este *porta-percutores*, sendo ligado ao porta-cães, deixa, porém, entre os dois um intervallo destinado ao alojamento da *placa de disparar*.

A *chapa porta-cartuchos* tem duas azas por onde se pega para a introducção e extracção e é collocada á frente do systema.

A metralhadora é disparada pelo movimento, por meio de *alavanca*, de uma *placa de disparar*, cuja parte superior é em forma de degraus em disposição tal que, fazendo-a descer, descobre uma a uma as sahidas dos cães, permittindo que estes batam os percutores.

Directamente ligado á culatra, acha-se um Joelho, que, accionado por uma alavanca angular, faz recuar ou avançar a culatra. Baixando esta alavanca, a culatra move-se para a frente; levantando-a, todo o systema vem á retaguarda e a certa altura a parte anterior da culatra pára, continuando o movimento o *porta cães* e peças que lhe estão ligadas; os percutores entram nos seus alojamentos, o que permite á placa de disparar o subir, e que se obtem por meio de uma alavanca ligada a uma biela.

Posta a placa dos cartuchos e baixando a alavanca, o systema consolida-se, unindo se aos canos; os cães,

encontrando a chapa de disparar em pontos diferentes dos furos por onde devem passar, primem as respectivas molas e a metralhadora fica preparada para o tiro. Basta baixar a alavanca especial do movimento da chapa de disparar, para que esta, descendo, permita a passagem successiva dos cães, que vão ferir os percutores e estes, por seu turno, as capsulas dos cartuchos.

Esta metralhadora, alem do excessivo pezo, pois que as de 37 canos pezavam 320 kilos, tinha ainda o gravissimo inconveniente de, manobrada com certa rapidez, para se conseguir um fogo util e rapido, ser disparada antes que a obturação fosse completa, ou que a culatra estivesse completamente fechada. As placas dos cartuchos, tornando moroso o carregamento, não permittiam que a velocidade excedesse 6 salvas ou sejam 222 tiros por minuto, como se reconheceu nas experiencias a que foram submettidas na Suissa em 1877, as de 37 canos.

Foi usada pela marinha italiana.

**Stevens.**—Esta metralhadora é composta de um feixe de 24 canos aparafusados na retaguarda n'uma forte *chapa circular* e mantidos na frente por uma outra, onde, em 24 furos que tem, repousam os canos junto á boca. As placas onde os canos são mantidos estão unidas por uma *arvore central*.

Este todo é envolvido por um cylindro de ferro, que, prolongando-se para a retaguarda, onde é fechado, contém os machinismos para o tiro.

O seu aspecto geral é o de uma pequena peça de artilheria.

A caixa porta-cartuchos, analoga a da metralhadora Reffye já descripta, é introduzida lateralmente em alojamento apropriado da placa onde os canos estão aparafusados.

A *culatra* é composta de *porta-cães* e do *obturador porta-percutores*.

O *porta-cães*, fechado na retaguarda por uma grossa chapa de aço, é enfiado n'uma arvore central e n'esta calado de forma a permittir a rotação da arvore, independentemente.

Contém 24 cães com as respectivas molas, os quaes, lançados por estas, abandonam-as e batem os percutores, voltando á retaguarda pela simples reacção. D'esta forma a sua duração é assegurada.

O *porta-percutores*, enfiado na referida arvore, nas mesmas condições do *porta cães*, contem 24 pequenos percutores em canaes apropriados e susceptiveis de percurso apenas sufficiente para a boa percussão. Quando batidos pelos cães, voltam de novo á retaguarda, tambem por reacção.

O systema *porta-cães* e *porta-percutores* é susceptivel de um pequeno movimento de avanço e recuo cada vez que se carrega a metralhadora, e é solidario, por virtude de um collar de aço que os liga e que se faz girar por meio de dois punhos que, sahindo fóra da caixa da *culatra*, giram em aberturas helicoidaes feitas nas paredes da caixa.

Calado fortemente na arvore, cujo movimento acompanha, está um *plano inclinado*, de tal fórma disposto entre o *porta-cães* e *porta-percutores* que, quando se faz rodar a arvore por meio de uma grande manivela situada á retaguarda e no eixo da *culatra*, o plano, passando sobre as testas dos cães, obriga-os a, recuando, premir as suas molas. Chegados ao extremo do plano e continuando o movimento, os percutores deixam-o, lançando-se sobre os percutores, em virtude da distensão brusca das molas.

A manivela só póde funcionar fazendo a percussão, quando a obturação é perfeita; e isto graças a uma simples disposição, que consiste n'uma ranhura longitudinal e outra circular abertas na arvore e um detentor na massa da retaguarda da metralhadora. Assim, só quando a *culatra* está completamente fechada, este detentor está na ranhura circular aberta na arvore, permittindo o movimento da manivela; n'outra qualquer posição, que equivalerá a má obturação ou *culatra* aberta, o detentor, estando na ranhura aberta longitudinalmente, não permite que a manivela se mova. A velocidade de tiro maxima d'esta metralhadora é de 12 salvas por minuto, ou sejam 288 tiros.

## II—Canos dispostos no mesmo plano horizontal

As metralhadoras d'este grupo são caracterisadas, como o diz o seu titulo, por um numero variavel de canos se acharem dispostos ao lado uns dos outros e n'alguns modelos em mais de uma fileira.

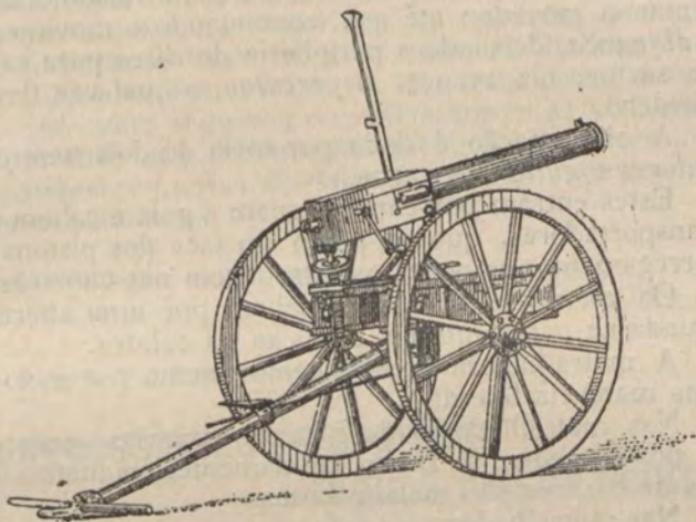
Na retaguarda dos canos está o machinismo, comprehendendo: os *pistons de carregamento*, *percutores* e *extractores* em numero igual ao dos canos e que recebem movimento alternativo no sentido do eixo dos canos. Os cartuchos são levados do *distribuidor* aos canos por meio de um ou mais *transportadores* com movimento transversal alternativo ou de rotação no plano vertical. Tanto os movimentos do machinismo como do transportador são obtidos quer por uma *manivela* quer por uma *alavanca*, que se move n'um plano horizontal.

**Agar.**— Comquanto esta metralhadora só possua um cano, é incluída n'esta classificação por o seu machinismo da culatra possuir os caracteristicos atraz apontados. Americana, foi como a Gatling empregada na guerra Separatista da America do Norte e o seu calibre é de 14<sup>mm</sup>.

Os cartuchos estão n'uma caixa, em pequenos cylindros de aço, que são de facto as camaras dos canos, e podendo rolar sobre um plano inclinado até ficarem n'um lugar proprio, á retaguarda do cano. Por meio de uma manivela, que faz mover um systema de rodas de engrenagem, faz se cahir o cartucho no respectivo alojamento, logo atraz do cano, ao mesmo tempo que um ferrolho o mantem n'essa posição enquanto um martello lhe bate a capsula, fazendo partir o tiro. Continuando a mover a manivela, o cylindro sahe, depois de o ferrolho o deixar e pela acção de uma alavanca, sendo lançado n'um receptor, seguindo novamente outro cylindro carregado pelo plano inclinado para o seu alojamento na retaguarda do cano, repetindo-se assim o tiro successivamente.

Comquanto a rapidez do tiro não fosse de mais de

120 tiros por minuto, o aquecimento do cano era grande. Para obviar a uma grande elevação de temperatura, a metralhadora tem um machinismo engenhoso accionado pela manivela do tiro que projecta, depois de cada tiro, duas correntes de ar frio: uma interior e outra exteriormente ao cano, n'um tubo que o envolve.



**Gardner.**— A metralhadora *Gardner* é de 6, 5, 2 e 1 canos.

Sendo o systema o mesmo com qualquer numero de canos, descreveremos rapidamente o modelo de dois canos.

Estes são envolvidos em uma massa de bronze com forma prismatica prolongada para a retaguarda para formar a caixa da culatra.

O machinismo contém, para cada cano, um *porta-percutor* com movimento de vae-vem transmittido por um *disco* a que está ligada uma *guia* que trabalha sobre outras com perfis taes, que garantam uma pequena paragem nas posições extrema avançada e retrograda do *porta-percutor*. Este tem á sua frente um *cylindro vasado* para a passagem do percutor e que serve para

introduzir os cartuchos na camara, pelo que se chama *piston carregador*.

O *percutor* acha-se alojado no *piston de carregamento* e no *porta-percutor*. E' accionado por uma alavanca angular com uma mola em V.

Um *disco* ligado á arvore e com um sector vasado faz avançar o *porta-percutor*, forçando a *alavanca* a armar o *percutor* até que, continuando o movimento, a *alavanca*, deixando a periphéria do *disco* para saltar no sector, faz avançar o *percutor*, o qual vae ferir o cartucho.

A alimentação é dada por meio de dois *transportadores* e *guias* dos cartuchos.

Estes entram por cima, seguem a guia e cahem nos transportadores, que os põem em face dos pistons de carregamento, os quaes os introduzem nas camaras.

Os cartuchos detonados sahem por uma abertura situada na parte anterior da caixa da culatra.

A metralhadora recebe o movimento por meio de uma manivela lateral.

Nas metralhadoras de 5 canos as varias operações de tiro succedem-se muito rapidamente, emquanto que nas de 2 canos são mais morosas.

Nas metralhadoras *Gardner* o systema é de grande simplicidade, pois que a de um cano apenas contém 33 peças; e pezam de 25 a 120 kilos, conforme o calibre e numero de canos. Desmontam-se e montam-se com grande facilidade e rapidez.

O numero de homens de guarnição é dependente da velocidade de tiro que se deseje obter.

A velocidade de tiro decresce com a continuação do fogo, sendo maxima de 250 tiros para as de 1, de 400 para as de 2 e de 620 para as de 5 canos.

**Pratt e Whitney.**—Esta metralhadora não differe essencialmente da anterior. E' uma *Gardner* modificada.

Nas experiencias a que se procedeu com a metralhadora *Pratt e Whitney* e no uso que lhe deram os italianos se reconhece a enormidade da importancia da

qualidade do cartucho no bom ou mau funcionamento de taes armas.

Assim, na Russia, experimentada em 1885 uma de dois canos, nunca deu mais de 240 tiros por minuto, por haver soffrido repetidas interrupções de funcionamento.

Nas experiencias italianas da mesma epocha, a mesma metralhadora, fazendo uso de munições americanas, funcionou muito superiormente ás Gatling, Gardner e Nordenfelt; e, comtudo, na guerra com a Abyssinia (no anno seguinte) comportaram-se de tal fórma mal, fazendo uso de munições italianas, que foram immediatamente postas de lado e a seguir retiradas da infantaria italiana.

(*Continúa*).

CAP. BUGALHO.

---

## Da necessidade de codificar alguns regulamentos

---

E' por demais conhecido que os assumptos de administração e escripturação militar nos absorvem tempo e trabalho demasiados, sendo esse labor quasi incompativel, em nossa humilde opinião, com a verdadeira missão do official do exercito. Apesar d'isso, muito pouco, ou quasi nada, se tem feito para que os assumptos administrativos não continuem a absorver pelo menos dois terços do tempo util, com manifesto prejuizo da instrucção e educação militar, mais dignas da attenção de nós todos do que a confecção de mappas e outros documentos *modelares*, que são quasi a unica preocupação no labor quotidiano do regimento.

Indubitavelmente, as questões militares tem soffrido, na ultima metade do seculo, uma grande metamorphose.

Entre nós, paiz pequeno e com minguados recursos, sempre muito chorada a parte, aliás, insufficientissima, destinada ao exercito, tem-se procurado acompanhar as nações que dispõem de melhores cabedaes. A estrutura do nosso exercito assenta em bases tão sabias e racionais como as de outros exercitos mais fartamente dotados.

Tem sido grande a revolução produzida na tactica e no armamento; divulgou-se a instrucção de tiro, muito efficazmente, até no elemento civil; temos uma grande parte da nossa 2.<sup>a</sup> reserva regularmente instruida; o recrutamento das praças de pret e a promoção no officiato são feitos segundo bases perfeitamente modernas e acceitaveis; finalmente, reduziu-se o tempo de serviço de modo a fazer passar pelas fileiras do exercito activo o maior numero de mancebos, etc., etc.

Não ha, pois, duvida em affirmar que tudo se tem sabiamente disposto para que o regimento seja a verdadeira escola de educação civica e de preparação para a guerra, que Deus afaste, mas para a qual convem estar preparado convenientemente.

Posto isto, occorre perguntar: — Teem sido reduzidos, parallelamente, ao minimo, compativel com a instrucção e educação militar, os serviços de administração e contabilidade regimental? Crêmos que não. O que se tem feito é insufficiente, em nossa opinião.

E' mister reduzir e simplificar o mais possivel o serviço de escripturação de modo que o sargento, esse magnifico auxiliar do capitão, deixe, um momento, de se vêr preocupadissimo com a serie de *papelinhos* que lhe exigem a toda a hora, cujo assumpto, a maior parte das vezes, não vale o proprio papel consumido, mas que lhe absorve o melhor da sua actividade, que mais util seria reservar para assumpto de maior monta, como é a instrucção militar.

Temos nós um excellente corpo de officiaes de administração militar, de que se pôde esperar muito. Pois lancem esses nossos camaradas mão do assumpto de que vimos tratando e terão prestado um importante serviço ao exercito.

O regulamento de fazenda militar, de 1864, *apezar de veterano, ainda não foi reformado*. Mas deve sel-o, porque já não presta serviços que aproveitem regularmente. *Fulguem-n'o, pois, incapaz de todo o serviço e preencha-se a sua vaga sem demora.*

É muito necessario reunir n'um só diploma tudo quanto ha disperso por milhares de circulares e ordens do exercito sobre legislação e administração militar, simplificando quanto se poder tal serviço de modo que elle não continue sendo a preocupação constante no machinismo regimental. A tarefa não offerecerá grandes difficuldades a vencer sabida a competencia e boa vontade de que sempre estão dando provas os nossos camaradas do corpo da administração militar. Bastará, pois, S. Ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra ordenar a codificação necessaria, devidamente simplificada, e esperamos que o fará se attender ao fundo das nossas considerações desataviadas mas sinceras.

\*  
\*   \*

Uma consulta inserta no numero d'esta revista referente a outubro, mais nos arreigou a convicção, que já tinhamos, da necessidade da publicação, devidamente corrigida, do titulo 4.<sup>o</sup> do regulamento tactico da infantaria. Com effeito, a legislação de 1879 é ambigua em muitos pontos referentes a continencias e honras militares. E se nós entendemos que toda a legislação militar deve ser, em geral, clara para que a sua execução tenha toda a regularidade sempre precisa em assumptos militares, a que tiver immediata relação com a disciplina deve ser clarissima. Não deve admittir duas interpretações.

Não temos presente nenhum exemplar da velha ordenança de infantaria mas tambem nos não faz grande falta porque não nos propozemos fazer-lhe quaesquer commentarios, por nos parecer isso desnecessario. Sabemos que lá existem ambiguidades e talvez algumas incoherencias, que muito convirá banir ou esclarecer.

A nossa illustre commissão de aperfeçoamento que, de certo, viu a consulta alludida, deve ter ficado conven-

cida da necessidade que apontamos, sendo de crer, pois, que, sabido o seu habitual zelo e muita competencia, em breve apresente o titulo 4.<sup>o</sup> do regulamento para a instrucção tactica da infantaria, trabalho que suppomos de-verá satisfazer plenamente. Então veremos o assumpto — continencias e honras militares — claro e moldado segundo bases de uma jurisprudencia moderna, não dando azo a que possam apparecer mais consultas como a que nos vimos referindo.

Terminamos, por hoje, as nossas considerações sobre a necessidade de codificar alguns regulamentos, pedindo a S. Ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra que lance para este assumpto a sua muito esclarecida attenção.

F. S.



## DIRECCÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE INFANTERIA

Nem o espaço, nem a occasião nos permittem, n'este momento, apresentar aqui o estudo feito sobre o segundo projecto de lei do nobre ministro da guerra.

Comtudo, um voto devemos fazer desde já, e vem a ser que, seja qual fôr o desenvolvimento que as bases do referido projecto de lei venham a adquirir, não desejamos vêr cerceadas as attribuições e faculdades da direcção geral dos serviços da nossa arma.

A parte organica da direcção geral dos serviços de infantaria dá á nossa arma attribuições para o *estudo das armas portateis, tabellas de tiro e de todas as questões concernentes ao desenvolvimento da instrucção a ministrar nas carreiras e campos de tiro.*

Infelizmente, nem sempre se tem respeitado os princípios, nem acatado a lei.

Desejariamos que o campo dos princípios ficasse bem extremado para que, nem a infantaria fosse, por qualquer circumstancia, ingerir-se em attribuições inherentes ás outras armas irmãs, nem tão pouco nos viessem apoucar os nesses serviços e até talvez prejudical-os com enxertias descabidas.

A comissão de officiaes de infantaria encarregada da escolha do typo de metralhadoras a adoptar no nosso exercito, propoz (Ordem do Exercito, parte não official, de 1904) *a conveniencia de não se adquirir este material (metralhadoras) sem se haver determinado o typo de cartucho para a nova arma de infantaria.*

E esta proposta, esta recommendação não foi attendida, não sabemos por que motivo, resultando d'esse facto difficuldades supervenientes que eram bem escusadas.

Portanto, o sr. ministro, que está animado das melhores intenções e que procura inspirar-se nos sãos princípios em que deve assentar uma boa organização militar, dê a cada um aquillo que lhe pertence, impondo tambem toda a responsabilidade real do uso ou abuso que porventura façam d'essas attribuições.

E assim, contamos vêr que o sr. conselheiro Vasconcellos Porto não regateará á arma de infantaria o direito que ella tem de estudar e velar por tudo quanto particularmente lhe diga respeito e seja concordante com a necessidade impreterivel do aperfeiçoamento d'este importantissimo orgão da defeza nacional.

Não vae n'isto nem uma vaidade nem uma ambição, mas apenas a consciencia bem nitida e bem sentida do nosso valor profissional e a affirmação bem solemne da nossa competencia technica para estudarmos todos os assumptos da nossa arma.

Este voto fazemos esperando, com fundamentada razão, que o nobre ministro nos fará justiça inteira reconhecendo o valor integral da nossa causa no plano moral e legal em que a collocamos.



## Secção do estrangeiro

**Japão.**—O governo japonês mandou suspender até nova ordem todos os trabalhos de fortificação que se estavam executando em Maigourou, Hako-date e nos districtos de Bakau e de Kitan, visto não se poder desde já fixar a nova doutrina relativa a fortificações em face da importancia dos ensinamentos colhidos na guerra da Mandchuria.

Parece, comtudo, que o estudo que ha-de definitivamente estabelecer os novos principios em que a moderna fortificação deve assentar, vae adiantado.

\*

O ministro da guerra de accordo com o ministro da instrucção publica laboraram um plano para que o theatro da guerra da Mandchuria seja visitado por um grande numero de alumnos das escolas superiores. A primeira viagem será de 3:694 professores e discipulos.

O Japão procura, por este meio, inflamar o coração da mocidade estudiosa, levando-a ao entusiasmo pelas glorias guerreiras da nação.

\*

Segundo a informação do jornal japonês *Dji-dji* parece que o imperio nipponico pensa em augmentar ainda mais o seu exercito.

Como se sabe, no decurso da ultima guerra, o Japão creou 4 divisões de infantaria, as 13.<sup>a</sup>, 14.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup> e 16.<sup>a</sup>.

Pois pensa em elevar as suas divisões a 20, além da divisão da guarda.

Na cavallaria o augmento é mais importante, pois cria 8 divisões.

Sabe-se que o Japão tinha pouca cavallaria, um regimento

por cada divisão e duas brigadas não divisionadas, e de má qualidade.

O augmento projectado parece pôr em evidencia a falta que esta arma lhe fez na guerra.

A artilheria será dotada com 10 brigadas de artilheria pesada de campanha n'um total de 300 bocas de fogo de grosso calibre.

Pensa tambem em transformar em artilheria montada toda a artilheria de montanha existente e em crear novas baterias de artilheria a cavallo.

A engenharia será elevada a um regimento a tres batalhões por cada divisão, em vez de ser um batalhão por divisão, como era antes da guerra.

Cada divisão receberá tambem o seu parque de aerostatos, sendo augmentadas as suas tropas de telegraphistas e do trem.

O ministro da guerra do imperio nipponico, general Teravuchi acaba de determinar, em ordem á força armada, que o dever do exercito japonéz é conservar no mais absoluto segredo todos os ensinamentos que se deduziram da ultima guerra.

O destino, diz o general Teravuchi, entregou ao Japão numerosos ensinamentos praticos do mais alto valor, por isso o Japão deve zelosamente conservar em segredo esses ensinamentos.

Esta nova feição porque se nos mostra o governo d'aquella nação não pode deixar de nos impressionar, e revela o character dos filhos do Sol Nascente.

Acabam de ser nomeados 4 inspectores do exercito japonéz, que são:

O general Koraki que tem a seu cargo a 4.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> divisões; o general Oku, a 2.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e a 8.<sup>a</sup>; o general Nogi, a 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e a 12.<sup>a</sup>; o general Kavamura a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup>.

**Russia.**—Achamos altamente curiosa uma revelação que o jornal russo *Sviet* faz ácerca da adopção de um uniforme de campanha com duas côres, sendo por um lado o *khaki* e pelo reverso o *verde*.

*The Army and Navy Chronicle*, n'um artigo muito bem pensado e muito bem redigido em opposição ás medidas de M. Haldane, que tão fundamente está alarmando os nossos camaradas do exercito britannico, faz-se echo d'essa revelação do jornal russo.

Quando o meio em que as tropas tinham de operar em campanha, na Mandchuria, era um bosque (*green bush*) os soldados traziam o seu fardamento com a côr verde para fóra, ao contrario, quando o meio não tinha um fundo verde, viravam o fardamento ficando com o *khaki* para a parte exterior.

Muito se tem trabalhado para subtrahir as tropas, em campanha, á vista do inimigo, procurando-se dotal-as com um fardamento que seja o menos visível possível, porém, esta ideia de um fardamento de duas côres que serão usadas em harmonia com a tonalidade geral da paisagem, na qual a tropa tem de manobrar, é na verdade a primeira vez que ouvimos fallar, parecendo-nos que será na pratica em extremo difficil adoptar-se semelhante medida.

Afigura-se-nos que isto se pode bem classificar como uma extravagancia, para não dizer outra coisa, diante de desastres tão continuados como foram aquelles a que, infelizmente, o exercito russo esteve sujeito durante todo o periodo da guerra.

Como curiosidade merece todavia ser registado aqui.

É o que fazemos.

**Estados Unidos.**— Debate-se n'este paiz, com grande encarniçamento, a questão alarmante da paralyzação das promoções no exercito.

O presidente Roosevelt é partidario das promoções por escolha, mas a opinião geral é contraria em absoluto a semelhante idéa, que não pode subsistir n'um paiz onde a politica absorve e domina todos os sentimentos até ao da justiça.

Haja vista ao que aconteceu ao capitão Pershing, que, como premio de serviços prestados á sua patria (mas as más linguas dizem que foi por ser parente proximo de um celebre senador), foi promovido a general preterindo 900 camaradas mais antigos.

Todos tremem ali com tal idéa, e o proprio ministro da guerra, M. Taft, oppõe-se tenazmente á promoção por escolha.

Mas, como a estagnação é grande nas promoções dos officiaes do exercito, pretende-se adoptar o principio da *eliminação*, com o fim de activar as promoções.

Esta *elimin..ção* é baseada em provas sérias para se poder attingir aos postos de major e de tenente coronel.

Segundo a opinião do chronista americano para a *Revista Militar Suissa*, parece que o exercito dos Estados Unidos possui um grande numero de officiaes pouco recommendaveis.

Para se avaliar a elevação moral d'aquella corporação cita o referido chronista que em poucos mezes houve dois officiaes desertores, dezeseite responderam em conselho de guerra por prevaricação de dinheiros publicos, e cinco foram reformados por diversos motivos.

N'estes factos se funda a opinião publica, que reclama uma depuração periodica n'aquelle exercito.

**Inglaterra.**— Uma experiencia curiosa acaba de effectuar-se em Londres, nas margens do Tamisa, perto de Windsor.

Tratava-se de saber quem atravessaria primeiro o Tamisa, se um grupo de cavalleiros montados nos seus cavallos, se um grupo de infantes n'uma jangada construida na occasião.

Para esta experiencia chegaram ao mesmo tempo e ao mesmo local 60 soldados do 1.º Rifle Guards e 60 soldados do 2.º batalhão do Coldstream Guards.

Os primeiros despiram-se rapidamente e lançaram-se á agua montados nos seus cavallos; os segundos começaram logo a construcção da jangada com barris e pranchas de madeira.

Houve cavallos que a meio do rio voltaram para traz, outros enterraram-se na margem opposta, perdendo-se muito tempo para os pôr em movimento.

O que é certo é que os 60 infantes chegaram á margem opposta e tomaram a posição de combate 2 minutos antes dos 60 cavalleiros. Os infantes foram proclamados victoriosos.

\*

Em conformidade com as propostas de Mr. Haldane, ministro da guerra da Grã-Bretanha, foi ultimamente dissolvido o 3.º batalhão de Scots Guards.

Nós já alludimos a este facto n'esta secção, mas tendo encontrado no jornal inglez *The Army and Navy Chronicle* o discurso que o rei Eduardo VII de Inglaterra pronunciou pela occasião em que passou, pela ultima vez, revista ao referido batalhão, não queremos deixar de o traduzir na integra esse, aliás, tão interessante documento.

Disse o rei Eduardo VII:

«Coronel Drummond, officiaes, sargentos e soldados do 3.º batalhão de Scots Guards:

O meu governo julga necessario reduzir as despesas do exercito, e por consequencia vae haver uma redução tanto na artilheria como na infantaria, sendo incluindo o vosso batalhão n'esta redução. Em conformidade ordenei que comparecesseis aqui hoje para vos passar revista e exprimir-vos o meu apreço pelos vossos serviços no batalhão que brevemente vae deixar de existir.

Deixe-me felicital-o, coronel Drummond, pelo batalhão de que é commandante.

Nunca vi melhores officiaes nem soldados, e é com sincero pesar que me despeço de vós. Tendes bem cumprido o vosso dever durante os 6 annos da existencia do batalhão. Ha pouco mais de 5 annos que eu vos fiz presente da bandeira que ides deixar e que vos devia ser entregue pela minha sempre venerada mãe, a Rainha Victoria. Espero que depois de passada esta revista entregareis essa bandeira á minha guarda. Conserval-a-hei sempre religiosa e cuidadosamente no Palacio de Buckingham, porque ainda espero que me será possivel, ou pelo menos ao meu successor, vêr outra vez um 3.º batalhão de Scots Guards trazendo-a no meio das suas fileiras.»

O coronel Drummond respondeu ao rei nos seguintes termos:

«Em nome do 3.º batalhão de Scots Guards peço respeitosa-mente para apresentar a Vossa Magestade os nossos agradeci-

mentos mais sinceros pela subida honra que nos concedeu vindo hoje aqui pessoalmente passar revista ao nosso batalhão. A noticia da amavel intenção de Vossa Magestade em querer receber á sua guarda a bandeira que nos deu ha 5 annos, causa a maior satisfação ao batalhão no actual momento, e todos os officiaes e soldados do 3.º batalhão de Scots Guards hão-de lembrar-se sempre do lemma da nossa bandeira «Semper Paratus» para que estejam sempre promptos para o serviço de Vossa Magestade, nosso coronel em chefe e nosso Rei.»

**Siam.**—A influencia crescente do imperio japonéz sobre o Siam é hoje um facto de certa importancia, se attendermos ao valor da cidade de Bangkok, como ponto estrategico maritimo de primeira ordem para o caminho dos mares da China.

O principe Siamez, Nakonchaisne, commandante em chefe do seu exercito, foi recebido no Japão, aonde passou algumas semanas, da maneira mais enthusiastica.

Os futuros officiaes siamezes fazem a sua aprendizagem no Japão; e até os filhos dos principes e dos nobres são educados por professores japonezes.

Tudo isto é a resultante natural do prestigio e do valor que as duas ultimas campanhas victoriosas dos japonezes trouxe áquella grande nação, que, senão nos enganamos, muito brevemente será a dominadora de toda a politica do extremo oriente.

**Allemanha.**—Parece que nas manobras imperiaes do exercito allemão se fez uma experiencia reunindo em um só corpo, provisoriamente, apenas para effeito da manobra, differentes secções de metralhadoras para uma acção commum.

Esta experiencia foi acremente criticada pelo correspondente militar do *Berliner Tageblatt*, que recordando o excellente serviço que as metralhadoras prestaram durante a guerra do Extremo-Oriente, fez resaltar o facto, tantas vezes occorrido na Mandchuria, de uma só metralhadora ter repellido um ataque furioso do inimigo.

A grande vantagem que estas pequenas machinas de guerra offerecem e, portanto, d'onde tiram uma parte da sua importancia, está precisamente na facilidade com que podem ser dissimuladas no combate.

O emprego simultaneo de muitas metralhadoras inutilisa essa grande superioridade.





# REVISTA DE INFANTERIA

## A evolução da tactica de infantaria

(Continuado do n.º 10—1906)

### O fogo como meio de acção

Sendo o fogo um poderoso meio de acção da infantaria, que prepara e facilita o movimento para a frente a uma tropa assaltante, necessario se torna estudar a melhor forma pratica da sua execução.

Duas correntes contrarias se estabeleceram na Europa relativamente á especie de fogo que conviria adoptar normalmente para a acção da infantaria no combate: uma preconizando as vantagens do tiro individual; outra defendendo o emprego dos fogos collectivos.

O regulamento tactico inglez de 1902 prescreve que o fogo á vontade seja habitualmente empregado pelos atiradores. As descargas serão empregadas raramente, salvo sobre objectivos amplos ou bem definidos, e como meio de regular o fogo.

O regulamento allemão preceitua tambem como tiro habitual para a infantaria o fogo á vontade, com velocidade mais ou menos rapida, segundo a importancia e a natureza do objectivo visado. Ao soldado é deferida na execução uma larga iniciativa. E' a elle que compete

apreciar o momento de começar e cessar o fogo, segundo o adversario se mostra ou se dissimula. E' elle tambem que deve escolher o objectivo e a alça, se está distanciado do chefe e não ouve as suas indicações.

Em contraposição, outros regulamentos tacticos, e entre elles o francez, o russo, o hespanhol e o portuguez, encarecem de certa forma as vantagens do fogo por descargas.

E' incontestavel que a execução dos fogos de commando permite a concentração do fogo sobre um determinado objectivo, produz um effeito moral mais depressivo no adversario, mantem o predominio dos chefes sobre as tropas do seu commando e evita o desperdicio de munições; mas convem tambem accentuar que estes fogos, exigindo da parte de todos, e especialmente dos chefes, um grande sangue frio, são pouco praticaveis na guerra, salvo em condições excepcionaes de segurança, da escolha de officiaes e de soldados, da escolha do terreno, de distancia, etc.

No seu notavel livro *Études sur le combat*, o coronel Ardant du Picq sustenta que os fogos de commando são pouco exequiveis na guerra, como teve occasião de observar de perto nas campanhas da Crimeia e da Italia.

Crêmos, porém, que o alargamento das zonas em que se executa o tiro permittirá conciliar o emprego das duas especies de fogo; effectuando o de commando ás maiores distancias e o tiro individual ás distancias inferiores a 500<sup>m</sup>.

O temperamento do soldado é factor que não deve ser esquecido n'este momentoso assumpto. Em geral as raças que conservam maior sangue frio no combate, como são os povos do Norte, podem mais facilmente deferir um certo grau de iniciativa ao soldado durante a execução do fogo, especialmente se a esse soldado houver sido ministrada uma instrucção cuidadosa durante a paz. Ao contrario, nas raças meridionaes, bastante nervosas e impressionaveis, convem conservar mais na mão o soldado para manter n'elle o ascendente dos officiaes e evitar o exaggerado consumo de munições antes do momento decisivo do ataque; portanto, o fogo por descargas impõe-se dentro de certos limites.

Hoje uma nova especie de fogo se estabeleceu para a infantaria no combate.

E' o fogo por *rafales*, que até ha pouco tempo era só executado pela artilheria.

Foram os japonezes, na actual guerra do Extremo-Oriente, os primeiros a empregar em larga escala no combate esta nova especie de fogo.

Consistem as *rafales* na execução d'um fogo rapido, violento, que produz no adversario effeitos fulminantes, não só em resultado das perdas occasionadas, mas pela depressão moral consequente da sua instantaneidade e surpresa.

Entre os japonezes, os curtos instantes da execução d'este fogo indicavam o momento do avanço das suas reservas em formações compactas, visto que a violencia extrema do fogo compellia os russos a abrigarem-se nas suas posições até terminar cada *rafale*.

Os ensinamentos da guerra russo-japoneza levaram os francezes a consignar no seu regulamento tactico de 3 de dezembro de 1904 o emprego do fogo por *rafales*.

Outra questão que nos ultimos annos se tem ventilado entre os tacticos refere-se á extrema vantagem que ha em adquirir e conservar durante o combate a superioridade do fogo.

Pretende-se que a artilheria collabore activamente com a infantaria para a obtenção d'este resultado, sempre que esta arma o não consiga pelos seus proprios esforços. Hoje, mais do que nunca, é indispensavel a estreita ligação das armas no combate.

O canhão deve cooperar com o fusil.

Sendo preponderante o papel da infantaria, a victoria ou a derrota d'ella importará o ganho ou a perda da batalha; portanto, a artilheria deveria ligar ainda mais importancia ao apoio que deve prestar á infantaria amiga, do que á execução d'um duello de artilheria.

Esta opinião vem claramente enunciada no seguinte periodo das instrucções do imperador da Allemanha para as manobras de 1895:

«O canhão não é mais do que uma machina posta á disposição do general para destruir os obstaculos e abrir

caminho ao elemento do exercito, que será sempre o principal em todas as circumstancias, o unico que pode assegurar a victoria: quero referir-me á infanteria».

## VII

### O combate moderno; acção das diversas armas

*a) Orgãos de contacto, de reconhecimento e de introdução do combate:*

O objectivo final dos exercitos é o combate, diz Ardant du Picq, e o objectivo do combate deve ser, senão a destruição das forças do inimigo, pelo menos o quebrantamento pela força da vontade do adversario, a quem se imporá a nossa.

Todo o combate é, em geral, precedido de operações preliminares tendentes a orientar o commando sem entrar a sua liberdade de acção.

Estas operações consistem no estabelecimento de contacto pela cavallaria, na acção eventual de destacamentos de todas as armas e no combate das guardas avançadas.

Os successivos aperfeiçoamentos realizados nas armas de guerra e a descoberta da polvora sem fumo teem tornado cada vez mais difficil a direcção superior das operações no campo de batalha.

Outr'ora o fumo produzido pela deflagração da polvora denunciava a acção das massas; a maior ou menor densidade das nuvens de fumo facilitava a observação, permittindo distinguir á simples vista as linhas de fogo da artilheria das da infanteria.

Hoje a ausencia do fumo difficultará a determinação rapida e exacta das posições inimigas e a observação pessoal do commando fica quasi annullada.

Torna-se indispensavel, pois, recorrer em mais larga escala ao serviço das informações por meio dos reconhecimentos executados durante as marchas que precedem as batalhas.

Mas as notaveis propriedades balisticas das armas de calibre reduzido e do canhão de tiro rapido e o emprego da polvora sem fumo veem difficultar tambem a execução

dos reconhecimentos, que até hoje eram principalmente commettidos á cavallaria, e o estabelecimento do contacto com o inimigo.

D'ahi derivou a ideia de organizar para o serviço de reconhecimento e para o de segurança na frente das guardas avançadas e á retaguarda da rêde de cavallaria de descoberta, que opera a grandes distancias, *destacamentos de cobertura*, constituídos por tropas das tres armas principaes, em condições de poderem obstar aos reconhecimentos audaciosos da cavallaria inimiga, que houvesse illudido a vigilancia, ou rompido as malhas da cavallaria de descoberta.

A artilheria e a infantaria garantem a capacidade de resistencia d'estes grupos e a cavallaria imprime-lhes a necessaria mobilidade; o grande alcance e a invisibilidade do tiro permitem-lhes occupar pontos de apoio sobre frentes extensas e illudir durante algum tempo o inimigo sobre a importancia dos effectivos em presença; em caso de ataque por forças superiores os destacamentos facilmente largam o combate, desapparecendo do terreno de acção, ou procurando o apoio da guarda avançada, com a qual se fundem.

Os destacamentos de cobertura, constituindo uma rêde de segurança movel que cobrirá a frente e os flancos de um exercito em marcha, facilitam consideravelmente a passagem da frente de marcha á frente de combate, porque, occupando os pontos fortes do terreno e toda a rêde de caminhos na direcção do inimigo, tornam o desenvolvimento dos corpos de exercito mais simples e menos perigoso, garantindo-lhes mais tempo e mais espaço.

Por effeito d'este serviço de reconhecimentos, o commando superior poderá ser summariamente informado da situação das forças adversas, da série de posições occupadas pelo inimigo, e delinear, em consequencia, os traços geraes das primeiras posições a adoptar pelas tropas de ataque.

Na generalidade dos casos o reconhecimento effectuado por esta forma não fornecerá os elementos sufficientes para escolher com precisão o ponto sobre que devem convergir os principaes esforços do atacante.

Para determinar com exactidão o ponto em que deve incidir o ataque principal será indispensavel tactear o inimigo sobre toda a sua frente, travando um combate de preparação, que permitta elucidar plenamente o commando da situação das forças adversas.

Condensando estes principios e acceitando a concepção dos tacticos mais em evidencia na actualidade, um exercito em operações, para esclarecer a situação e ficar quanto possivel a coberto d'um golpe de mão audacioso do seu adversario, precisa dispôr na sua frente os seguintes órgãos de contacto, de reconhecimento e de introdução do combate:

- a) Cavallaria de descoberta lançada a grandes distancias;
- b) Destacamentos de cobertura constituídos por tropas das tres armas principaes;
- c) Guardas avançadas compostas de tropas das quatro armas.

Esboçemos a ligeiros traços a missão commettida a cada um d'estes elementos de segurança d'um exercito bem organizado.

### Cavallaria de descoberta

Tem por missão especial explorar a região atravessada e descobrir o inimigo, estabelecendo e conservando o contacto com o grosso das suas tropas para o commando ser convenientemente informado e para se lhe garantir a liberdade de operações.

As brigadas de cavallaria encarregadas do serviço de descoberta podem ser aggregadas forças de artilheria a cavallo e destacamentos de metralhadoras, mas a exploração realisada n'estas condições nem sempre é completa, podendo ser mais ou menos paralyzada pela cavallaria adversa.

Na melhor das hypotheses, a cavallaria, conseguindo penetrar o serviço de segurança do inimigo, será as mais das vezes impotente para reconhecer o adversario, especialmente se este houver adoptado para sua defeza um dispositivo de estacionamento guardado.

A cavallaria pode tambem chocar-se com uma guarda

avanzada, que lhe offerecerá uma resistencia energica, frustrando-lhe a realisacão do reconhecimento. Só com o auxilio d'um outro elemento ou orgão de segurança, que á mobilidade junta a força de resistencia, conseguirá levar mais longe o reconhecimento do inimigo.

Recorreu-se, portanto, ao emprego dos

### Destacamentos de cobertura

São constituídos por tropas das tres armas em força variavel, conforme as circumstancias; em geral, um ou dois batalhões de infanteria, um esquadrão de cavallaria e uma bateria de artilheria satisfazem para a organisação de cada destacamento.

Teem por missão especial reconhecer o inimigo, attrahil-o ou retardar o seu avanço.

A occupação de pontos de apoio n'uma frente extensa, onde é facil manter calculadamente a intensidade do fogo, pode induzir em erro o adversario, dando-lhe a impressão de se achar em presença de forças bastante numerosas e levando-o a desenvolver effectivos muito superiores; a fraqueza relativa d'estes destacamentos, tornando-os mais flexiveis e manejavaes, permite-lhes o occultarem-se com mais facilidade.

Estes destacamentos formam em volta do exercito uma rêde de segurança movel, cobrindo principalmente a frente e os flancos e deslocando-se ao mesmo tempo que aquelle.

Prestam auxilio á cavallaria de descoberta, quando repellida pelo inimigo, exploram o terreno na frente das guardas avanzadas, estabelecem o contacto com o inimigo, mantendo-o, cedendo á pressão, mas só quando seja forte, evitando de se empenhar a fundo, resistindo n'uma série de posições successivas para ganhar tempo e facilitar a entrada em acção das guardas avanzadas pela occupação dos pontos de apoio principaes.

Na offensiva, os destacamentos empregam-se de preferencia na exploração; na defensiva, estabelecem mais propriamente a *cobertura*.

Os destacamentos de cobertura em contacto immediato com forças inimigas superiores, que tentem o envolvi-

mento d'uma ala, combatem para conter e retardar os progressos d'este envolvimento; quando o seu movimento retrogrado se torne indispensavel, vão formar destacamentos de ala do corpo de exercito mais avançado, cobrindo os flancos d'este, evitando-lhe que seja obrigado a ampliar a sua frente.

(*Continúa.*)

ADRIANO BEÇA  
Major d'infanteria 10.



## Tiro civil em Inglaterra

O artigo que segue, transcripto da importante revista illustrada londrina — *Tatler*, — é devido á penna da marechal de campo inglez, lord Roberts, o heroe de Kandahar e o glorioso vencedor de Pretoria.

A transcrição d'este artigo precisa ser precedida de algumas explicações, que bem façam comprehender o fim e intuitos com que foi escripto, e a causa que levou aquelle velho e glorioso homem de guerra a lançar mão da sua penna.

Em toda a guerra transvaaliana as defficiencias do exercito inglez foram postas a nu d'uma forma bem cruel. O proprio Roberts, que assumiu o commando do exercito no meio do decurso das operações, para fugir a uma derrota certa e a um extraordinario dispendio de vidas,

viu-se obrigado a pôr de parte, mesmo debaixo de fogo, os processos até então seguidos.

Vencida a campanha, Roberts volta a Inglaterra commandante em chefe do exercito inglez, e n'essa qualidade inicia uma extraordinaria serie de medidas militares, tendentes a transformar de *fond en comble* todos os systems sob os quaes se apoiava a organização, constituição, instrucção e disciplina, inclusivamente, de todo o exercito da sua nação. A sua orientação reformadora encontra, porém, taes obstaculos da parte dirigente e dos elementos politicos do Reino Unido, que não só o não deixaram proseguir, mas até o destituíram do elevado cargo que exercia, extinguindo o commando em chefe.

Tirando-lhe todos os elementos d'acção, o glorioso marechal encontrou-se apenas armado com a sua cadeira na camara dos *lords*, sob a qual assistiu impassivel á marcha de todos os acontecimentos militares que se seguiram. Vendo, porem, como patriota que é, o mau rumo que os acontecimentos estavam seguindo, resolveu-se um dia, ha pouco mais d'um anno, a erguer a sua voz do alto da tribuna parlamentar para dizer a todos os seus concidadãos, como verdadeiro evangelizador das necessidades militares do seu paiz, que o caminho que se estava seguindo não era sómente mau, mas que podia representar tambem a ruina da Inglaterra e a queda de todo o seu imperio. Disse e mostrou esta verdade descrevendo o estado do exercito, pondo em relevo as missões que as exigencias da vida diplomatica lhe podiam impôr.

No confronto que estabeleceu, lord Roberts escalpelizou os menores detalhes, pois que não houve defficiencia que não apontasse, falta que não mencionasse e erro que não evidenciasse. Os seus discursos attingiram as proporções d'um escandalo nacional, e se não fosse o seu prestigio, certamente Roberts era um homem liquidado. Elle porém tinha auctoridade para isso, o escandalo deu-se e o paiz, em lugar de vêr n'elle um mal-dizente, apenas lhe reconheceu qualidades de bem intencionado, que, inspirado por um nobre sentimento patriotico, apenas disse duras verdades, a que sem demoras nem delongas era urgente acudir.

Mas, como nem todos os inglezes podiam assistir ás sessões da camara alta, as classes populares, e nomeadamente a classe commercial, querendo ouvil-o mais de perto, convidaram-no para nas associações de commercio fazer conferencias publicas sobre o assumpto. Estes convites, sem duvida originaes, teem ainda a tornal-os mais curiosos o factu de serem feitos por classes nada dadas ao mysterio das armas. Se não fosse o notorio senso pratico inglez, que leva este povo a ver sempre as coisas pelo prisma da verdade, estes convites não teriam facil explicação. Esse mesmo bom senso mostrou porem a todos que Roberts tinha razão e essa convicção foi o bastante para o inglez pôr de parte os seus preconceitos a respeito do militarismo e querer ouvir de perto as palavras d'aquelle que parecia fallar tão claro como verdadeiro. O povo inglez é um povo que se adapta a tudo, a questão reside apenas em se convencer da necessidade de assim proceder.

O que é um factu é que Roberts lhes fez a vontade e realisou varias conferencias publicas nas camaras de commercio das principaes cidades, taes como Londres, Newcastle, Liverpool, etc., etc. sendo sempre aclamado e applaudido com fervor e enthusiasmo.

E dadas estas explicações, que nos pareciam necessarias, vamos entrar no assumpto que directamente nos interessa.

Nas suas conferencias, bem como nos seus discursos na camara alta, depois de apontar os defeitos e faltas do exercito inglez, passou sempre a indicar, como, aliáz, é proprio d'um homem pratico e da envergadura do velho Roberts, os remedios que se lhe deviam applicar. E um d'elles foi a militarisação da nação por meio do tiro nacional. Para isso enumerou as vantagens que esse ramo d'instrucção podia trazer, não só para a educação civil e militar do povo, mas tambem para a defeza do proprio paiz, insistindo n'esse ponto, chegou mesmo a aconselhar e pedir aos seus conterraneos que frequentassem as carreiras de tiro e que exercitassem o seu desenvolvimento.

Ora, se até aqui o papel de Roberts tem sido sympathico, por arcar com rara hombridade com todas as difficul-

dades e mal querenças para evangelisar esta verdade dos tempos modernos, o papel que então o povo inglez passou a desempenhar em coisa alguma lhe fica a dever em sympathy. Convencendo-se todos que o apostolo tinha razão e que, por isso, era indispensavel seguir-lhe os conselhos, immediatamente, com a vontade de ferro caracteristica d'aquelle grande povo, todos passaram a advogar o desenvolvimento d'essa instrucção, e sociedades e agrupamentos passam a constituir-se e as carreiras e campos de tiro começam a encher-se de cidadãos inglezes que desejam fazer tiro ao alvo. O *shôoting* passou a ser um genero de sport, e hoje estão-se realisando já concursos de tiro com tanto ou mais enthusiasmo do que na propria Suissa, onde esta instrucção tem fóros especiaes.

As publicações illustradas andam cheias de gravuras de assumptos de carreiras de tiro e de grupos de vencedores, e, por algumas d'ellas, temos visto que concursos tem havido com mais de mil competidores e com premios no valor de muitas libras.

E é assim que um povo grande mostra que o é, porque o sabe ser.

Mas alem das camaras de commercio a que já nos referimos, os jornaes passaram tambem a pedir artigos ao marechal Roberts e o que se segue, transcripto do *Tatler*, está n'essas condições.

Segue o artigo:

**A nossa destreza no tiro de bésta.** — Na meia idade a bésta comprida foi a arma verdadeiramente nacional da Inglaterra; tanto as leis como os costumes estabeleciam que todo o homem livre devia ser instruido no seu manejo, e cada aldeia tinha o seu logar apropriado para esse fim. A destreza com a bésta, d'esta forma adquirida, deu-nos as grandes victorias de Falkirt, Crecy, Poitiers, e Azincourt, e fez nascer a infantaria ingleza—empregando as palavras dos historiadores francezes—«que foi a mais formidavel que o mundo viu desde a dissolução do imperio romano». Se nós temos presentemente a mesma aptidão para o tiro da espingarda como a que tinhamos para o tiro de bésta devemos ter grandes garantias para poder-

mos attingir a aptidão militar que é, como um facto verdadeiro, a mais propria para nos prepararmos na paz afim de nos defendermos das outras nações em caso de guerra.

**As lições da Africa do sul.** — A commissão Real encarregada de fazer o inquerito da campanha da Africa do sul n'uma frisante passagem do seu relatorio, accentua que — «a verdadeira lição da guerra, na sua opinião, é que nenhum systema militar pode ser satisfatorio desde que não se apoie em alguma coisa mais do que os limites d'uma força regular do exercito. Se a guerra nos ensina alguma coisa tendente a mostrar que assim é, em toda a extensão do Imperio, no Reino Unido, suas colonias e dependencias, ha uma reserva de forças militares que por muitas razões nós não podemos nem desejamos converter em exercito permanente, mas da qual nós com vantagem podemos muitas vezes lançar mão se as necessidades nos obrigarem a isso, como em 1899».

**Um assumpto da mais alta importancia.** — Eu inteiramente concordo com esta opinião, e estou convencido que isto é um assumpto da mais alta importancia, não sómente para o exercito regular e forças auxiliares do paiz, mas tambem para o proprio Imperio, que a instrução de tiro deve ser tornada nacional e ministrada com as armas actuaes, da mesma forma que antigamente se procedia com o tiro de bésta na nossa propria nação.

A ideia não é sequer verdadeiramente nova para algumas assembleias e comunidades inglezas. Nos Estados Unidos se tem procurado desenvolver a pratica d'este exercicio em todas as escolas militares e civis e mesmo entre os cidadãos adultos. O anno passado se publicou mesmo um regulamento sobre o assumpto.

**A opinião do ministro da guerra.** — Sobre este assumpto transcreverei as palavras seguintes d'uma circular assignada pelo ministro da guerra: «Crê-se que os Estados Unidos terão dentro de poucos annos mais de 1.000:000 homens instruidos por este processo, e que offerecerão as

mais vantajosas condições para se poderem tornar os melhores soldados do mundo».

**Difficuldades vencidas.**—Evidentemente o maior obstáculo para a popularisação da instrução de tiro com caracter nacional em todo o paiz, é a difficuldade em obter campos apropriados. Uma menor difficuldade é a aquisição de armas e a dotação de munições. Ambas estas difficuldades podem, porem, ser vencidas pela introdução do tiro reduzido e carreiras de pequeno alcance ou com o emprego do tiro a distancias reduzidas.

**A instrução de tiro nacionalisada.**—Para que a instrução de tiro se nacionalise é indispensavel que as associações de tiro se organisem debaixo do patronato e vigilancia das auctoridades militares e dos presidentes das camaras (mayors) de todas as cidades importantes, que estabelecerão succursaes em todas as mais localidades de menor importancia, até que todos os cidadãos tenham por habito esta instrução depois dos dias de trabalho, e que os ha-de habilitar a poderem pegar em armas pelo seu paiz.

**A instrução de tiro tão popular como o cricket e o foot-ball.**—Eu desejaria ver em todas as escolas e collegios tornar-se tão usual a instrução do tiro como o *cricket* e o *foot-ball* o são presentemente. O conselho do exercito, eu sinto muito prazer em o dizer, aconselha se estebeleça como complemento da instrução escolar a instrução do tiro ao alvo, para o que prescreve se estabeleçam carreiras de tiro reduzido em todas as escolas. E esta orientação, eu creio que se está apoderando tambem dos differentes membros dos clubs de *sport*. Ha evidentes signaes de que estamos evolucionando, embora vagarosamente, na direcção do verdadeiro caminho, pois que, eu conheço que o verdadeiro caminho consiste na conscripção, d'uma forma ou outra.

ROBERTS F. M.



## METRALHADORAS

(Continuado do n.º 11—1906)

**Albertini.** — A metralhadora Albertini, com dez canos, é bastante semelhante á Gardner. E' accionada tambem por uma manivela, que faz girar uma arvore onde se fixam dois excentricos, um destinado ao movimento de vae-vem do *porta-pistons* de carregamento e o outro para a alimentação. Alem d'estes dois, ainda a arvore tem mais 10 pequenos excentricos destinados a armar e desarmar os percutores que, como na Gardner, estão alojados nos *pistons* de carregamento, que tem cada um o seu extractor. Uma travessa que tem os pistons é accionada pelo excentrico da manivela; e no ultimo tempo de fechar os canos, dois *fortes ferro-lhos* veem apoiar-se na travessa, garantindo a obturação.

A *alimentação* é feita por um modo analogo á da Gardner, por meio de um *transportador*, uma *caixa de alimentação* e um *deposito*.

O *transportador* conduz os cartuchos do deposito, que é collocado por cima da metralhadora junto á culatra, para a parte posterior dos canos, onde são introduzidos pelos *pistons de carregamento*.

O *deposito* contém tubos de latão, onde os cartuchos se acham com a base para cima; uma alavanca articulada dispõe os cartuchos convenientemente para serem recebidos pelo transportador.

A *caixa de alimentação* colloca-se sobre o deposito e n'ella estão 160 cartuchos em series de 8 em tubos metallicos. Substitue-se por outra carregada, quando é necessario, com a maior facilidade, e o seu carregamento é tambem facilimo e rapido.

Devido principalmente a esta facilidade e rapidez de alimentação, com esta metralhadora consegue-se uma velocidade de 800 tiros por minuto e sempre successivos. E' porém muito pezada, pois com um ligeiro reparo de chapa de aço peza 280 kilos.

**Palmcrantz.**—A metralhadora Palmcrantz, de 10 canos, ou de 4, tem os canos aparafuzados junto á camara, n'uma travessa de aço, que é fixa nos lados maiores de um caixilho de ferro, cuja travessa dianteira deixa passar as outras extremidades dos canos.

O machinismo entra em acção por meio de uma arvore vertical, a que se dá movimento de rotação parcial por meio de uma grande alavanca angular.

Na arvore acha-se collocada uma peça em fórma de cunha, que põe o mechanismo da culatra em movimento. Alem d'isto, ainda a arvore faz mover uma forquilha que serve para transmittir o movimento ao transportador dos cartuchos.

O mechanismo da culatra comprehende uma *platina* e uma *placa de disparar*.

A *platina*, rectangular, tem na frente os pistons de aço, brocados, com os percutores e molas e exteriormente leva cada um um extractor. A' frente das molas e atraz dos percutores, livres, acham-se os cães, que tem um prolongamento inferiormente chanfrado, que é o dente.

A obturação é conseguida por dois ferrolhos, que no momento preciso entram em acção por meio de uma cama, que se acha na parte inferior do obturador e pelo extremo da peça em forma de cunha, que está calada na arvore.

A *placa de disparar* leva dez ou 4 dentes chanfrados e destinados a, no movimento transversal de que é susceptivel, comprimir as molas, permitindo-lhes, a seguir á sua distensão, a percussão.

A *alimentação* é conseguida, além do transportador, também pelo depósito. Aquelle é uma chapá de cobre com os respectivos cavados para os cartuchos e tem movimento curto transversal, que lhe é dado por um dente longo de uma forquilha, também ligada á arvore do movimento.

O *depósito* é uma caixa parallelipipedica com dez ou 4 compartimentos verticaes, onde se alojam deitados 25 cartuchos em cada um. Esta caixa tem um fundo movel que alternadamente abre e fecha os extremos inferiores dos compartimentos.

Esta forma de alimentação era causa de muitas interrupções no funcionamento da metralhadora, especialmente por causa do fundo movel. Foi por isso ulteriormente modificado, interpondo entre o depósito e o transportador um alimentador contendo 150 cartuchos por columnas de 15 (nas metralhadoras de 10 canos). O depósito, collocado por cima, tinha também um fundo movel que bastava tirar para que os cartuchos fossem cahindo no alimentador. D'esta forma, além de se evitar uma importante causa da interrupção do funcionamento, conseguia-se um tiro continuo, sem interrupções devidas á collocação de novos depósitos, como acontecia no primeiro systema de alimentação.

A metralhadora *Palmeranz* de 10 canos peza 130 kilos e deu em media, nas experiencias a que foi submettida na Suissa, cerca de 645 tiros por minuto; a metralhadora russa de campanha do mesmo modelo, 800 a 1:400 tiros por minuto.

A de 4 canos de calibre de 25<sup>mm</sup>, deu 130 tiros por minuto no modelo sueco, e deu 160 a 300 no modelo russo.

**Hamann** — A metralhadora *Hamann*, com dez canos também, é uma imitação da anterior e da Montigny, tendo comtudo mais da primeira do que da segunda.

O porta-percutores tem movimento no sentido do eixo dos canos, movimento que recebe de uma arvore com camas de perfil conveniênte.

Na retaguarda está a *placa disparadora*, que é animada de um movimento transversal e que prende os

dentes dos cães, forçando as molas a premirem-se. A percussão dá-se quando a placa fôr deslocada para a direita, por meio de uma cama, que se encontra n'uma alavanca angular que tem o seu ponto de apoio no caixilho, e o braço exterior é conduzido por uma ranhura helicoidal de um disco calado na arvore horizontal do machinismo.

A placa *porta-cartuchos*, á frente da *porta-percutores*, contém 15 columnas de dez cartuchos cada uma. A cada cyclo completo do movimento, desce da espesura de um cartucho.

Esta metralhadora tem a velocidade de 600 tiros por minuto.

**Nordenfeldt.** — A metralhadora *Nordenfeldt* é do calibre de espingardas ou maior; e o numero de canos com que se construe é variavel.

Nos primeiros modelos (*Palmcrantz-Nordenfeldt*) tem um mechanismo identico ao da *Palmcrantz*, variando apenas nos perfis de algumas peças e em pequenos detalhes. D'estes modelos são, com 4 ou 5 canos os de calibre 25<sup>mm</sup>; e de 5, 7, 10 ou 12, os de pequeno calibre.

Os outros modelos *Nordenfeldt* são de 2 canos para os maiores callbres e de 2, 3 e 5 para os pequenos. Ainda ha modelos de um só cano, muito leves, (10 kilos), com velocidade de 180 tiros por minuto.

Todos os modelos, porém, quer de pequeno quer de maior calibre, obedecem ao mesmo systema.

Uma alavanca que se move no plano do caixilho da metralhadora e animada de movimentos alternativos limitados, faz mover um eixo, no qual está calado um braço que dá movimento á *culatra*. Esta é formada por uma *platina*, uma *placa directriz* e um *pente desarmador*.

A *placa directriz*, á retaguarda dos canos, recebe o movimento de vae-vem por meio de um rolete do braço, que gira sobre uma guia aberta no fundo da chapa, com perfil apropriado.

Sobre a chapa e correspondendo aos canos, encontram-se uns *cylindros* que contem os *percutores* e os

extractores. Entre estes cylindros estão umas saliencias destinadas a, no movimento retrogrado, armarem os cães.

A *platina* na retaguarda tem, na parte inferior, fundas ranhuras longitudinaes destinadas a dar passagem aos cylindros *porta-percutores*; e entre estes cavados, existem tambem saliencias que encerram os cães e respectivas molas.

Os cães teem inferiormente uma chapa de aço fazendo corpo com elles e giram n'uma corrediça rasgada inferiormente; por cima e á retaguarda, ha um dente chanfrado que sustenta o cão, quando armado, apoiando-se contra o dente correspondente do pente desarmador.

Este, que tem os dentes chanfrados em numero egual ao dos cães, atravessa a platina e pela acção de uma mola tende a manter-se n'uma posição fixa.

A *alimentação* como nas metralhadoras recentemente descriptas é conseguida por meio de um *transportador*, um *distribuidor* e um *deposito*.

O transportador com cavidades abertas inferiormente e em numero egual ao dos canos, tem movimento de translação a que o obrigam dois planos inclinados.

O *distribuidor* que se colloca sobre o caixilho, e immediatamente por cima do transportador, é dividido por paredes verticaes, correspondendo-se os compartimentos ás cavidades do transportador.

O *deposito* é, como o distribuidor, dividido em compartimentos onde os cartuchos estão alojados e correspondentes aos do distribuidor.

Tanto o deposito como o distribuidor, abrem-se pelos fundos por meio de ligeiras alavancas.

Estas metrelhadoras são muito robustas e de machinismo bastante simplificado. O numero de suas peças é de 16 para a de dois canos de calibre 25<sup>mm</sup> e de 35, para a de 3 canos de pequenos calibres.

Conquanto o seu peso, que era grande nos primeiros modelos (de 130 a 80 kilos conforme fôssem de 12, 10 ou 7 canos), conseguiu aligeirar-se nos modelos mais

recentes e de menor numero de canos, ainda que com prejuizo de velocidade de tiro que no entanto ainda é sufficiente nos modelos de 3 canos. Assim, as recentes metralhadoras Nordenfeldt entre 5 a 2 canos pezam de 72 a 18 kilos.

A velocidade de tiro depende do numero de canos, estando na razão directa do numero d'estes. Assim as de 12 canos conseguem 1:200 tiros por minuto; as de 10, 1000; as de 7, 750; as de 5, 500 a 600; as de 3 de 250 a 450 e as de 2 cerca de 300.

### Apparelhos de dispersão

Se as metralhadoras que acabamos de descrever muito resumidamente, fizessem fogo contando com a dispersão propria, casos haveria em que grandes perdas de munições se dariam, por as balas se juntarem n'um pequeno espaço que podia ser para áquem, para além, para a direita ou esquerda do alvo, e isto no caso de um erro de alça ou de avaliação de distancia, ou de pontaria; ou em que teria de se cessar o fogo emquanto se fazia nova pontaria a que obrigaria o alvo deslocando-se, para novamente o interromper a cada nova situação que tomasse. Além d'isto sendo grande o alvo, quer em largura quer em profundidade, a metralhadora só o bateria n'um espaço tanto mais restricto quanto a sua justeza fôsse maior e a distancia mais curta.

Para obviar ao primeiro inconveniente e ainda para bater zonas do terreno muito maiores que a sua natural dispersão, dotaram-se as metralhadoras, logo quasi de começo, com apparelhos mais ou menos simples e engenhosos com que se obteve o que se pretendia.

São os apparelhos de dispersão. Não demoraremos nas descrições d'estes apparelhos aqui, reservando-nos tratarmos especialmente dos modernos apparelhos de dispersão da metralhadora *Maxim*.

Havia apparelhos sómente para a dispersão em largura. Umaz vezes elles estavam ligados aos de pontaria e eram movidos independentemente, como nas metralhadoras *Gatling*, *Gardner* e *Nordenfeldt*; outras

vezes, solidarios com o mecanismo das metralhadoras moviam-se, quando se fazia funcionar a manivella ou alavanca do movimento geral, como nas Gatling, Albertini, Christoph e Montigny, Palmcrantz e Hamann.

### Reparos

Os reparos das metralhadoras accionadas á mão eram no geral muito pesadas, e tanto mais quanto maior era o calibre da arma e consequentemente o proprio peso da metralhadora. Aligeirando-se o peso das metralhadoras, deminue-se tambem o dos reparos.

No entanto o aligeiramento do reparo especialmente nas metralhadoras, em muitos casos dava pouca estabilidade á metralhadora cuja pontaria muitas vezes se alterava, por virtude do recuo produzido pelos tiros e ainda pelo movimento da manivella ou alavanca.

Ainda assim chegou a usar-se de reparos já bastante leves, como se pôde vêr pelos numeros que seguem.

Os reparos tinham as formas adequadas ao serviço que estavam destinados a prestar e consoante as condições do emprego, logar, etc.

Assim, os reparos de campanha dos canhões revolvers Hotchkiss de 37<sup>mm</sup> pesavam 250 kilos sem escudo e 350 com elle; os das metralhadoras Gatling de 10 canos, de pollegada de calibre, de 400 a 500 kilos; de 11<sup>mm</sup>, 4 290 kilos. As metralhadoras Albertini com reparo, 280 kilos; o reparo da Palmcrantz de 10 canos, 130 kilos; da Reffye 500 kilos. Os reparos de montanha dos canhões revolvers Hotchkiss de 37<sup>mm</sup> pezavam 90 kilos sem escudo e 143 com escudo; os de 47<sup>mm</sup>, 282 kilos; os de 53<sup>mm</sup>, 760 kilos. As metralhadoras Nordenfeldt de uma pollegada, de dois canos 75 kilos e as de 4 canos, de 124 a 203 kilos. A da Montigny de marinha de 31 canos, 238 kilos; das Nordenfeldt do calibre da espingarda com 10 ou 12 canos, 105 kilos, de 5 ou 7 canos, 50 kilos e de 3 canos de 25 a 30 kilos.

O reparo de praça do canhão revolver Hotchkiss pesava mais de 600 kilos.

Chegaram a usar-se com estas metralhadoras os

reparos de tripé, de padiola e outros leves, mas que sendo communs aos hoje usados com as metralhadoras automaticas, d'elles tractaremos quando nos occuparmos d'estas.

(Continúa).

CAP. BUGALHO.



## A conservação das novas espingardas

Parece que as pressões elevadas a que são submetidas as paredes interiores dos canos das espingardas pelos gazes da polvora sem fumo, passam alem, muitas vezes, dos limites da elasticidade do metal com que esses canos são construidos.

D'aqui resulta que quantidades de gazes, embora muito pequenas, forcem e entreabrem os poros e ahi se introduzem, actuando sobre a constituição do metal.

Isto explica a razão porque em canos bem limpos e até largamente unctados depois do tiro, se nota, por vezes, como que ferrugem gravada nas paredes da alma da espingarda.

Estes pequenos rebaixamentos são notados principalmente nos pontos onde as estrias cortam as paredes do cano, nomeadamente quando o angulo formado pela parede do cano com o entalhe da estria é agudo.

Este facto, que é resultante da observação, parece

ser sufficientemente determinativo para levar a de futuro se adoptar um novo perfil de cano de espingarda.

Os gases da deflagração da polvora sem fumo são acidos, o que concorre para auxiliar a formação da ferrugem.

Julga-se que o emprego de substancias basicas permittiria combater a acção dos gases acidos da polvora.

Os oleos ou gorduras habitualmente empregados na limpeza do interior dos canos são neutros, e, portanto, não actuam chimicamente sobre os gases acidos da polvora.

A sua acção é apenas mechanica.

Diz o jornal allemão *Deutsches Offizierblatt* que o chimico Klever, da Colonia, descobriu um oleo soluvel na agua, tendo sérias propriedades basicas.

Este oleo, a que se deu o nome de *Ballistoel*, é extrahido da vaselina.

Não congela ás baixas temperaturas, e parece destinado a representar um importante papel na conservação do novo armamento, municiado com cartuchos que usam as polvoras sem fumo.

Chamamos para este assumpto a attenção da commissão de aperfeiçoamento da nossa arma.

E' uma questão importante, digna de estudo e de muita attenção.

---

## MUSICAS MILITARES

---

Não vimos aqui discutir a importancia e o valor das musicas militares nos exercitos regulares.

Essa discussão está feita, e não ha exercito regularmente constituido, em qualquer canto do mundo, que prescindia das suas bandas marciaes, como elemento educativo, cuja influencia benefica tanto auxilia e ajuda a arrostar-se com as agruras e principios rigidos da vida militar.

Sendo isto assim, o que importa é lançar para essa instituição, para esses servidores do paiz uma luz de justiça, proporcionando-lhes meios para poderem viver, e forças moraes e profissionaes para bem poderem desempenhar os seus deveres.

E' indispensavel prender, dando-lhes alguns interesses materiaes, os bons elementos que porventura ainda existam nas bandas militares, onde hoje já se lucta com a falta de bons instrumentistas, principalmente de cornetim.

E a occasião não pode ser melhor.

O nobre ministro da guerra, que tanto a peito tem tomado o melhorar a situação economica do exercito, não esquecerá, por certo, a classe dos musicos, que é tambem muito digna da nossa consideração e apreço.

N'esta conformidade, vamos alvitrar algumas medidas, que, convertidas em lei do paiz, muito concorreriam para melhorar a situação das nossas bandas militares.

O augmento de pret pela readmissão dos musicos devia ser: 40, 60, 80 e 100 réis, respectivamente para as 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> readmissões.

Os musicos de 1.<sup>a</sup> classe deviam ter o seguinte pret:

470 réis, tocando barytono; 480 réis, clarinete; 490 réis, requinta, e 500 réis, cornetim.

Os contra-mestres deveriam receber 570, 580, 590 e 600 réis, segundo tocassem barytono, clarinete, requinta ou cornetim.

O auxilio de rancho deve ser abonado aos não ar-ranchados, como já pedimos para os sargentos.

Deveriam ser melhoradas as reformas dos contra-mestres.

\*

Os mestres das bandas, ou regentes, como se lhe devia chamar, hoje equiparados a alferes, deviam usar o uniforme de alferes de infantaria ou caçadores, com a differença de se manter a gola do dolman existente e o galão redondo.

Os chefes das bandas militares francezas são equiparados a alferes, tenentes e capitães.

Os seus uniformes são absolutamente eguaes aos alferes, tenentes e capitães do corpo a que pertencem, tendo apenas como distinctivo caracteristico uma lyra na gola.

Nós pediamos isto mesmo para os regentes das nossas bandas militares.

O corpo de regentes de bandas militares, n'este caso, devia ser constituido da seguinte forma:

Regentes equiparados a alferes, 20.

Idem a tenente, 8.

Idem a capitão, 5.

As vagaturas no corpo seriam preenchidas por contra-mestres e por concurso, mas a promoção dentro do corpo seria feita por antiguidade.

Quando se não quizesse imitar o exercito francez n'esta parte, poderia o corpo ser constituido por 33 regentes de banda, sendo:

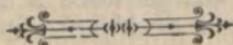
20 de 3.<sup>a</sup> classe.

8 de 2.<sup>a</sup> classe.

5 de 1.<sup>a</sup>, cabendo ás 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes uma melhoria no vencimento.

Sabemos que o nobre ministro da guerra pensa em melhorar a actual situação dos mestres de musica, augmentando-lhes os seus vencimentos, e por isso não insistimos mais n'este ponto.

Quer-nos parecer que os alvitres que aqui deixamos consignados muito concorrerão para se fazer justiça a uma classe de servidores do estado, que tanto direito tem a ella.





## Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras

DE 1 SETEMBRO DE 1904

### DO EXERCITO ALLEMÃO

(Continuado do n.º 10—1906)

## INSTRUÇÃO COM ARMA

### Instrução com a carabina

#### Posição

21.—De entrada, o atirador tem a carabina descarregada, junto do pé e a bandoleira tensa.

O cano fica vertical, o couce da coronha contra o pé direito, o bico do couce na mesma altura da ponta do pé, o guarda-mato para a frente. A mão direita segura a carabina, com o braço naturalmente estendido, o polegar atrás do cano ou do guarda-mão (conforme a altura do homem) os outros dedos levemente curvos e as pontas dos dedos sobre o fuste. O braço esquerdo tem a mesma posição que está prescripta para o soldado sem arma.

#### Manejo

22.—Commando: *Em bandoleira—arma!*

A bandoleira meio alargada, sendo a posição do corpo do homem a conveniente, pendura a carabina sobre o hombro direito. A mão direita segura a bandoleira com a mão inteira, immediatamente sobre a cartucheira direita. A carabina pende verticalmente.

23. — Commando: *Carabina — a tiracolo!*

A braçadeira estando completamente alargada, levanta-se a carabina e faz-se passar a cabeça e o braço direito entre a braçadeira e a arma, de forma que o couce da coronha fique para baixo e a arma pendente sobre as costas do homem.

24. — Commando: *Descançar — arma!*

Estando a carabina quer em bandoleira, quer a tiracolo, leva-se pelo caminho mais curto á posição indicada no n.º 21.

25. — Vozes para alargar ou encurtar a bandoleira: *Alargar (meia) bandoleira! Encurtar bandoleira!*

A execução de todos os movimentos designados até agora, tanto para pôr a carabina em bandoleira, como a tiracolo, como, ainda para descançar, não se subdivide em tempos.

26. — As sentinellas teem a carabina em bandoleira ou debaixo do braço com a boca do cano para a retaguarda. Nas guardas d'honra a carabina ao hombro, podendo ver livremente a quem a homenagem é prestada.

### Marcha

27. — Na marcha, a carabina vae em bandoleira ou a tiracolo; os braços não se movem. Á voz, *á vontade*, bem como nas marchas sem cadencia, podem mover os braços, e no ultimo caso tambem, tiram a mão direita da bandoleira.

Nas corridas com ou sem cadencia a forma do transporte da carabina é a mesma.

28. — Commando: *Ajoelhar! Deitar!*

O ajoelhar é feito sobre o joelho direito e o pé esquerdo em terra. A carabina á frente do joelho esquerdo e vertical é segura com a mão direita. Estando a carabina em bandoleira ou a tiracolo, conserva-se n'essa posição.

Para deitar, começa por ajoelhar sobre os dois joelhos junto da carabina quando ella não está em bandoleira ou a tiracolo, no lugar em que se encontrava; e a seguir deita-se, apoiando o tronco sobre o antebraço esquerdo. Para continuar a marcha levanta-se o homem á voz, *Levantar!* ou outra que se siga, e fica firme.

**Armar e desarmar a bayoneta**

29.—Commando: *Armar—bayoneta!*

A execução é sem tempos. A carabina colloca-se verticalmente ao meio e na frente do corpo de forma que, o cano esteja voltado para a esquerda e a uma distancia do corpo de duas mãos travessas. A mão esquerda segura a carabina a meia altura do guarda-mão. A direita agarra, passando entre o braço esquerdo e o corpo, a bayoneta, pelo punho. Pucha-se para fora da bainha e traz-se á frente e ao meio do corpo com a ponta para cima, o punho sobre a vareta e a cota de folha da bayoneta voltada para o cano. Depois d'isto, deve-se com cuidado introduzir a ligação da bayoneta no alojamento do punho e ao mesmo tempo que o pollegar direito está estendido ao longo do punho. A seguir puxa-se a bayoneta para baixo com força até que o botão se recolha e a mola o faça saltar e entre no seu lugar.

Commando: *Desarmar—bayoneta!*

A execução é também sem tempos. A carabina traz-se, como para armar bayoneta, ao meio e á frente do corpo, e a mão direita agarra o punho e levanta-o, a seguir ao que, tendo o pollegar da mão esquerda premido o botão da mola, a bayoneta sahe. Depois, com a mão direita introduz a bayoneta com cuidado na bainha, acompanhando o movimento com o olhar.

(*Continúa.*)

---

**Experiencias da metralhadora Maxim Portuguesa, 6<sup>mm</sup>, 5<sup>m</sup>/1906**

Terminaram já as experiencias officiaes feitas á nova arma dos nossos caçadores.

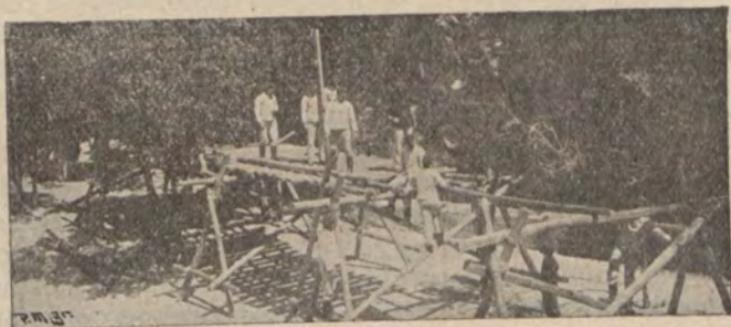
Na carreira de tiro de Pedrouços e perante a commissão de balística e os majores Leal de Faria e Gil e capitão Bugalho, officiaes estes que pertenceram á commissão d'infanteria que escolheu a metralhadora

para o nosso exercito, é que tiveram logar essas experiencias, coroadas do melhor exito.

Todas as metralhadoras satisfazem plenamente ás condições do contracto, e estão magnificamente bem executadas e funcionam admiravelmente.

Cada metralhadora foi submettida a duas provas de 50 tiros continuos, sendo cada prova com culatra diversa.

Dentro em breve, seguramente, serão as metralhadoras distribuidas aos batalhões de caçadores, com o que muito nos felicitamos, pelo alto serviço que ellas devem prestar á defeza nacional.



## BIBLIOGRAPHIA

**Regulamento de tiro para infantaria, traduzido do allemão,** por *J. Prata Dias*, tenente de infantaria.

É com viva satisfação que começamos a vêr espalhar-se no nosso pequeno mercado da litteratura militar livros traduzidos directamente do allemão.

E é tão sincero este nosso modo de pensar que começamos a dar o exemplo, na nossa *Revista*, apresentando a traducção do *regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras*.

Felicitamos o nosso camarada, o sr. tenente Prata Dias, pelo seu trabalho, que é muito consciencioso e perfeito, vulgarizando, entre nós, o regulamento allemão, e pondo bem em evidencia o methodo adoptado n'aquêlle grande exercito, no tocante a regulamentos, onde em poucas paginas de pequeno formato se con-

densa toda a materia essencial que nós, infelizmente, costumamos espalhar em grossos volumes.

É um alto serviço prestado ao exercito, e todas estas iniciativas, todas estas dedicações, todo este amor á causa da instrucção militar, merece o maior applauso de todos quantos amam as instituições militares.

Ao nosso camarada Prata Dias os nossos mais cordiaes agradecimentos pela delicada offerta do seu livro, reiterando os protestos sinceros do nosso applauso e das nossas felicitações.

**Os fogos da cavallaria e a infantaria montada,** por F. Sá Chaves, capitão de cavallaria.

O nome do nosso camarada, o sr. capitão de cavallaria, Sá Chaves, é sobejamente conhecido na nossa litteratura militar, como um dos mais laureados do nosso exercito.

Os seus livros, os seus escriptos são sempre muito apreciados pela erudição que revelam e pela fé e crença com que são inspirados.

Assim, é com o maior agrado que lemos as suas obras e cuja leitura recommendamos aos nossos camaradas, porque na critica dos escriptos de Sá Chaves ha sempre uma licção, ainda mesmo, quando inflammado no santo amor da sua arma, que é uma virtude que muito apreciamos, possa por ventura abstrair da cohesão que todas as armas devem ter entre si.

O opusculo que temos sobre a nossa mesa, e cujo offercimento muito agradecemos, é mais uma prova do amor ao trabalho, da dedicação sincera pelo progresso e engrandecimento dos processos tacticos da sua arma, que o nosso amigo o capitão Sá Chaves nos traz.

E de accordo com a opinião do illustre escriptor, opinião já sustentada nas paginas d'esta *Revista*, a infantaria montada só pode produzir effeitos apreciaveis e compatíveis com as exigencias da guerra moderna, nos combates nas colonias.

---

## Secção do estrangeiro

---

**Allemanha.** — A *Neue Militärische Blätter* resume, nas palavras que vamos transcrever abaixo, a critica que o Imperador da Allemanha fez das grandes manobras do corrente anno :

«A infantaria manobrou sempre habilmente, e o novo regulamento de exercicios parece ter exercido uma influencia favoravel na marcha do combate, por que as linhas de atiradores, bem como as fracções de tropa que as seguiam, utilisaram todas as formações para se approximarem do inimigo, tirando o maior partido possivel do terreno.

As divisões de cavallaria manobram por uma forma mediocre. Parece que os regimentos d'esta arma não podem habitar-se a manobrar enquadados em grandes unidades.

Todavia, pude reconhecer que a cavallaria utilisou com vantagem a sua arma de fogo, particularmente no segundo dia de manobras, em que a divisão de cavallaria A, que tinha desenvolvido todos os seus regimentos para o combate a pé pelo fogo, com excepção das guardas de flanco, atacou vivamente de revez o general Wayrsch, e o inquietou por uma forma muito sensível de accordo com o fogo da sua artilheria e das suas metralhadoras.

A artilheria manobrou bem. Ella appareceu sempre em tempo oportuno nos pontos em que era exigida, servindo-se largamente da pá, o que denota um progresso essencial em relação ao passado, quando o artilheiro e o cavalleiro consideravam a ferramenta portatil e a carabina como accessorios inuteis.

Os destacamentos de cyclistas não foram empregados senão por uma maneira restricta, geralmente como flanqueadores ou como estafetas.

Os automoveis tiveram maior applicação. Desempenharam um papel importante, estabelecendo a ligação directa entre a direcção das manobras e os arbitros.

Os destacamentos de telephonistas e de telegraphistas trabalharam com uma presteza notavel e com muita habilidade, a ponto que podemos, n'este particular, tanto no que diz respeito ao seu pessoal como ao seu material, supportar o confronto com todas as outras potencias.

Os serviços de transportes e de subsistencias funcionaram bem.»

Da critica do Imperador Guilherme resulta, diz o referido periodico, que as grandes manobras do exercito allemão provaram que aquelle grande exercito, tanto no que diz respeito ao material, como ao pessoal e ao commando, está á verdadeira altura das exigencias da guerra moderna.

O imperador Guilherme acaba de dirigir a seguinte carta autographa ao ex-ministro, Mr. de Podbielski :

«Meu caro ministro de Podbielski.

Depois de ter, por decreto de hoje, accitado o pedido de demissão que me fizestes, Eu experimento a necessidade de vos exprimir os meus agradecimentos reaes pelos serviços distinctos que haveis prestado a mim e á Patria, e pela maneira como haveis salvaguardado, durante a vossa direcção no ministerio, os interesses da agricultura do paiz, o que me é particularmente grato.

Como testemunho da minha benevolencia eu vos confiro os

brilhantes da grã-cruz da Águia Vermelha, cujas insígnias vos envio.

Continuo vosso afeiçoado rei

*Guilherme.*

N. Palais, 11 de novembro de 1906.

**Russia.** — O ministro da guerra acaba de nomear uma comissão composta de 12 officiaes e um topographo para escrever a historia da guerra russo-japoneza.

**Hespanha.** — Projecta-se uma reorganisação militar no paiz visinho.

O limite de idade será diminuido, afim de poder haver um corpo de officiaes na posse de um grande vigor physico e grande lucidez intellectual.

Os sargentos poderão attingir o posto de capitão, observando-se certas condições com um character essencialmente pratico. A instrucção militar será espalhada pela mocidade como um meio recreativo, afim de enraizar o amor pelas armas e conseguir-se o serviço militar obrigatorio sem violencias nem vexames.

As escolas militares procurarão conseguir o desenvolvimento physico dos alumnos, ministrando-lhes uma instrucção pratica. A educação militar assentará em novos principios.

A unidade principal do exercito é a divisão, que será dotada com todos os elementos de combate. O corpo de exercito desaparece.

Os regimentos de infantaria serão constituidos a 3 batalhões.

A artilheria de posição vae ser organizada em bases novas, tendo em vista apenas a guerra.

O posto de capitão general fica sendo apenas decorativo e só concedido ao general em chefe victorioso nas campanhas de resultados positivos.

E' creada a grã-cruz de S. Fernando como recompensa suprema.

**Inglaterra.** — O regimento de infantaria n.º 105 foi o que primeiro recebeu a espingarda do novo modelo.

Esta espingarda m/1898, é de 7<sup>mm</sup>,9 e pesa mais 500 grammas do que o modelo antigo.

A velocidade inicial da bala é a mesma que no modelo de 1888, e salvo algumas modificações, que aperfeiçoaram a nova espingarda, não nos parece que o exercito inglez tivesse lucrado muito com a substituição.

\*

Sob a presidencia do coronel Baden-Powel, que tão celebre se tornou na guerra do Transvaal, como os leitores devem bem estar lembrados, teve logar ha poucos dias em Londres uma conferencia, feita pelo coronel de engenharia Fullerton, sobre os progressos da navegação aerea.

N'esta sessão, que foi, aliás, muito interessante, o presidente fez a critica dos trabalhos do illustre brasileiro Santos Dumont.

Essa critica despertou o desejo de um jornalista inglez entrevistar o sr. Santos Dumont, que se mostrou entusiasmado com os resultados já obtidos com o seu aeroplano.

Diz o sr. Santos Dumont:

«Tenho a certeza de que d'aqui a cinco annos se fará aeroplanismo como hoje faz automobilismo, e como as despezas com o aeroplanismo são muito menores do que com o automobilismo, evidentemente aquelle entrará muito mais rapidamente em circulação.

Estou convencido que, no proximo anno, poderei facilmente percorrer 100 milhas com um novo aeroplano que vou construir, de superficie menor do que a do meu actual apparelho, e que atingirá uma grande velocidade. O que é preciso é um motor leve.

Actualmente, um motor de 50 cavallos pesa 130 libras, o que é muito.

O que posso affirmar, sem a menor hesitação, é que o aeroplanismo é muito menos perigoso do que o automobilismo.»

N'esta altura foi o sr. Santos Dumont interrogado sobre quando podia atravessar a Mancha. O illustre brasileiro respondeu que essa experiencia exigia despezas consideraveis e accrescentou:

«Vós outros, inglezes, sois absolutamente praticos; não animaes os inventores nem os debutantes. Procuraes apenas o resultado do pensamento dos outros povos para então vos lançardes ao trabalho.»

Na mesma sessão que provocou as notas acima referidas, sir Hiram Maxim declarou com grande energia que a Inglaterra não devia pôr de parte este assumpto, entregando-se de alma e coração ao estudo da navegação aerea, cujo papel para a defeza nacional terá n'um futuro proximo particular importancia, muito principalmente para uma nação que até ao presente só tem tido necessidade de manter a supremacia no mar.

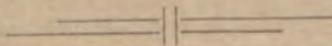
**Roumania.**— A artilheria de campanha d'este paiz acaba de passar por uma completa transformação, em virtude da adopção do novo material de tiro rapido.

A artilheria ficou constituindo 3 cathogorias:— artilheria divisoria, artilheria de corpo e artilheria a cavallo.

A primeira, comprehende 9 regimentos, sendo 8 a 9 baterias cada um, e o que está aquartellado em Dobsonja a 6.

A segunda, comprehende 4 regimentos a 8 baterias cada um, sendo 6 baterias armadas com peças e 2 com obuzes.

A terceira, comprehende 3 baterias a cavallo, destinadas a acompanhar a divisão de cavallaria dos *roschiori*.



12732-7 prof  
- 32-1311-  
my



